

**ELIANE BERENDINA LOMAN DE  
BARROS**

**DICIONÁRIO BILÍNGUE KAIWÁ-  
PORTUGUES**

**TRÊS LAGOAS – MS**

**2014**

**ELIANE BERENDINA LOMAN DE BARROS**

**DICIONÁRIO BILÍNGUE KAIWÁ-  
PORTUGUES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras/Área de Concentração: Estudos Linguísticos do *Campus* de Três Lagoas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras.

**Orientadora: Profa. Dra. Aparecida Negri Isquerdo**

**TRÊS LAGOAS – MS**

**AGOSTO/2014**

**ELIANE BERENDINA LOMAN DE BARROS**

**DICIONÁRIO BILÍNGUE KAIWÁ-  
PORTUGUES**

COMISSÃO JULGADORA

**DISSERTAÇÃO PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE**

---

Presidente e orientador: Profa. Dra. Aparecida Negri Isquierdo - UFMS

---

2o Examinador: Prof. Dr. Auri Claudionei Matos Frubel - UFMS

---

3o Examinador: Prof. Dr. Ludoviko Carnasciali dos Santos - UEL

Três Lagoas, 14 de agosto de 2014.

Para Cristiano, minha inspiração.  
Para Carolina e Fábio, que sua alegria nunca acabe.  
Ao povo Kaiwá, *pene nhe'ẽ iporã eterei!*  
(Sua língua é muito bonita!)

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, o Senhor do Universo, meu Pai, por ter me dado a vida, a respiração e a saúde e por estar comigo todos os dias de minha vida com seu infinito amor e misericórdia;

A meus pais, por terem moldado meu caráter desde a infância e por terem me ensinado as coisas mais importantes da vida;

Ao Cristiano, meu marido, pelo amor sem medida; por toda a paciência comigo; por me deixar estudar enquanto ele tomava conta das crianças na minha ausência; por não ter deixado que eu desistisse e ter me incentivado durante todo o tempo; e pela preciosa ajuda na formatação do dicionário;

Aos meus filhos, Carolina e Fábio, por sempre se alegrarem comigo nas minhas conquistas, por não reclamarem das minhas ausências e serem pacientes quando, tantas vezes, eu precisava estudar;

Às senhoras, Dra. Loraine Bridgeman (*in memoriam*) e Audrey Taylor, pelo apoio caloroso na minha decisão de voltar a estudar, também pelos textos e informações necessárias prontamente cedidas a mim para este trabalho;

Ao professor Dr. Rogério Vicente Ferreira, pelo incentivo e orientação no início da “aventura” do mestrado e por continuar a ser um grande motivador do prosseguimento do trabalho;

À minha orientadora, a professora Dra. Aparecida Negri Isquierdo, por toda a orientação e direcionamento, pelo carinho e dedicação na correção do meu trabalho, mesmo tendo tantas outras atribuições. Eu não teria conseguido chegar ao final sem sua valorosa ajuda!

Aos professores Dr. Auri Claudionei Matos Frubel e Dr. Ludoviko Carnasciali dos Santos, pelas valiosas sugestões e orientações na qualificação e por terem aceitado a participar novamente, como examinadores, na banca de defesa;

À Coordenadoria do Programa de Pós-graduação em Letras, pelo apoio e pela orientação durante todo o período de curso;

Aos professores do Programa, pela dedicação às aulas, o ensino de novos conteúdos, os desafios lançados por meio de leituras e trabalhos e pelo companheirismo demonstrado nas dificuldades;

A todos os amigos e companheiros do mestrado, pela amizade, pelas palavras e incentivo e por acreditarem em mim;

Ao casal Almir e Selma Duarte, que abriram as portas de sua casa e de sua vida para me hospedar durante minhas estadas em Três Lagoas;

Ao povo Kaiwá, por todas as histórias contadas com entusiasmo, pelas muitas explicações de palavras e coisas;

Ao Sr. Salvador Sanches pela valiosa ajuda na tradução dos textos e nas verificações dos significados das palavras do dicionário.

## RESUMO

Embora mais de 180 línguas indígenas sejam ainda faladas no Brasil, as descrições dessas línguas em termos de gramática e do léxico, produzidos por linguistas, ainda resultam em escassos benefícios diretos às próprias comunidades indígenas. Na região sul do Estado do Mato Grosso do Sul, entre Maracaju e a fronteira do Paraguai, há um grande grupo de indígenas, em sua maioria de origem Guaraní. Entre eles, o maior grupo é o da etnia Kaiwá, com uma população de 43.400 pessoas, quase todos falantes da língua Kaiwá (IBGE, 2010), espalhados em mais de 30 comunidades indígenas. Alguns trabalhos científicos já foram produzidos sobre a língua Kaiwá, como descrições fonológicas e morfosintáticas da língua, sendo o mais recente o de Cardoso (2008). Todavia não havia um estudo voltado especificamente para o léxico dessa língua. Considerando, pois essa realidade, esta pesquisa tem como objetivo a descrição lexicográfica do léxico da língua Kaiwá, por meio da construção de um dicionário bilíngue Kaiwá-Português, a partir de dados da língua oral coletados em duas sincronias (1960 e 2013), com o fim de fornecer um registro, ainda que parcial, do universo de palavras da língua Kaiwá aos seus falantes e àqueles que desejam conhecer a língua, especialmente para professores e alunos no ambiente escolar como instrumento de auxílio para o ensino. O trabalho tomou como base as reflexões sobre a língua (SAUSSURE, 1970; SAPIR, 1969; 1971), o conceito de palavra (BIDERMAN, 1998a) e princípios básicos da Lexicografia que orientam a produção de dicionários (BIDERMAN, 1978; 1998b; HAENSCH, 1982, entre outros). A pesquisa considerou também dados históricos, geográficos, socioeconômicos, culturais e religiosos do povo Kaiwá, a partir de autores como Schaden (1982), Brand (1997) e Vietta (2007), com o fim de compreender melhor o quadro atual do povo Kaiwá na região investigada. A estrutura do trabalho também contém uma descrição sucinta da gramática da língua Kaiwá, principalmente as classes de palavras, pois essa informação foi item obrigatório nos verbetes do dicionário. A metodologia de pesquisa consistiu principalmente na construção de dois *corpora* formados a partir de duas coletas de textos orais, em 1960 e 2013, com a entrevista de 21 indígenas Kaiwá, das aldeias de Dourados e Panambizinho, que geraram um total de 65 histórias, 26.300 ocorrências de palavras e 3.143 palavras diferentes. As histórias foram organizadas com o auxílio do programa de análise linguística Fieldworks Language Explorer (FLEX) e as palavras selecionadas e conferidas com vistas a sua lematização no dicionário. O Dicionário Bilíngue Kaiwá-Português produzido tem uma nomenclatura de 1.034 verbetes, organizados em ordem alfabética. O léxico coletado em duas sincronias aponta para mudanças já solidificadas e outras em curso na língua Kaiwá, incluindo a presença de empréstimos. Em síntese, o dicionário produzido, apesar da sua incompletude em termos de nomenclatura, representa uma primeira iniciativa de sistematizar do léxico Kaiwá em uma obra lexicográfica e representa uma importante etapa em termos de documentação e disseminação de registro escrito da língua Kaiwá.

Palavras-chave: Lexicografia. Língua indígena. Kaiwá.

## ***ABSTRACT***

Although more than 180 indigenous languages are still spoken in Brazil, the descriptions produced by linguists of these languages in terms of grammar and lexicon, still result in few direct benefits to their indigenous communities. In the southern region of Mato Grosso do Sul State, between Maracaju and the border of Paraguay, there is a large group of Indians, most of them being of Guaraní origin. Among them, the largest group is the Kaiwá people, with a population of 43,400 people, almost all speakers of the Kaiwá language (IBGE 2010), living in more than 30 indigenous communities. Some scientific papers have been produced about the Kaiwá language, such as phonological and morphological descriptions, the last one by Cardoso (2008). However there was no study devoted specifically to the lexicon of this language. Considering this reality, this research has as its objective the lexicographic description of the Kaiwá lexicon, by means of the production of a bilingual Kaiwá-Portuguese dictionary, taken from oral language data collected in two synchronies (1960 and 2013), in order to provide a record, albeit partial, of the universe of Kaiwá language words, for their speakers and for those who want to know the language, especially teachers and students in the school environment as an instrument of aid for education. The work took as its basis the reflections on language (SAUSSURE, 1970; SAPIR, 1969; 1971), the concept of Word (BIDERMAN, 1998a) and basics of Lexicography that guide the production of dictionaries (BIDERMAN, 1978; 1998b; HAENSCH, 1982, among others). The research also considered historical, geographic, socio-economic, cultural and religious data of the Kaiwá people, from authors such as Schaden (1982), Brand (1997) and Vietta (2007), in order to better understand the current condition of the Kaiwá people in the region studied. It also contains a short description of the grammar of the Kaiwá language, especially the section on wordclasses, because this was listed as obligatory information for the dictionary entries. The research methodology consisted mainly in the construction of two corpora formed from two collections of oral texts, in 1960 and 2013, with interviews with 21 Kaiwá indians, from the Indian villages of Dourados and Panambizinho, which generated a total of 65 stories, 26,300 occurrences of words and 3,143 different words. The stories were organized using a linguistic analysis program called Fieldworks Language Explorer (FLEX) and the words were selected and compiled to be lemmatized in the dictionary. The Bilingual Kaiwá-Portuguese Dictionary has a nomenclature of 1,034 entries, arranged alphabetically. The lexicon collected in two synchronies points to changes already solidified and others underway in the Kaiwá language, including the presence of loanwords. In summary, the dictionary produced, despite its incompleteness in terms of nomenclature, represents a first initiative in the systematization of the Kaiwá lexicon in a work lexicographically presented, thus representing an important step in terms of a written record of the documentation and dissemination of the Kaiwá language.

Keywords: Lexicography. Indigenous language. Kaiwá.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

C – *Corpus*

Cf- confira

DC – descrição comportamental

EJA – Educação de Jovens e Adultos

FLEx – Fieldworks Language Explorer

FUNAI – Fundação Nacional do Índio

H – história

HT – história tradicional

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

Inf. - Informante

PD – procedimento descritivo

PI – Posto Indígena

RID – Reserva Indígena de Dourados

SESAI – Secretaria Especial de Saúde Indígena

SIL-Summer Institute of Linguistics (Instituto Linguístico de Verão)

SPI – Serviço de Proteção ao Índio

TE- texto exortativo

TN – tradução nossa

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 - Mapa das Terras Indígenas Kaiwá e Nhandeva no Mato Grosso do Sul .....	67
GRÁFICO 1 - Quantidade de informantes entrevistados nos dois <i>corpora</i> , distribuídos seguindo o sexo .....	128
GRÁFICO 2 - Faixa etária dos informantes entrevistados no <i>Corpus I</i> .....	128
GRÁFICO 3 - Faixa etária dos informantes entrevistados no <i>Corpus II</i> .....	128
GRÁFICO 4 - Quantidade de palavras nos <i>corpora</i> de acordo com a frequência ....	133

## LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Aldeias e terras indígenas Kaiwá no Estado de Mato Grosso do Sul	68
QUADRO 2 – Vogais orais e nasais da língua Kaiwá .....	88
QUADRO 3 – Consoantes.....	88
QUADRO 4 – Alofones das consoantes .....	89
QUADRO 5 - Fonemas e grafemas nas Línguas Kaiwá e Guaraní Paraguaio.....	91
QUADRO 6 - Categoria de posse.....	97
QUADRO 7 - Prefixos relacionais .....	98
QUADRO 8 – Pronomes pessoais.....	102
QUADRO 9 – Os pronomes e sua relação com as posposições .....	105
QUADRO 10 - Afixos pronominais marcadores de pessoa.....	107
QUADRO 11 - Verbos orais e nasais da Classe A.....	108
QUADRO 12 - Verbos orais e nasais da Classe Ai.....	108
QUADRO 13 - Verbos orais e nasais aspirados da Classe A.....	109
QUADRO 14 - Verbos orais e nasais da classe Ha.....	110
QUADRO 15 - Verbos irregulares .....	111
QUADRO 16 - Sujeitos dos verbos estativos.....	112
QUADRO 17 - A Classe dos Advérbios .....	113
QUADRO 18 - A Classe das Posposições .....	114
QUADRO 19 - A Classe das Conjunções .....	115
QUADRO 20 - A Classe das Partículas .....	117
QUADRO 21 - Gêneros textuais apresentados no programa FLEx.....	122
QUADRO 22 - <i>Corpus</i> I – 13.166 ocorrências (1.870 formas) .....	123
QUADRO 23 - <i>Corpus</i> II – 13.141 ocorrências (1.995 formas) .....	126
QUADRO 24 - Palavras mais frequentes nos <i>corpora</i> .....	130
QUADRO 25 - Distribuição da frequência do verbo <i>ho</i> , ‘ir’ no corpus estudado. ...	134
QUADRO 26 – Distribuição dos verbetes no dicionário de acordo com a classe de palavras da entrada .....	226
QUADRO 27 – Empréstimos lematizados no dicionário Kaiwá-Português .....	227

# SUMÁRIO

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS .....	08
LISTA DE ILUSTRAÇÕES .....	09
LISTA DE QUADROS .....	10
INTRODUÇÃO.....	15
CAPÍTULO 1	
PRINCÍPIOS TEÓRICOS .....	20
1.1 LÍNGUA E LINGUAGEM .....	20
1.1.1 Relativismo linguístico .....	22
1.1.2 A deriva da língua.....	26
1.1.3 A palavra e suas dimensões .....	28
1.1.4 O léxico: acervo das palavras da língua .....	32
1.2 LEXICOLOGIA: FUNDAMENTOS .....	33
1.2.1 A unidade lexical: conceito e delimitação.....	34
1.2.1.1 Relações linguísticas de sentido .....	37
1.2.1.1.1 Sinonímia e Antonímia.....	37
1.2.1.1.2 Homonímia e Polissemia .....	40
1.2.1.1.3 Hiponímia e Hiperonímia .....	41
1.3 LEXICOGRAFIA: FUNDAMENTOS.....	42
1.3.1 O Dicionário: composição e finalidades.....	45
1.3.2 Tipologia dos dicionários .....	47
1.3.3 Caracterização do dicionário bilíngue .....	50
1.3.3.1 Macroestrutura.....	52
1.3.3.2 Microestrutura .....	56
1.3.3.2.1 A entrada.....	57
1.3.3.2.2 Indicações de pronúncia, ortografia e informações gramaticais.....	57
1.3.3.2.3 Definição e/ou equivalência .....	58
1.3.3.2.4 Exemplo ou abonação.....	62
1.3.3.2.5 Pós-comentário: variantes, relações lexicais e notas .....	63

CAPÍTULO 2	
O POVO KAIWÁ.....	65
2.1 ASPECTOS HISTÓRICOS E GEOGRÁFICOS .....	66
2.2 ASPECTOS SOCIAIS E ECONÔMICOS.....	71
2.2.1 Organização social e política.....	71
2.2.2 Economia.....	73
2.3 ASPECTOS CULTURAIS E RELIGIOSOS .....	75
2.3.1 Xiripa, xumbe e poxito: indumentária.....	75
2.3.2 Teko: a ética.....	76
2.3.3 Nhe'ê: palavra, alma.....	76
2.3.4 Tembekwa: o furo labial.....	77
2.3.5 Xiru: a cruz.....	78
2.3.6 Mano e Jejuka: a morte e o suicídio .....	79
2.3.7 O cristianismo e sua influência.....	79
2.4 ASPECTOS SANITÁRIOS E EDUCACIONAIS.....	80
2.5 CARACTERIZAÇÃO DAS ALDEIAS DE DOURADOS .....	82
CAPÍTULO 3	
A LÍNGUA KAIWÁ .....	85
3.1 CLASSIFICAÇÃO LINGUÍSTICA.....	85
3.2 ASPECTOS FONÉTICO-FONOLÓGICOS.....	87
3.3 A QUESTÃO ORTOGRÁFICA .....	90
3.4 ASPECTOS MORFO-FONOLÓGICOS E FORMAÇÃO DE PALAVRAS.....	92
3.4.1 Flexão .....	93
3.4.2 Derivação.....	94
3.4.3 Composição .....	95
3.5 CLASSES DE PALAVRAS.....	96
3.5.1 Nomes.....	97
3.5.2 Adjetivos.....	99
3.5.3 Numerais.....	100
3.5.4 Pronomes .....	101
3.5.4.1 Pronomes Pessoais.....	101
3.5.4.2 Pronomes Demonstrativos.....	102

3.5.4.3	Pronomes Interrogativos.....	103
3.5.4.4	Pronomes Indefinidos .....	103
3.5.4.5	Pronomes Relativos .....	104
3.5.4.6	Pronomes Reflexivos e Recíprocos .....	104
3.5.5	Verbos.....	106
3.5.5.1	Verbos Próprios .....	107
3.5.5.1.1	Primeira Conjugação – Classe A e Classe Ai.....	107
3.5.5.1.2	Segunda Conjugação – Classe Ha .....	110
3.5.5.1.3	Verbos Irregulares .....	111
3.5.5.1.4	Verbos Impessoais ou Defectivos.....	111
3.5.5.2	Verbos Atributivos ou Estativos– Classe Xe.....	111
3.5.6	Advérbios.....	112
3.5.7	Posposições.....	114
3.5.8	Conjunções .....	115
3.5.9	Interjeições.....	116
3.5.10	Partículas.....	116
CAPÍTULO 4		
	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: O <i>CORPUS</i> DA PESQUISA .....	119
4.1	O <i>CORPUS</i> .....	120
4.1.1	Caracterização do <i>Corpus</i> I - 1961 – 1966 .....	121
4.1.2	Caracterização do <i>Corpus</i> II – 2013 .....	125
4.2	ORGANIZAÇÃO DO <i>CORPUS</i> .....	129
4.3	DESCRIÇÃO DOS <i>CORPORA</i> EM TERMOS DE FREQUÊNCIA .....	131
CAPÍTULO 5		
	O DICIONÁRIO BILÍNGUE KAIWÁ-PORTUGUÊS .....	136
5.1	DECISÕES SOBRE A MACROESTRUTURA DO DICIONÁRIO.....	136
5.2	COMPOSIÇÃO DO VERBETE .....	138
5.3	ESCRITA E PRONÚNCIA NA LÍNGUA KAIWÁ.....	140
5.4	ORGANIZAÇÃO ALFABÉTICA NO DICIONÁRIO .....	142
5.5	ABREVIACÕES UTILIZADAS NO DICIONÁRIO.....	143
5.6	O DICIONÁRIO BILÍNGUE KAIWÁ-PORTUGUÊS .....	143

CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	225
REFERÊNCIAS .....	230

## INTRODUÇÃO

O interesse pelo estudo das línguas indígenas brasileiras ainda é relativamente incipiente, se comparado ao vasto material ainda a ser explorado, principalmente no que diz respeito ao tratamento lexicográfico do léxico dessas línguas. No Brasil, das mais de 180 línguas indígenas ainda existentes (RODRIGUES, 2005), pouquíssimas possuem uma descrição detalhada de seu léxico e a expansão desse árduo trabalho é ainda um tanto restrita.

A Lexicografia, concebida como “ciência dos dicionários” (BIDERMAN, 1998a, p. 15), mesmo antes de receber tratamento científico, tem sido utilizada desde a Antiguidade na organização de vocabulários, glossários e dicionários, não como ciência, mas como técnica. Já contemporaneamente, dado o avanço de pesquisas nessa área, tem sido concebida por muitos teóricos também como ciência, não somente em termos de produção dos dicionários, mas também da sua avaliação crítica, com o objetivo de aprimorar o trabalho lexicográfico e, conseqüentemente, o produto final disponibilizado ao público pelo mercado de obras lexicográficas.

Tivemos o primeiro contato com o povo Kaiwá<sup>1</sup> e a sua língua em 2005, ao nos mudarmos para a cidade de Dourados-MS. Tínhamos muito interesse em aprender a língua para fins de comunicação com os falantes indígenas e, conseqüentemente, conhecer mais profundamente esse povo tão receptivo a nossa presença, inicialmente, pois nosso objetivo era terminar a tradução do Velho Testamento para a língua Kaiwá, completando a tradução da Bíblia Sagrada nessa língua. Este trabalho fora iniciado na década de 1960 pela norte-americana Loraine Bridgeman e pelo casal britânico John e Audrey Taylor, linguistas e missionários do *Summer Institute of Linguistics* (SIL).

Logo descobrimos a reduzida quantidade de material produzido sobre essa língua, que se limitava a alguns materiais didáticos antigos, cartilhas e livros de leitura

---

<sup>1</sup> Há diferentes grafias para o etnônimo: Kaiwá, Kaiowá, Kayová. Foneticamente, o nome não possui a vogal ‘o’, é pronunciada apenas com duas sílabas. Considerando que a forma Kaiwá é a adotada por Rodrigues (1985), optamos pela sua utilização no âmbito deste trabalho.

produzidos por linguistas do SIL, nas décadas de 1960 a 1990, que se encontravam armazenados em uma biblioteca escolar<sup>2</sup>.

Além desses materiais destinados ao uso escolar, os linguistas já haviam traduzido e publicado partes da Bíblia Sagrada na língua Kaiwá: o Novo Testamento foi publicado em 1986, e a Bíblia completa foi publicada em 2013<sup>3</sup>. Em relação a trabalhos científicos sobre a língua Kaiwá, tivemos acesso a alguns trabalhos acadêmicos produzidos por linguistas do SIL<sup>4</sup> e, mais recentemente, à Tese de Doutorado de Cardoso (2008).

Não tivemos acesso a materiais escolares recentes produzidos na língua Kaiwá, destinados a falantes (ou aprendizes) dessa língua, apenas nos foram disponibilizados, pelos linguistas do SIL, três materiais inéditos denominados pelos autores de *Mini Dicionário Provisório Kaiwá-Português* (BRIDGEMAN, 2001), *Dicas sobre a língua kaiwá* (BRIDGEMAN, 2004) e *Gramática Pedagógica da Língua Kaiwá em 12 lições* (TAYLOR, s.d.), produzidos com o objetivo de orientar profissionais recém chegados à Missão Caiuá a respeito da língua indígena.

À medida que o contato com a língua e também com a comunidade Kaiwá se intensificou, fomos percebendo a necessidade de colaborar com a valorização dessa língua, já que, devido à proximidade com o Paraguai e à intensa convivência com outra etnia de fala Guarani, os Nhandeva, a língua Kaiwá<sup>5</sup> acaba sendo desprestigiada, considerada apenas como dialeto do Guarani, inclusive esse povo é denominado pela mídia de Guarani-Kaiowá, como se formassem apenas um grupo<sup>6</sup>.

Atualmente, estão disponíveis no mercado paraguaio e brasileiro, alguns dicionários de língua Guarani. No Paraguai, o mais conhecido, *Diccionario Castellano-Guaraní y Guaraní-Castellano*, de Guash (5ª ed. 1981), já se encontra na 18ª edição e desde a 13ª edição (1996) é produzido em coautoria com Ortiz. No Brasil, o dicionário

<sup>2</sup> Biblioteca da Escola Municipal Francisco Meirelles que atende cerca de 800 crianças (a maioria indígenas) do Ensino Fundamental, na Missão Evangélica Caiuá, em Dourados-MS.

<sup>3</sup> Participamos da tradução de alguns livros do Velho Testamento: Eclesiastes, Cantares, Jeremias, Amós, Ageu e Malaquias.

<sup>4</sup> BRIDGEMAN (1961); HARRISON ; TAYLOR (1971).

<sup>5</sup> O Capítulo 3 deste trabalho discute a questão da classificação lingüística e o reconhecimento da língua Kaiwá.

<sup>6</sup> Cavalcante (2009) discute essa realidade da convivência entre as etnias Kaiwá e Nhandeva. Trataremos sobre esse assunto no Capítulo 2.

*Ñe'ëryru: Avañe'e-Portuge/Portuge-Avañe'ẽ - Dicionário: Guarani-Português/Português-Guarani*, de Assis (2008), tem como propósito fornecer uma contribuição para o conhecimento da língua Guarani, especialmente para professores indígenas “os das tribos Ñandeva, Caiuá, e Mbyá,” (p. V), mas não leva em consideração as diferenças não só dialetais entre esses grupos, além de utilizar o sistema ortográfico do Guarani paraguaio. Dooley (2006), por sua vez, publicou o *Léxico Guarani, Dialeto Mbyá*, com o objetivo de auxiliar principalmente estudantes do ensino médio, falantes dessa língua. Outros dicionários disponíveis no mercado brasileiro, como o de Tibiriçá (1989), contempla apenas a língua Guarani, não atendendo as necessidades dos falantes da língua Kaiwá.

Ao conversarmos com alguns indígenas da etnia Kaiwá sobre o desejo de produzir um dicionário específico dessa língua, que pudesse ser útil também aos professores nas escolas indígenas e aos jovens que por ventura desconhecem algumas palavras do Kaiwá, eles ficaram muito entusiasmados. Alguns deles nos informaram que conheciam muitas palavras antigas que, segundo eles, não são mais utilizadas pela geração mais nova e que seria importante registrá-las para que não se perdessem.

Entretanto, ‘construir’ um dicionário de língua indígena representava uma tarefa muito mais complexa do que imaginávamos. Primeiramente, exigiria uma fundamentação teórica adequada, tanto de Linguística Geral, como da Lexicografia, como pilares básicos para a produção de uma obra lexicográfica.

Além disso, essa tarefa incluía a coleta de um *corpus* significativo de textos orais ou escritos, do qual pudesse ser extraída a nomenclatura do dicionário. Por se tratar de um estudo lexicográfico de uma língua indígena, optamos por textos orais, pois a língua Kaiwá possui uma tradição oral muito rica, que inclui um imenso número de histórias conhecidas por boa parte de seus falantes, mas ainda possui pouca produção escrita.

Assim, na busca pelo *corpus*, tivemos acesso a um conjunto de textos antigos em ótimo estado de conservação, resultantes de gravações de histórias sobre o povo Kaiwá das aldeias de Dourados, realizadas por linguistas do SIL na década de 1960, que

resgatamos e que recebeu tratamento específico para formar o *Corpus I* desta pesquisa. As 32 histórias que integram esse *corpus* já estavam transcritas e traduzidas e foram, portanto, digitalizadas e inseridas na base de dados da pesquisa.

Mas, para que o dicionário não se baseasse apenas em um *corpus* coletado há meio século, procedemos também à coleta de textos orais, em 2013, com falantes da língua que habitam as aldeias de Dourados-MS (Posto Indígena Francisco Horta e Panambizinho), de diferentes faixas etárias. Esses relatos integram o *Corpus II* da pesquisa. Dessa forma, a nomenclatura do dicionário aqui proposto foi extraída de dois *corpora* de língua oral, representativos de duas sincronias, o que favorece a percepção da dinâmica lexical da língua num interstício de aproximadamente 50 anos.

Nota-se que, embora as datas de coleta dos *corpora* I e II, tenham ocorrido num intervalo de 50 anos, os dados armazenados refletem um intervalo de gerações bem maior, pois os falantes atuais falam a variante que aprenderam de seus pais. Ressalta-se, porém, que neste trabalho não foi analisada a variação histórica das palavras utilizadas pelos falantes da língua, por não ter sido esse o objetivo deste estudo<sup>7</sup>.

Este trabalho tem, pois, como objetivo geral a realização de uma descrição do léxico da língua Kaiwá com base em dados orais e proceder ao tratamento lexicográfico desse acervo vocabular em forma de um dicionário bilíngue. Tem como objetivo específico fornecer ao leitor, tanto ao falante nativo da língua, quanto a outros interessados na língua e na cultura de etnias indígenas, um instrumento que possa ser útil para a pesquisa do léxico da língua Kaiwá. O Dicionário Bilíngue Kaiwá-Português tem, pois, a expectativa de registrar o léxico da língua utilizada por duas sincronias de usos da língua (1960 e 2013) na região de Dourados-MS.

Esta dissertação está estruturada em cinco capítulos. O primeiro aborda os princípios teóricos da Lexicografia, indispensáveis para a execução do trabalho proposto. Temas como língua e linguagem, léxico, Lexicologia e Lexicografia são tratados a partir de obras de linguistas como Casares (1969), Saussure (1970), Sapir

---

<sup>7</sup> Considerando a riqueza dos *corpora*, o banco de dados para extração da nomenclatura do dicionário produzido poderá subsidiar muitos outros estudos sobre a língua Kaiwá, dentre outros, a variação diacrônica do léxico da língua.

(1971), Haensch (1982), Werner (1982), Biderman (1978, 1998), Basílio (2004), entre outros.

O segundo capítulo traz uma breve descrição do povo Kaiwá, localização, história, costumes e crenças, a partir das contribuições de historiadores, como Brand (1997) e Vietta (2007), e de antropólogos que se dedicaram ao estudo dos costumes indígenas, como Schaden (1962), Ribeiro (1977), entre outros.

O terceiro capítulo aborda as características da língua Kaiwá, com foco na classificação linguística proposta por Rodrigues (1985), nas características fonético-fonológicas, morfológicas, ortográficas da língua, além do exame das classes de palavras, itens indispensáveis para a descrição lexicográfica da língua. Utilizamos como base para essa descrição, trabalhos sobre a língua Kaiwá como os de Bridgeman (1961), de Harrison e Taylor (1971) e de Cardoso (2008; 2009), além do trabalho sobre a língua guarani paraguaia, produzido por Guasch (1944), dentre outros.

O quarto capítulo descreve a metodologia utilizada para o estudo lexicográfico: a formação do *corpus*, sua organização e análise. Baseado em Biderman (1998), apresenta ainda um pequeno relatório de frequência das palavras encontradas no *Corpus I e II*.

O quinto capítulo foi destinado ao produto final da pesquisa, ou seja o Dicionário Bilingue Kaiwá-Português, e contém uma introdução que fornece explicações sobre os princípios teóricos que orientaram a produção do dicionário e a metodologia adotada, seguida da apresentação do dicionário propriamente dito, que reúne uma nomenclatura de 1.034 entradas, gerada a partir de 26.300 ocorrências totais e 3.141 palavras diferentes encontradas nos *corpora* da pesquisa.

Nas considerações finais, além de um resumo geral do trabalho, foram considerados os empréstimos utilizados pelos Kaiwá e sua incorporação ao sistema da língua, comparando seu uso nos dois *corpora* da pesquisa. Um quadro com os dados estatísticos dos itens lematizados, segundo a sua classificação gramatical mostra a distribuição das classes de palavras no dicionário. Finalizando, as referências reúnem as obras que subsidiaram a produção do trabalho.

# CAPÍTULO 1

## PRINCÍPIOS TEÓRICOS

Este capítulo discute fundamentos teóricos acerca do fazer lexicográfico, resgatando posições teóricas, sobretudo, relativas à Lexicografia. Nesse sentido, nossa abordagem se inicia com uma das questões fundamentais que é objeto de investigação da Linguística: o que é língua? Discutimos alguns de seus aspectos, como o relativismo linguístico e a *deriva* da língua, o significado e as dimensões da palavra, finalizando com a discussão de concepções sobre o léxico. Em seguida, tratamos das ciências que estudam o léxico, especialmente a Lexicologia e a Lexicografia.

A última parte do capítulo analisa os paradigmas que orientam a produção de dicionários, com destaque para a tipologia e a constituição da macro e da microestrutura. Enfocamos ainda o dicionário bilíngue, por ser este o tipo de obra o objeto deste estudo e também o produto final da pesquisa. Iniciamos, então, pelo primeiro princípio básico: *o que é língua?*

### 1.1 LÍNGUA E LINGUAGEM

O que é língua? Muitas coisas vêm à mente quando falamos de língua, entre elas, o órgão interno da boca que utilizamos para falar, e a noção de idioma. O dicionário Houaiss (2009) traz a seguinte acepção, para o termo língua como idioma: “Sistema de representação constituído por palavras e por regras que as combinam em frases que os indivíduos de uma comunidade linguística usam como principal meio de comunicação e de expressão, falado ou escrito.”

O mesmo dicionário define linguagem como “qualquer meio sistemático de comunicar ideias ou sentimentos através de signos convencionais, sonoros, gráficos,

gestuais etc.” em sua primeira acepção, mas, na acepção 5, registra que, como sistema, linguagem é o mesmo que língua (HOUAISS, 2009).

No início do século XX, o linguista Ferdinand de Saussure estabelece a diferença entre língua e linguagem à medida que considera a língua uma parte essencial da linguagem: a língua é “ao mesmo tempo, um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos.” (SAUSSURE, [1916] 1970, p. 17). Ao focalizar a língua, argumenta:

Trata-se de um tesouro depositado pela prática da fala em todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade, um sistema gramatical que existe virtualmente em cada cérebro ou, mais exatamente, nos cérebros de um conjunto de indivíduos, pois a língua não está completa em nenhum, e só na massa ela existe de modo completo. (SAUSSURE, [1916] 1970, p. 21).

Saussure faz a distinção entre língua e fala, concebendo a língua como o social e o essencial e a fala como o individual e o acessório e mais ou menos incidental. Nesse sentido, o sistema da linguagem é a língua e sua execução é a fala (e a escrita). Com o intuito de explicitar a concepção saussureana de língua, Lyons (1987, p. 23) utiliza o termo *sistema linguístico*, definindo-o da seguinte maneira:

Um sistema linguístico é um fenômeno social, ou instituição que, em si mesma, é puramente abstrata, na medida em que não apresenta uma existência física, mas que em determinadas ocasiões é atualizada no comportamento linguístico dos indivíduos integrantes de uma comunidade linguística.

Entretanto Bagno (2002, p. 23-24) tem uma posição diferente quanto à essência e abstração da língua:

Ora, “a língua” como uma “essência” não existe: o que existe são *seres humanos* que falam línguas, “os indivíduos que constituem o todo da população”. A língua não é uma abstração: muito pelo contrário, ela é tão concreta quanto os mesmos seres humanos de carne e osso que se servem dela e dos quais ela é parte integrante. (...) Isso significa o quê, na prática? Significa olhar para a língua dentro da realidade histórica, cultural, social em que ela se encontra, isto é, em que se encontram os *seres humanos* que a falam e escrevem. Significa considerar a língua como uma *atividade social*, como um trabalho

empreendido conjuntamente pelos falantes toda vez que se põem a interagir verbalmente, seja por meio da fala, seja por meio da escrita.

Os pontos de vista diferentes, nos mostram que há, na verdade, duas realidades: a linguagem, a fala, como característica humana universal, e a língua, ou sistema linguístico, que mesmo dotado de características complexas e abstratas, permite às comunidades terrestres a sua interação social. Essas reflexões a respeito das diferenças entre língua e linguagem nos motivam a mais uma pergunta: *Por que as línguas expressam a realidade de modo distinto umas das outras?* Discutimos, a seguir, o princípio conhecido como *relativismo linguístico* e sua relevância para o estudo das línguas, em especial, as indígenas.

### 1.1.1 Relativismo linguístico

A língua é também objeto de estudo da filosofia, no sentido da busca da influência da língua sobre a maneira de se ver o mundo. Schaff (1974), por exemplo, discute diversas correntes de pensamento sobre a língua e, entre estas, a hipótese de Sapir-Whorf, que tem como base o *princípio da relatividade linguística*. A ideia da linguagem como criadora da realidade já está presente na filosofia de Wilhelm von Humboldt:

Todo o modo da percepção subjectiva dos objetos passa necessariamente para a constituição e o uso da língua. [...] e cada língua traça em torno da nação à qual pertence, um círculo de que não se pode sair, senão na medida em que se passe, ao mesmo tempo, para o círculo de uma outra língua. (HUMBOLDT, 1907, p. 179-180 apud SCHAFF, 1974, p. 23-24).

As ideias filosóficas de Humboldt sobre relativismo linguístico influenciaram o linguista norte-americano Edward Sapir, que não era um filósofo da linguagem, mas um linguista e também etnólogo. Assim como, “a língua era o problema central no estudo da razão e verdade para Humboldt, era a chave para entender a cultura para Sapir”

(tradução nossa = TN)<sup>8</sup> (DRECHSEL, 1988, p. 238). Vejamos a posição de Sapir ([1949] 1969, p. 20):

É uma completa ilusão imaginar que alguém se ajuste à realidade sem o auxílio essencial da língua e que a língua seja, meramente, um meio ocasional de resolver problemas específicos de comunicação ou raciocínio. O fato inconcusso é que “o mundo real” se constrói inconscientemente, em grande parte, na base dos hábitos linguísticos do grupo. Não há duas línguas que sejam bastante semelhantes para que se possa dizer que representam a mesma realidade social. Os mundos em que vivem as diversas sociedades humanas, são mundos distintos e não apenas um mundo com muitos rótulos diversos.

A concepção de língua defendida por Sapir – a língua como elemento determinante na maneira de se ver o mundo – impulsionou o trabalho de Benjamin Whorf, linguista que pesquisou as línguas indígenas americanas, em particular o Hopi. Whorf foi quem forneceu situações concretas para as teses de Sapir, pois enquanto Sapir era mais moderado em suas teorias, Whorf posicionava-se de forma radical, como notamos em sua argumentação:

Retalhamos a natureza em conformidade com as directrizes delineadas pela nossa língua materna. As categorias e os tipos que isolamos do mundo dos fenômenos, não os encontramos aqui... Pelo contrário, o mundo apresenta-se--nos como um fluxo caleidoscópico de impressões, que deve ser organizado pelos espíritos, – e isto, em grande medida, pelos sistemas linguísticos que os nossos espíritos contém (WHORF, 1957, p. 213, apud SCHAFF, 1974, p. 112).

Para Whorf, pensar “consiste sempre em pensar numa língua definida. Cada língua é um vasto sistema de estereótipos que, duma maneira inconsciente para o homem, controlam as formas do seu pensamento” (SCHAFF, 1974, p. 118). Nesse sentido, os dois pensamentos principais da hipótese de Sapir-Whorf, são sintetizados da seguinte maneira por Schaff (1974, p.109):

- 1) a linguagem é um produto social, e o sistema linguístico definido, no qual fomos educados e pensamos desde a infância, influencia a nossa maneira de perceber o mundo que nos rodeia;

---

<sup>8</sup> Cf. original: “Just as language was the central problem in the study of reason and truth for Humboldt, it was the key to understanding culture for Sapir.” (DRECHSEL, 1988, p. 238)

- 2) em razão das diferenças entre os sistemas linguísticos, as quais são o reflexo dos diferentes meios em que nasceram esses sistemas, os homens percebem diferentemente o mundo.

Ao tratar das línguas indígenas brasileiras, Aryon Rodrigues parece concordar, de certa forma, com a hipótese de Sapir-Whorf:

Cada língua indígena não só reflete assim, aspectos importantes da visão de mundo desenvolvida pelo povo que a fala, mas constitui, além disso, a única porta de acesso ao conhecimento pleno dessa visão de mundo que só nela se expressa (RODRIGUES, 1986, p. 27).

Em sua exposição sobre a hipótese de Sapir-Whorf, depois de analisá-la e expor pontos de vista favoráveis e fortes críticas a ela, Schaff conclui que a hipótese, embora traga contribuições valiosas ao estudo das línguas e da linguagem, é indefensável, devido a inúmeros equívocos. Argumenta o autor, que a teoria é também impossível de ser verificada por vários motivos, entre outros, o fato de as referidas sociedades e línguas permanecerem historicamente isoladas, serem de níveis diferentes de civilização, cuja história fosse conhecida ou possível de ser estudada (SCHAFF, 1974, p. 139).

Uma dessas críticas defende que o fato de a hipótese não ter sido elaborada por ambos os autores, depõe contra sua sustentabilidade, já que Whorf se utiliza das ideias de Sapir para defender um fato encontrado na língua que analisou (CUNHA, 2011). Esse mesmo autor esclarece ainda:

[...] as formulações de Sapir não parecem muito menos ousadas do que se costuma discutir. O autor defende que as línguas podem expressar quaisquer conteúdos, e ainda que os façam diferentemente, são igualmente importantes (CUNHA, 2011, p.15).

Entretanto, apesar dessas críticas, a hipótese de Sapir-Whorf traz para o estudo das línguas o princípio da relatividade linguística que não pode ser negado, já que cada língua faz o recorte da realidade à sua própria maneira e, portanto, as categorizações dentro de uma língua não podem servir de base absoluta para as de outra língua.

Biderman (1978), por exemplo, relaciona as premissas do relativismo linguístico à conceituação da palavra e, utilizando exemplos ilustrativos de palavras do latim, do

turco, do inglês, do chinês e do português, argumenta que cada língua funciona com um conceito próprio a respeito do termo *palavra*:

Parece certo que, dentro de certos limites, a hipótese de Whorf<sup>9</sup> fornece a chave para a conceituação da *palavra*. [...] Por conseguinte, a nossa tese é a de que não é possível definir a palavra de maneira universal, isto é, de uma forma aplicável a toda e qualquer língua. A afirmação mais geral que se pode fazer é que essa unidade psicolinguística se materializa, no discurso, com uma inegável individualidade (BIDERMAN, 1978, p. 85).

Neste trabalho lexicográfico a respeito do léxico de uma língua indígena, levamos em consideração o princípio do relativismo linguístico, pois também à língua Kaiwá, como qualquer outro sistema linguístico, aplica-se a assertiva de Biderman (1998b, p. 93) acerca da aplicação do princípio do relativismo linguístico ao estudo do léxico de uma língua: “manifesta, tanto no seu léxico como na sua gramática, uma classificação e uma ordenação dos dados da realidade que são típicas dessa língua e da cultura com que ela se conjuga”.

Pudemos perceber, em nosso *corpus* em língua Kaiwá, um sistema diferente de classificação das cores, em que não há distinção entre azul e verde, pois nessa língua apenas um termo designa ambas as cores, *hovy*; o mesmo acontece com vermelho e marrom, cores que são denominadas por um único termo em Kaiwá: *pytã*. Outro argumento a favor da aplicação de princípios do relativismo linguístico aos dados deste trabalho foi a dificuldade de tradução dos exemplos, pois na língua Kaiwá a ordem de palavras na frase é distinta da do português.

Outro conceito sapiriano, o da *deriva da língua*, também se mostrou relevante para a análise de dados desta pesquisa, razão pela qual é objeto do próximo item deste capítulo.

---

<sup>9</sup> WHORF ([1940] 1958).

### 1.1.2 Deriva da língua

A língua, como um produto social, a exemplo da sociedade, também se transforma, desenvolve-se e muda no decorrer do tempo, acompanhando as mudanças ocorridas na própria sociedade. Nesse contexto situa-se o conceito *deriva* desenvolvido por Sapir ([1921] 1971) para explicar o fenômeno da mudança linguística:

[...] a linguagem não é apenas uma coisa que cresça no espaço, por assim dizer, - uma série de reflexos nos cérebros individuais de uma mesma e única pintura situada fora do tempo. A linguagem move-se pelo tempo em fora num curso que lhe é próprio. Tem uma deriva (SAPIR, [1921] 1971, p. 151).

Nessa metáfora empregada por Sapir, o termo deriva assume sentido próprio e, portanto, diverso do seu emprego em referência a um navio ou barco quando perde seu poder de se direcionar na água e fica sem rumo. Logo, para o autor,

A deriva da língua ao contrário tem um rumo. Em outros termos, só a encarnam ou transportam aquelas variações individuais que se movem em certa direção, precisamente como são apenas certos movimentos das ondas na baía que marcam o avanço da maré. A deriva de uma língua consta da seleção inconsciente, feita pelos que a falam, das variações individuais que se acumulam numa dada direção especial (SAPIR, [1921] 1971, p. 155).

A deriva da língua é claramente percebida quando examinamos textos antigos; pois determinadas estruturas frequentemente utilizadas nesse tipo de textos soam estranhas ou desconhecidas, tanto em termos sintáticos quanto no que diz respeito à seleção lexical, isso em virtude de a língua ter mudado, tomado um novo rumo, com novas formas e concepções, motivada pela necessidade de adaptar-se a novas realidades. Esse fato, bem conhecido em português, é também percebido na língua Kaiwá que, embora sem uma tradição escrita, mostra seus sinais de mudanças da língua, não apenas nas estruturas utilizadas, como também nas atitudes das pessoas mais

idosas<sup>10</sup>, que criticam o modo de falar dos mais jovens, conforme o confirmado por meio das entrevistas realizadas nesta pesquisa.

A renovação da língua a que se refere o autor acontece principalmente no âmbito do léxico, à medida que a par de unidades lexicais que se tornam obsoletas, há a criação de novos itens lexicais com base nos recursos disponíveis pelo próprio sistema linguístico, ou o acréscimo de novos significados a formas existentes, ou ainda, a renovação lexical por meio de empréstimos oriundos de línguas em contato (ALVES, 1990). Nesse particular, Barbosa (2001, p. 35) esclarece que a “mutabilidade linguística, ao nível do léxico, verificável à medida que os signos são criados ou sofrem modificações em seus significados, é um processo inerente à língua e não uma ameaça à sua continuidade”. Ainda segundo a autora, existe no sistema da língua uma tensão gerada por duas forças contrárias no sistema: a da conservação e a da mudança:

A oscilação entre as duas tendências ocorre sem que os falantes se apercebam, as mais das vezes, que a língua deixa de ser idêntica a si mesma, enquanto falam. A força de conservação assegura a continuidade histórica da língua e a intercompreensão dos sujeitos falantes-ouvintes da comunidade; a força de mudança capacita a língua a atender às novas necessidades de comunicação e do processo de renovação lexical (BARBOSA, 2001, p. 35-36).

Guilbert (1975, p.14-101 apud BARBOSA, 2001, p.40), por seu turno distingue quatro tipos de neologia: fonológica, semântica, sintagmática e alogenética. Os três primeiros referem-se a processos de formação que acontecem dentro da estrutura da língua, enquanto o último é um processo de aquisição e/ou adaptação de unidades “de outro sistema linguístico e sociocultural” (BARBOSA, 2001, p. 42).

O neologismo alogenético é chamado de empréstimo; Sapir ([1921] 1971, p. 193) esclarece que esse fenômeno acontece por causa da influência de uma língua e/ou cultura sobre outra: “o tipo mais simples de influência que uma língua pode exercer em outra, é o ‘empréstimo’ de vocábulos. Sempre que há empréstimo cultural, há possibilidade de empréstimo para termos correspondentes”.

---

<sup>10</sup> Duas pessoas entrevistadas para este estudo (D.S. e S.S.) afirmavam conhecer muitas palavras antigas, que não são mais utilizadas.

O neologismo, ou seja, a unidade nova que surge numa determinada língua, se opõe ao arcaísmo, “palavra, expressão, construção sintática ou acepção que deixou de ser usada na norma atual de uma língua” (HOUAISS, 2009). Essas noções de neologismo e arcaísmo léxicos, refletem a dinâmica do léxico e remetem aos conceitos de palavra e de léxico, partes integrantes da língua e da linguagem humana, tópico objeto de discussão no item 1.1.3 que segue.

### **1.1.3 A palavra e suas dimensões**

Ao discorrer sobre as estruturas básicas da língua, Ullmann (1973, p. 59) questiona:

O que é então uma palavra? A pergunta parecerá talvez ociosa, visto que, no dia-a-dia, não há qualquer dificuldade em reconhecer as palavras, e, enquanto escrevo esta página, separo-as umas das outras sem a mais leve hesitação. Mas uma coisa é identificar as palavras, e outra estabelecer os critérios pelos quais elas são identificadas.

A palavra não é objeto de estudo apenas da linguística; ela tem sido alvo de investigações filosóficas e antropológicas. Assim, considerando a diversidade de olhares sobre a palavra, Biderman (1998b) destaca três diferentes dimensões da palavra: mágico-religiosa, cognitiva e linguística. Cada uma dessas dimensões apresenta a palavra com características específicas, que são discutidas a seguir.

Na sua dimensão religiosa, a palavra “tende a constituir uma realidade dotada de poder” (BIDERMAN, 1998b, p. 81). Neste sentido, Cassirer (1992, p. 65) esclarece:

Nos relatos da Criação de grandes religiões culturais, a Palavra aparece sempre unida ao mais alto Deus criador, quer se apresente como o instrumento utilizado por ele, quer diretamente como o fundamento primário de onde ele próprio, assim, como toda existência e toda ordem de existência provém.

É do poder da palavra criadora que se apropria a religião egípcia, onde o Deus criador Ptá tem o poder em seu coração e em sua língua (CASSIRER, 1992, p. 65), mas também o pensamento judaico-cristão. A Bíblia relata que o mundo foi criado por Deus

pela Palavra: “E disse Deus...” (Gênesis 1.3), e todas as coisas vieram a existir, inclusive o homem, a quem Deus depois dá a incumbência de nomear todos os animais (Gênesis 2.19). O Evangelho de João inicia-se com: “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus.” (João 1:1). Entre os índios uitotos, uma expressão semelhante a esta da Bíblia foi encontrada por Preuss: “No princípio a Palavra originou do Pai.” (PREUSS, s.d., apud CASSIRER, 1992, p. 64).

Em diversas religiões, o poder é atribuído ao nome de um ser ou uma pessoa, que pode ser oculto ou revelado dependendo desse poder que lhe é atribuído. Na língua Kaiwá, como nas línguas Guaraní, o significado de *nhe'ẽ* ‘palavra, fala, língua’, confunde-se também com ‘alma’, e o nome dado pelo pajé a um bebê é o nome de sua alma, conferida pelos espíritos aos pais da criança e ao pajé, antes mesmo de seu nascimento, e revelado assim que o bebê começa a balbuciar alguns sons, mas não revelado de modo nenhum a estranhos, durante toda a sua vida (AZEVEDO, 1989, p. 120). Desse modo, a palavra é quem possibilita ao homem viver na comunidade e em relação a outro ser, o ‘tu’ possibilita ao homem assumir sua subjetividade, o seu ‘eu’.

Nesse sentido, conclui Cassirer: “De fato, a palavra, a linguagem, é que realmente desvenda ao homem aquele mundo que está mais próximo dele que o próprio ser físico dos objetos e que afeta mais diretamente sua felicidade ou sua desgraça.” (1992, p. 78).

Já na sua dimensão cognitiva, a palavra é utilizada para nomear e identificar as entidades da realidade (BIDERMAN, 1998b). E essa nomeação é um fenômeno natural, pois, a partir do momento que a criança aprende a falar, os nomes das coisas lhe são acrescentados progressivamente enquanto seu conhecimento de mundo se expande (WERNER, 1982, p. 29).

Biderman (1998b, p. 88) defende que “a nomeação resulta do processo de categorização”, que é a classificação de objetos e supõe que o indivíduo possua, por seu aparato sensitivo e cognitivo, a capacidade de discriminar os traços distintivos dos referentes que percebe. Desse modo, esclarece que as palavras são como “etiquetas para o processo de categorização” (p. 88), embora não sejam apenas “meros rótulos de objetos específicos existentes no mundo real” (p. 89).

Citelli e Bonatelli (1998, p. 171), por sua vez ponderam a respeito do poder da palavra na gênese do conhecimento empírico, ao mencionarem o poeta mineiro Murilo Mendes:

A palavra, na visão de Murilo Mendes, é a gênese do conhecimento empírico. A palavra fulgura o homem com a capacidade de dar às coisas o que lhes falta: a casca de um nome, ou melhor, o sabor de um nome, que pode, enfim, cristalizar-se em nosso espírito com a essência que lhe cabe – rosa, pedra, céu, Maria, e todo o universo lexical que nos tangencia.

Nessa dimensão, percebemos em nosso *corpus* um conhecimento da natureza, em termos de espécies animais e vegetais, nomeados minuciosamente pelos indígenas. Um exemplo destes são as diversas espécies de aves nomeadas pelos Kaiwá, dentre as quais o *marakana*, pássaro da família das araras, que em português tomou emprestado o nome oriundo da língua indígena: maracanã, também conhecido como ararinha.

Assim como a palavra possui uma dimensão cognitiva, ela também possui uma dimensão linguística. Nesse sentido, Biderman (1978, p. 72) esclarece que “desde os gregos a palavra foi considerada a unidade significativa de articulação do discurso”. Qualquer pessoa leiga tem consciência da palavra como unidade de fala. Entretanto, definir a palavra tem sido um ‘problema’ para os linguistas em geral, pois não se trata de um conceito de validade universal.

As gramáticas tradicionais adotam como princípio a palavra como a unidade básica da língua (ROBINS, 1977, p. 178). A preocupação com a estrutura interna da palavra aparece apenas no século XIX, com a Linguística Histórica, “quando o termo morfologia passa a ser utilizado abrangendo a flexão e a derivação” (BASÍLIO, 2004, p.73). Os comparatistas analisam a estrutura interna da palavra e recuperam seus elementos formadores, a fim de os compararem em línguas diferentes.

No Estruturalismo americano, como consequência do abandono da palavra como elemento mínimo de análise e da primazia ao morfema, a questão do estatuto e da definição da palavra passa a ter mais peso; surge uma dificuldade metodológica: que unidades devem ser consideradas palavras, e com que critérios. O linguista Zellig Harris, por exemplo, radicaliza ao propor a eliminação da noção de palavra para a

análise linguística, sendo essa substituída pelo morfema<sup>11</sup>. O discurso é, para ele, uma sequência de morfemas (BIDERMAN, 1978, p. 78).

Os fundamentos lançados por Saussure no início do século XX concebem a língua como um depósito de signos e destacam a questão da oposição e do sistema de valores, mas o problema da definição de palavra continua, por não ser considerado crucial. Para o linguista genebrino “o signo linguístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica” (SAUSSURE, 1970, p. 80). Assim, ele estabelece a relação entre conceito e significado, como um lado da moeda, e a imagem acústica e o significante, como o outro lado. Significado e significante são, pois, as duas partes do signo.

Mattoso Câmara, por sua vez, empregando o termo *vocábulo*, assume a posição de Saussure, segundo a qual “o vocábulo é, evidentemente, um elemento da língua” (CÂMARA JUNIOR, 1973, p. 86), e o vocábulo possui individualidade significativa e formal. O autor introduz a diferença entre o vocábulo fonológico e o vocábulo formal ou mórfico, argumentando que essas entidades, embora relacionadas, podem não coincidir. Além disso, define palavra como “vocábulo provido de significação externa, concentrada no radical” (CÂMARA JUNIOR, 1977, p.187), e mostra assim sua preocupação com o problema terminológico. Para o autor, em português, “o vocábulo fonológico depende da força de emissão das suas sílabas” (CÂMARA JUNIOR, [1969] 1981, p. 35) e define vocábulo formal como forma não presa mínima, incluindo assim artigos, preposições, conjunções e pronomes clíticos como vocábulos formais.

Essa preocupação em definir universalmente a palavra para a análise linguística esbarra no conceito de relatividade linguística proposto pela teoria de Sapir-Whorf que, embora não tendo sido aceita por muitos linguistas, mostra que “só é possível identificar a unidade léxica, delimitá-la e conceituá-la no interior de cada língua” (BIDERMAN, 1978, p. 85). A linguista brasileira postula a tese da impossibilidade de definição universal da palavra, que seja aplicável a qualquer língua. Portanto, mesmo sendo o morfema a unidade mínima significativa da gramática, a palavra, como considerada pela

---

<sup>11</sup> Uma discussão mais elaborada sobre o termo morfema, entre outros termos empregados pela Lexicologia e Lexicografia, é apresentada no item 1.2.1. deste capítulo.

gramática tradicional, ainda é a formadora das sentenças e a unidade mais conhecida em qualquer língua, independente de suas formas ou configurações.

Apesar de evidenciar diversos problemas de conceituação e da impossibilidade de uma definição universal, a *palavra* continua sendo para linguistas e não linguistas a unidade formadora da língua. A seguir abordaremos dois outros conceitos relevantes para este trabalho: *léxico* e *vocabulário*.

#### 1.1.4 O léxico: acervo das palavras da língua

O conjunto completo de palavras de uma língua forma o léxico dessa língua. Segundo Sapir ([1949] 1969, p. 45) “o léxico completo de uma língua pode-se considerar, na verdade, como o complexo inventário de todas as ideias, interesses e ocupações que açambarcam a atenção da comunidade”. Logo, o léxico das línguas “constitui um vasto universo de limites imprecisos e indefinidos” (BIDERMAN, 1978, p. 139). O léxico é um sistema em constante desenvolvimento, aberto, podendo se alterar, expandir e contrair, com a criação, eliminação e mudanças semânticas de unidades lexicais.

Werner (1982) pontua que as diversas definições de léxico sempre possuem pontos em comum e o define como “[...] um conjunto de significantes verbais ou de signos (na concepção bilateral de signo), que estão acima do nível das unidades distintas e que podem servir de partes componentes de proposições e textos”(TN)<sup>12</sup>.

O autor, em sua tentativa de apresentar uma definição mais precisa do termo, chega à seguinte definição de léxico: “[...] o conjunto de monemas e *sinmonemas*<sup>13</sup> do

---

<sup>12</sup> Cf. original: “[...] un conjunto de significantes verbales o de signos (en la concepción bilateral de signo), que están por encima del nivel de los distinguemas y que pueden servir de partes componentes de proposiciones y textos” (WERNER, 1982, p. 91) .

<sup>13</sup> Segundo Werner (1982, p. 71), monemas são unidades significativas mínimas, e *sinmonemas*, significantes compostos por vários monemas. Discutiremos esses e outros termos da Lexicologia no item 1.2.1. deste capítulo.

discurso individual, do discurso coletivo, do sistema linguístico individual ou do sistema linguístico coletivo”<sup>14</sup> (tradução nossa) (WERNER, 1982, p. 91).

Já Correia (2012) considera importante estabelecer a distinção entre os conceitos de léxico e vocabulário e define *léxico* como “conjunto *virtual* de todas as palavras da língua, as neológicas e as que caíram em desuso, as atestadas e aquelas que são possíveis tendo em conta os processos de construção de palavras disponíveis na língua” (CORREIA, 2012, p. 15) e *vocabulário* é definido pela mesma autora como “conjunto *factual* de todos os vocábulos atestados num determinado registro linguístico, isto é, o conjunto fechado de todas as palavras que ocorreram de fato nesse discurso” (p. 15). Essas definições diferenciam o que é virtual na língua, o léxico, e o que é factual, concreto, o vocabulário, que pode ser específico de algum domínio, como por exemplo, vocabulário da medicina, da pesca, etc.

Tomando como base as definições de Sapir ([1949] 1969) e Correia (2012), temos consciência que, ao estudarmos o léxico de uma língua indígena, resultado do conjunto das ideias e interesses e ocupações de uma comunidade, nos deparamos com o vocabulário concretamente utilizado pelos seus falantes, relativo a diferentes áreas do conhecimento humano. Na sequência enfocamos duas das chamadas “ciências do léxico” que se dedicam à descrição e análise do universo natural das línguas naturais, a Lexicologia e a Lexicografia; abordamos primeiramente a Lexicologia e alguns de seus conceitos e implicações para o trabalho lexicográfico.

## 1.2 LEXICOLOGIA: FUNDAMENTOS

A Lexicologia é definida por Biderman (1998a, p. 14) como uma “ciência antiga, [que] tem como objetos básicos de estudo e análise a palavra, a categorização lexical e a estruturação do léxico”. Ullmann ([1964] 1973, p. 62), por sua vez, anteriormente defendeu que não somente as palavras, mas também “[...] todos os tipos

---

<sup>14</sup> Cf. original: “[...] el conjunto de monemas y sinmonemas del discurso individual, del discurso colectivo, del sistema linguístico individual o del sistema linguístico colectivo” (WERNER, 1982, p. 91).

de morfemas que entram na sua composição” são tratados pela Lexicologia, que se subdivide em *morfologia*, que estuda as formas das palavras e de seus componentes, e a *semântica*, que estuda os seus significados (ULLMANN, [1964] 1973, p. 64).

Já para Henriques (2010, p. 102), a Lexicologia “é uma disciplina que estuda o léxico e a sua organização a partir de pontos de vista diversos”: período histórico e região geográfica, contexto social e cultura, a realização fonética, composição morfológica, e distribuição sintática das palavras que formam determinada língua.

Na verdade, os lexicólogos têm tradicionalmente se voltado, tanto para a questão da formação de palavras, e por extensão, a criação e a conseqüente introdução de novas palavras na língua, os neologismos, quanto para a complexa questão dos arcaísmos léxicos, ou seja, palavras que se tornam obsoletas em decorrência do pouco uso. O agrupamento de línguas segundo alguns critérios morfossintáticos, na busca de suas origens, é o campo de investigação da linguística histórica. E, ainda, no campo da investigação lexicológica, figuram a Semântica, o estudo dos significados, assim como, mais recentemente, a Psicolinguística e a Neurolinguística, com pesquisas sobre a aprendizagem e armazenamento de palavras na memória (BIDERMAN, 1998a, p. 16-17).

Alguns conceitos da Lexicologia possuem especial importância para a Lexicografia, em especial a unidade lexical e suas relações linguísticas de sentido, tópico discutido a seguir.

### **1.2.1 A unidade lexical: conceito e delimitação**

O conceito de palavra, como assinalado anteriormente, é de extrema complexidade e a busca pela sua definição e delimitação motiva a uma reflexão terminológica acerca da unidade como referência de estudo da Lexicologia e Lexicografia. Biderman (1999, p. 89), por exemplo, considera o termo *palavra* “operacional apenas como elemento da linguagem comum” e a utiliza como sinônimo de *vocabulo* para as realizações discursivas. Por causa da imprecisão do termo *palavra*,

outros termos têm sido empregados por linguistas na busca da delimitação da unidade lexical. Entre esses, situam-se termos como *lexema*, *lexia*, *lema*, *morfema* e *monema*. Vejamos como cada um desses termos é compreendido.

*Lexema* é o termo utilizado por Pottier (1973, p.130), como um monema léxico em oposição ao monema não léxico. O mesmo autor emprega o termo *lexema* como elemento “de um conjunto inacabado e aberto”, em oposição ao *gramema*, elemento “de um conjunto finito fechado (POTTIER 1978, p. 275). Biderman (1978, p. 130) utiliza o termo *lexema* “para designar a unidade léxica abstrata em língua”. *Lexema*, então, é a palavra como unidade abstrata, convencionalmente listada no dicionário como entrada (CRYSTAL, 2008, p. 157).

Por outro lado, a *lexia* constitui a “unidade lexical memorizada” (POTTIER; AUDUBERT; PAIS, 1973, p. 10), a forma como um *lexema* se manifesta no discurso, com suas flexões e derivações. As *lexias* podem ser divididas em: *simples* (e.g. árvore), *complexas* (e.g. estado de sítio), *compostas* (e.g. guarda-chuva) e *textuais* (e.g. “quem tudo quer, tudo perde”) (POTTIER; AUDUBERT; PAIS, 1973, p. 27-28). Biderman (1999, p. 89) pondera: “As manifestações discursivas dos *lexemas* devem ser referidas tecnicamente como *lexias*” e considera o termo proposto por Pottier “bastante útil, sobretudo por se tratar de um termo técnico. Entretanto, o termo *lema* é justamente utilizado para designar a representação canônica do *lexema* no dicionário, a entrada (BIDERMAN, 1999, p. 88-89).

O *morfema* é, desde o estruturalismo, considerado como “a unidade mínima de análise gramatical” (CRYSTAL, 1973, p. 227). Contudo, Martinet ([1967] 1970, p. 13) emprega o termo *monema* como unidade significativa elementar, como reação contra a distinção tradicional entre os termos *morfema* e *semantema*<sup>15</sup>. O autor, para evitar o termo *morfema*, faz a distinção entre monemas léxicos ou autônomos e não léxicos, estes últimos denominados monemas funcionais (MARTINET, [1967] 1970, p. 113-117). *Monema* é também o termo empregado por Werner (1982, p. 71), mas é criticado por Biderman (1999, p. 89), que o avalia um termo não funcional para a Lexicologia.

---

<sup>15</sup> Martinet (1970, p.13) considera inexistente a distinção em que o *semantema* seria uma unidade com sentido em si, e o *morfema* uma unidade sem esse sentido.

Na questão do uso do morfema como unidade lexical a ser incorporada na nomenclatura do dicionário, Crystal (1973, p. 240) esclarece que “[...] quando se chega à análise das línguas aglutinantes, o conceito de morfema é de um valor incalculável, pois é como se estas línguas fossem de propósito para ele”. O autor ainda defende que os linguistas não podem deixar de reconhecer o morfema como unidade significativa, tanto para a análise gramatical, como para a estruturação do léxico, pois “para muitos linguistas, o inventário dos morfemas de uma língua é a base para o dicionário dessa língua” (CRYSTAL, 1973, p. 241).

Assim como Biderman (1999), os lexicógrafos Atkins e Rundell (2008) utilizam o termo *lema* para significar a entrada em todas as suas formas, mas consideram cada sentido (acepção) de um lema como uma *unidade lexical*. Unidades lexicais podem ser constituídas de uma palavra ou de múltiplas: palavras compostas e locuções; assim, qualquer palavra, abreviação, palavra parcial ou frase que pode aparecer como entrada em um dicionário é denominada pelos autores de ‘item lexical’ (ATKINS; RUNDELL, 2008, p. 163).

Uma atenção especial deve ser atribuída às unidades complexas. Biderman (1999) destaca a dificuldade e a falta de homogeneidade de tratamento dispensado às estruturas cristalizadas, como as locuções, que são estruturas gramaticais, e as expressões idiomáticas, as *unidades fraseológicas*, que, “embora sejam compostas por mais de uma palavra, elas se classificam funcionalmente como uma única categoria léxico-gramatical” (BIDERMAN, 1999, p. 95).

Utilizando a terminologia de Pottier, entendemos que tanto lexias simples, como lexias compostas ou complexas poderão ser consideradas itens lexicais e, conseqüentemente serem passíveis de lematização (arroladas como lemas). Por tratarmos de uma língua aglutinante, analisamos e incluímos também como entradas no dicionário os morfemas, seguindo a recomendação já mencionada de Crystal (1973).

Concordamos ainda que um lexema (ou morfema lexical) pode constituir mais de uma unidade lexical, quando ocorrer polissemia ou homonímia, assunto que trataremos a seguir, a par de outras relações semânticas.

### 1.2.1.1 Relações linguísticas de sentido

A palavra isolada, ou uma unidade lexical isolada, constitui um núcleo quase ilimitado de significantes possíveis (CASARES, 1969, p. 57), pois o seu significado geralmente varia de acordo com o contexto de uso. Da mesma forma há uma relação entre unidades lexicais, entre palavras, à medida que as relações semânticas entre as palavras são de imenso valor quando se pensa num estudo lexicográfico da língua.

Casares (1969), todavia, adverte que o lexicógrafo não deve se aprofundar no estudo semântico da língua:

[...] o lexicógrafo, ao se deparar com os fenômenos semânticos, não deve ir mais além de determinar as diferentes acepções que de fato concorrem em um vocábulo e de estabelecer, quando for possível, a relação em que estão umas com outras. Isso já é bastante (TN)<sup>16</sup>.

As principais relações semânticas exploradas neste trabalho sobre a língua Kaiwá estão descritas a seguir, com uma breve explicação de cada uma delas.

#### 1.2.1.1.1 Sinonímia e Antonímia

Dubois ([1973] 2006, p. 556) define *sinônimos* como “palavras com o mesmo sentido, ou aproximadamente o mesmo sentido, e com formas diferentes”. Nesse sentido, o autor aponta duas acepções diferentes para a sinonímia:

ou dois termos são ditos *sinônimos* quando têm a possibilidade de substituírem um ao outro num único enunciado [...], ou os dois termos são ditos *sinônimos* (sinonímia absoluta) quando são intercambiáveis em todos os contextos, e, então, não existem verdadeiros sinônimos senão entre duas línguas funcionais (DUBOIS [1973] 2006, p. 555).

---

<sup>16</sup> Cf. original: “[...] al enfrentarse el lexicógrafo con los fenómenos semánticos, no debe ir más allá de determinar las diferentes acepciones que de hecho concurren en un vocablo y de establecer, cuando sea posible, la relación en que están unas con otras. Y ya es bastante” (CASARES, 1969, p. 55).

Por outro lado, Ullmann ([1964] 1973, p. 292), considerando a possibilidade de sinonímia completa em uma língua, já defendia que “seria errôneo negar a possibilidade de completa sinonímia”. O autor comprova seu argumento com base nas nomenclaturas técnicas, as quais considera delimitadas com precisão e emocionalmente neutras.

Outro argumento apontado por Ullmann ([1964] 1973, p. 300-305), é a existência, em certas línguas como inglês, de várias palavras de etimologias diferentes (e.g. saxão e latim) que podem funcionar como sinônimos perfeitos, sendo substituíveis no mesmo contexto. Aliás, é esse o critério utilizado pelo autor para verificação da sinonímia: o da substituição de uma palavra por outra em qualquer contexto; embora concorde que “[...] muito poucas palavras são completamente sinônimas no sentido de serem permutáveis em qualquer contexto, sem a mais leve alteração do significado objetivo, do tom sentimental ou do valor evocativo” (ULLMANN, [1964] 1973, p. 294).

Lyons (1987, p. 143-144), por seu turno, esclarece que lexemas são *completamente sinônimos* quando tiverem o mesmo significado descritivo, expressivo e social em determinado contexto, e *absolutamente sinônimos* se tiverem a mesma distribuição e significado em todos os contextos de ocorrência. O autor reconhece que essa sinonímia absoluta é praticamente inexistente, confirmando a posição de Galisson e Coste (1976, p. 30, apud WELKER, 2004, p. 30):

A sinonímia perfeita ou total seria um luxo inútil da linguagem, em contradição com a lei da economia. Dois termos [= palavras] só atualizam o mesmo semema (manifestam o mesmo conteúdo) em certos contextos; por isso se fala em ‘quase sinônimos’ ou parassinônimos’ (ou de ‘sinonímia no discurso’).

Embora seja necessário um estudo mais aprofundado sobre a possibilidade de permutação em qualquer contexto, apresentamos alguns sinônimos absolutos encontrados no nosso *corpus* da língua Kaiwá:

- *mbairy* e *karai* - ‘não indígena’
- *jari* e *maxu* - ‘vovó’
- *kaxaĩ* e *tũ* - ‘bicho de pé’
- *tape joaju* e *tape ypykõi* - ‘encruzilhada’

Em relação a duas línguas, como por exemplo num dicionário bilingue, somente nomes de objetos concretos compartilhados por ambas as culturas, poderão ser considerados sinônimos, como ponderam Atkins e Rundell (2008):

O mais próximo que você geralmente consegue é chegar em um pseudo-sinônimo, e ‘sinônimos’ nos dicionários geralmente acabam sendo co-hipônimos ou hiperônimos. O relacionamento da sinonímia deveria ser idealmente mantido entre o lema e seu equivalente na língua alvo, mas sinonímia pura é rara entre línguas, exceto para nomes de objetos concretos que as duas culturas compartilham. (TN)<sup>17</sup>

Encontramos essa dificuldade ao selecionar sinônimos (equivalentes) da língua Kaiwá para o português quando o assunto são as cores. *Hovy*, por exemplo, pode significar tanto azul como verde; enquanto *pytã* se refere às cores avermelhadas, abrangendo do vermelho ao marrom.

De maneira oposta aos sinônimos, os *antônimos* são palavras de mesma categoria sintática que se opõem entre si por um ou mais traços semânticos. As relações podem ser de complementaridade (falso x verdadeiro), oposição gradual (pequeno x grande), termos relativos (marido x esposa, comprar x vender) (GALLISON ; COSTE, 1976, p. 32 apud WELKER, 2004, p. 30).

Lyons (1979, p. 491), ao discutir as diferentes relações de oposição e de complementaridade, atribui o termo *antonímia* à relação de oposição gradual, esclarecendo que uma das características desses opostos *par excellence* é justamente sua gradação regular. Vejamos alguns exemplos de antônimos encontrados na língua Kaiwá:

- |                           |   |  |
|---------------------------|---|--|
| • <i>gwasu</i> ‘grande’   | x | <i>mixĩ</i> ‘pequeno’ (oposição gradual)               |
| • <i>kwimba’e</i> ‘homem’ | x | <i>kunha</i> ‘mulher’ (termos relativos)               |
| • <i>jogwa</i> ‘comprar’  | x | <i>vende</i> <sup>18</sup> ‘vender’ (termos relativos) |
| • <i>porã</i> ‘bom’       | x | <i>vai</i> ‘ruim’ (complementaridade)                  |

<sup>17</sup> Cf. original: “The nearest you get is usually a pseudo-synonym, and ‘synonyms’ in dictionaries often turn out to be cohyponyms or superordinates. The relationship of synonymy should ideally hold between the headword and its target-language equivalent, but pure synonymy is rare across languages, except for the names of concrete objects which the two cultures share.” (ATKINS E RUNDELL, 2008, p. 135)

<sup>18</sup> Empréstimo incorporado à língua, de uso comum. Interessante notar a existência da palavra *comprar* na língua Kaiwá.

Procuramos encontrar, na nomenclatura do dicionário, as palavras que possuem relações de sinonímia e antonímia com outras, as quais receberam a remissão indicativa ‘o mesmo que’, ou ‘o contrário de’.

Enquanto as relações de sinonímia e de antonímia sejam relações semânticas entre palavras diferentes, a homonímia e a polissemia constituem relações diferentes entre palavras ‘iguais’, como veremos no item a seguir.

### 1.2.1.1.2 Homonímia e Polissemia

Dubois ([1973] 2006, p. 327) define *homonímia* como “identidade fônica (homofonia) ou a identidade gráfica (homografia) de dois morfemas que não tem o mesmo sentido, de um modo geral” e *homônimo* como “palavra que se pronuncia e/ou que se escreve como outra, sem ter porém o mesmo sentido”. Já *polissemia*, para o mesmo autor, é a “propriedade do signo linguístico que possui vários sentidos” (DUBOIS, [1973] 2006, p. 471).

Ullmann ([1964] 1973, p. 347) esclarece a respeito do fenômeno da polissemia:

[...] longe de ser um defeito da língua, a polissemia é uma condição essencial da sua eficiência. [...] A principal garantia do seu funcionamento normal é a influência do *contexto*. Não interessa o número de significados que uma palavra possa ter no dicionário; não haverá confusão se apenas um deles fizer sentido numa dada situação.

Casares (1969), por seu turno, considera a polissemia como a “consequência inevitável da falta de proporção existente entre o número de signos e a enorme quantidade de noções que buscamos expressar na língua.”(TN)<sup>19</sup>. São exatamente as palavras polissêmicas que possibilitam ao falante a expressão de suas ideias, mesmo com o domínio de um vocabulário limitado<sup>20</sup> que possuímos. Em Kaiwá, por exemplo, identificamos os homônimos: *ha'e* ‘ele/ela’, *ha'e* ‘eu digo’, *ha'e* ‘sim’, e palavras

<sup>19</sup> Cf. original: “consecuencia inevitable de la desproporción que existe entre el número de estos signos y la enorme cantidad de nociones que buscan expresión en el lenguaje” CASARES, 1969, p. 58).

<sup>20</sup> Casares (1969, p. 58) esclarece que uma pessoa culta se serve de quatro ou cinco mil palavras em sua língua.

polissêmicas como *nhe'ẽ*, ‘língua, fala, palavra, história’, *yvyra*, ‘árvore, madeira, (pedaço de) pau’, entre outras.

Os conceitos de homonímia e de polissemia têm, de fato, gerado discussões por causa da arbitrariedade em relação à extensão dos significados e, conseqüentemente, são tratados diferentemente nos vários dicionários existentes. Há aqueles que fazem a distinção entre lexemas polissêmicos e homônimos, separando os primeiros e juntando os últimos; alguns englobam todos os significados (polissêmicos ou homônimos) em um mesmo lema; outros, ainda, criam uma nova entrada para cada significado. Retomaremos esse assunto ao discutirmos a microestrutura do dicionário (item 1.3.3.2), mas trataremos primeiro, a seguir, mais duas relações semânticas que se referem à hierarquia das palavras, a hiperonímia e a hiponímia.

### 1.2.1.1.3 Hiperonímia e Hiponímia

Hiperonímia e hiponímia são relações de hierarquia entre palavras. Lyons (1979, p. 482) aponta para a hiponímia como um relação de inclusão “de um termo mais específico num termo mais geral”. É uma relação unilateral, como por exemplo: *tulipa* e *flor*. Toda tulipa é uma flor, mas nem toda flor é uma tulipa.

Atkins e Rundell (2008), por sua vez, esclarecem que a hiponímia é “uma relação encontrada em muitos substantivos, em um grande número de verbos, e em alguns adjetivos”<sup>21</sup> (tradução nossa). Simplificando, um hiperônimo constitui um termo mais genérico (ex: *mymba* ‘animal’), enquanto o hipônimo um mais específico (*jagwa* ‘cachorro’). Para a lexicografia essa relação de sentido é importante na fase de definição dos lemas, pois um hiperônimo geralmente fornece uma classificação genérica a um determinado hipônimo<sup>22</sup>.

Embora tenhamos tratado de apenas alguns conceitos relacionados à Lexicologia, estes são relevantes para esta pesquisa de cunho lexicográfico e não

<sup>21</sup> Cf. original: “[...] a relationship found in many nouns, in quite a number of verbs, and in some adjectives” (ATKINS; RUNDELL, 2008, p. 132).

<sup>22</sup> Como as definições do dicionário, produto deste trabalho, são redigidas em português, não nos detivemos ao estudo da hiperonímia e hiponímia no âmbito do léxico da língua Kaiwá.

poderiam ser ignorados. Passamos agora para o tópico Lexicografia, na tentativa de elucidar os princípios teóricos dessa ciência que orientaram a produção do dicionário apresentado no Capítulo 5 desta Dissertação.

### 1.3 LEXICOGRAFIA: FUNDAMENTOS

A Lexicografia, definida por Biderman (1998a, p. 15) como “ciência dos dicionários”, não é uma ciência nova. A produção de obras lexicográficas, como glossários<sup>23</sup> e vocabulários<sup>24</sup> de língua, remonta tempos antigos. Nesse particular, Azorín Fernández (2003, p. 33) pondera que, embora as mais antigas culturas orientais tenham tradição em elaboração de repertórios léxicos, o dicionário como gênero didático moderno tem seu surgimento na Europa no período do Renascimento, com o impulso da corrente humanista, que, em sua vertente pedagógica, viria a inovar os métodos de ensino do latim.

Embora a Lexicografia seja uma área de investigação consolidada, é objeto de diferentes olhares e passível de definições distintas, como veremos a seguir.

O *Dicionário de linguística* de Dubois ([1973] 2006, p. 367) define lexicografia como “técnica de confecção dos dicionários e a análise linguística dessa técnica”. Werner (1982), por outro lado, reserva o termo lexicografia para

[...] todo domínio da descrição léxica que se concentre no estudo e a descrição dos monemas e sinmonemas individuais dos discursos individuais, dos discursos coletivos dos sistemas linguísticos individuais, dos sistemas linguísticos coletivos” (TN)<sup>25</sup>.

---

<sup>23</sup> Glossários são catálogos de palavras de uma determinada obra julgadas de difícil compreensão para o leitor (SOUTO; PASCUAL, 2003, p. 55).

<sup>24</sup> Vocabulários são às vezes considerados sinônimos de dicionários, mas geralmente entendidos como catálogo de palavras pertencentes a uma região, atividade ou determinado campo semântico (SOUTO; PASCUAL, 2003, p. 55).

<sup>25</sup> Cf. original: “[...] todo dominio de la descripción léxica que se concentre en el estudio y la descripción de los monemas y sinmonemas individuales de los discursos individuales, de los discursos colectivos de los sistemas lingüísticos individuales, de los sistemas lingüísticos colectivos” (WERNER, 1982, p. 93).

Já Hüllen (1999, p. 4) concebe a ação de fazer dicionários como uma prática (ou técnica) lexicográfica, e de Lexicografia a teoria que descreve, permeia e guia essa prática. Para o autor, ela é uma subdisciplina da Linguística que compartilha suposições básicas sobre língua com outras subdisciplinas, como fonética e fonologia, morfologia, sintaxe e semântica. Embora por muitos séculos a Lexicografia tenha sido considerada como técnica, se fossem compilados os princípios que guiaram a produção de listas de palavras e dicionários, seriam assumidos como princípios teóricos, entre os quais também suposições sobre as palavras como contendo as entidades semânticas de uma língua ou como nomes que identificam os objetos do mundo.

Azorín Fernández (2003) também alerta para o fato de por muitas vezes a Lexicografia ser vista apenas como técnica:

[...] esta maneira de conceber a lexicografia nega, de entrada, seu caráter científico, fazendo-a subsidiária de outras disciplinas capazes de desenvolver seu próprio âmbito teórico-metodológico baseado no conhecimento científico da linguagem (TN)<sup>26</sup>.

Lara (2004), por sua vez insiste que a Lexicografia não é, em si, uma teoria, mas sim, uma metodologia. O autor explica sua posição:

Não é uma teoria porque seu objeto de trabalho não é um fenômeno que deve ser elucidado; não é um fenômeno verbal da mesma natureza que a oração, que um texto ou que um dicionário. A lexicografia *não estuda um objeto*, mas oferece os métodos e procedimentos para criá-lo (LARA, 2004, p. 149).

A respeito da relação entre a Lexicografia e a Linguística, Haensch e Wolf (1982, p. 17) esclarecem que, apesar de que por muitos anos ter caminhado sem uma orientação teórica específica, a Lexicografia contou com muitos resultados positivos, mesmo assim, não pode cumprir sua missão de produzir dicionários sem que haja um contato estreito com a Linguística.

---

<sup>26</sup> Cf. original: “[...] esta manera de concebir la lexicografía niega, de entrada, su carácter científico, haciéndola subsidiaria de otras disciplinas capaces de desarrollar su propio ámbito teórico-metodológico basado en el conocimiento científico del lenguaje” (AZORÍN FERNÁNDEZ, 2003, p. 34).

Nesse sentido, Werner (1982, p. 93) aponta a estreita relação entre Lexicologia e Lexicografia, pois, enquanto a Lexicologia necessita de dados lexicográficos, as tarefas da Lexicografia são mais fáceis de serem cumpridas quando se leva em conta enfoques lexicológicos. Além disso, para trabalhos lexicográficos de grande envergadura, é também necessário um conhecimento teórico amplo sobre possibilidades e pressupostos desta área, além de conhecimentos em outras áreas da Linguística.

Enquanto alguns estudos e reflexões a respeito dos dicionários já tenham sido iniciados no século XVII, somente a partir da década de 1960<sup>27</sup>, é que se desenvolveu, na Europa, a Lexicografia Teórica, chamada de *Metalexigrafia*, que, segundo esclarecem Haensch e Omenaca (2004),

estuda a história dos dicionários, sua tipologia, sua estrutura e finalidade, sua relação com outras disciplinas (lexicologia, sociolinguística, semântica, estatística e informática), assim como a metodologia de sua elaboração e se dedica à crítica de dicionários (TN)<sup>28</sup>.

Hüllen (1999) aponta que a Lexicografia é considerada como uma disciplina teórica que guia a prática lexicográfica. Três fontes principais são exploradas por esta disciplina: (i) todos os ramos da Linguística que fornecem informações sobre a forma como as palavras devem ser mencionadas em um dicionário; (ii) pesquisas sobre as necessidades dos usuários e (iii) a história da prática e da teoria lexicográfica, que mostra a abundância de conhecimento e experiência produzidos ao longo de muitos anos (HÜLLEN, 1999, p. 5).

Portanto, tomando a Lexicografia como disciplina teórica que orienta a produção de dicionários, o tópico a seguir volta-se para esse produto lexicográfico, seus tipos, e sua estrutura geral.

---

<sup>27</sup> Azorín Fernández (2003, p. 44) discute as considerações sobre os momentos iniciais da Metalexigrafia em vários países da Europa, assinalando os autores que contribuíram para seu desenvolvimento, como por exemplo, Quemada, Matoré, Jean e Claude Dubois e Rey-Debove.

<sup>28</sup> Cf. original: “[...] estudia la historia de los diccionarios, su estructura su tipología, su finalidad, su relación con otras disciplinas (lexicología, sociolingüística, semántica, estadística e informática), así como la metodología de su elaboración, y se dedica a la crítica de diccionarios” (Haensch; Omenaca, 2004, p. 34).

### 1.3.1 O Dicionário: composição e finalidades

O dicionário é o principal produto do trabalho lexicográfico. Ele descreve o vocabulário de uma língua, “buscando registrar e definir os signos lexicais, que referem os conceitos elaborados e cristalizados de uma cultura” (BIDERMAN, 1998a, p. 15). É, portanto, um objeto cultural e possui funções informativas e normativas para a sociedade a que serve.

Mas qual a finalidade principal de um dicionário? Hüllen (1999) entende que o propósito mais óbvio do dicionário é “explicar para os usuários comuns o que é desconhecido em um determinado idioma ou em vários idiomas e, caso contrário permanecerá ininteligível para eles”(tradução nossa)<sup>29</sup>. Aquilo que não é familiar pode ser oriundo de uma língua estrangeira ou de uma área da língua nativa não conhecida pelo leitor comum, portanto, o dicionário visa a ajudar o usuário no desempenho da linguagem à medida que fornece conhecimento linguístico a respeito de uma língua.

Segundo Porto Dapena (2002, p. 104), a elaboração de um dicionário compreende duas etapas bem diferenciadas: primeiramente, a constituição do conjunto de materiais que servirão de base para o dicionário, o *corpus*, e, em seguida, a redação ou elaboração do dicionário.

Em relação ao *corpus* do dicionário, o autor pondera que devem ser determinadas as fontes que serão utilizadas para sua formação, ou seja: “tudo aquilo capaz de proporcionar os dados ou materiais necessários para a constituição do *corpus* ou arquivo lexicográfico”(TN)<sup>30</sup>. Essas fontes devem ser de duas categorias distintas: fontes *linguísticas*, que são as fontes primárias, da realização concreta da língua, e fontes *metalinguísticas*, secundárias, que, de alguma maneira, se ocupam do léxico a ser estudado.

Sendo a maioria dos dicionários de cunho normativo, as fontes primárias geralmente são advindas de materiais escritos, pois a língua escrita possui maior

---

<sup>29</sup> Cf. original: “[...] explain what in one or several given language(s) is unfamiliar to common users and would otherwise remain unintelligible to them” (HÜLLEN, 1999, p. 5).

<sup>30</sup> Cf. original: “todo aquello capaz de proporcionar los datos o materiales necesarios para la constitución del corpus o fichero lexicográfico” (PORTO DAPENA, 2002, p. 105).

prestígio na sociedade. Entretanto, dicionários mais recentes que tratam de regionalismos, termos vernáculos, dicionários de usos da língua, têm utilizado como fontes *corpus* de língua falada. Estes dicionários têm caráter muito mais descritivo do que normativo (PORTO DAPENA, 2002, p. 105-106). O *Dicionário de usos do Português do Brasil*, organizado por Borba (2002), por exemplo, é uma obra que pretende: “[...] estimular a pesquisa vocabular e a reflexão sobre o próprio uso da língua” (BORBA, 2002, p. vi), utilizando um extenso *corpus* de materiais escritos, oriundos de literaturas diversas, inclusive jornalística. Entretanto, não utiliza *corpus* de língua falada.

Tratando-se de dicionários de línguas minoritárias, a busca do *corpus* pode se tornar mais limitada, e mais difícil, pela falta ou escassez de material escrito na língua; línguas com grande tradição oral privilegiarão a formação de um *corpus* de língua falada, tanto para a análise linguística, como para o trabalho lexicográfico, no registro do seu léxico. Em nossa pesquisa lexicográfica sobre a língua Kaiwá, também utilizamos um *corpus* de língua falada, por se tratar de língua indígena sem tradição escrita mas com forte tradição oral, da mesma forma que Silva (2003), que trabalhou com um *corpus* de língua falada, da língua indígena Parakanã.

Não se deve esquecer, porém, que o *corpus* constitui uma amostra da língua, e não a sua totalidade, como esclarece Dubois ([1973] 2006, p. 158-159):

O próprio *corpus* não pode ser considerado como constituindo a língua (ele reflete o caráter da situação artificial na qual foi organizado e registrado), mas somente como uma amostra da língua. O *corpus* deve ser representativo, i.e., deve ilustrar toda a gama das características estruturais.

Contemporaneamente, há nas livrarias e bibliotecas uma grande variedade de dicionários, cada um com finalidade distinta de atender às necessidades de um público específico. Com vistas a compreendermos melhor essa multiplicidade de obras de cunho lexicográfico, a seguir focalizamos os tipos de dicionários e suas especificações.

### 1.3.2 Tipologia dos Dicionários

A classificação das obras lexicográficas é uma tarefa difícil, que apresenta vários problemas, tanto teóricos quanto práticos. Entre vários autores que apresentam tipologias de obras lexicográficas, encontramos uma descrição bem abrangente realizada por Haensch (1982). Silva (2007, p. 284-5) ao avaliar o trabalho de Haensch, pondera: “a nosso ver, colocou bem as questões sobre como estabelecer critérios para uma tipologia coerente e que consiga abarcar grande parte dos tipos de obras que conhecemos”.

Embora Haensch (1982) apresente uma tipologia alicerçada no ponto de vista da linguística teórica, considera os critérios práticos os mais indicados para classificar os dicionários. A seguir, apresentamos resumidamente os critérios práticos adotados pelo autor (HAENSCH, 1982, p. 126-187), ao classificar o dicionário segundo:

- o formato e extensão da obra lexicográfica
- o caráter da obra: linguístico, enciclopédico ou misto
- o sistema linguístico em que se baseia
- o número de línguas
- a seleção do léxico: vocabulário geral ou parcial, codificação exhaustiva ou seletiva, critérios cronológicos, caráter descritivo ou prescritivo
- a ordenação dos materiais (alfabético ou ideológico)
- as finalidades específicas dos dicionários
- o dicionário tradicional ou eletrônico.

Todos esses critérios influenciam as decisões quanto ao tipo de obra lexicográfica a ser produzido e devem ser levados em conta no planejamento de um dicionário.

Em se tratando do formato e da extensão e formato da obra, podem ser distinguidas obras de diferentes dimensões, desde tesouros de língua até dicionários de bolso. Quanto ao caráter linguístico ou enciclopédico, o primeiro define o dicionário de língua, cujo objetivo é explicar signos linguísticos mediante uma metalinguagem, enquanto o segundo explica coisas e desenvolve temas (HAENSCH, 1982, p. 128-129).

O sistema linguístico como critério tipológico distingue as obras em que a descrição semântica do vocabulário se baseia no sistema individual de um autor ou equipe de autores e daquelas em que a descrição se origina de um *corpus* utilizado para a produção da obra. (HAENSCH, 1982, p. 133).

Em relação ao número de línguas, os dicionários são divididos em monolíngues, bilíngues e multilíngues. Em sua exposição, Haensch não aborda o fato de os dicionários bilíngues possuírem uma tipologia própria, que pode classificá-los em relação à sua função como auxílio à recepção ou produção de textos (GARCÍA, 2006, p. 39). Trataremos desse assunto mais tarde.

Já no que diz respeito à porção do léxico registrado, os dicionários são classificados em gerais ou parciais, sabendo-se que mesmo o dicionário geral, por mais volumoso que seja, nunca abrigará o vocabulário total de uma língua (HAENSCH, 1982, p. 137). Os dicionários parciais são aqueles que compreendem vocabulários de uma área geográfica limitada, grupo social ou profissão específica, ou de uma época delimitada, embora sejam, muitas vezes, destinados ao público geral, por exemplo, para ajudar na compreensão de termos técnicos ou regionais. Dentre esses, encaixam-se também os dicionários históricos e etimológicos, que possuem diferenciação cronológica e, com a finalidade de completar os dicionários gerais, os dicionários e glossários que abordam as neologias da língua (HAENSCH, 1982, p. 161-163).

Embora não destacados por Haensch (1982), no critério relacionado à seleção do léxico, não podemos deixar de considerar os dicionários baseados em grandes *corpora* formados, geralmente, por textos de diferentes gêneros textuais, digitalizados, que servem como base, não somente para trabalhos lexicográficos, mas também para variados estudos linguísticos. No Brasil, destaca-se o *Dicionário UNESP do Português Contemporâneo* (BORBA, 2004), baseado num *corpus* de 90 milhões de ocorrências de palavras.

Os dicionários em geral, embora possam ter objetivo de descrição da língua, acabam assumindo o caráter prescritivo, pelo simples fato de configurar-se como um documento escrito da língua. Entre as obras descritivas, figuram os dicionários de usos, e também os dicionários e glossários de línguas indígenas.

Em relação à ordenação dos materiais, os dicionários se classificam em semasiológicos e onomasiológicos. Mesmo sendo os mais comuns os semasiológicos, que se definem por sua ordenação alfabética, os onomasiológicos podem também possuir certa ordenação alfabética de materiais, porém, em razão da sua especificidade em relação ao conteúdo, mais frequentemente fazem o agrupamento do vocabulário segundo o assunto tratado e trazem ordenação alfabética do material no final da obra, com a finalidade de facilitar a busca pelo consulente.

Além dessas classificações tipológicas, ainda pode-se classificar os dicionários de acordo com suas finalidades específicas, como, por exemplo: dicionários definitórios, de equivalentes (plurilíngues), dicionários de uso e dicionários de aprendizagem (monolíngues e bilíngues), terminológicos, de sinônimos e antônimos etc.

Já em relação à aprendizagem de uma língua estrangeira, o uso de dicionários bilíngues tem sido considerado de maior aproveitamento para o aprendiz do que o monolíngue na língua estrangeira, principalmente nas fases iniciais de aprendizagem. Uma pesquisa realizada por Oskarsson (1975 apud SCHMITZ, 1998) confirma que alunos que utilizaram dicionários bilíngues tiveram um desempenho melhor do que aqueles que utilizaram dicionários monolíngues (SCHMITZ, 1998, p. 159).

O dicionário semibilíngue, por sua vez, utiliza orações-modelo nos verbetes, para ajudar o leitor a apurar adequadamente o significado do verbete na língua estrangeira e seu equivalente apropriado na língua materna. Desta forma, ao invés de apresentar alternativas de tradução descontextualizadas para cada verbete, como faz o dicionário bilíngue tradicional, este ajuda a entender os verbetes em seu contexto de uso. (SCHMITZ, 1998).

E, finalmente, segundo os critérios de Haensch (1982), os dicionários podem ser classificados de acordo com seu modo de apresentação, em tradicionais (impressos em papel) e eletrônicos. Os dicionários eletrônicos, vendidos em formato DVD ou CD, e mais recentemente aqueles disponíveis em linha, gratuitamente ou não, têm sido os preferidos por muitos leitores em virtude da facilidade de acesso. Uma vantagem do formato eletrônico é a capacidade quase ilimitada em termos de dimensão da nomenclatura, ao contrário dos dicionários impressos que tentam colocar o máximo de

informação em pouco espaço para não tornar a obra volumosa e dispendiosa. Os dicionários eletrônicos não possuem essa limitação, podendo incluir toda informação num formato muito mais acessível e claro para o leitor, sem necessitar do uso de muitas abreviações e siglas.

Dentre os dicionários classificados como On-line, de acesso gratuito, destacamos o *Wikcionário*<sup>31</sup> e o *Dicionário inFormal*<sup>32</sup>, que se configuram como projetos colaborativos. O Wikcionário permite que o usuário, depois de um devido cadastramento, faça alterações no conteúdo das definições, enquanto o Dicionário Informal permite que o usuário crie suas próprias definições, que são adicionadas às existentes. São chamados de dicionários livres e, portanto, não garantem rigor lexicográfico.

### 1.3.3 Caracterização do dicionário bilíngue

Diferentemente do dicionário monolíngue, que trata de apenas um sistema linguístico, o dicionário bilíngue é uma obra que relaciona o léxico de dois sistemas linguísticos diferentes, como definem Hartmann e James (1998):

Um tipo de DICIONÁRIO que relaciona os vocabulários de duas línguas por meio de EQUIVALENTES de tradução. [...] Ao providenciar equivalentes lexicais, o dicionário bilíngue auxilia aprendizes de língua e tradutores a ler ou criar textos numa língua estrangeira (TN)<sup>33</sup>.

Assim como Hartmann e James, Molina García (2006) enfatiza o valor pedagógico do dicionário bilíngue e propõe a seguinte definição para essa categoria de dicionário:

---

<sup>31</sup> [https://pt.wiktionary.org/wiki/Wikcion%C3%A1rio:P%C3%A1gina\\_principal](https://pt.wiktionary.org/wiki/Wikcion%C3%A1rio:P%C3%A1gina_principal)

<sup>32</sup> <http://www.dicionarioinformal.com.br/>

<sup>33</sup> Cf. original: “A type of DICTIONARY which relates the vocabularies of two languages together by means of translation EQUIVALENTS. [...] By providing lexical equivalents, the bilingual dictionary helps language learners and translators to read or create texts in a foreign language” (HARTMANN; JAMES, 1998, p. 14)”

[...] uma obra pedagógica que relaciona dois sistemas linguísticos distintos (e, portanto, duas culturas) oferecendo ao aprendiz propostas de equivalências de unidades léxicas para a realização de tarefas receptivas e produtivas (TN)<sup>34</sup>

Entretanto, nem todos os pesquisadores concordam com a utilização do dicionário bilíngue. Schmitz (1998), por exemplo, embora defenda sua utilização como recurso de aprendizagem de língua estrangeira<sup>35</sup>, cita uma das críticas frequentes a esse tipo de dicionário:

Um dicionário bilíngue procura a equivalência e não visa, em primeiro lugar, definir. Esta tenta traduzir com fidelidade e literalmente, mas deixa a decisão da escolha apropriada para o tradutor (BARNSTONE, 1993, p. 115 apud SCHMITZ, 1998, p. 163).

Molina García (2006), por seu turno, traz uma resposta para esse tipo de crítica, ao comparar dicionários bilíngues e demonstrar com exemplos de um dicionário bilíngue pedagógico, que trazem informações sobre colocações e contextos em que cada equivalente pode ser utilizado, que o dicionário bilíngue serve para orientar o leitor nas escolhas dos equivalentes.

Os dicionários bilíngues, assim como os monolíngues, são considerados obras pedagógicas, conforme ponderam Souto e Pascual (2003): “[...] em cada um deles há o anseio de contribuir para que os receptores adquiram a destreza para interpretar uma mensagem corretamente [...] ou para produzir novos textos” (TN)<sup>36</sup>. Dessa forma, podem servir tanto de auxílio a aprendizes de língua estrangeira, quanto para tradutores.

Spanghero (2005), ao analisar a tipologia de dicionários de línguas indígenas brasileiras, discute uma dimensão importante da tipologia de dicionários bilíngues. Segundo Zgusta (1971 apud SPANGHERO, 2005, p. 51), essa tipologia consiste: “i) na intenção do lexicógrafo em compilar o dicionário como uma ajuda na compreensão da língua fonte; ii) em descrever a língua fonte; iii) como uma ajuda para gerar textos na

<sup>34</sup> Cf. original: “[...] una obra pedagógica que relaciona dos sistemas lingüísticos distintos (y, por tanto, dos culturas) ofreciendo al aprendiz propuestas de equivalencias de unidades léxicas para la realización de tareas receptivas y productivas” (MOLINA GARCÍA, 2006, p. 38-39).

<sup>35</sup> Cf. p. 51.

<sup>36</sup> Cf. original: “[...] en cada uno de ellos late el anhelo de contribuir a que los receptores adquieran La destreza para interpretar un mensaje correctamente [...] o para producir nuevos textos” (SOUTO; PASCUAL, 2003, p. 74).

língua alvo”. A autora verificou que, na maioria dos casos, é justamente com o objetivo de descrever a língua fonte que são produzidos os dicionários bilíngues indígenas (tipo ii) e não com a intenção de fornecer um instrumento de ajuda para que o leitor possa compreender a língua fonte (tipo i).

A maioria dos dicionários de língua – monolíngue e de ordenação semasiológica – possui uma estrutura relativamente semelhante aos dicionários bilíngues, embora existam diferenças, principalmente em relação à composição da microestrutura. Em nosso trabalho, procedemos à estruturação de um dicionário bilíngue de língua indígena que, não somente objetiva fazer uma descrição da língua, mas que seja útil na compreensão do Kaiwá pelo usuário. A seguir, apresentamos a configuração geral do dicionário, primeiramente a macroestrutura, em que se define a nomenclatura, ou seja, a seleção das entradas e sua ordenação e, em seguida, a microestrutura, que diz respeito à composição do verbete.

### **1.3.3.1 Macroestrutura**

A macroestrutura em um dicionário de língua é definida como “o conjunto de entradas de acordo com uma leitura vertical” (REY-DEBOVE, 1971, apud BUGUEÑO MIRANDA, 2007, p. 261).

Haensch (1982, p. 452), por seu turno, apesar de considerar a ordenação do material léxico o elemento mais importante da macroestrutura do dicionário, associa na macroestrutura ainda as partes introdutórias e os possíveis anexos e suplementos. O autor concebe, portanto, a macroestrutura como todo o conteúdo do dicionário.

Essa visão não é universalmente aceita. Iriarte Sanromán (2000, p. 15), por exemplo, entende macroestrutura como Rey-Debove (1971) e, diferentemente de Haensch (1982), utiliza o termo hiperestrutura para o conteúdo global do dicionário. Porto Dapena (2002), também parece seguir a concepção de Rey-Debove (1971), pois, ao descrever os dois eixos fundamentais de todo dicionário, macro- e microestrutura –

esclarece que a macroestrutura é constituída “por todas as suas entradas dispostas de acordo com um determinado critério ordenador” (TN)<sup>37</sup>.

Adotamos a posição de Haensch (1982) quanto à abrangência da macroestrutura, e focamos, primeiramente, dois aspectos importantes para a macroestrutura do dicionário: a) a escolha das entradas, e b) o critério de ordenação das entradas.

Ao focalizar a questão da seleção das entradas de um dicionário, Haensch (1982, p. 396) propõe quatro critérios determinantes: sua finalidade, os usuários, a extensão e os métodos de seleção das unidades léxicas.

Bugueño Miranda (2007, p. 263), por sua vez, concorda que os dicionários dificilmente englobarão todo o léxico de uma língua e por isso devem ser “concebidos com objetivos e público-alvo específicos”. Embora não seja tão simples traçar o perfil do usuário do dicionário, certamente qualquer usuário deseja percorrer o menor caminho possível para encontrar as informações buscadas no dicionário. O autor acredita ser evidente que devem ser levadas em conta as necessidades do usuário para efeitos macroestruturais e o que tipo de informações que ele espera encontrar naquela obra.

O método de seleção de entradas, entre os critérios enumerados por Haensch (1982, p. 401), segue alguns princípios linguísticos: a frequência de uso da unidade léxica, sua disponibilidade, a diferenciação frente a um sistema de referência e sua importância dentro do conjunto do vocabulário. A frequência de uso de um item pode ser percebida a partir de análises estatísticas com base em um *corpus*. Nesse contexto, todavia, um item de baixa frequência pode ainda ser considerado de importância dentro do sistema, o que demonstra que todos esses princípios devem ser considerados na seleção das unidades léxicas.

Ainda em relação à seleção das entradas, há a necessidade de se definir que tipo de unidade léxica pode figurar como entrada no dicionário, se apenas palavras lexicais, ou também as gramaticais, os morfemas, as locuções, e ainda prefixos e sufixos. Werner (1982), ao tratar do tipo de unidade básica de descrição lexicográfica, faz a distinção

---

<sup>37</sup> Cf. original: “[...] por todas sus entradas dispuestas de acuerdo con un determinado criterio ordenador” (PORTO DAPENA, 2002, p. 136).

entre monema e palavra. Segundo o autor, muitos dicionários utilizam os monemas, unidades mínimas de significado. Entretanto, a maioria dos dicionários utilizam palavras, ou seja, unidades livres: “Para o lexicógrafo, a palavra é antes de tudo uma unidade gráfica no âmbito da convenção ortográfica”(TN)<sup>38</sup>. Desta forma, um *lema* acaba por representar diversas outras formas de palavra dentro do sistema linguístico.

O dicionário geralmente é elaborado para uso de consulentes ‘leigos’, pessoas de idades diversas, com níveis de conhecimento e educação variados. Esses usuários possuem, segundo Werner (1982), a palavra como unidade linguística arraigada em sua consciência. Unidades como ‘monema’, ‘morfema’ e ‘lexema’ são resultados de abstração científica que não aparecem de modo explícito, nem no manejo profissional da língua, por exemplo, por tradutores, intérpretes, na criação literária (WERNER, 1982, p. 225).

Portanto, ao considerar os diversos usuários do dicionário, Werner (1982) defende a utilização da ‘palavra’ e não do ‘monema’ como unidade lexicográfica. Entretanto, esse critério também possui problemas, como argumenta o autor:

Um dicionário que somente tome palavras como lemas e não inclua monemas teria que registrar separadamente muitos resultados potenciais da formação de palavras, a não ser que o limite entre léxico e gramática se defina de tal maneira que o tratamento dos afixos usados para a formação de palavras sejam considerados como tarefa da gramática. (TN)<sup>39</sup>.

Na busca pela definição da macroestrutura do dicionário, além da necessidade de ser considerada a inclusão ou não de morfemas<sup>40</sup>, é preciso ainda a decisão de como tratar as locuções e unidades fraseológicas, nomes próprios, palavras consideradas em desuso, neologismos e palavras de linguagens específicas (técnicas, regionalismos ou jargões) (CASTILLO CARBALLO, 2003, p. 88-99).

---

<sup>38</sup> Cf. original: “Para el lexicógrafo la palabra es ante todo una unidad gráfica en el marco de la convención ortográfica” (HAUSMANN, apud WERNER, 1982, p. 222).

<sup>39</sup> “Un diccionario que sólo tomara palabras como lemas y no incluyera monemas tendría que registrar aparte muchos resultados potenciales de la formación de palabras, a no ser que el límite entre léxico e gramática se defina de tal manera que el tratamiento de los afixos que se usan para la formación de palabras se considere como tarea de la gramática” (WERNER, 1982, p. 229).

<sup>40</sup> Veja discussão sobre as unidades lexicais no item 1.2.1.

O segundo aspecto a ser considerado na macroestrutura do dicionário é o critério de ordenação das entradas. A ordenação semasiológica, alfabética, é a mais comum, e parte das palavras para chegar às ideias e é considerado mais útil na decodificação da mensagem. Já a ordenação onomasiológica ajuda o usuário a encontrar as palavras procuradas partindo das ideias que deseja expressar (CASTILLO CARBALLO, 2003, p. 85).

Enquanto a nomenclatura compõe o que Haensch (1982, p. 459) denomina de *corpo* do dicionário, e é sua parte principal, as outras partes que compõem a macroestrutura, têm o intuito de esclarecer o leitor sobre características do dicionário, e/ou da língua descrita. São chamados de *textos externos*<sup>41</sup> e compreendem tudo aquilo que não faz parte do *corpo* do dicionário, e podem incluir: prefácio, introdução, lista de abreviaturas usadas no dicionário, informações sobre a pronúncia, resumo da gramática, lista de siglas e/ou abreviaturas, lista de verbos irregulares, lista de nomes próprios, lista de provérbios, bibliografia, fontes, às vezes, certas curiosidades (WELKER, 2004, p. 78-79).

Já Atkins & Rundell (2008) ponderam que, em termos de textos externos, divididos pelos autores dividem em *front matter* e *back matter*, cada dicionário traz um conteúdo diferenciado. O *front matter* geralmente traz o prefácio, explicações gerais, abreviaturas e códigos utilizados no texto. O *back matter* pode conter tabelas, listas de verbos e sua conjugação, por exemplo. Em dicionários pedagógicos, bilíngues ou não, pode haver também o chamado *middle matter*, com explicações gramaticais para auxiliar o leitor a entender o funcionamento da língua.

Enquanto a macroestrutura se relaciona com a seleção do conjunto de entradas do dicionário, a microestrutura se refere ao conteúdo de cada verbete, ou seja, as partes que a compõem.

---

<sup>41</sup> Em alemão, *Außentexte* (HAUSMANN; WIEGAND, 1989, p. 330 apud WELKER, 2004, p.79).

### 1.3.3.2 Microestrutura

A microestrutura consiste na estrutura de cada *verbeta*, “a unidade mínima autônoma em que se organiza o dicionário” (GARRIGA ESCRIBANO, 2003, p. 105). Wiegand (1989a, apud FARIAS, 2011) estabelece uma distinção entre microestrutura concreta e microestrutura abstrata. Enquanto “a microestrutura abstrata configura um conjunto predeterminado de tipos de informações passíveis de estarem presentes nos verbetes” (FARIAS, 2011, p. 2), a microestrutura concreta consiste na realização de todas as informações no interior dos verbetes, e segue a configuração da microestrutura abstrata, que deve ser minuciosamente planejada para cada categoria morfológica a ser registrada no dicionário, a fim de resultar numa ordenação coerente de informações da microestrutura concreta.

A microestrutura do dicionário, conforme Seco (2003), pode ser dividida em duas partes principais: primeiro e segundo enunciado. O primeiro enunciado trata das informações sobre a palavra entrada enquanto signo, sua forma e pode trazer a etimologia, a categoria gramatical e outras informações como época de utilização da palavra, limites geográficos, campo do saber, níveis de uso, colocações particulares, explicações de transições semânticas etc. O segundo enunciado, por sua vez, trata do conteúdo da entrada, ou seja, a definição em dicionários monolíngues e a tradução ou equivalente em dicionários bilíngues, podendo conter ainda exemplos ilustrativos, os quais podem ser criados pelo(s) autor(es) da obra, ou retirados de um *corpus* específico<sup>42</sup>.

Desta forma, em relação ao dicionário bilíngue aqui produzido, foi definida uma microestrutura com as seguintes informações: i) entrada ou lema; ii) informações gramaticais; iii) glosa utilizando equivalente ou definição; iv) exemplo(s); v) variantes; vi) relações lexicais e vii) notas gramaticais e enciclopédicas.

---

<sup>42</sup> Veja discussão no item 1.3.3.2.4.

### 1.3.3.2.1 A entrada

Cada verbete é iniciado com uma *entrada* ou *lema*, a “forma ‘básica’ ou ‘canônica’ do lexema: o infinitivo dos verbos, o singular masculino<sup>43</sup> dos substantivos e dos adjetivos [...] para ajudar consulentes cuja língua materna não é a do dicionário, ou mesmo falantes nativos pouco competentes na sua própria língua, seria importante que o dicionário desse como lema também formas flexionadas bem diferentes da forma básica, ou seja opacas” (WELKER, 2004, p. 91). Além dessas formas flexionadas opacas, defende-se que, em se tratando de línguas aglutinantes, sejam também arrolados morfemas como entradas do dicionário (CRYSTAL, 1973)<sup>44</sup>.

### 1.3.3.2.2 Indicações de pronúncia, ortografia e informações gramaticais

A partir da entrada de cada verbete, a primeira informação geralmente fornecida na sequência, nos dicionários bilíngues<sup>45</sup>, é a pronúncia da palavra, utilizando-se, para tanto, a transcrição fonética com base no Alfabeto Fonético Internacional, ou outros símbolos convencionados nas informações introdutórias do dicionário, podendo ainda incluir divisão silábica e acentuação tônica.

Informações sobre ortografia podem aparecer nos verbetes, para que o usuário conheça a forma correta da escrita de uma palavra, principalmente em línguas flexivas, quando há mudanças gráficas em relação à palavra lematizada e, ainda, para fazer distinção com palavras parecidas (parônimas) (GARRIGA ESCRIBANO, 2003, p. 113).

Se, de um lado, pronúncia e ortografia, informações desejáveis em um dicionário bilíngüe, não se configuram como itens obrigatórios, por outro, é imprescindível o

---

<sup>43</sup> Norma para línguas flexivas, como o português. Na língua Kaiwá não existe flexão de gênero e número em substantivos e adjetivos.

<sup>44</sup> Veja discussão do item 1.2.1.

<sup>45</sup> Garriga Escribano (2003, p. 111) esclarece que a informação sobre a pronúncia das palavras, mais habitual em dicionários bilíngues, pode também ser encontrada em dicionários monolíngües, principalmente naqueles direcionados a usuários estrangeiros.

registro de informações gramaticais acerca da palavra no dicionário bilíngue, para auxiliar o usuário em termos de informações linguísticas.

Atkins e Rundell (2008, p. 330) apontam três tipos de informações gramaticais que devem figurar no dicionário: a classe da palavra entrada, informações gramaticais adicionais e detalhes sobre construção sintática que devem ser sustentados por frases do *corpus*. Os mesmos autores esclarecem que a quantidade de informações gramaticais acerca de cada lema dependerá do tipo de dicionário e do seu público-alvo (ATKINS; RUNDELL, 2008, p. 399).

### 1.3.3.2.3 Definição e/ou equivalência

Entre as grandes questões enfrentadas pelo lexicógrafo, como aquelas que se relacionam com as decisões sobre a nomenclatura da obra, estão as informações que compõem os verbetes. Entre elas, considera-se a informação mais relevante do verbete a referência ao conteúdo da entrada, pois o principal objeto de consulta dos usuários consiste na definição (GUERRA, 2003, p. 129).

O dicionário Houaiss (2009), na acepção ‘2.1’ do verbete *definição*, situando-a no domínio da Lexicografia, apresenta a seguinte acepção:

Enunciado que parafraseia a acepção de uma palavra ou locução pela indicação de suas características genéricas e específicas, de sua finalidade, pela sua inclusão num determinado campo do conhecimento etc.

A publicação *Com direito à palavra: dicionários em sala de aula*, da Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação (RANGEL, 2012, p. 106-108), apresenta, em seu glossário, vários tipos de definições que podem ser utilizadas em obras lexicográficas, delineados resumidamente a seguir:

- definição analítica (ou aristotélica): utiliza um hiperônimo da palavra e apresenta suas diferenças específicas. É a mais comum nos dicionários;

- definição linguística: explica o sentido da entrada por meio de informações sobre seu conteúdo semântico, usos e interpretações;
- definição enciclopédica: explica o sentido da palavra por meio de informações acerca de seu referente;
- definição oracional: formulada sob a forma de oração em que a entrada faz parte do enunciado definitório;
- definição instanciativa (tipo de definição oracional): utiliza verbos na primeira pessoa do plural e pronomes *você/a gente*;
- definição ostensiva (ou extensional): enumera os objetos que compõem a entrada (entre parênteses);
- definição sinonímica (pseudodefinição): utiliza séries de palavras da mesma classe gramatical, supostamente sinônimas da entrada, sem enunciado definitório.
- Definição circular: uma entrada é definida por um sinônimo e vice-versa.

Medina Guerra (2003, p. 131) esclarece que a definição é a expressão que descreve um sentido da entrada. Em nota de rodapé, a autora alerta que não se deve esquecer que a definição é um elemento do dicionário semasiológico monolíngue, pois

[...] nos dicionário bilíngües as equivalências não vêm dadas normalmente por definições, a menos que a entrada careça de tradução léxica, isto é, que não existe um termo equivalente na língua de chegada (TN)<sup>46</sup>.

Nesse sentido, a autora remete o leitor a autores como Werner e Haensch (1982). Este último, ao fazer a distinção entre a microestrutura de um dicionário monolíngue e bilíngue, mostra que, enquanto o primeiro – monolíngue – traz “Definição (e outras explicações) sobre o significado e as diferentes acepções (tradução nossa)<sup>47</sup>”, o último –

<sup>46</sup> Cf. original: “[...] en los diccionarios bilíngües las equivalências no vienen dadas normalmente por definiciones, a menos que la entrada carezca de traducción léxica, este es, que no exista un término equivalente en la lengua de llegada” (PORTO DAPENA, 2002, p. 268 apud MEDINA GUERRA, 2003, p. 131).

<sup>47</sup> Cf. original: “Definición (y otras explicaciones) sobre el significado y las diferentes acepciones” (HAENSCH, 1982, p. 135).

bilíngue – traz: “Equivalente na língua de destino das diferentes acepções da palavra chave”(TN)<sup>48</sup>.

Equivalência é um tópico problemático na lexicografia bilíngue e, portanto, bastante discutido. Hartmann e James (1998) trazem a seguinte definição de equivalente:

Uma palavra ou frase que corresponde em SENTIDO a uma palavra ou frase em outra língua. [...] Devido ao anisomorfismo linguístico e cultural, equivalentes de tradução são tipicamente parciais, aproximadas, não-literais e assimétricas (ao invés de completas, diretas, palavra-por-palavra e bidirecionais) (TN)<sup>49</sup>.

Molina García (2006), por sua vez, esclarece que *correspondência* seria um termo mais adequado do que equivalência, que continua a ser utilizado por ser o mais difundido entre tradutores:

Um equivalente que possa realmente ser chamado como tal será, pois, um elemento da língua meta que mostre uma correspondência semântica-funcional com um elemento da língua de origem e se adeque ao contexto correspondente de una forma exata (TN)<sup>50</sup>.

Baldinger (1985, p.139 apud WELKER, 2004, p. 194) distingue dois tipos de equivalência: por sinonímia e por definição. Dessa forma, o dicionário monolíngue geralmente apresenta definições, enquanto o bilíngue oferece sinônimos na outra língua. A dificuldade em encontrar os sinônimos em outra língua se acentua quanto maior for o anisomorfismo linguístico e cultural, ou seja, quanto maior a distância entre as línguas e culturas descritas no dicionário bilíngue, maior a dificuldade para se encontrar equivalentes nas duas línguas. Nesse particular, Souto e Pascual (2003) alertam:

---

<sup>48</sup> Cf. original: “Equivalente en la lengua de destino de las diferentes acepciones de la palabra clave” (HAENSCH, 1982, p. 135).

<sup>49</sup> Cf. original: “A word or a phrase which corresponds in MEANING to a word or phrase in another language. [...] Because of linguistic and cultural anisomorphism, translation equivalents are typically partial, approximative, non-literal and asymmetrical (rather than full, direct, word-for-word and bidirectional)” (HARTMANN; JAMES, 1998, p. 51).

<sup>50</sup> Cf. original: “Un equivalente que pueda realmente ser llamado como tal será, pues, un elemento de la lengua meta que muestre una correspondencia semántica-funcional con un elemento de la lengua origen y se adecue al contexto correspondiente de una forma exacta” (MOLINA GARCÍA, 2006, p. 69).

Os redatores de um dicionário bilingue deverão possuir um conhecimento cabal das duas línguas analisadas (e das culturas nas quais vivem), já que terão de oferecer os equivalentes de cada palavra da língua de partida na língua alvo; o ideal é dispor de uma equipe de lexicógrafos com um amplo domínio dos dois idiomas. (TN)<sup>51</sup>

Embora o dicionário bilingue trate geralmente de palavras isoladas de seu contexto, a busca de equivalentes traz mais um desafio: o significado de um enunciado não pode ser visto somente a partir da soma de significados individuais dos significantes linguísticos, mas deve-se levar em conta também a situação de comunicação, como pondera Werner (1982):

[...] para captar o conteúdo de uma mensagem linguística, além da função denominadora dos significantes linguísticos e das regras sobre sua ordem e combinação, deve-se levar em conta também a situação de comunicação (TN)<sup>52</sup>.

Isso parece, a princípio, quase impossível de ser realizado. Entretanto, com a obtenção de um *corpus* amplo, é possível verificar os usos de cada palavra, seus contextos, que ajudarão na escolha dos equivalentes e na seleção das acepções e consequente redação da definição, utilizando também, como veremos a seguir, exemplos que demonstram a utilização das palavras em construções concretas.

E quando uma palavra possui mais de um significado? As palavras polissêmicas<sup>53</sup> figurarão no dicionário bilingue, assim como no monolíngue, com diferentes *acepções*, ou seja, “[...] cada um dos sentidos realizados de um significado, aceito e reconhecido pelo uso, que no dicionário aparece verbalizado por meio da definição lexicográfica (TN)<sup>54</sup>”. As acepções geralmente aparecem numeradas e

---

<sup>51</sup> Cf. original: “Los redactores de un diccionario bilingüe habrán de poseer un conocimiento cabal de las dos lenguas analizadas (y de las culturas en las que viven), ya que han de ofrecer los equivalentes de cada voz de la lengua de partida en la lengua meta; lo ideal es disponer de un equipo de lexicógrafos con un amplio dominio de los dos idiomas” (SOUTO; PASCUAL, 2003, p. 62).

<sup>52</sup> Cf. original: “[...] para captar el contenido de un mensaje lingüístico, además de la función denominadora de los significantes lingüísticos y de las reglas sobre su orden y combinación, debe tener-se en cuenta también la situación de comunicación” (WERNER, 1982, p. 43).

<sup>53</sup> Veja discussão sobre polissemia no item 1.2.1.1.2.

<sup>54</sup> Cf. original: “[...] cada uno de los sentidos realizados de un significado, aceptado y reconocido por el uso, que en el diccionario aparece verbalizado por medio de la definición lexicográfica” (HUMBERTO HERNÁNDEZ, 1991, p. 133 apud GARRIGA ESCRIBANO, 2003, p. 107).

funcionam de forma autônoma, podendo possuir marcas próprias de uso, assim como sinônimos e/ou antônimos (GARRIGA ESCRIBANO, 2003, p. 107).

#### 1.3.3.2.4 Exemplo ou abonação

-

No interior do verbete, o exemplo constitui uma “frase ou trecho de frase que serve para exemplificar uma acepção ou uma construção sintática dos dicionários” (BORBA, 2004, p.6). A abonação é considerada uma “frase ou trecho de frase encontrada em um texto autêntico” (WELKER, 2004, p. 150).

Pontes (2012, p. 94), por seu turno, esclarece que exemplos são “enunciados que se acrescentam à definição para comprovar, ilustrar ou abordar uma palavra-entrada”. Portanto, percebemos que o exemplo possui a finalidade específica de dar ao verbete sua realização concreta. Segundo Welker (2004), há várias finalidades dos exemplos e abonações; sendo cinco as de maior evidência:

- a) comprovar que o lexema ocorre de fato na respectiva acepção;
- b) mostrar que os bons autores usaram o lexema;
- c) mostrar o lexema num contexto “estilisticamente belo” ou incomum;
- d) mostrar como o lexema é usado no discurso real e ajudar, desse modo, na produção de textos;
- e) auxiliar na compreensão do lexema consultado (WELKER, 2004, p. 151-152).

Em relação à origem dos exemplos, eles podem ser autênticos (selecionados a partir de *corpora*), fabricados (criados pelo lexicógrafo) ou adaptados (extraídos de *corpora*, mas adaptados pelo lexicógrafo). Em termos de estrutura textual, os exemplos podem ser formados por enunciados completos ou por fragmentos de orações (PONTES, 2002, p. 94-95). Contemporaneamente, com o crescimento de formação de *corpora* de textos digitalizados, a utilização desse material tem sido recomendada para a seleção das abonações de obras lexicográficas.

E qual a utilidade dos exemplos? Será que são realmente necessários? Não concordamos com Humblé (2001 apud WELKER 2004, p. 157), quanto à tese de que nenhum tipo de exemplo é necessário em dicionários bilíngues, pois o leitor pode dirimir suas dúvidas quanto ao significado de uma palavra pelo contexto em que se

encontra; por esse motivo, segundo Welker (2004, p. 157), muitos dicionários bilíngues não possuem exemplos. Nesse sentido, o mesmo autor pondera que os exemplos poderiam ser muito úteis para a produção de textos, pois auxiliariam no emprego correto do lexema (WELKER, 2004, p. 159).

Para Garriga Escribano (2003, p. 119), o exemplo constitui parte essencial da microestrutura do dicionário. O autor, ao citar o dicionário espanhol de *Autoridades*, lamenta a eliminação de uma de suas características mais importantes (os exemplos de autores clássicos) para que a obra pudesse ser publicada em apenas um volume.

Pontes (2012, p. 94), por sua vez, defende que “o exemplo de uso deveria ser o ponto de partida da definição e não simplesmente a prova de sua validade, mas uma parte integrante do verbete.” O exemplo não deve ser apenas um acréscimo sem valor à definição, pois tem a função de auxiliar o consulente no entendimento da definição, ou seja, o uso da palavra que está sendo definida, e por isso, no dicionário, produto desta pesquisa, todos os verbetes são dotados de exemplos para cada uma das suas acepções.

#### **1.3.3.2.5 Pós-comentário: variantes, relações lexicais e notas**

As informações adicionais fazem parte do que Farias (2011), com base no modelo de Wiegand (1989), chama de *pós-comentário*. São “informações extraordinárias, que não estão previstas nos comentários fundamentais” (FARIAS, 2011, p. 131), incluídas para esclarecer algum fato gramatical (notas gramaticais) ou enciclopédico (notas enciclopédicas) sobre o referente nomeado. Alguns dicionários trazem essas informações separadas dos comentários fundamentais do verbete por meio de sinais gráficos, para facilitar a visualização por parte do consulente.

O pós-comentário pode conter informações sobre variantes fonológicas da entrada, e ainda acerca de relações semânticas, como sinônimos e/ou antônimos. Outros detalhes considerados relevantes, como pronúncia, restrição de uso, informações pragmáticas podem configurar no pós-comentário. Farias (2011, p. 131), por exemplo, defende a inserção do pós-comentário com vistas a sua funcionalidade:

O pós-comentário converte-se em um segmento informativo funcional, na medida em que (a) oferece informações discretas e discriminantes e (b) articula-se com os segmentos microestruturais nucleares, colocando-se em relação de complementaridade frente a eles.

Apesar de ser uma estrutura opcional no verbete, percebemos que o pós-comentário pode ser uma peça auxiliar para o leitor no entendimento de palavras e/ou de conceitos específicos.

Em síntese deste capítulo, concluímos que, certamente, há muito que se considerar no trabalho lexicográfico. Os aspectos teóricos da Lexicografia vêm sendo descritos sob vários pontos de vista, por diversos autores. Refletimos sobre conceitos como língua, linguagem, palavra, léxico, lexicologia, lexicografia, dicionários e aprendemos um pouco da riqueza dessa tão complexa disciplina.

Entretanto, na pesquisa de uma língua indígena, nos deparamos também com o povo que a fala, que possui uma história da qual pouco conhecemos, crenças e costumes que ignoramos quase na sua totalidade. Portanto, antes de nos determos sobre as características da língua Kaiwá (Capítulo 3), no Capítulo 2 destacamos algumas particularidades do povo indígena que fala essa língua, como fatos geográficos, históricos, econômicos, sociais e religiosos a eles afetos.

## CAPÍTULO 2

### O POVO KAIWÁ

No Brasil, vivem atualmente mais de 238 povos indígenas de etnias diferentes (INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL, 2011). O IBGE ‘encontrou’ 305 línguas diferentes entre os 817 mil indígenas contados no censo de 2010. Entretanto, pesquisadores do Museu Paraense Emílio Goeldi afirmam que esse número é irreal, pois apenas 154 línguas indígenas ainda existem no Brasil, e quase um quarto desse número está em perigo de extinção (MORENO, 2013).

Não existe, por exemplo, um povo Tupi-Guarani, mas sim um grande grupo de povos que falam línguas pertencentes a essa família linguística que faz parte do tronco Tupi, assim como há outros troncos como o Karib e Jê, além de línguas isoladas, que se diferenciaram entre si no curso de sua história.

Outra discordância se relaciona à configuração do ‘povo Guarani’. O grupo Guarani, é, de fato, um conjunto de vários povos de origem comum, que possuem características específicas de ordem linguística, cultural e religiosa, que os distinguem entre si. O povo Kaiwá faz parte desse grupo, que inclui também o Guarani Nhandeva, Guarani Mbyá e Aché, como atestam Grünberg e Meliá (2008, p. 9):

Na atualidade continuam existindo na área deste mapa trinacional - Brasil, Paraguai, Argentina - quatro povos guarani, muito semelhantes nos aspectos fundamentais de sua cultura e organizações sócio-políticas, porém, diferentes no modo de falar a língua guarani, de praticar sua religião as diversas tecnologias que aplicam na relação com o meio ambiente. Tais diferenças, que podem ser consideradas pequenas do ponto de vista do observador, cumprem o papel de marcadores étnicos, distinguindo comunidades políticas exclusivas. Esses grupos reconhecem a origem e proximidade histórica, linguística e cultural e, ao mesmo tempo, diferenciam-se entre si como forma de manter suas organizações sociopolíticas e econômicas.

Infelizmente, a distinção entre os povos de origem comum, como no caso do Nhandeva e Kaiwá, continua despercebida pela maioria da população, por forte pressão política e midiática, como esclarece Cavalcante (2009, p. 21), sobre o tratamento atualmente dispensado aos indígenas dessas duas etnias:

Em Mato Grosso do Sul, por exemplo, é muito comum ouvir pessoas de vários meios sociais, incluindo a imprensa, acadêmicos e governos, referirem-se aos povos Guarani-Kaiowá, conotando a ideia de que os Guarani e os Kaiowá sejam um único grupo. No entanto, somente os Nhandeva é que se autodenominam como Guarani. Na realidade, o que se tem são dois grupos distintos (Nhandeva/Guarani e Kaiowá) que, frequentemente, a contragosto, são tratados como se fossem um único.

A seguir, são discutidos alguns aspectos relacionados ao povo Kaiwá, com vistas a fornecer um panorama, ainda que parcial, de um povo, cuja história complexa e cultura rica se mantém, apesar das dificuldades geradas pelo intenso contato com a sociedade brasileira não indígena.

## **2.1 ASPECTOS HISTÓRICOS E GEOGRÁFICOS**

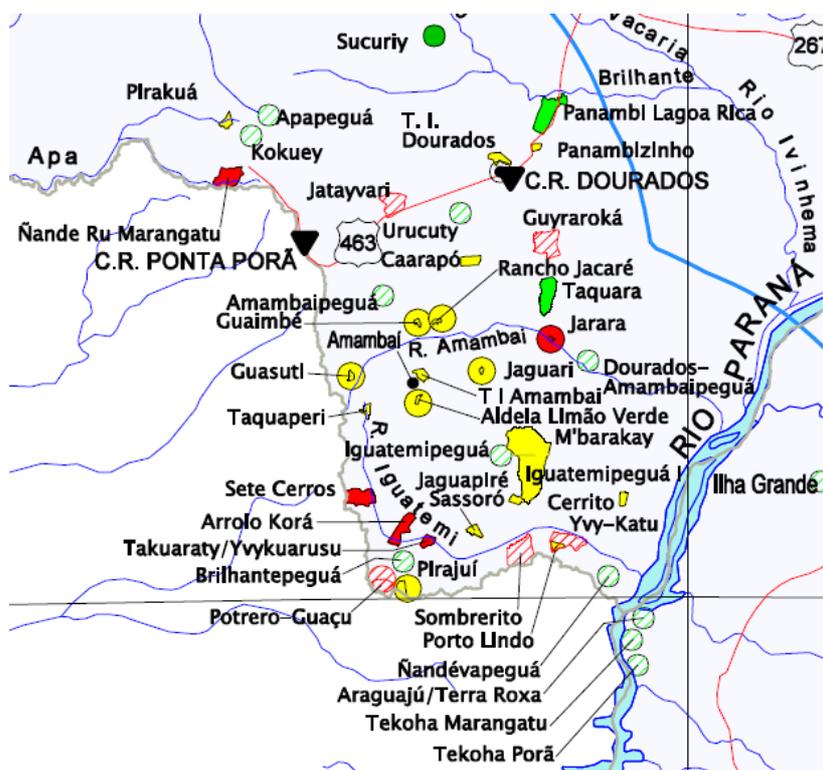
O povo Kaiwá vive na região sul do Estado do Mato Grosso do Sul, entre os municípios de Maracaju e a fronteira com o Paraguai. Estima-se que mais de 30 mil pessoas pertençam a essa etnia, que vive espalhada em 29 comunidades indígenas (FUNASA, 2008, apud INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL, 2011<sup>55</sup>). O último censo (IBGE, 2010) mostra que o povo Kaiwá é a segunda maior etnia indígena no Brasil, com uma população de 43.400 pessoas, ficando atrás apenas da etnia Tikuna, que reúne 46 mil indígenas no Estado do Amazonas. Em várias aldeias, os Kaiwá dividem espaço com indígenas da etnia Nhandeva, com os quais têm grande parentesco, inclusive linguístico.

---

<sup>55</sup> INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. Povos Indígenas no Brasil: Guarani Kaiowá. [2011]. Disponível em: <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/guarani-kaiowa/551>. Acesso em: 15 jun. 2012.

O mapa, a seguir, mostra a localização das reservas indígenas (não fazendo distinção entre os grupos Kaiwá e Nhandeva), tanto das que já estão regularizadas, quanto das que ainda se encontram em processo de regularização.

**FIGURA 1 - Mapa das Terras Indígenas Kaiwá e Nhandeva no Mato Grosso do Sul**



#### DESCRIÇÃO DAS FASES DE REGULARIZAÇÃO

	<b>EM ESTUDO / RESTRIÇÃO</b> TERRA INDÍGENA EM FASE DE ESTUDO OU COM PORTARIA DE RESTRIÇÃO DE USO
	<b>DELIMITADA</b> TERRA INDÍGENA COM RELATÓRIO ANTROPOLÓGICO E LIMITES APROVADOS PELA FUNAI
	<b>DECLARADA</b> TERRA INDÍGENA COM RELATÓRIO ANTROPOLÓGICO E LIMITES RECONHECIDOS PELO MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
	<b>HOMOLOGADA</b> TERRA INDÍGENA COM A DEMARCAÇÃO HOMOLOGADA PELA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA
	<b>ENCAMINHADA COMO R. I</b> TERRA INDÍGENA ADQUIRIDA, EM PROCESSO DE AQUISIÇÃO OU RESERVADA COMO DOMÍNIO
	<b>REGULARIZADA</b> TERRA INDÍGENA COM REGISTRO NO CARTÓRIO DE REGISTRO DE IMÓVEIS E NA RECEBIDA DE PATRIMÔNIO DA UNIDADE

Fonte: Funai (2013).

O quadro, a seguir, mostra o quadro atual de aldeias indígenas Kaiwá (em algumas delas há também indígenas da etnia Guarani Nhandeva) no Mato Grosso do Sul, com suas respectivas áreas e populações:

**QUADRO 1 – Aldeias e terras indígenas Kaiwá no Estado de Mato Grosso do Sul**

No.	Município	Aldeia	Etnia	Área (ha)	População
01	Amambai	Amambai	Kaiwá	2.429	4.764
02		Limão Verde	Kaiwá	668	1226
03		Jaguari	Kaiwá	404	140
04	Antônio João	Campestre	Kaiwá	8*	427
05		Cerro Marangatu	Kaiwá	*	605
06	Aral Moreira	Guassuty	Kaiwá	958	890
07	Bela Vista	Pirakuá	Kaiwá	2.384	266
08		Kokue'i	Kaiwá	*	151
09	Caarapó	Te'yikwe	Kaiwá	3594	2.346
10		Guyraroká	Kaiwá	*	153
11	Coronel Sapucaia	Takuaperi	Kaiwá	1.776	2.363
12	Douradina	Panambi	Kaiwá	*	811
13		Laranjeira Nhande Ru	Kaiwá	*	*
14	Dourados	Bororó	Kaiwá e Nhandeva	3.539 (RID)**	5.471
15		Jaguapiru	Kaiwá e Nhandeva	3.539 (RID)	5.777
16		Panambizinho	Kaiwá	1.240	325
17	Eldorado	Cerrito	Kaiwá e Nhandeva	1.950	670
18	Juti	Jarará	Kaiwá	479	443
19		Takuara	Kaiwá	*	251
20	Laguna Carapã	Guaimbé	Kaiwá e Nhandeva	716	*
21		Rancho Jakaré	Kaiwá	777	
22	Maracaju	Sukuriy	Kaiwá	535	218
23	Paranhos	Paraguassu	Kaiwá	2.609	460
24		Sete Serros	Kaiwá	8.584	489
25	Ponta Porã	Lima Campo	Kaiwá	*	246
26	Tacuru	Jaguapiré	Kaiwá	2.349	779
27		Sassoró	Kaiwá	1.922	2076

Fonte: Elaborado pela autora, adaptado de Souza (2011, p. 33-34).

\*Dados originalmente ausentes

\*\*RID= Reserva Indígena de Dourados, contendo tanto a aldeia Bororó, como Jaguapiru.

A história do povo Kaiwá remonta à época dos jesuítas, pois esses indígenas foram “descobertos pelo mundo colonial em 1750-60, por ocasião da execução do Tratado de Madrid” (BRAND, 1997, p. 49). Ribeiro (1977) esclarece que os indígenas das regiões central e sul do Brasil eram de tribos Guaraní que vivam nas matas próximas ao rio Paraná, terras que hoje fazem parte do Estado de Mato Grosso do Sul, oeste de São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul. Os jesuítas, com suas Missões, conseguiram elevar os indígenas a um nível de desenvolvimento material nunca mais alcançado no decurso da história. Entretanto, esses agrupamentos indígenas eram também:

[...] verdadeiros viveiros de escravos, primeiro para os bandeirantes paulistas [...] depois para os fazendeiros paraguaios, que, com a expulsão da Companhia de Jesus, se apossaram das Missões, tomando a terra aos índios e levando-os ao último grau de penúria e desespero” (RIBEIRO, 1977, p. 89).

Conforme Ribeiro (1977), depois da destruição das missões jesuíticas em 1859, uma parte dos indígenas se misturou à população paraguaia e outra fugiu para as matas. Este segundo grupo se juntou a outros grupos que tinham se mantido independentes e voltou à antiga vida de lavradores e caçadores. Segundo ainda o mesmo autor, “estes são os *Kaiwá*, guaranis primitivos, contemporâneos<sup>56</sup>” (p. 89), que acabaram sendo incluídos como soldados na Guerra do Paraguai<sup>57</sup>, e desta forma, tiveram “seus primeiros contatos maciços com brasileiros” (p. 89).

Vietta (2007), por sua vez, esclarece que, ainda antes da guerra, em 1863, foram iniciados os trabalhos de aldeamento indígena associados à colônia militar de Dourados. Entretanto, o aldeamento e a colônia militar foram destruídos durante a Guerra do Paraguai, e, portanto, “sem seus novos vizinhos, os Kaiowá reocupam a região, consumindo e se apropriando daquilo que é deixado para trás (sic.), ou seja, as plantações, os animais e as construções” (VIETTA, 2007, p. 42).

---

<sup>56</sup> O autor destaca o contraste entre o *primitivo*, antigo, e o *contemporâneo*, atual, como um paradoxo da realidade indígena.

<sup>57</sup> Guerra entre Paraguai e a Tríplice Aliança (Brasil, Argentina e Uruguai), de 1864 a 1870, na qual o Paraguai foi derrotado.

Um novo deslocamento ocorre a partir da exploração de erva-mate, iniciada pela Companhia Matte Larangeira que, em dezembro 1882, obteve a concessão imperial de arrendamento dos ervais antigos da região (VIETTA, 2007, p. 47). Devido à escassa população de brasileiros na região, os indígenas, conhecedores do processo de preparação da erva, passam a integrar o contingente de mão-de-obra da Companhia, sendo explorados como escravos e submetidos a “condições de desrespeito e violência” (VIETTA, 2007, p. 68). Essa situação de exploração prevalece para os Kaiwá no final da década de 1920.

Em 1915 o Serviço de Proteção ao Índio (SPI) demarca a primeira reserva indígena em Dourados, e até 1928, são demarcadas apenas 8 reservas para os indígenas Kaiwá e Nhandeva (BRAND, 2001, p. 68). Mais tarde, entre 1949 e 1979, com a privatização das terras da antiga Companhia Matte Larangeira, os indígenas são expulsos de suas terras. Nessa mesma época, é também iniciada uma extensa colonização da região, com a implantação da Colônia Nacional de Dourados, criada pelo Governo Federal em 1943 (VIETTA, 2007, p. 99). Nesse cenário, resta aos indígenas a expulsão de suas terras e o consequente confinamento nas diversas áreas marcadas como reservas indígenas ou PI (Posto Indígena).

A partir da década de 1970, inicia-se a tentativa de retomada de terras pelos indígenas, intensificada após a Constituição Federal de 1988 que, em seu texto, assegura aos indígenas o direito às suas terras tradicionais. Entretanto, as reconquistas têm sido lentas e, frequentemente, cheias de violência. Assim, até aos dias atuais, os indígenas Kaiwá e Nhandeva do Mato Grosso do Sul vivem em torno de trinta áreas, muitas das quais ainda continuam em processo de legitimação (MURA, 2006, p. 94).

Vietta (2007) esclarece que, embora haja uma dispersão dos indígenas por diversas áreas da região Sul do Mato Grosso do Sul, na região de Dourados atualmente se concentra o maior contingente:

Mas é também o município de Dourados que, hoje apresenta a maior concentração populacional indígena do estado, incluindo Kaiowá, Guarani e Terena. Todas vivendo em um absoluto estado de pobreza e, caracterizadas pelas políticas públicas como ‘populações de risco’. Hoje, a reivindicação sobre o direito a posse dos territórios alienados e o clima de confronto e violência entre os índios, colonos e fazendeiros é apenas um dos inúmeros problemas para os quais

aquelas populações buscam solução. Neste quadro, a ação do estado continua a ser ineficiente, o que direta ou indiretamente colabora com o fortalecimento dos interesses não-indígenas (VIETTA, 2007, p. 129).

Atualmente, a situação dos indígenas continua conflituosa. Disputas para retomada de terras têm sido frequentemente veiculadas pela mídia. Enquanto isso, a população continua aumentando nas aldeias, com pouca infraestrutura e muitos problemas sociais. A seguir, são apresentados alguns aspectos da vida dos Kaiwá, incluindo o modelo tradicional de organização social desse povo.

## **2.2 ASPECTOS SOCIAIS E ECONÔMICOS**

A maior dificuldade de entender o povo indígena advém da grande diferença existentes entre os padrões da sociedade indígena com os da sociedade envolvente não indígena. O povo Kaiwá, assim como outros povos do grupo Guarani, possui uma estrutura organizacional própria, cujas particularidades em termos de organização social e política, economia e problemas sociais resultantes do aldeamento são aqui apresentadas de forma sintética.

### **2.2.1 Organização social e política**

A organização social Kaiwá, de acordo com Pereira (2004, p.47), é composta por unidades sociológicas que apresentam “íntima relação de interdependência e complementaridade”. A primeira dessas unidades é a família, chamada pelo autor de *fogo doméstico*, na língua Kaiwá: *xe ypy kwéry*. “O fogo constitui a unidade sociológica mínima no interior do grupo familiar extenso ou parentela, composta por vários fogos, interligados por relações de consanguinidade, afinidade ou aliança política” (PEREIRA, 2004, p. 51). Fazem parte de um *fogo* um homem, sua esposa, seus filhos e filhas solteiros, mas outros parentes próximos do marido ou da esposa também podem dele participar, quando também residirem ali. Os espaços físicos ligados ao fogo doméstico

são a *óga*, ‘casa’, e a *oka*, ‘quintal’, que pode ainda compreender a roça da família e a floresta ao seu redor (PEREIRA, 2004, p. 65-66).

A parentela, *te’yí*, compõe outra unidade sociológica que, segundo Pereira (2004), constitui um grupo de residência, de atuação econômica, de atuação política. O cabeça de parentela é chamado respeitosamente de *hi’u*, ‘pai’, e sua casa é o centro político de um *te’yí*, ‘parentela’.

No passado, a parentela dividia uma casa comunal, a *ogajekutu*, mas atualmente, os Kaiwá abandonaram esse estilo e adotaram um estilo caboclo de residência, em famílias nucleares ou fogos. As casas geralmente são pequenas, de pau-a-pique, cobertos de sapé. Casas de madeira ou de alvenaria “indicam famílias modernas e com algum prestígio econômico” (PEREIRA, 2004, p. 108).

Desde 2004, um programa dos governos federal e estadual<sup>58</sup> tem realizado a construção de casas de alvenaria para os indígenas, financiadas pela Caixa Econômica Federal. Essas casas fornecem mais segurança do que as de palha, que muitas vezes se queimavam na época de seca. Uma indígena da aldeia Bororó (V.C.) nos relatou que já havia perdido sua casa por quatro vezes devido à queimada e, por isso, estava feliz por ter recebido a casa de alvenaria.

Os *tekoha* constituem a maior unidade de organização do povo Kaiwá, e são formados pela reunião de vários *te’yí*, numa relação de cooperação (PEREIRA, 2004). O autor define *tekoha* como:

[...] rede de relações político-religiosa, comportando grande dinamismo em termos de número e da forma de articulação das parentelas que entram na sua composição, tendendo a assumir uma configuração flexível e variada em termos populacionais (PEREIRA, 2004, p.116).

Baseando-se também em dados de Meliá, Grünberg e Grünberg (1976), Pereira (2004, p. 118) argumenta que *tekoha* deve ser entendido como um modelo de relações

<sup>58</sup> [http://www.dourados.ms.gov.br/DesktopModules/Noticias/ImprimeNoticias.aspx?tabid=57&mid=377&ItemID=2012&ctl=Print&dnnprintmode=true&SkinSrc=%5BG%5DSkins%2F\\_default%2FNo+Skin&ContainerSrc=%5BG%5DContainers%2F\\_default%2FNo+Container](http://www.dourados.ms.gov.br/DesktopModules/Noticias/ImprimeNoticias.aspx?tabid=57&mid=377&ItemID=2012&ctl=Print&dnnprintmode=true&SkinSrc=%5BG%5DSkins%2F_default%2FNo+Skin&ContainerSrc=%5BG%5DContainers%2F_default%2FNo+Container)

sociais, ao invés de centrar-se na “descrição das unidades físicas do espaço ocupado pelos *tekoha*”.

Enquanto o *hi'u* forma a cabeça do *te'yi*, não existe, na verdade, uma pessoa responsável pelo *tekoha*. As decisões nesse nível são tomadas durante as reuniões, os *Aty* ou *Atygwasu* ‘grandes reuniões’. O líder religioso é denominado como *pa'i* (SCHADEN, 1962, p. 19).

Uma liderança política não originariamente indígena, mas instituída pelo Serviço de Proteção ao Índio (SPI), já no início das demarcações das reservas a partir de 1915, é a figura do *capitão* que, para o SPI e, posteriormente, para a FUNAI (Fundação Nacional do Índio), tinha a tarefa de “coordenar, articular e controlar o conjunto da população indígena de cada Reserva” (BRAND, 1997, p. 222). Esse mesmo autor esclarece que, antes de existirem os capitães, quem liderava o grupo era o cacique, cuja autoridade se limitava à família extensa e, portanto, não existia uma liderança centralizadora. O autor cita a afirmação de uma indígena, que evidencia a visão do grupo sobre a figura do capitão: “bom mesmo é ficar sem capitão, como antigamente de quando só cacique” (BRAND, 1997, p.229). O capitão, atualmente, tem dupla responsabilidade, a de cuidar das necessidades de seu povo na aldeia, e ainda, a de fazer as articulações políticas com autoridades da sociedade não indígena.

### 2.2.2 Economia

Tradicionalmente, a alegria do Kaiwá é se dedicar às atividades de caça e pesca, embora seu sustento primário seja proveniente da lavoura (SCHADEN, 1962, p. 45). O principal produto agrícola é o *avati morotĩ*, ‘milho branco’, também chamado de *jakaira*, e conhecido como saboró, variedade de milho que carrega em si a espiritualidade ligada à alimentação. Rezas e cânticos permeiam o plantio, a colheita e o preparo da comida feita à base do milho.<sup>59</sup> A única festa anual desses indígenas é o

---

<sup>59</sup> R. A., uma senhora idosa da aldeia de Panambi, entrevistada para esta pesquisa, descreveu detalhadamente a forma de preparo dos alimentos e as rezas cantadas no ritual do “batismo do milho”.

*avati nhemongarai*, o ‘batismo do milho’, realizada na época da colheita do milho (SCHADEN, 1962, p. 47).

A mandioca doce ou aipim, comparada ao milho, tem importância secundária por seu uso não estar atrelado a rituais, embora atualmente faça parte da maioria das roças dos Kaiwá e seja um ingrediente fundamental na alimentação cotidiana.

Atualmente, o aumento da população indígena nas aldeias tem gerado uma superpopulação. A tradicional agricultura de subsistência não é mais suficiente, haja vista que a área disponível para a maioria dos indígenas é muito restrita para atender a demanda da população. Reservas, como a de Dourados, por exemplo, já abrigam muitas famílias em pequeníssimos lotes com apenas um quintal em sua volta, sem área para plantio. Consequentemente, o trabalho assalariado é uma alternativa para os indígenas, trazendo um *elemento novo* para o grupo, o dinheiro. Pereira (2004, p. 67)<sup>60</sup> pondera a esse respeito:

Atualmente um fator importante no *status* econômico de uma família é dispor de algum de seus membros como assalariado, empregado como professor, agente de saúde ou em cargos administrativos. Contribui também dispor de velhos com aposentadoria rural. O atendimento em massa da população indígena pelos programas assistenciais do governo (auxílio maternidade, cestas básicas, bolsa escola, etc.) gerou uma situação de abandono quase completo das roças. Tem diminuído muito o prestígio da roça, indicando uma transformação em curso, com desdobramentos imprevisíveis, as pessoas jovens procuram não depender da roça, preferindo o trabalho assalariado, mesmo temporário, nas usinas de álcool da região.

Um problema causado pelo trabalho nas usinas de álcool é a ausência do trabalhador de sua casa, às vezes por várias semanas. Durante essa ausência, a mulher, que precisa alimentar a família, carrega sozinha esse fardo. Uma consequência dessa nova realidade é a desestruturação da família, pois, quando um marido fica muito tempo sem voltar, a mulher, sobrecarregada, o substitui por outro (BRAND, 1997, p. 217).

Muitos dos problemas sociais têm sido colocados como decorrentes do confinamento dos indígenas em aldeias (BRAND, 1997). Dentre eles, “o consumo de

---

<sup>60</sup> Na nota de rodapé.

bebidas alcoólicas, a violência doméstica, a insegurança nas reservas, etc. são problemas sociais que têm um impacto direto na desestruturação dos fogos” (PEREIRA, 2004, p. 69).

A violência é largamente atribuída à bebida alcoólica e a embriaguez é frequentemente vista nas aldeias, principalmente nos finais de semana, motivo pelo qual algumas vezes fomos desestimulados a fazer visitas às aldeias para coleta de dados nesses dias. Infelizmente, os jornais têm revelado outro problema crescente nas aldeias, o consumo e o tráfico de drogas<sup>61</sup>, o que aumenta a insegurança vivida por seus moradores.

## 2.3 ASPECTOS CULTURAIS E RELIGIOSOS

Cultura e religião são aspectos totalmente interligados na vida indígena, pois a espiritualidade interfere diretamente na sua vida cotidiana, no modo de se relacionar com seus semelhantes e com o meio em que vive. Na sequência, destacamos alguns aspectos culturais e religiosos que ilustram o exposto.

### 2.3.1 *Xiripa, xumbe e poxito*: indumentária

Tradicionalmente, os Kaiwá possuem uma indumentária especial feita de algodão, fiado, tingido e tecido pelas mulheres indígenas, assim como as demais vestimentas ‘comuns’; essa indumentária apenas é utilizada nas cerimônias e rituais por pessoas ‘especiais’, os *pa’i* ‘pajés, xamãs’. As mulheres não possuem esses trajes, por não liderarem os rituais (SCHADEN, 1962).

A indumentária é composta de três elementos: *xiripa*, *xumbe* e *poxito*. O *xiripa* é uma espécie de saia, de forma retangular, provida de franjas, enquanto o *xumbe* é uma

---

<sup>61</sup> O jornal on-line *Douradosnews* registrou a prisão de dois traficantes indígenas na aldeia Jaguapiru em Dourados, no dia 26 de agosto de 2013. <http://www.douradosnews.com.br/dourados/operacao-da-forca-nacional-e-forca-tatica-na-aldeia-jaguapiru-prende-dois-por-trafico-de-drogas>.

faixa de algodão usada em torno da cintura. O *poxito*, por sua vez, é um poncho pequeno feito de algodão. Schaden entende que a aparência do *poxito* faz lembrar um sacerdote católico e indaga se esse hábito não seria “uma reminiscência dos tempos jesuíticos” incorporada na cultura do grupo (SCHADEN, 1962, p. 41).

### 2.3.2 Teko: a ética

A ética do povo Kaiwá pode ser definida como o “modo autêntico de ser”, chamado de *teko katu*, ou simplesmente *teko*, e se baseia em dois princípios principais: *teko marangatu* ‘ser religioso’ e *teko porã* ‘ser bom’ (AZEVEDO, 1989, p.119-120).

Todas as regras de convivência social se englobam no *teko porã* ou *teko katu*, “o discurso moral sobre a importância de viver bem” (PEREIRA, 2004, p. 294), propagado pelos líderes políticos e religiosos da comunidade. Como o ícone central do *teko porã* é a boa convivência entre as pessoas, quando as relações dentro da comunidade se tornam instáveis, com conseqüente aumento de insatisfação, doenças e acusação de feitiçaria, algumas famílias acabam por se mudar para outras aldeias, ou ocupam novos espaços, formando aldeias novas (PEREIRA, 2004, p. 299-300).

O *teko* Kaiwá está fundamentado no estilo de vida dos antigos, o *yma gware* e “não se refere exclusivamente a uma situação histórica pretérita, mas informa como a formação social deveria ser em qualquer tempo” (PEREIRA, 2004, p.300). É o estilo de vida considerado perfeito e o distanciamento crescente desse estilo é percebido pelos mais velhos como o responsável pela decadência da nova geração<sup>62</sup>.

### 2.3.3 Nhe’ẽ: palavra, alma

Segundo Schaden (1962, p. 121), os Kaiwá professam uma doutrina dualista sobre a alma: *nhe’ẽ* ‘palavra, fala’ ou *ayvu*, ‘som’, é a alma de origem celeste, enquanto

---

<sup>62</sup> Conforme relatou N.C. em uma de suas histórias: “Hoje eles não sabem mais o modo correto de viver”.

*ãgwéry* se refere à parte ‘menos boa’, que, após a morte da pessoa, fica vagando pela terra, como fantasma, ou assombração.

Na verdade, a espiritualidade do Kaiwá é refletida também em seu nome, pois o nome possui, para o Kaiwá, uma dimensão mágico-religiosa, a qual é exemplificada por Biderman (1998a) em relação a outras culturas<sup>63</sup>. Para qualquer pessoa não diretamente ligada à família consanguínea e, portanto, para os não-indígenas, o Kaiwá possui um nome ‘brasileiro’, com o qual é também registrado. Entretanto, um nome secreto é atribuído a cada indígena, que revela a personalidade de sua *nhe’ẽ*, ‘alma’. Essa cerimônia acontece quando o bebê começa a emitir suas primeiras palavras; trata-se do *mitã mongarai*, o batismo de crianças, quando o xamã reza e jejua para escutar o nome da criança e o transmite a seus pais (AZEVEDO, 1989, p. 120).

A reza, *porahéi*, consiste de um texto com melodia e é transmitida de uma geração a outra por meio de ensinamentos, mas os *pa’i* têm certa liberdade de compô-las. Muitas vezes os textos são incompreensíveis, pois neles são utilizadas palavras arcaicas, mais ou menos conexas entre si (SCHADEN, 1962, p. 122). Existem rezas para tudo, e as rezas são o maior orgulho do povo Kaiwá, pois o *porahéi* também identifica o caminho da alma para o céu.

#### 2.3.4 Tembekwa: o furo labial

Uma característica física dos homens Kaiwá era o *tembekwa*, ‘lábio furado’, que os distinguia dos Nhandeva; estes, por sua vez, eram ridicularizados por não terem o lábio furado, ficando com “cara de mulher” (SCHADEN, 1962, p. 27).

A cerimônia do *kunumi pepy* era o rito de iniciação dos meninos à vida adulta, que culminava com a perfuração do lábio inferior e a inserção de um pequeno botoque de cera, o *tembeta*. Schaden (1962) esclarece que esse ritual era mantido em segredo para os ‘de fora’ e, por isso, não era permitida a presença de estranhos na cerimônia.

---

<sup>63</sup> Conforme exposto no item 1.1.3.

Pouquíssimos homens ainda possuem o lábio furado. Um indígena nos relatou que fugiu da cerimônia porque não quis ter o lábio furado, enquanto outro disse que não tinha furado o lábio, pois não havia mais o *pa'i* que conhecia o feitio do ritual. O último local de onde se tem notícia da realização desse ritual é a aldeia de Panambizinho:

Apesar de sua relevância, sendo uma cerimônia tradicional da cultura kaiowá, não se tem notícia de que o Kunumi Pepy tenha sido realizado nos últimos anos na região. No Panambizinho não ocorre há 17 anos, embora esteja presente na memória e discursos ou na própria marca corporal imprimida aos homens que ainda portam o tembeta atualmente (SOUZA, 2009, p. 12).

Em nossa entrevista com o pajé daquela aldeia, foi-nos noticiado que o ritual não pode mais ser realizado, pois envolve a cooperação de muitas pessoas que, segundo o pajé, já não sabem mais fazer a sua parte no ritual.

### 2.3.5 Xiru: a cruz

Na religiosidade Kaiwá, nenhum objeto possui maior importância do que os *chiru*, que são varas e cruzeiros derivadas de um tipo específico de madeira, *Myroxylon peruiiferum*, a cabreúva, transmitidos pelos indígenas de uma geração a outra e conservados com zelo. Como explica Mura (2010, p. 124): “tal importância dada pelos indígenas aos *chiru* deve-se ao fato de estes não serem considerados meros objetos, nem meros veículos, mas também sujeitos de ação”. O autor aborda em sua pesquisa a trajetória desse objeto sagrado e remete a desestabilização do povo à substituição de muitas de suas crenças e objetos sagrados por símbolos sagrados de fé ligados ao cristianismo assimilado pela cultura indígena por influência dos missionários.

Ao visitarmos um pajé na aldeia de Panambizinho, sua esposa nos mostrou orgulhosamente as cruzeiros herdadas de outros pajés, seus antepassados. Ela nos

informou que somente o filho que tivesse o preparo e a disposição para continuar a tradição religiosa poderia receber essas cruzes de seu pai<sup>64</sup>.

### 2.3.6 Mano e Jejuka: a morte e o suicídio

Para o Kaiwá, a morte é vista como uma passagem para a verdadeira morada dos deuses, por isso “não é motivo de tristeza, nem de necessidade de consolo” (AZEVEDO, 1989, p. 120). Apesar do medo instintivo da morte e, portanto, a existência de rezas para proteção contra perigos de morte próxima, há, também, segundo Schaden (1962, p. 133), “o desejo profundamente religioso de morrer [...] pelo desejo de ir para o Além, simplesmente por acreditar que deve morrer”.

Ao analisar as possíveis causas dos suicídios entre os Kaiwá, Azevedo (1989, p.122), conclui que o ato de suicidar-se “diz respeito àquilo que estão perdendo; a transformações sociais e também religiosas”. A autora enumera como possíveis motivações para os suicídios: ciúmes, brigas conjugais, desgosto familiar, problemas políticos, perdas, sentimento de culpa (AZEVEDO, 1989, p. 123).

### 2.3.7 O cristianismo e sua influência

As várias aldeias indígenas da região de Dourados estão permeadas de várias igrejas evangélicas, conseqüentemente, a religião cristã tem entrado na vida dos indígenas<sup>65</sup>, trazendo consigo também motivos de conflitos de ordem espiritual. A chegada das missões evangélicas na região data de 1928, quando o missionário presbiteriano Albert Sidney Maxwell iniciou seu trabalho em Dourados que, naquela época, ainda era apenas um pequeno povoado. Desde então, a Missão Evangélica Caiuá,

<sup>64</sup> Informação gravada em português, portanto, não incorporada ao *corpus* do dicionário.

<sup>65</sup> Focamo-nos apenas nas missões religiosas do século XX. Cadogan (1962), ao descrever sobre os Paĩ Tavyterã, grupo Guarani paraguaio identificado ao Kaiwá brasileiro, faz menção a vários nomes da religiosidade indígena ligados à catequização jesuítica, alguns dos quais foram também encontrados em nosso *corpus*.

da qual Maxwell foi o fundador, tem trabalhado na assistência e evangelização dos indígenas, atuando principalmente em duas frentes: saúde e educação (CESAR, 1999).

A partir da década de 1960, outras missões evangélicas iniciaram seu trabalho de assistência aos indígenas, dentre elas, a Missão Evangélica Unida (Missão Alemã), nas reservas de Panambi e Pirajuy (Paranhos). Nessa época chegaram a Dourados também linguistas do Summer Institute of Linguistics (SIL), com o objetivo de analisar a língua Kaiwá e iniciar a tradução da Bíblia para essa língua.

Vietta (2003), ao analisar relatos de conversão ao evangelho por indígenas Kaiwá, percebe diversas respostas à influência do evangelho: desde pessoas que substituíram suas crenças tradicionais pela religião cristã até aqueles que se opõem à ‘religião do branco’, com versões intermediárias de pessoas que comparam o evangelho com sua religião tradicional e decidem que ambas podem conviver juntas. E é exatamente aí, nesse encontro do Cristianismo com a crença tradicional Kaiwá que as igrejas Neopentecostais encontram seus maiores adeptos. Ao mesmo tempo em que pregam contra os rezadores e seus rituais, os pastores dessas igrejas trazem seus próprios rituais ‘eficazes’ de cura e conselhos para a resolução de conflitos (VIETTA, 2003, p. 127).

## **2.4 ASPECTOS SANITÁRIOS E EDUCACIONAIS**

Schaden (1962, p. 29) relata que, na década de 1950, período em que esteve frequentemente nas aldeias da região de Dourados, a tuberculose dizimava a população indígena. A dificuldade de tratamento para essa doença residia também no fato de ela ser atribuída pelo grupo a feitiço e na crença de que sua cura só seria possível mediante a realização de um contrafeitiço.

O trabalho realizado pela Missão Evangélica Caiuá, fundada em 1928, por meio de um hospital voltado sobretudo para o tratamento da tuberculose, foi responsável pela recuperação de muitos indígenas e, ainda hoje, conveniada à Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI), é referência no tratamento da saúde dos indígenas de toda a

região. Vietta (2003, p. 113) argumenta que o Hospital da Missão, como é comumente conhecido, “representa um dos únicos locais onde este segmento da população é atendido sem qualquer restrição ou preconceito”.

No interior das aldeias, o atendimento aos indígenas acontece primeiramente nos vários Postos de Saúde ali espalhados, administrados pela Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI). Agentes de saúde, muitos dos quais indígenas, percorrem as aldeias acompanhando a saúde de seus moradores.

Em relação à educação nos moldes da ‘civilização’, ou seja, da sociedade não indígena, os indígenas têm sido assistidos na maioria das aldeias. Nas de Dourados, por exemplo, há oito escolas que atendem os indígenas, mantidas pela Prefeitura de Dourados e pelo Governo do Estado, com em torno de 3.700 alunos matriculados (SOUZA, 2011):

É importante frisar que nos últimos anos, a educação escolar indígena nas escolas das aldeias de Dourados, tem sido completamente assumida pelos indígenas. Nas escolas Tengatui Marangatu, Ramão Martins, Pa'i Chiquito Pedro, Araporã e Lacuí Isnard, os professores do pré e das séries iniciais (1º ao 5º anos), bem como os coordenadores e diretores, são quase na totalidade indígenas (SOUZA, 2011, p. 109).

A maioria das escolas oferece apenas de Ensino Fundamental e é a partir da conclusão desse nível de estudo que muitos indígenas abandonam a escola para trabalhar. Recentemente construída, a Escola Estadual Guateka Marçal de Souza, na aldeia Jaguapiru, atende jovens e adultos no Ensino de Jovens e Adultos (EJA) e também oferece o Ensino Médio, o que contribui para uma perspectiva de mudança desse quadro, à medida que muitos indígenas já têm cursado o ensino médio e ingressam em curso superior.

E, justamente, para oferecer oportunidade a jovens indígenas, com vistas, sobretudo, a prepará-los como professores para atuarem em suas respectivas comunidades, a Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) criou em 2005 o curso de Licenciatura Indígena (Intercultural) Teko Arandu, que visa a fornecer o conhecimento científico a jovens professores, aliando-o aos saberes tradicionais da

cultura indígena e, assim, privilegiando a interculturalidade. Na cerimônia de formatura da primeira turma, em 2011, Valdelice Veron, oradora da turma, assim se pronunciou:

Sonhávamos uma universidade que atendesse as demandas dos nossos tekoha (terras tradicionais indígenas), que ouvisse e respeitasse as especificidades próprias dos professores Kaiowá Guarani e do nosso povo, através da partilha de cosmovisões, saberes e práticas diferenciadas, da construção coletiva de conhecimentos, que só acontece pelo diálogo entre as pessoas que se dispõem a construir um diálogo intercultural, [...] ainda necessitamos mais sobre a sabedoria de nossos ancestrais –teko arandu- e construir caminhos novos para enfrenar os graves desafios que nosso povo está vivendo hoje, tais como a recuperação de nossas terras tradicionais, e viabilizar uma gestão territorial Kaiowá guarani, sustentável, autônoma, de acordo com nosso modo próprio de ser e viver (HECK, 2011).

Outras universidades e faculdades têm recebido indígenas Kaiwá em diversos cursos. Em 2012, foi criada na UFGD a Faculdade de Estudos Indígenas, com a intenção de dar continuidade ao curso de Licenciatura Intercultural e ainda criar cursos específicos para indígenas, não somente das etnias Kaiwá e Nhandeva, mas também cursos voltados para outros grupos étnicos inclusive não indígenas, com o propósito de promover a interculturalidade (DOURADOSNEWS, 2012)<sup>66</sup>.

## 2.5 CARACTERIZAÇÃO DAS ALDEIAS DE DOURADOS

Como mencionado anteriormente, Dourados é o município com a maior população Kaiwá no Mato Grosso do Sul, dividida em três aldeias: Jaguapiru (5.777 habitantes<sup>67</sup>) Bororó (5.471 habitantes) e Panambizinho (325 habitantes). Destacamos, aqui, algumas diferenças básicas entre essas aldeias.

As aldeias Bororó e Jaguapiru compõem o Posto Indígena Francisco Horta Barbosa, primeira reserva indígena demarcada pelo SPI, em 1915. Atualmente, além

---

<sup>66</sup> DOURADOSNEWS. *Criação de Faculdade aprofunda compromisso da UFGD com indígenas*. Dourados, 30/05/2012. Disponível em: <<http://www.douradosnews.com.br/dourados/criacao-de-faculdade-aprofunda-compromiss-o-da-ufgd-com-indigenas>>. Acesso em: 19 set. 2013.

<sup>67</sup> Dados do Quadro 1, adaptado de Souza (2011, p.33-34) (ver item 2.1).

dos Kaiwá, habitam, naquela área, indígenas das etnias Nhandeva e Terena. Passos (2007, p. 35), ao descrever as diferenças entre as duas aldeias, esclarece que a aldeia Jaguapiru é ocupada pelos Terena, Nhandeva e Kaiwá, enquanto a Bororó é habitada em sua maior parte pelos Kaiwá. A mesma autora assim descreve a primeira aldeia:

Na aldeia Jaguapiru está instalado o Posto da FUNAI, responsável pela administração das duas aldeias, um posto da FUNASA, duas extensões da escola Tengatuí Marangatu. A grande maioria das casas [...] possui luz e água. Entrecortada pela BR 156, que liga a cidade de Dourados à cidade de Itaporã, diariamente, há um intenso movimento na rodovia por onde circulam carros, ônibus, motocicletas, carroças, bicicletas e caminhões. A aldeia Jaguapiru, apresenta extensão geográfica inferior à aldeia Bororó e abriga, aproximadamente, 50% da população da Terra Indígena (PASSOS, 2007, p. 39).

Diferente da Jaguapiru, a aldeia Bororó possui a maior população Kaiwá, e, portanto, ali predomina o uso da língua Kaiwá. Abriga três escolas de Ensino Fundamental (Iverá, Araporã e Agostinho), um Posto de Saúde (SESAI) e instalações de uma universidade privada (UNIGRAN), “para o desenvolvimento de projetos assistenciais” (PASSOS, 2007, p. 42-43).

Já a aldeia Panambizinho situa-se no Distrito de Panambi, município de Dourados, e sua demarcação possui história bem mais recente. Por mais de cinquenta anos, a população esteve distribuída em uma área reduzida a 60 hectares de terra, a eles destinada no período de instalação da Colônia Agrícola Nacional de Dourados<sup>68</sup> (CAND), na década de 1940 (MACIEL, 2012, p. 13-14). Somente em 2005, um total de 1.272 hectares é devolvido legalmente aos indígenas, depois de muitas lutas e processos judiciais (MACIEL, 2012, p. 132).

Um personagem reconhecido nesse contexto histórico é Pa’i Chiquito, até hoje uma referência para o povo Kaiwá, principalmente de Panambizinho:

Os Kaiowá reconhecem unanimemente a precedência de Chiquito Pedro no local da atual aldeia, onde teria se estabelecido por volta de 1920; foi o fundador da aldeia, assim como sua liderança

---

<sup>68</sup> Cf. exposto no item 2.1

incontestável, seja no âmbito sócio-religioso interno, seja nas relações interétnicas com os brasileiros. Falecido em 1990, Chiquito foi um Pa'i, isto é, um líder religioso de grande ascendência interna, cujo carisma contribuiu para infundir na comunidade de Panambizinho uma identidade fortemente arraigada a serem “Kaiowá puro” (MACIEL, 2012, p. 64).

Por esse motivo, e pelo fato de não habitarem ali indígenas de outras etnias, o Panambizinho é reconhecido como o local onde a língua e a cultura Kaiwá são melhor preservadas. Essa aldeia abriga uma escola municipal (Pa'i Chiquito) e um Posto de Saúde para o atendimento aos moradores.

A bibliografia consultada para este estudo contemplou vários autores que abordam diferentes aspectos sobre a vida, a história, a cultura e os costumes do povo Kaiwá e contribui para o esclarecimento de questões antes desconhecidas. Entretanto, não pôde totalizar o conhecimento sobre esse povo que, para nós possui uma cultura rica e, ao mesmo tempo, cheia de mistérios. Entender um pouco da história desse povo nos fez mais compreensíveis em relação às questões de demandas territoriais e aprender um pouco mais da cultura dos Kaiwá nos fez entender o quanto é difícil para os indígenas viverem ao mesmo tempo com uma situação política centralizadora imposta e em relação conflituosa, e com o desafio de intenso convívio com a sociedade não indígena que, ainda em pequeníssima escala, começa a enxergar no indígena um indivíduo pleno, capaz de se desenvolver intelectualmente e lhe dá oportunidades para esse crescimento.

Outro aspecto fundamental para o conhecimento de um povo é conhecer a sua língua, sua fala. O próximo capítulo, portanto, trata das características da língua Kaiwá.

## CAPÍTULO 3

### A LÍNGUA KAIWÁ

A descrição de uma língua é uma tarefa muito complexa e extremamente extensa, quando sua proposta é mostrar suas ‘cores’ com riqueza de detalhes. Nosso objetivo não é fazer aqui uma explicação exaustiva da gramática Kaiwá, mas apenas explicar o suficiente e necessário para a consulta ao dicionário elaborado. Para tanto, baseamo-nos não só em obras que descrevem a língua Kaiwá, mas também naquelas a respeito de outras línguas do subgrupo Guarani, que auxiliaram na compreensão do funcionamento do Kaiwá.

O capítulo focaliza a classificação linguística da língua Kaiwá, aspectos fonético-fonológicos, ortográficos e morfológicos dessa língua, além das classes de palavras, tópicos considerados necessários para a estruturação do dicionário.

#### 3.1 CLASSIFICAÇÃO LINGUÍSTICA

A língua Kaiwá pertence ao subconjunto I da família Tupi-Guarani, tronco Tupi, juntamente com outras 9 línguas e/ou dialetos: Guarani Antigo, Mbyá, Xetá, Nhandeva, Guarani Paraguaio, Tapieté, Aché, Isoceño, Chiriguano (RODRIGUES, 1985, p. 38).

Linguisticamente, a língua Kaiwá está muito próxima ao Nhandeva, e também ao Guarani paraguaio, sendo considerado por vezes um dialeto da ‘língua Guarani’<sup>69</sup>. Entretanto, Mello (2000) e Dietrich (2010), em suas descrições sobre a família Tupi-

---

<sup>69</sup> INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. Povos Indígenas no Brasil: *Guarani Kaiowá*. [2011]. Disponível em: <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/guarani-kaiowa/551>. Acesso em: 15 jun. 2012.

Guarani, atribuem ao Kaiwá o *status* de língua, entre as outras que compõem o primeiro grupo já descrito por Rodrigues (1985).

Historicamente, todas essas línguas descendem do Guarani Antigo que, na época de sua documentação, era falado em regiões de domínio espanhol, onde também atuaram missionários jesuítas espanhóis (RODRIGUES, 1986, p. 35). A língua Guarani paraguaia é língua oficial no Paraguai desde 1992 e recebeu em 2006 o *status* de língua oficial do Mercosul (BRASIL, 2006).

Entretanto, a pesquisadora da língua Kaiwá Valéria Cardoso, em entrevista publicada na internet por Fachin (2010<sup>70</sup>), esclarece:

Em minha tese, para além da classificação genética do guarani, tido como língua, e do kaiowá, tido como dialeto desta língua, considere outros critérios como sendo proporcionalmente relevantes, tendo em vista que estão diretamente ligados à identificação da linguagem dos kaiowá. São eles: a reconquista de terras; a busca da autoidentificação; a valorização de sua cultura e o reconhecimento de sua variedade linguística como língua. Então, a partir destas descrições, propus que a questão da delimitação referente à linguagem falada entre os guarani kaiowá seja entendida como sendo mais uma questão política do que linguística. E assim, concluí que a variedade linguística falada por cerca de 20 mil brasileiros kaiowá é a língua kaiowá.

Ainda há um grande debate sobre se essas línguas se configuram como de fato línguas, ou dialetos de uma mesma língua. Geralmente se define *dialeto* como uma variante regional de um idioma, que não compromete a inteligibilidade mútua entre o falante de língua principal com o falante do dialeto, enquanto língua se refere ao idioma nacional (HOUAISS, 2001). Essa diferença entre língua e dialeto é reconhecida por Sapir como termos relativos: “Os termos dialeto, língua, e ramo e bloco linguístico são, aliás, é claro, termos puramente relativos. São conversíveis uns aos outros, conforme a nossa perspectiva se amplia ou se retrai” (SAPIR, [1921] 1971, p. 154).

Essas definições, apesar de concretas e reconhecidas no meio acadêmico, trazem consigo grandes conflitos, que mais do que linguísticos, são de ordem social. Enquanto

---

<sup>70</sup> FACHIN, P. O idioma guarani e suas variações. IHU online. Revista do Instituto Humanitas Unisinos. n. 331. São Leopoldo, 2010. Disponível em: [http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=3247&secao=331](http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3247&secao=331). Acesso: 02 Ago. 2012.

o termo língua envolve prestígio, dialeto é considerado apenas uma variação de determinada língua, geralmente geográfica e caracteriza as diferentes classes sociais. Haugen (2001, p.101), ao descrever as diferenças entre língua, dialeto e patoá<sup>71</sup>, identifica essa dimensão social em sua discussão, focalizando a função social da língua e reconhece que dialeto e patoá são “línguas excluídas da sociedade polida”.

A questão é, portanto, muito mais social e política, do que linguística. O prestígio de uma língua não pode ser comparado ao do dialeto; e, no caso de uma etnia antropológicamente reconhecida (OLIVEIRA, 2009), o prestígio da própria etnia também se liga ao fato de sua língua ser reconhecida como tal.

Entendemos que a experiência anterior de manejo da língua Kaiwá para fins de tradução do Velho Testamento da Bíblia Sagrada e o estudo linguístico da língua realizado para esta pesquisa, nos dão subsídios para referendar a posição de Melo (2000) e Dietrich (2010), reconhecendo Kaiwá como língua.

Assim como cada um dos povos do subgrupo Guarani possui identidade própria distinta dos demais, com traços reconhecidamente próprios, assim deve ser também reconhecida a sua língua e, conseqüentemente, entendemos que a língua do povo Kaiwá é a língua Kaiwá. Vejamos, então, as características dessa língua, descritas na sequência deste capítulo.

### **3.2 ASPECTOS FONÉTICO-FONOLÓGICOS**

As primeiras descrições fonético-fonológicas<sup>72</sup> da língua Kaiwá foram feitas por Harrison e Taylor (1958), Bridgeman, (1960, 1961<sup>73</sup>). Outro artigo de descrição fonológica, tratando especificamente da nasalização na língua Kaiwá, foi escrito por Harrison e Taylor (1971). Os autores destacam a grande dificuldade de explicar a

---

<sup>71</sup> Patoá é um termo que Haugen (2001) adiciona aos termos dialeto e língua, referindo-se a um dialeto degenerado, que deixou de ser escrito.

<sup>72</sup> Ao tratar da descrição fonológica da língua, os autores descrevem também os seus aspectos fonéticos.

<sup>73</sup> Infelizmente, tivemos acesso apenas a um desses trabalhos que são citados e comentados por Cardoso (2008), a saber, o artigo de Bridgeman (1961), que contém a descrição fonológica do Kaiwá em três níveis: segmental, prosódico e de acentuação.

nasalização de vogais, atribuída primeiramente à presença de consoante nasal no limite da sílaba. Para explicar as diferentes ocorrências de vogais orais e/ou nasais e o motivo de ocorrerem ou não em certos ambientes, os autores criaram uma sequência de regras estruturais.

Cardoso (2009), ao fazer sua descrição da fonologia da língua Kaiwá, discute o trabalho estruturalista de Harrison e Taylor (1971) e, ao fazer ainda a exposição da sistematização da proposta por Bridgeman (1961), propõe outra sistematização da fonologia para a língua, pautada em sua análise do fenômeno de nasalização. A autora propõe os seguintes quadros de representação fonológica da língua:

#### QUADRO 2 - Vogais orais e nasais da língua Kaiwá

	Anterior		Central		Posterior	
	Oral	Nasal	Oral	Nasal	Oral	Nasal
Fechada	i	ĩ	ɨ	ɨ̃	u	ũ
Aberta	e	ẽ	a	ã	o	õ

Fonte: Adaptado pela autora de Cardoso (2009, p. 34).

#### QUADRO 3 – Consoantes

	Bilabial	Alveolar	Palato-alveolar	Palatal	Velar	Lábio-velar	Glotal
Obstruente	p	t			k	kw	ʔ
Sonorante	m	n		ɲ	ŋ	ŋw	
Contínuo	w	s r	ʃ				h

Fonte: Cardoso (2009, p.34).

As consoantes obstruente surdas e as contínuas possuem apenas uma equivalente fonética cada. Entretanto, a produção fonética das sonorantes depende do ambiente em que ocorre [+ nasal] ou [-nasal], conforme mostra o quadro a seguir de Cardoso (2009):

#### QUADRO 4 - Alofones das Consoantes

	/m/	/n/	/ɲ/	/ŋ/	/ŋw/
[-nasal]	[mb] [b]	[nd] [d]	[ɟʒ] [j]	[ŋg]	[ŋgw] [gw]
[+nasal]	[m]	[n]	[ɲ] [j□]	[ŋ]	[ŋw] e [w̃]

Fonte: Cardoso (2009, p. 40).

Em relação à composição das sílabas, Cardoso (2009) identifica três tipos silábicos: V, CV e CVC. Entretanto, neste último (CVC), a consoante final nunca ocorre como consoante plena, apenas como glide (CARDOSO, 2009, p. 37). Embora essa consideração do fonema como consoante em posição de *coda* silábica possa parecer razoável, ela esbarra em problemas de estruturação morfo-fonológica da língua. Por exemplo, quando um morfema formado por vogal plena como, o prefixo **i-** (relacional de 3ª pessoa não reflexivo) for antecedido por outro prefixo (por exemplo, o de negação **nda-**), ela perde o status de vogal plena, mas não deveria ser entendida como consoante devido ao seu valor morfológico. Vejamos:

- *ikatu*<sup>74</sup> /i.ka.'tu/ 'é/está bom'
- *ndaikatui* – /nda<sup>i</sup>.ka.'tú<sup>i</sup>/ 'não é/está bom'

Línguas de outras famílias do tronco Tupi, como a Parakanã (SILVA, 2003), possuem claramente a existência de sílabas CVC em finais de palavra; entretanto, a partir de princípios diacrônicos, uma das características das línguas do Grupo I da família Tupi-Guarani, dentre os quais Kaiwá, em relação ao Proto-Tupi, é justamente a perda da consoante final (RODRIGUES, 1985, p. 38). Portanto, como nenhuma consoante plena ocorre em coda silábica, consideramos aqui a segunda vogal de ditongos decrescentes como semivogais e apenas dois tipos silábicos: V e CV, de acordo com os dados de Rodrigues (1985).

<sup>74</sup> Os exemplos foram retirados do *corpus* deste trabalho. Na ausência destes no corpus, foram utilizados dados de outros trabalhos, devidamente referenciados.

### 3.3 A QUESTÃO ORTOGRÁFICA

Infelizmente, a ortografia da língua Kaiwá ainda não é uma unanimidade entre os escritores indígenas. Embora diversos livros tenham sido produzidos na língua, por indígenas que possuem nível educacional elevado, os investimentos termos de padronização da escrita da língua são ainda mínimos.

Na década de 1960, linguistas do Summer Institute of Linguistics (SIL), ao trabalharem na descrição da língua, elaboraram uma ortografia, que passou por diversos testes e modificações, antes de ser padronizada. Esse sistema foi utilizado em várias obras pedagógicas, principalmente em livros de leitura para alfabetização na língua, como a série *Te'yi nhe'ẽ*, publicada pelo SIL em 1963 e livros contendo histórias diversas da própria cultura Kaiwá. Nessa mesma ortografia, foi também traduzido por esses autores o Novo Testamento na língua Kaiwá, publicado em 1986, e a Bíblia Kaiwá, em 2013.

Garcia, pesquisador que durante mais de dez anos coletou histórias da língua e as publicou em seu livro *Nhande rembypy* (2001), também utilizou a escrita ortográfica Kaiwá elaborado pelos linguistas do SIL. Esse sistema foi descrito brevemente num livreto produzido por Bridgeman (2002), que mostra os grafemas utilizados<sup>75</sup> para a escrita da língua:

- Vogais: a, e, i, o, u, y, ã, ê, ã, õ, ã, ã.
- Consoantes: p, t, k, kw, ', m, mb, n, nd, nh, ng, gw, v, s, x, j, r

Observa-se, na grafia das vogais, que todas podem receber o acento de nasalidade, o que não ocorre em português. Todavia, o acento não é colocado em todas as vogais das palavras nasalizadas, apenas a última vogal recebe o acento que, por regra

---

<sup>75</sup> A escolha dos grafemas segue uma convenção promovida pela Associação Brasileira de Antropologia, em 1953, adotada pela maioria dos antropólogos, linguistas e indigenistas e missionários (RODRIGUES, 1986, p. 10).

de espalhamento, se aplica às vogais anteriores a ela. As vogais centrais altas /ɨ/ e /ɨ̃/ são representadas pelos grafemas y e ã, do mesmo modo como no Guaraní paraguaio e em Guaraní Mbyá.

O quadro a seguir mostra a relação entre os grafemas da escrita Kaiwá com seus respectivos fonemas e os grafemas utilizados pelo Guaraní paraguaio:

### QUADRO 5 - Fonemas e grafemas nas Línguas Kaiwá e Guaraní

#### Paraguaio

Representação Fonética	Representação Fonológica	Escrita Kaiwá	Escrita Guaraní
[p]	/p/	p	p
[t]	/t/	t	t
[k]	/k/	k	c
[kw]	/kw/	kw	ku
[ʔ]	/ʔ/	'	'
[m]	/m/	m	m
[ <sup>m</sup> b]	/m/	mb	mb
[n]	/n/	n	n
[ <sup>n</sup> d]	/n/	nd	nd
[ɲ]	/ɲ/	nh	ñ
[ŋg]	/ŋ/	ng	g
[gw]	/ŋw/	gw	gu
[w]	/w/	v	v
[s]	/s/	s	s
[ʃ]	/ʃ/	x	ch
[dʒ]	/ɲ/	j	j
[r]	/r/	r	r
[h]	/h/	h	/h/

Fonte: Elaborado pela autora com base em Canese; Alcaraz (2001); Bridgeman (2002); Cardoso (2009).

Entretanto, apesar desse esforço para padronizar a escrita da língua, Cardoso (2008, p. 19-20) reconhece o seguinte:

Atualmente, as comunidades indígenas da Região da Grande Dourados, em suas escolas de ensino bilíngüe, utilizam a Convenção Ortográfica Guaraní adotada pelo Ministério de Educação do Paraguai (oficializada neste país na década de 50), além de tomarem gramáticas oriundas desta língua<sup>17</sup> como modelo no processo ensino aprendizagem, o que evidencia a necessidade de se consolidar um estudo sistemático do dialeto Kaiowá, que busque fundamentar o fortalecimento da identidade cultural deste povo.

Percebe-se a influência do Guaraní paraguaio também na elaboração de obras de referência sobre as línguas do subgrupo Guaraní faladas em território brasileiro. O dicionário guarani-português (bidirecional) *Ñe'ẽ ryru*, de Assis (2008), por exemplo,

[...] tem como primeiros destinatários os professores indígenas, falantes, amantes e estudiosos da língua Guaraní /Avañe'ẽ, especialmente os das tribos Ñandeva, Caiuá, e Mbyá situadas nas Regiões Centro-Oeste e Sul do Brasil, e, ainda, nas áreas de fronteira com o Paraguai, Bolívia e Argentina (ASSIS, 2008, p. v).

A obra, que tem como objetivo ser referência sobre a língua Guaraní no Brasil, não leva em consideração o fato de a escrita dessas línguas não ser unificada<sup>76</sup>, nem a diferença fonético-fonológica entre elas<sup>77</sup>, pois utiliza – como a própria autora do dicionário esclarece – a ortografia do Guaraní paraguaio, que difere da escrita utilizada no Brasil.

### **3.4 ASPECTOS MORFO-FONOLÓGICOS E A FORMAÇÃO DE PALAVRAS**

A língua Kaiowá é considerada tipologicamente como língua polissintética, pois as palavras são formadas por vários morfemas, como a maioria das línguas indígenas

<sup>76</sup> D'Angelis (2005) ao tratar da 'Convenção Ortográfica' realizada em 2000 pelos indígenas Nhandeva, informa que isso resultou em uma ortografia diferenciada para a língua daquele povo.

<sup>77</sup> A língua Mbyá, por exemplo, não possui o som [s], entre outras diferenças.

sul-americanas (PAYNE, 1990, p. 214). É também classificada como língua aglutinante, pois os morfemas formadores das palavras preservam sua identidade e podem ser claramente distinguidos (POTTIER, 1973, p. 140).

Os afixos se juntam a raízes verbais e nominais em dois mecanismos, o de flexão e o de derivação, podendo ou não haver mudança de categoria. A formação das palavras pode ocorrer ainda por composição, na junção de duas raízes nominais ou verbais, ou quando uma raiz nominal se incorpora a uma raiz verbal, especificando o modo ou o objeto de uma ação.

A nasalidade é um aspecto relevante na formação de palavras, ocorrendo o processo morfofonológico de nasalização progressiva e/ou regressiva, quando se juntam morfemas nasais a outros não nasais (HARRISON; TAYLOR, 1971). Esse processo é de tão grande importância na língua, evidenciada pelo fato de que um grande número de afixos pronominais possuem sempre formas orais, quando se ligam a nomes ou verbos orais, e nasais, quando ligados a raízes nasais.

- *Omano* ‘morrer’+ *-pa* ‘todos’ = *omanomba* ‘morreram todos’
- *O-* ‘3p’ *mbo-* ‘caus.’+ *nhe’ẽ* ‘falar’ = *omonhe’ẽ* ‘ler’

Um fato interessante, mas não explicado, é como um prefixo causativo pode mudar a nasalidade do verbo ao qual se liga. Vejamos:

- *Oike* ‘ele entra’      *omoinge* ‘ele faz entrar’
- *Oiko* ‘ele vive’      *omoingo* ‘ele torna (causa ser)’
- MAS: *yke* ‘ao lado de’ *omboyke* ‘colocar de lado’

### 3.4.1 Flexão

A flexão é uma variação na forma de uma mesma palavra, que desempenha uma função gramatical (TRASK, 2008, p. 113). Na língua Kaiwá pode acontecer em verbos, substantivos e adjetivos e ocorre por meio de prefixos.

Na classe dos nomes, os prefixos ocorrem para designar posse ou relacionamento (caso genitivo). São, portanto, classificados como prefixos relacionais (CARDOSO, 2008). Em Kaiwá o prefixo *r-* marca a relação entre dois substantivos (genitivo) e de primeiras e segundas pessoas pronominais, quando os nomes relacionados são chamados de oscilantes<sup>78</sup>. Entretanto, dois tipos de prefixos marcam a posse de 3ª pessoa: *o-* e *gw-*<sup>79</sup> que marcam co-referência com o sujeito, e *i-* e *h-* que indicam a não co-referência.

- *sy* ‘mãe’
- *nde sy* ‘tua mãe’
- *isy* ‘sua mãe’ (sem co-referência)’
- *osy* ‘sua própria mãe’ (co-referente)’
  
- *óga* ‘casa’
- *xe róga* ‘minha casa’
- *Elídio róga* ‘casa do Elídio’
- *hóga* ‘casa dele (a) (sem co-referência)’
- *gwóga* ‘sua própria casa, (co-referente)’

Os prefixos verbais flexionam o verbo em pessoa e em número e serão descritos detalhadamente no item relativo aos verbos, na continuidade deste capítulo, alguns exemplos:

- *areko* ‘eu tenho’
- *nhamba’apo* ‘nós (incl.) trabalhamos’
- *orojuka* ‘nós (excl.) matamos’.

### 3.4.2 Derivação

Derivação é a “criação de palavras novas pelo acréscimo de **afixos** a palavras pré-existentes” (TRASK, 2008, p. 75). Formam, portanto, palavras novas e não apenas flexões da mesma palavra.

<sup>78</sup> O item 3.5.1. trata detalhadamente sobre esse assunto.

<sup>79</sup> A marcação de co-referência não é encontrada nas outras línguas do grupo Guarani, portanto, se configura como uma característica peculiar da língua Kaiwá.

Alguns sufixos podem ser ligados a verbos, a adjetivos ou a advérbios em Kaiwá; o sufixo **-ve** marca o comparativo/intensivo ‘mais’:

- *ojapove* ‘ele fez mais’
- *tuvixave* ‘maior’
- *mombyryve* ‘mais longe’

O sufixo verbal **-se** indica desejo, ‘querer’, e ainda pode receber o marcador **-ve**, ‘mais’:

- *ho’use* ‘ele quer comer’
- *ho’useve* ‘ele quer comer mais’

Os sufixos podem indicar tempo nos nomes:

- **-kwe** ‘passado’. *Xe rogakwe* ‘minha antiga casa’
- **-rã** ‘futuro’. *Xe rogarã* ‘minha futura casa’
- **-re** ‘remanescente vivo’. *Xe sy membyre* ‘os filhos (vivos) de minha mãe (morta)’

A derivação também é responsável pela formação de novas classes de palavras e ocorre, primariamente, pela adição de sufixos nominalizadores ou pronomes relativos. Podem ser de vários tipos:

- *omono’õha* – ‘a colheita’
- *ojapo va’e* – ‘aquele que faz’
- *ojapopyre* – ‘aquilo que é feito’

Um prefixo também produtivo na nominalização de verbos é **tembi-**:

- ‘*u* ‘comer’ - **tembi’u** ‘comida’;
- *reko* ‘ter’ - **tembireko** ‘esposa’
- *apo* ‘fazer’ **tembiapo** ‘aquilo que se faz, trabalho’

### 3.4.3 Composição

A composição é a combinação de duas ou mais palavras existentes na língua (TRASK, 2008, p. 119). A composição na língua Kaiwá pode ocorrer por justaposição de duas raízes nominais:

- *Akã ragwe* (*akã* ‘cabeça’ + *ragwe* ‘pelo’) = cabelo’

Também há justaposição pela junção de duas raízes verbais:

- *Omombe’ukwaa* (*omombe’u* ‘ele conta + *kwaa* ‘saber’) = ‘ele sabe contar’

Outro caso de composição ocorre quando uma raiz nominal é incorporada a um verbo:

- *Hoy’u* (*ho’u* ‘ele come/toma’, *y* ‘água’) = ‘beber’
- *Oiporiahuvereko* (*o-* ‘3p’, *iporiahu* ‘pobre’, *ve* ‘mais’, *reko* ‘ele vive’) = ‘ele tem misericórdia, tem dó (de alguém)’
- *Oipopyhy* (*oipyhy* = ‘ele pega’, *po* = ‘mão’) = ‘ele pega com a mão’

### 3.5 CLASSES DE PALAVRAS

As classes de palavras são conjuntos utilizados para agrupar palavras de acordo com suas propriedades e funções gramaticais e/ou semânticas (BASÍLIO, 2004). Possuem, portanto, importância crucial na descrição de uma língua. A definição das classes de palavras deve ser realizada não apenas por critérios sintáticos, mas também por critérios morfológicos e semânticos (BASÍLIO, 2004).

Para a descrição das classes de palavras da língua Kaiwá, baseamo-nos particularmente em três trabalhos: *El idioma Guaraní*, de Guash (1944), que apresenta grande riqueza de detalhes em termos de descrição da língua Guaraní paraguaia; *Gramática Guaraní*, de Canese e Alcaraz (2001), uma obra compacta e muito didática, e a tese de doutorado de Cardoso (2008), intitulada *Aspectos morfossintáticos da língua Kaiowá (Guarani)*. As classificações diferem entre si, e apesar de a língua Guaraní paraguaia possuir alguns traços não compartilhados pelo Kaiwá, e vice-versa, a descrição daquela muito ajuda a entender também a nossa língua em estudo.

Guash (1944), por exemplo, apresenta as seguintes classes de palavras: substantivos, adjetivos, pronomes, verbos, advérbios, conjunções, posposições e interjeições. Já Canese e Alcaraz (2001) não distinguem conjunções, posposições e interjeições, mas as apresentam juntamente em outra classe, a dos acidentes gramaticais. Cardoso (2008), por sua vez, considera os adjetivos como uma subclasse de verbos

“inativos” (CARDOSO, 2008, p. 66) e considera seis classes de palavras: nomes, verbos, pronomes, advérbios, posposições e partículas. As partículas são uma classe bem variada, agrupadas pela dificuldade de serem encaixadas em outra classe.

A classificação aqui adotada se baseou na proposta de Guash (1944), que foi empregada no dicionário, produto desta dissertação.

### 3.5.1 Nomes

Conforme Cardoso (2008), na língua Kaiwá, as palavras da classe dos nomes (substantivos) possuem as seguintes características:

- i. a categoria de posse alienável ou inalienável é expressa por pronomes clíticos;
- ii. são marcadas para o caso acusativo em sua estrutura morfológica;
- iii. distinguem a categoria de número por meio de uma partícula pluralizadora ou por palavras quantificadoras;
- iv. a categoria de gênero: não é morfológicamente marcada, é expressa por intermédio de itens lexicais distintos;
- v. a categoria de tempo nominal é marcada morfológicamente;
- vi. apresenta o processo de incorporação nominal;
- vii. sintaticamente, ocupam a posição de núcleo de um sintagma nominal, ocorrendo como argumento de predicados verbais e não-verbais e também como constituinte de um sintagma posposicional;
- viii. podem, também, ocorrer como núcleo predicador (CARDOSO, 2008, p. 32)

Seguindo o critério semântico, Cardoso (2008) divide os nomes em *não-possuíveis*, *possuíveis alienavelmente* e *possuíveis inalienavelmente*, conforme o quadro a seguir:

**QUADRO 6 - Categoria de posse**

<b>Nomes não possuíveis</b>	<b>Nomes possuíveis alienavelmente</b>	<b>Nomes possuíveis inalienavelmente</b>
kwarahy ‘sol’	xe róga ‘minha casa’	iména ‘seu marido’
avati ‘milho’	hu’y ‘a flecha dele’	xe sy ‘minha mãe’
kunha ‘mulher’	ore kyha ‘nossa rede’	hesa ‘seu olho’

Fonte: Elaborado pela autora, uma adaptação de Cardoso (2008, p. 34).

Os prefixos que marcam a posse nos nomes são chamados de *prefixos relacionais*. O quadro a seguir, também adaptado de Cardoso (2008), mostra a relação completa de prefixos relacionais em Kaiwá. Difere daquilo que é apresentado por Guash (1944) e Canese e Alcaraz (2001) do Guaraní paraguaio, por apresentar prefixos específicos para possuidor de 3ª pessoa co-referente.

**QUADRO 7 - Prefixos relacionais**

Com Especificação do Possuidor			Com possuidor indefinido
Possuidor de 3ª pessoa co-referente	Possuidor expresso no sintagma nominal genitivo, sendo ele de 1ª ou 2ª pessoa	Possuidor de 3ª pessoa deslocado da posição original	
o-, ho-, gw-	r- Ø-	i-, hi-, ij-, inh- h-	t-

Fonte: Elaborado pela autora, uma adaptação de Cardoso (2008, p. 38)

Canese e Alcaraz (2001) fazem outra caracterização dos nomes, diferenciando-os foneticamente em orais e nasais e, por sua forma, os nomes podem ser uniformes, biformes ou triformes. Os nomes que possuem mais de uma forma são chamados por Guash (1944) de *oscilantes* ou *apofônicos*.

Em Kaiwá, além dos nomes uniformes, biformes e triformes, encontramos ainda os tetraformes, nomes que podem receber todos os quatro tipos de prefixos relacionais:

- *tembireko* ‘esposa’ (possuidor não especificado) (CARDOSO, 2008)<sup>80</sup>
- *xe rembireko* ‘minha esposa’
- *gwembireko* ‘esposa dele mesmo (co-referente)’
- *hembireko* ‘esposa dele (não co-referente)’

<sup>80</sup> O prefixo relacional t-, ‘possuidor não especificado’, é pouco utilizado nos nomes possuídos, e esse exemplo não consta no *corpus* deste trabalho.

A indicação de gênero e número não se realiza por flexão do nome, mas é obtida lexicalmente em Kaiwá, pelas palavras *kwimba'e*, ‘homem, macho’, *kunha*, ‘mulher, fêmea’ (CARDOSO, 2008, p. 43) e *kwéry*, ‘plural, coletivo’ (CARDOSO, 2008, p. 40).

- *mitã kwimba'e* ‘menino’
- *mitã kunha* ‘menina’
- *mitã kwéry* ‘crianças’

Os nomes ainda podem receber os sufixos temporais *-rã* ‘futuro’, *-kwe* ‘passado’ e *-rãgwe* ‘futuro do pretérito’ (CARDOSO, 2008, p.47).

- *xe rogarã* ‘minha futura casa’
- *hogakwe* ‘sua antiga casa’
- *xe mba'erãgwe* ‘a coisa que seria minha’ (CARDOSO, 2008, p.48).

### 3.5.2 Adjetivos

Guash (1944) divide os adjetivos em duas categorias: os *atributivos*, que qualificam o substantivo independentemente do verbo, e os *predicativos*, que qualificam o substantivo mediante os verbos ser ou estar.

Em Kaiwá, notamos a existência de ambas as categorias; Cardoso (2008), embora tenha encontrado seis tipos semânticos de adjetivos, os insere na classe dos verbos intransitivos inativos, por considerar que acontecem apenas com função predicativa. Entretanto, observamos em nossos dados a ocorrência de vários adjetivos com função atributiva:

- *avati morotĩ* ‘milho branco’
- *karia'y porã* ‘jovem bom’
- *ipy'a vai* ‘coração ruim’

Da mesma forma, observamos adjetivos em função predicativa, que ocorrem em justaposição ao substantivo, por não haver um verbo de ligação, ‘ser, estar’:

- *xe sy hasy va'ekwe* ‘minha mãe (estava) doente’

- *nde pohyi eterei* ‘você (é) muito pesado’

Os adjetivos predicativos funcionam como verbos inativos, também descritos como estativos ou verbos de estado e podem ser também categorizados dessa maneira. Em Kaiwá, além dos adjetivos funcionarem como verbos estativos, ainda podem receber morfemas verbais causativos que os transformam em verbos ativos:

- *potĩ* ‘limpo’ – *omopotĩ* ‘ele limpou’

Tipologicamente, a existência da classe de adjetivos é também defendida por Dixon (2004):

[...] assim como todas as línguas possuem classes distinguíveis de nomes e verbos, assim também todas as línguas possuem uma classe distinguível de adjetivos. Entretanto, a classe de adjetivos difere das classes de nome e verbo de maneiras variadas em diferentes línguas, o que pode torná-la uma classe mais difícil de reconhecer, e uma classe sobre a qual é mais difícil se fazer generalizações (TN)<sup>81</sup>.

### 3.5.3 Numerais

Os numerais funcionam de certa forma como adjetivos, mas ao invés de qualificarem os nomes, os quantificam. E ainda se distinguem por figurarem antes dos nomes, ao contrário dos adjetivos, que são pospostos. Guash (1944) insere os numerais no capítulo dos pronomes. Apesar de serem poucos na língua Kaiwá<sup>82</sup>, neste trabalho os distinguimos e os consideramos como tal no dicionário.

Os principais numerais são: *peteĩ*, ‘um’, *mokõi*, ‘dois’, *mbohapy*, ‘três’ e *irundy*, ‘quatro’<sup>83</sup>. A partir destes, utiliza-se o pronome indefinido *heta*, ‘muitos’. Atualmente têm sido empregados numerais emprestados do português ou espanhol. Em outros subgrupos do Guarani (Mbyá, Nhandeva e o Guarani paraguaio) a contagem dos

<sup>81</sup> Cf. original: “[...] just as all languages have distinguishable classes of noun and verb, so all languages have a distinguishable adjective class. However, the adjective class differs from noun and verb classes in varying ways in different languages, which can make it a more difficult class to recognize, and a more difficult class to put forward generalizations about” (DIXON, 2004, p. 9).

<sup>82</sup> Não foi encontrado, nos documentos pesquisados, nenhuma menção à base numérica utilizada pelos Kaiwá, nem pelos outros subgrupos do Guarani. Ao indagar um indígena da etnia Kaiwá sobre o sistema de contagem, este não soube responder.

<sup>83</sup> Bareiro Saguier (1986, p. 143) relata que essa contagem até quatro era característica do povo Guarani antes da chegada dos espanhóis em todos os ‘dialetos’.

números foi ampliada, utilizando-se a palavra *po*, ‘mão’, para indicar o número cinco<sup>84</sup>. Entretanto, esse sistema com base nos dedos da mão não é aceita pelos falantes de Kaiwá e também não é uniforme nos demais sistemas linguísticos do Guaraní.

### 3.5.4 Pronomes

Os pronomes são “[...] palavras que podem substituir um substantivo ou uma expressão equivalente, inclusive uma oração, para evitar repetições” (TN)<sup>85</sup>. Guash (1944) classifica os pronomes em pessoais, demonstrativos, interrogativos, indefinidos, reflexivos e recíprocos. Cardoso (2008), por sua vez, ainda estabelece a distinção entre pronomes independentes (livres) e clíticos, estes últimos são descritos neste trabalho como afixos pronominais, juntamente com a descrição dos verbos, por serem os itens que diferenciam sua conjugação.

#### 3.5.4.1 Pronomes Pessoais

Os pronomes pessoais podem substituir os nomes, pois possuem propriedades de número e pessoa (CARDOSO, 2008). Podem ocorrer como núcleo do sintagma nominal, como sujeitos de verbos intransitivos e transitivos, e como complementos dos verbos transitivos.

Os pronomes pessoais podem ainda funcionar como possessivos (ou relacionais), ao indicarem a relação do nome com um possuidor. O quadro a seguir, mostra os pronomes pessoais.

---

<sup>84</sup> Canese e Alcaraz (2001, p. 57, nota de rodapé) esclarecem que, apesar de ter sido criado um sistema simples e lógico de contagem para o Guaraní paraguaio, não foi possível impor essa numeração à população monolíngue, muito menos à população bilíngue, já acostumada a utilizar o sistema numeral do castelhano.

<sup>85</sup> “[...] palabras que pueden sustituir un sustantivo o una expresión equivalente, incluso una oración, para evitar repeticiones” (CANESE; ALCARAZ, 2001, p. 61).

### QUADRO 8 – Pronomes pessoais

Número e pessoa	Pronomes
Singular	
1 <sup>a</sup>	xe
2 <sup>a</sup>	nde, ne
3 <sup>a</sup>	ha'e
Plural	
1 <sup>a</sup> (incl.)	nhande, nhane
1 <sup>a</sup> (excl.)	ore
2 <sup>a</sup>	peẽ, pende, pene
3 <sup>a</sup>	ha'e kwéry, hikwái

Fonte: Elaborado pela autora, uma adaptação de Cardoso (2008, p. 104).

Os pronomes pessoais podem funcionar como complementos verbais diretos ou indiretos, com (ou sem) o acréscimo de posposições<sup>86</sup>:

- *Ome'ẽ kwatia xe-vy* ‘ele **me** deu o livro’
- *Ha'e xe rexa* ‘ele **me** viu’.
- *Ogwata pene ndive* ‘ele caminhou **com vocês**’

#### 3.5.4.2 Pronomes Demonstrativos

Os pronomes demonstrativos em Kaiwá podem existir em posição de adjetivo<sup>87</sup>, ligado a um nome, ou como pronome propriamente dito – substituindo o nome – com a utilização de algum item nominalizador (sufixo ou pronome relativo). Eles se diferenciam de acordo com a distância do falante e/ou do ouvinte de determinada referência, e também em número (singular e plural).

- *ko yvy* ‘esta terra’
- *ko'ã mbopi* ‘estes morcegos’
- *ne'irã vyteri kóá oĩ* ‘ainda não existia **isto**.
- *upe va'e* ‘aquilo’

<sup>86</sup> As posposições compõem outra classe de palavras, descrita no item 3.5.7 deste capítulo.

<sup>87</sup> Guash (1944) denomina os demonstrativos de pronomes demonstrativos ou adjetivos demonstrativos.

### 3.5.4.3 Pronomes Interrogativos

Essa categoria de pronome é utilizada para se perguntar sobre alguém ou alguma coisa. Em Kaiwá há dois tipos distintos de pronomes interrogativos, os mais gerais e os mais específicos.

- *Ki va'e* ‘qual?’ (mais específico)
- *Mbava'e* ‘o quê?’ (mais geral)
- *Mbovy?* ‘Quantos?’
- *Mba'e?* ‘o que (que coisa)?’

Os pronomes interrogativos podem também receber posposições<sup>88</sup>:

- *Ki va'e-rehe?* ‘Sobre quem?’
- *Ki va'e-gwi?* ‘Oriundo de quem?’
- *Mbava'e-rehe?* ‘Por (causa de) quê?’

### 3.5.4.4 Pronomes Indefinidos

Acompanhados de substantivos, os pronomes indefinidos os precedem e lhes determinam de maneira vaga ou indefinida (CANESE; ALCARAZ, 2001). Podem ocorrer isoladamente, como ilustram os exemplos que seguem, dentre outros:

- *Heta* ‘muitos’
- *Mbovy* ‘poucos’
- *Ambue* ‘outro(a)(s)’
- *Mba'eve* ‘nada’
- *Avave* ‘ninguém’

---

<sup>88</sup> A classe das posposições está descrita no item 3.5.7 deste capítulo.

### 3.5.4.5 Pronomes Relativos

O pronome relativo tem a função de nominalizar a oração ou o verbo ao qual é posicionado. Pode ser marcado pelo tempo, assim como os nomes: “as formas do passado e futuro são homófonas com os marcadores verbais de tempo e, às vezes, a distinção torna-se muito difícil para falantes não-nativos perceberem” (BRIDGEMAN, 19-- , p.7), como atestam os exemplos a seguir

- *Oho va'e* ‘(aquele) que vai’
- *Oho va'ekwe* ‘(aquele) que foi’
- *Oho va'erã* ‘(aquele) que irá’
  
- *Ojapoha* ‘(aquilo) que ele faz’
- *Ojapo hagwe* ‘(aquilo) que ele fez’
- *Ojapo hagwã* ‘(aquilo) que ele fará’

### 3.5.4.6 Pronomes Reflexivos e Recíprocos

Esses tipos de pronomes ocorrem apenas em forma de clíticos; os infixos *-je-*, *-nhe-*, ‘reflexivo’ e o infixo *-jo-*, *-nho-*, ‘recíproco’, se inserem diretamente no verbo:

- *Onhemondýi* ‘ele **se** assustou’
- *Ojepyhy* ‘ele **se** pegou (firmou a si mesmo em algo)’
  
- *Ojojuka va'erã* ‘eles **se** matarão (um ao outro)’
- *Onhomboaty* ‘eles **se** reuniram (uns com os outros)’

O quadro, a seguir, resume os principais pronomes em Kaiwá, com suas indicações de uso.

**QUADRO 9 – Os pronomes e sua relação com as posições**

	Sujeito/agente			Objeto indireto beneficiário	De/por causa do maleficiário	Companhia	Sobre/ ao longo de	Também, com	Sobre/ pertence a	Condicional
	Livre	preso								
1	Xe	A-	Ai-	Xe-vy	Xéhegwi	Xe ndive	Xe-rehe	Xe reheve	Xe rehegwa	Xe ramo
2	Nde	Ere-	Erei-	Nde-vy	Ndéhegwi	Nde ndive	Nde-rehe	Nde reheve	Nde rehegwa	Nde ramo
	Ne									
1 <sup>a</sup> +2 <sup>a</sup>	Nhande	Ja-	Jai-	Nhande-vy	Nhandéhegwi	Nhande ndive	Nhande-rehe	Nhande reheve	Nhande rehegwa	Nhande ramo
	Nhane	Nha-	Nhai-							
1+1 <sup>a</sup> +3 <sup>a</sup>	Ore	Oro-	Oroi-	Ore-vy	Oréhegwi	Ore ndive	Ore-rehe	Ore reheve	Ore rehegwa	Ore ramo
2+2 <sup>a</sup>	Peẽ	Pe-	Pei-	Peẽ-my	Pendéhegwi	Pene ndive	Pende-rehe	Pende reheve	Pende rehegwa	Pende ramo
3(+3 <sup>a</sup> )	Ha'e	O-	Oi-	Íxupe	Íxugwi	Índive	Hese	Heseve	Hesegwa	Ha'e ramo
Demonstrativo										
Perto 1	Kóá	O-	Oi-	Kóá-pe	Kóá-gwi	Kóá ndive	Kóá-rehe	Kóá reheve		
	Ko va'e	O-	Oi-	Ko va'e-pe	Ko va'e-gwi	Ko va'e ndive	Ko va'e-rehe	Ko va'e reheve	Ko va'e rehegwa	Ko va'e ramo
Perto 2	Péa	O-	Oi-	Péa-pe	Péa-gwi	Péa ndive	Péa-rehe	Péa reheve	Péa rehegwa	Péa ramo
	Upéa	O-	Oi-	Upéa-pe	Upéa-gwi	Upéa ndive	Upéa-rehe	Upéa reheve	Upéa rehegwa	Upéa ramo
Distante do 1, 2										
Interrogativo	Ki va'e	O-	Oi-	Ki va'e-pe	Ki va'e-gwi	Ki va'e ndive	Ki va'e-rehe	Ki va'e reheve	Ki va'e rehegwa	Ki va'e ramo
Específico	Mba va'e	O-	Oi-	Mba va'e-pe	Mba va'e-gwi	Mba va'e ndive	Mba va'e-rehe	Mba va'e reheve	Mba va'e rehegwa	Mba va'e ramo
Remoto	Aipo va'e	O-	Oi-	Aipo va'e-pe	Aipo va'e-gwi	Aipo va'e ndive	Aipo va'e-rehe	Aipo va'e reheve	Aipo va'e rehegwa	Aipo va'e ramo

Fonte: Bridgeman (s.d., n.p..)

Note-se, no quadro, a inserção dos afixos pronominais de flexão verbal. Esses tipos de afixos, morfemas presos que marcam a flexão verbal, serão tratados no próximo tópico, que versa sobre os verbos.

### 3.5.5 Verbos

Os verbos são palavras que expressam processos ou ações que o sujeito realiza ou padece, e podem indicar existência, estado, ou posse (CANESE; ALCARAZ, 2010, p. 73).

Cardoso (2008) argumenta que os verbos em Kaiwá distinguem-se de outras classes de palavras por possuírem as seguintes características:

- i) categoria de número/pessoa que marca as pessoas que estão envolvidas na atividade (ou inatividade) verbal;
- ii) presença das categorias de tempo, modo e aspecto (TAM);
- iii) categoria de voz;
- iv) possibilidade de receber afixos derivacionais que podem alterar sua classe de palavra, ou ainda, mudar sua valência e,
- v) sintaticamente, o verbo pode funcionar como predicador e, por apresentar a categoria de número e pessoa, pode ser o único constituinte da oração (CARDOSO, 2008, p. 59).

Guash (1944) informa que, para a classificação e conjugação dos verbos, devem ser observados três critérios: a fonética (verbos orais fixos, nasais, aspirados ou oscilantes), a classe de ação que expressa (intransitivos ou transitivos) e o pronomesujeito que o precede (que define a conjugação). Canese e Alcaraz (2001) ainda incluem outra característica diferenciadora: a quantidade de raízes verbais (verbos simples ou compostos). Cardoso (2008), porém, trata a distinção dos verbos segundo sua classe de ação, em transitivos ativos, intransitivos ativos e intransitivos inativos.

Seguindo o critério fonético, são verbos fixos aqueles que não têm sua raiz alterada mediante a flexão pronominal: *jajapo* ‘nós (inc) fazemos’. Verbos nasais alteram apenas os pronomes de segunda pessoa (singular e plural), e o de primeira

pessoa do plural inclusivo: *nhamba'apo* ‘nós (incl.) trabalhamos’. Os verbos oscilantes ou aspirados são aqueles que se iniciam com **t**, **h**, ou **r**<sup>89</sup>: *xe resarái* ‘eu me esqueci’, *hesarái* ‘ele se esqueceu’, *ohexa* ‘ele vê’, *ha'e xe rexa* ‘ele me vê’.

Tratamos, a seguir, sobre as conjugações dos verbos. Neste trabalho, adaptamos a classificação elaborada por Guash (1944), modificada também por Canese e Alcaraz (2001), autores que dividem os verbos em duas classes principais: verbos próprios e verbos atributivos.

### 3.5.5.1 Verbos Próprios

Verbos próprios são aqueles que se constroem com lexemas verbais e formam predicados verbais (CANESE; ALCARAZ, 2001, p. 74). Os verbos próprios por sua ação podem ser classificados em transitivos ou intransitivos e dividem-se ainda em duas conjugações.

#### 3.5.5.1.1 Primeira Conjugação – Classe A e Classe Ai

Os verbos da classe A formam a maioria dos verbos na língua Kaiwá. Ainda nessa classe, encontramos quatro tipos de verbos: uniformes (orais e nasais), aspirados, *aireais*, e pronominais (CANESE; ALCARAZ, 2001). Como as distinções são relativamente pequenas, todos esses verbos se agrupam na mesma classe. Os prefixos pronominais dos verbos de classe A são os seguintes:

**QUADRO 10 – Afixos pronominais marcadores de pessoa**

Pessoa/Número	Classe A Orais e Nasais	Classe Ai	Verbos pronominais
1s	a-	ai-	xe
2s	ere-,	erei-	nde, ne
1p incl	ja-, nha-	jai-, nhai-	nhande, nhane

<sup>89</sup> Considerados prefixos (ou infixos) relacionais (CARDOSO, 2008).

1p excl.	oro-	oroi-	ore
2p	pe-	pei-	pende, pene
3s e 3p	o-	oi-	---

Fonte: Elaborado pela autora, adaptado de Canese e Alcaraz (2001).

Entre os verbos orais e nasais, a distinção ocorre apenas na conjugação da primeira pessoa do plural, como demonstram os exemplos relacionados no quadro a seguir:

#### QUADRO 11 - Verbos orais e nasais da classe A

Pessoa/Número	‘comer’	‘trabalhar’
1s	<b>akaru</b>	<b>amba’apo</b>
2s	<b>erekaru</b>	<b>eremba’apo</b>
1p incl	<b>jakaru</b>	<b>nhamba’apo</b>
1p excl.	<b>orokaru</b>	<b>oromba’apo</b>
2p	<b>pekaru</b>	<b>pemba’apo</b>
3s e 3p	<b>okaru</b>	<b>omba’apo</b>

Fonte: Elaborado pela autora com base no *corpus* desta pesquisa.

Os verbos chamados de *aireales* por Guash (1944) e Canese e Alcaraz (2001) são um grupo de verbos transitivos que se conjugam com a inserção do infixo *i* antes da raiz verbal e, por isso, são chamados de *Classe Ai*.

#### QUADRO 12 - Verbos orais e nasais da classe Ai

Pessoa/Número	‘pegar’	‘ajudar’
1s	<b>aipyhy</b>	<b>aipytygwõ</b>
2s	<b>ereipyhy</b>	<b>ereipytygwõ</b>
1p incl	<b>jaipyhy</b>	<b>nhaiipytygwõ</b>
1p excl.	<b>oroipyhy</b>	<b>oroipytygwõ</b>
2p	<b>peipyhy</b>	<b>peipytygwõ</b>
3s e 3p	<b>oipyhy</b>	<b>oipytygwõ</b>

Fonte: Elaborado pela autora com base no *corpus* desta pesquisa.

Esse infixo desaparece quando o verbo recebe outro infixo: reflexivo/passivo, *je (nhe)*, ou recíproco, *jo (nho)*.

- *Oikutu* ‘ele feriu (outro)’ *ojekutu* ‘ele se feriu’
- *Oipytygwõ* ‘ele ajuda’ *onhopytygwõ* ‘eles ajudam uns aos outros’

Alguns verbos se parecem com os da Classe Ai, porque sua raiz se inicia com *i*. A conjugação desses verbos com o uso do reflexivo ou recíproco, porém, prova que *i* não se constitui infixo, mas parte da raiz verbal.

- *Oity* ‘ele derrubou’ *ojeity* ‘ele foi derrubado’
- *Oiko* ‘ele vive’ *ojeiko* ‘vive-se’

Os verbos aspirados (GUASH, 1944) são também chamados de triformes e são iniciados por **h** e, quando são pronominais, alguns deles se iniciam por **r** (CANESE; ALCARAZ, 2001). Também podem ser nasais ou orais, como nos exemplos, relacionados no quadro a seguir:

#### QUADRO 13 - Verbos orais e nasais aspirados da Classe A

Pessoa/Número	‘ver’	‘ouvir’
1s	<b>ah</b> hexa	<b>ah</b> endu
2s	<b>ere</b> hexa	<b>ere</b> endu
1p incl	<b>ja</b> hexa	<b>nh</b> ahendu
1p excl.	<b>oro</b> hexa	<b>oro</b> hendu
2p	<b>pe</b> hexa	<b>pe</b> hendu
3s e 3p	<b>o</b> hexa	<b>o</b> hendu

Fonte: Elaborado pela autora com base no *corpus* desta pesquisa.

Verbos transitivos cujos radicais são iniciados por **r** recebem a sílaba *gwe-* prefixada ao radical, quando ocorrem com marcadores de primeira pessoa do plural exclusiva e de terceira pessoa (singular ou plural) (BRIDGEMAN, 19--).

- *ogweraha* ‘ele leva’      *orogweru* ‘nós (excl.) levamos’
- *ogwereko* ‘ele possui’      *orogwereko* ‘nós possuímos’
- *ogweru* ‘ele traz’      *orogweru* ‘nós trazemos’

Os verbos pronominais são verbos próprios que perdem seu prefixo de número e pessoa ao seguir pronomes de primeira ou segunda pessoa que funcionam como complementos verbais, portanto, são sempre verbos transitivos. Podem ser pronominais verbos transitivos uniformes orais e nasais, os da Classe Ai, e os aspirados. Ao serem pronominais, verbos da classe Ai perdem o infixo *i*, e os aspirados substituem a primeira letra da raiz *h* por *r*.

- *erejohu* ‘você encontra’      *ha’e nde johu* ‘ele te encontra’
- *aipytygwõ* ‘eu ajudo’      *nde xe pytygwõ* ‘você me ajuda’
- *ahayhu* ‘eu amo’      *nde xe rayhu* ‘você me ama’
- *jahexa* ‘nós vemos’      *ha’e nhande rexa* ‘ele nos vê’

### 3.5.5.1.2 Segunda Conjugação – Classe Ha

Os verbos de segunda conjugação são chamados de Classe Ha (CANESE; ALCARAZ, 2001). Guash (1944) inclui esse tipo nos verbos irregulares, mas entre eles há uma regularidade que permite que alguns deles componham essa classe de verbos. Podem ser orais, nasais e pronominais, mas não triformes.

#### QUADRO 14 - Verbos orais e nasais da classe Ha

Pessoa/Número	<i>‘u</i> ‘comer’	<i>‘a</i> ‘cair’
1s	<b>ha</b> ’u	<b>ha</b> ’a
2s	<b>ere</b> ’u	<b>ere</b> ’a
1p incl	<b>ja</b> ’u	<b>ja</b> ’a
1p excl.	<b>oro</b> ’u	<b>oro</b> ’a
2p	<b>pe</b> ’u	<b>pe</b> ’a
3	<b>ho</b> ’u	<b>ho</b> ’a

Fonte: Elaborado pela autora com base no *corpus* desta pesquisa.

Alguns exemplos:

- *Ho’yta, ho’yta*. ‘Ele **nadou** e **nadou**.
- *Monde ho’a hi’ári*. ‘O mundéu **caiu** em cima dele.’

### 3.5.5.1.3 Verbos Irregulares

Alguns verbos próprios em Kaiwá são considerados irregulares, pois suas raízes se alteram de acordo com a flexão de número e pessoa. São: ‘e ‘dizer’ *ho*, ‘ir, e *ju* ‘vir’, relacionados no quadro a seguir:

**QUADRO 15 - Verbos irregulares**

Pessoa/Número	‘dizer’	‘ir’	‘vir’
1s	ha’e	aha	aju
2s	ere	ereho	ereju
1p incl	ja’e	jaha	jaju
1p excl.	oro’e	oroho	oroju
2p	peje	peho	peju
3	he’i	oho	ou

Fonte: Elaborado pela autora, adaptado de Guash, (1944, p. 83-85)

### 3.5.5.1.4. Verbos Impessoais ou Defectivos

Verbos impessoais ou defectivos são flexionados em apenas uma pessoa (geralmente em 3ª pessoa) ou não recebem afixo pronominal nenhum. Alguns deles são verbos relacionados às condições do tempo, como *oky* ‘chove’, *osunu* ‘troveja’, *overa* ‘relampeja’; outros exemplos de impessoais são *ojehu* ‘acontece’, *ikatu* ‘ser possível, poder, conseguir’, *tekotevẽ* ‘é necessário’.

### 3.5.5.2 Verbos Atributivos ou Estativos - Classe Xe

Os verbos oriundos de nomes ou adjetivos verbalizados mediante a justaposição de pronomes são chamados de verbos atributivos (CANESE; ALCARAZ, 2001), os quais Guash (1944) classifica como verbos “chendales”, chamados por nós de *Classe*

*Xe*. Essa classe de verbos forma os predicados nominais, formados por verbos intransitivos ou neutros, estativos (verbos de estado).

Os pronomes e afixos pronominais utilizados nessa classe estão no quadro a seguir:

#### QUADRO 16 - Sujeitos dos verbos estativos

1s	xe
2s	nde/ne
1pl incl	nhande/nhane
1 pl excl.	ore
2 pl	pende/pene
3s e 3pl	i- (precede consoantes com a exceção de <b>t e r</b> )
	ij- (precede radicais que iniciam por vogal oral)
	inh- (precede radicais que iniciam por vogal nasal)
	h- (substitui o radical que inicia por t numa pequena classe de verbos pessoais)

Fonte: Elaborado pela autora, adaptado de Bridgeman (19--).

Alguns exemplos:

- *Ne resãi?* ‘você está com saúde?’
- *Xe sy hasy va’ekwe* ‘minha mãe estava doente’.
- *Ipoxy nhamói* ‘vovô estava irado’.

### 3.5.6 Advérbios

Advérbios são palavras que acompanham e qualificam o verbo, o adjetivo ou outro advérbio (CANESE; ALCARAZ, 2001, p. 68). Podem ser de tempo, lugar, modo, intensidade, afirmação, negação, dúvida, interrogação. Constituem, em kaiwá, “uma classe aberta, assim como os nomes e os verbos” (CARDOSO, 2008, p. 98). O quadro a seguir mostra advérbios encontrados na língua Kaiwá:

QUADRO 17- A Classe dos Advérbios

Subclasses	Advérbios
Advérbios de tempo	<i>araka'e</i> 'antigamente' <i>etería</i> 'hoje' <i>ko'ẽ</i> ramo 'amanhã' <i>kwehe</i> 'ontem' <i>ko'ã</i> y, <i>ko'á</i> nga 'agora' <i>kuri</i> 'a pouco tempo' <i>meme</i> 'sempre' <i>upéi</i> 'então' <i>voi</i> 'cedo' <i>yma</i> 'antigamente'
Advérbios de lugar	<i>amo</i> 'lá, longe' <i>ári</i> 'sobre, em cima' <i>a-py</i> , <i>ko'a-py</i> 'aqui' <i>kupe</i> 'atrás' <i>rapy</i> , <i>rapykwéri</i> 'atrás de' <i>kyvõ</i> 'mais adiante' <i>tenonde</i> 'em frente a' <i>gwy</i> 'sob, embaixo de' <i>upe-py</i> 'ali'
Advérbios de modo	<i>aipo</i> 'assim' <i>mbegwe</i> 'devagar' <i>peteixa</i> 'do mesmo modo, igualmente'
Advérbios interrogativos	<i>araka'e</i> 'quando?' <i>mba'éixa</i> 'como?' <i>mbovy</i> 'quantos?' <i>kipy</i> 'aonde? (+ específico)' <i>mamo</i> 'aonde? (+ genérico)'
Advérbios de afirmação	<i>ha'e</i> 'sim'

e negação	<i>naháni</i> ‘não’ <i>ani</i> ‘não (somente em imperativo negativo)
-----------	---

Fonte: Elaborado pela autora, com base no *corpus* da pesquisa.

Vejamos alguns exemplos de advérbios:

- *Eju jevy a-py*. 'Venha de novo para **cá**.'
- *Ani pende are*. '**Não** demorem.'
- *Haku eterei kwarahy*. 'O sol está quente **demais**.'

### 3.5.7 Posposições

Diferentemente do português, que é uma língua preposicional, Kaiwá é uma língua posposicional. As posposições em Kaiwá, assim como as preposições em português, “exercem diversas funções predicativas *concretas* como localização, instrumento, acompanhamento, beneficiário e causa” (BAGNO, 2011, p. 854). Alistamos a seguir as posposições encontradas na língua Kaiwá:

**QUADRO 18 – A Classe das Posposições**

Posposição	Tradução
<i>gwi</i>	de (origem, causa)
<i>koty</i>	direção
<i>ndive</i>	companhia
<i>pe</i>	para (indica objeto indireto)
<i>peve</i>	até (tempo, espaço)
<i>py</i>	em, para, com
<i>rami</i>	conforme, semelhante a
<i>rehe</i>	sobre, a respeito de
<i>reheve</i>	com
<i>rupi</i>	por, sobre'
<i>upe</i>	para (variante de <i>pe</i> )

Fonte: Elaborado pela autora, com base no *corpus* da pesquisa.

Vejamos alguns exemplos de uso das posposições na língua Kaiwá:

- *Osẽ y-gwi* ‘eles saíram da água’
- *Tereho nde rape-rupi* ‘vá pelo teu caminho’
- *Upéi oho okyvýry ndive* ‘então ela foi com seu irmão’

### 3.5.8 Conjunções

As palavras da classe das conjunções podem ligar palavras a outras e podem ligar orações entre si de forma coordenada, subordinada ou correlata. (CASTILHO, 2010, p. 668). Na língua Kaiwá encontramos dois tipos de conjunções, as coordenativas e as subordinativas, relacionados no quadro a seguir:

**QUADRO 19 – A Classe das Conjunções**

Classificação das conjunções		Conjunções
Coordenativas	Aditiva	<i>ave</i> ‘também’
	Adversativa	<i>ha</i> ‘mas’
	Final	<i>hagwã</i> ‘para, a fim de’
	Causais	<i>gwi</i> ‘por causa de’ <i>rehe</i> ‘por causa de’
Subordinativas	Temporais	<i>ramo</i> ‘quando’ <i>jave</i> ‘enquanto’ <i>rire</i> ‘depois de’ <i>mboyve</i> ‘antes de’
	Condicional	<i>ramo</i> ‘se’
	Concessiva	<i>jepe</i> ‘embora, mesmo que’

Fonte: Elaborado pela autora, com base no *corpus* da pesquisa.

Vejamos alguns exemplos de uso das conjunções:

- *Ogwejy ko yvy ári opyta hagwã.* 'Desceram **para** ficarem aqui na terra.'
- *Ko'ẽ jevy ramo oho.* '**Quando** amanheceu novamente, ele foi (embora).'
- *Peteĩ jasy rire ha'e kwéry ojapo kagwĩ.* '**Depois de** um mês eles faziam a chicha.'
- *Ojo'o ramo jepe ndikatúi ha'e onheresende.* '**Mesmo que** ele cave, não consegue se salvar.'

### 3.5.9 Interjeições

Foram encontradas no *corpus* deste estudo algumas expressões usadas apenas com a intenção de chamar a atenção a alguma referência específica, que foram classificadas como interjeições. Essas expressões funcionam como marcadores discursivos:

- *No'ã* 'Olhe!' *Kyryriju no'ã ambogwapy ojóehe.* Ararinhas, olhe! Eu os faço sentarem juntos.
- *Ndoko* 'Olhe!' *Ndoko, tape oĩ va'erã ne'irã vyteri oĩ.* 'Olhe, o caminho que terá ainda não tinha (naquela época)'

### 3.5.10 Partículas

As partículas, conforme Cardoso (2008, p. 116),

[...] constituem uma classe fechada de elementos não flexionados e que, geralmente, ocupam posições relativamente fixas nas sentenças. Desempenham funções gramaticais ou discursivas. Semanticamente, é uma classe heterogênea, incluindo marcas de modalidade, de tempo/aspecto, de negação, evidencialidade e ênfase.

A autora esclarece que muitas das partículas por ela analisadas poderiam “fazer parte de outras classes, como por exemplo, da classe dos advérbios” (CARDOSO, 2008,

p. 116). Em nossa classificação, diversas dessas partículas listadas por Cardoso foram consideradas como advérbios e conjunções, motivadas pelas suas funções gramaticais.

Essa classe, portanto, abrange todas aquelas palavras (e também morfemas presos) que não puderam ser inseridas em outra classe gramatical. Vejamos algumas delas no quadro a seguir:

**QUADRO 20 - A Classe das Partículas**

Subclasses de partículas	Partículas	Exemplos
Partícula coletivizadora	<i>kwéry</i>	<i>Kwimba'e kwéry</i> 'Homens'
Partículas negativas	<i>n(d)(a)-...-i</i> <i>e'ỹ, -re'ỹ</i>	<i>Ndaipukúí</i> 'Não é comprido' <i>Nhande jaikwaa e'ỹ</i> . 'Nós não sabemos'.
Partículas interrogativas	<i>tipo, pa, nipo</i>	<i>Ma'erã nipo ndoipotái?</i> 'Por que será que ela não quer?'
Partículas aspectuais	Completiva: <i>ma</i> Completude: <i>-pa, -mba</i> Intencional: <i>ta</i>	<i>Ereju-ma</i> . 'Você já veio'. <i>Ohopa</i> . 'Eles foram todos'. <i>Amombe'u-ta</i> . 'eu contarei (pretendo contar)'
Partículas nominalizadas	<i>-a, -gwa, -ha</i>	<i>Ko ndaha'éiry tekoha</i> . 'Este não é o comportamento (correto).'
Partículas temporais	Passado: <i>-kwe</i> <sup>90</sup> Futuro: <i>-rã</i>	<i>Xe rogakwe</i> . 'Minha antiga casa.' <i>Nde kwatiarã</i> . 'Teu futuro livro'.

Fonte: Elaborado pela autora, com base no *corpus* da pesquisa.

A descrição da gramática da língua Kaiwá esboçada neste trabalho teve por objetivo auxiliar o leitor na compreensão um pouco da complexidade dessa língua. Todavia, ela não pode ser considerada, de modo nenhum, exaustiva, pois não foram

<sup>90</sup> A partículas temporais ligadas ao pronome relativo *va'e* transformam-se em pronomes relativos com função temporal, como visto em 3.5.4.5

aqui abordados aspectos sintáticos e pragmáticos, dentre outros. Consideramos, entretanto, que foram descritas as características da língua necessárias para a compreensão do texto dos verbetes do dicionário, produto desta dissertação.

O capítulo a seguir descreve a metodologia utilizada neste trabalho, principalmente no que tange à composição dos *corpora* desta pesquisa.

## CAPÍTULO 4

### PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: O *CORPUS* DA PESQUISA

Com o objetivo de produzir um dicionário bilíngue Kaiwá-Português, seguimos uma série de procedimentos metodológicos, divididos por Porto-Dapena (2002, p. 104) em duas etapas: a constituição do *corpus* lexicográfico e a redação do dicionário. A primeira etapa foi iniciada com a definição dos *corpora*, requisito essencial para identificar a relevância concreta das palavras do dicionário em termos de frequência e distribuição no universo analisado (ATKINS; RUNDELL, 2008).

Isquierdo (2007, p. 204) faz a seguinte ponderação sobre a utilização do *corpus* no trabalho lexicográfico:

Não é demais lembrar que, segundo a Lexicografia Moderna, a seleção da nomenclatura dos dicionários deve pautar-se num *corpus* de referência informatizado, uma base textual eletrônica com representatividade e abrangência compatíveis com os objetivos e a tipologia da obra a ser produzida.

Neste estudo, que teve como produto final uma proposta lexicográfica, optamos por utilizar dois *corpora* (um antigo e outro recente) para documentar o uso da língua Kaiwá em duas épocas distintas com o objetivo de verificar possíveis mudanças lexicais ocorridas na língua no período compreendido pela pesquisa, ou seja, aspectos da deriva da língua em estudo (SAPIR, [1921] 1971). Entendemos, porém, que, ao utilizar dados concretos da língua relativos à língua oral, temos uma amostra finita e passível de falhas, mas, vindo essa amostra de uma língua tipicamente oral, sem uma normatização documentada por escrito, acreditamos ser essa a melhor amostra a ser considerada neste trabalho.

A partir da coleta dos dois *corpora*, procedeu-se à organização, análise e classificação das palavras e, finalmente, sua lematização no dicionário. Verificamos também a frequência das palavras em cada *corpus*. Além das palavras lexicais (nomes, verbos, advérbios, adjetivos), foram também lematizadas palavras gramaticais (pronomes, conjunções, partículas) e morfemas (prefixos, sufixos e supra-fixos).

#### **4.1. O CORPUS**

Como já assinalado, o estudo utilizou dois *corpora* formados por textos orais. A escolha das fontes orais foi motivada por duas razões principais: a primeira é a falta de tradição escrita da língua. Há sim, materiais escritos na língua, produzidos por indígenas e não indígenas, mas, devido ao problema da não padronização da escrita e, ainda, o não reconhecimento geral do sistema sugerido e utilizado pelos linguistas missionários que trabalharam nas décadas de 1960 a 90, os textos possuem uma discrepância muito grande em termos ortográficos e também quanto à questão dialetal, advindos da ideia de que Kaiwá é apenas um dialeto do Guaraní falado no Paraguai, utilizando-se nas escolas indígenas brasileiras materiais importados daquele país (CARDOSO, 2009).

A segunda razão advém do fato de os textos orais serem mais relevantes como fonte de dados para um dicionário, pois fornecem dados reais em circunstâncias concretas de uso da língua, assim como têm um potencial de produzir dados específicos da fala, marcadores discursivos e conversacionais, que muitas vezes não são encontrados em textos escritos.

Os dois *corpora* utilizados representam duas sincronias distintas, pois são oriundos de dois períodos de coleta e foram recolhidos com objetivos distintos. O primeiro foi coletado na década de 1960 por um casal de linguistas britânicos, enquanto o segundo foi documentado pela autora deste trabalho, em 2013.

#### 4.1.1. Caracterização do Corpus I - 1961 – 1966

Os textos que compõem o *Corpus I* foram gravados pelo casal britânico John e Audrey Taylor, linguistas do Summer Institute of Linguistics (SIL), entre 1961 e 1963, e em 1966, na reserva indígena de Dourados-MS, conhecido também como Posto Indígena Francisco Horta. Todos os textos foram transcritos e datilografados por John Taylor, organizados segundo o informante e a natureza da história documentada. Infelizmente não conseguimos recuperar as gravações, mas apenas as cópias dos textos datilografados, em ótimo estado de conservação<sup>91</sup>. Alguns deles possuem anotações feitas à mão sobre o ano de gravação.

John Taylor<sup>92</sup> gravava as histórias que alguma pessoa lhe contava e que tinha interesse na época: um acontecimento recente, alguma coisa interessante da cultura ou algum fato ocorrido no passado. Também temas relacionados à natureza e aos mitos indígenas integram o conjunto de narrativas. Esse material era utilizado por Taylor como fonte de estudo com vistas ao aprendizado da língua, por isso as narrativas foram transcritas com todas as segmentações morfológicas. Não havia critérios específicos para a escolha das pessoas a serem entrevistadas. Eram, basicamente:

- i) Pessoas com quem o casal estudava/aprendia a língua e/ou pessoas que iam quase todos os dias à casa do casal;
- ii) Pessoas que moravam perto da residência do casal e os visitava (ou eram visitadas pelo casal);
- iii) Pessoas mais novas que possuíam opiniões de uma nova geração, que queriam discuti-las.

---

<sup>91</sup> Material guardado em arquivo pessoal dos linguistas. Recebemos uma cópia desse material quando iniciamos esta pesquisa.

<sup>92</sup> Esse linguista faleceu em 1999, mas sua esposa ainda vive, na Inglaterra, e mantém contato com os indígenas, fazendo visitas ao Brasil duas vezes ao ano. Ela possui um caderno onde mantém anotados dados antigos e forneceu vários deles para esta pesquisa: ano de nascimento, origem e caracterização dos informantes.

O nível de escolaridade dos entrevistados era baixo: a maioria era analfabeto ou semianalfabeto, com exceção de Marçal de Souza<sup>93</sup>, que foi criado na missão Caiuá e possuía escolaridade em nível fundamental e tinha melhor fluência da língua portuguesa. Os demais homens tinham pouca competência no português, enquanto as mulheres eram praticamente monolíngues em Kaiwá.

O material reúne diversos gêneros de histórias, embora quase todas sejam tipicamente narrativas<sup>94</sup>. Para a classificação das histórias, utilizamos o sistema de classificação contido no programa Fieldworks Language Explorer (FLEX)<sup>95</sup>, que apresenta uma lista de “Gêneros”, como exposto no quadro a seguir:

**QUADRO 21 – Gêneros textuais apresentados no programa FLEX**

Diálogo	Conversa Conflito verbal Negociação Drama	
Monólogo	Narrativa	História Ficção História tradicional Profecia
	Procedimento	Procedimento descritivo Procedimento prescritivo
	Texto comportamental	Texto exortatório Texto normativo Texto promissório Descrição comportamental
	Exposição	Projeção Exposição descritiva Exposição didática.

Fonte: Elaborado pela autora, adaptado com base no Programa Flex.

<sup>93</sup> Marçal de Souza (1920-1983), chamado de Tupã'i (pequeno Tupã), mais tarde se tornou um líder Guarani na luta pela causa indígena e foi assassinado depois de apoiar a retomada da aldeia Pirakuá, em Bela Vista-MS (GRÜNBERG; MELIÁ, 2008, p.18).

<sup>94</sup> Marcuschi (2010, p.23) relaciona cinco tipos textuais: narração, argumentação, exposição, descrição e injunção. O autor esclarece que os gêneros podem ser inúmeros, mas “povos de cultura essencialmente oral desenvolveram um conjunto limitado de gêneros” (MARCUSCHI, 2010, p.20).

<sup>95</sup> Programa elaborado pelo Summer Institute of Linguistics, disponível em: <http://fieldworks.sil.org/flex/>.

Os 32 textos que compõem o acervo do *Corpus I* são monólogos e estão assim distribuídos, em termos de tipologia:

- 15 *histórias* (H)<sup>96</sup> que versam sobre fatos verídicos relacionados à própria pessoa ou sobre fatos ocorridos com uma terceira pessoa;
- 11 *histórias tradicionais* (HT) sobre as origens e mitos<sup>97</sup> diversos (com conotação moral);
- 4 *descrições comportamentais* (DC), um misto de descrição com narração de evento;
- 1 *texto exortatório* (TE) contendo conselhos diversos sobre comportamentos tomados como adequados;
- 1 *procedimento descritivo* (PD), relato voltado para a descrição da realização de um procedimento (Ex: como cuidar do recém-nascido).

Para identificar o autor da história e facilitar a organização posterior do *corpus*, os informantes e os textos foram numerados. Dessa forma, o informante A.C., por exemplo, foi codificado como C1-Inf.01, e seu primeiro texto, identificado como C1-Inf.01.1 Esse código foi usado para identificar os exemplos apresentados como abonação nos verbetes do dicionário. O quadro a seguir caracteriza o *Corpus I*.

**QUADRO 22 - *Corpus I* – 13.166 ocorrências (1.870 formas)**

Informante	Ano/nasc.	Sexo	Código de identificação	Título do texto	Gênero
Inf.01 (A.C.)	1915	M	C1-Inf.01.1	O dilúvio (1)	HT
Inf.02 (I.S.)	1920	M	C1-Inf.02.1	A ira do vovô	H
			C1-Inf.02.2	Como acalmamos a ira do vovô	H
Inf.03 (M.S.)	1920	M	C1-Inf.03.1	Os dois jaós (T),	HT
			C1-Inf.03.2	Irmão mais velho e o jacaré	HT
			C1-Inf.03.3	A onça e o tamanduá (T)	HT

<sup>96</sup> As abreviações seguem o tipo das histórias para facilitar a identificação do gênero.

<sup>97</sup> As narrativas sobre animais e suas aventuras foram inseridas nas histórias tradicionais, pois fazem parte da mitologia indígena, não sendo consideradas, portanto, histórias inventadas.

Inf.04 (E.A.)	1941	M	C1-Inf.04.1	Uma história sobre Avelino,	H
			C1-Inf.04.2	O nascimento de crianças	PD
Inf.05 (R.J.)	1900	F	C1-Inf.05.1	Nossas redes	DC
			C1-Inf.05.2	Japu de rabo vermelho	H
			C1-Inf.05.3	A vila de Tanambi	H
			C1-Inf.05.4	Os velhos	DC
			C1-Inf.05.5	Dentistas	DC
			C1-Inf.05.6	A tartaruga e a onça (T)	HT
Inf.06 (M.P.)	1910	F	C1-Inf.06.1	A origem dos paraguaios	HT
			C1-Inf.06.2	Lua minguante	HT
			C1-Inf.06.3	Nosso começo	HT
Inf.07 (H.M.)	1942	F	C1-Inf.07.1	Uma mulher embriagada (1)	H
			C1-Inf.07.2	Uma mulher embriagada (2)	H
			C1-Inf.07.3	Beija-flor	HT
Inf.08 (J.B.)	1943	F	C1-Inf.08.1	Meu marido	H
			C1-Inf.08.2	Minha mãe	H
			C1-Inf.08.3	O dilúvio (2)	HT
			C1-Inf.08.4	Morcegos	HT
			C1-Inf.08.5	Uma história sobre minha filha	H
			C1-Inf.08.6	A morte do meu padrasto	H
			C1-Inf.08.7	Meu padrasto Justino	H
Inf.09 (P.H.)	1945	F	C1-Inf.09.1	Conselho sobre crianças	TE
			C1-Inf.09.2	Uma história sobre meus filhos	DC
			C1-Inf.09.3	Uma história sobre Júlia	H
Inf.10 (M.B.)	1950	F	C1-Inf.10.1	Assassinos	H
			C1-Inf.10.2	Uma história sobre Antonio	H

Fonte: Elaborado pela autora.

#### 4.1.2. Caracterização do *Corpus II* – 2013

Em relação ao segundo *corpus*, formado por histórias gravadas pela autora deste trabalho em 2013, alguns critérios foram levados em conta para a escolha das pessoas a serem entrevistadas, como:

- Ser fluente na língua Kaiwá – embora seja um critério subjetivo, a seleção do informante foi avaliada por um habitante da aldeia.
- Ser de origem familiar Kaiwá (não ser mestiço, tendo um dos genitores não indígena, ou não Kaiwá).
- Ser habitante das aldeias de Jaguapiru/Bororó<sup>98</sup> ou da aldeia de Panambizinho. Essa segunda é considerada a aldeia onde ‘se fala o Kaiwá mais puro’. Procuramos equilibrar a quantidade de texto entre as aldeias, com objetivo de obter um *corpus* representativo de ambas as localidades.
- Ter representatividade, na medida do possível, de informantes de diferentes faixas etárias, homens e mulheres idosos (acima de 50 anos) e jovens (entre 20 e 30 anos).
- A variável escolaridade não foi controlada na seleção dos entrevistados, pois, no caso do Kaiwá, a língua materna é adquirida apenas no meio familiar.

A gravação das histórias foi feita com o auxílio do *smartphone* (LG-P698). Posteriormente os arquivos de áudio foram convertidos em arquivos de extensão *.wav* para serem transcritos digitalmente com a utilização do programa ELAN<sup>99</sup>. Nessa etapa contamos com a ajuda de um indígena fluente na língua.

Os textos gravados e transcritos foram organizados com o auxílio do programa FLEx conforme mostra o quadro a seguir:

---

<sup>98</sup> O Posto Indígena Francisco Horta, conhecido como ‘aldeia de Dourados’, é dividido em duas aldeias: Jaguapiru e Bororó. A aldeia de Panambizinho também se situa no município de Dourados.

<sup>99</sup> Programa desenvolvido por Han Sloetjes no Max Planck Institute for Psycholinguistics - The Language Archive, Nijmegen, Holanda, disponível na página: <http://www.lat-mpi.eu/tools/elan/>.

**QUADRO 23 – Corpus II – 13.141 ocorrências (1.995 formas)**

Informante	Ano/ nasc.	Sexo	Código de identificação	Título do texto	Gênero
Inf.01 (S.S.)	1957	M	C2-Inf.01.1	Os primeiros kaiwás	HT
			C2-Inf.01.2	A origem das sereias	HT
			C2-Inf.01.3	Sobre o Pai Tambeju	HT
			C2-Inf.01.4	Sobre o ritual do menino	PD
			C2-Inf.01.5	Quando chove demais	H
Inf.02 (D.S.)	1958	M	C2-Inf.02.1	Sobre assombrações	DC
			C2-Inf.02.2	O que os antigos ensinavam aos filhos	PD
			C2-Inf.02.3	Sobre o mundéu	PD
			C2-Inf.02.4	Sobre o casamento	ED
Inf.03 (N.C.)	1942	M	C2-Inf.03.1	A origem das cruzeiras	HT
			C2-Inf.03.2	Rezas para a cruz	HT
			C2-Inf.03.3	Como viver bem	H
			C2-Inf.03.4	Rezas para chuva	H
			C2-Inf.03.5	Quando o sol escurece	H
			C2-Inf.03.6	O ritual do menino	H
Inf.04 (X.S.)	1953	M	C2-Inf.04.1	Sobre a missão Caiuá	H
Inf.05 (P.T.)	1985	M	C2-Inf.05.1	O bicho feio	H
			C2-Inf.05.2	O arco-íris	H
Inf.06 (R.A.)	1950	F	C2-Inf.06.1	Comidas e rituais	PD
			C2-Inf.06.2	O início da aldeia	H
Inf.07 (R.C.S.)	1978	F	C2-Inf.07.1	Sobre a menina moça	PD
			C2-Inf.07.2	Quando a mulher tem bebê	PD
			C2-Inf.07.3	Quando ficamos doentes	H
Inf.08 (B.C.M.)	1993	F	C2-Inf.08.1	Sobre o sol e a lua	HT
			C2-Inf.08.2	Uma história sobre meu avô	H
Inf.09 (C.O.S.)	1990	F	C2-Inf.09.1	Sobre minha família	DC
			C2-Inf.09.2	Minha mãe me ensinou	DC
			C2-Inf.09.3	Nossa plantação	DC
Inf.10	1975	F	C2-Inf.10.1	Sobre meu irmão	H

(D.A.)			C2-Inf.10.2	Remédio para não ter filhos	H
			C2-Inf.10.3	Quando os filhos nascem em casa	H
Inf.11 (L.C.)	1973	F	C2-Inf.11.1	Nossos remédios	H
			C2-Inf.11.2	Sobre o vovô Chiquito	H

Fonte: Elaborado pela autora.

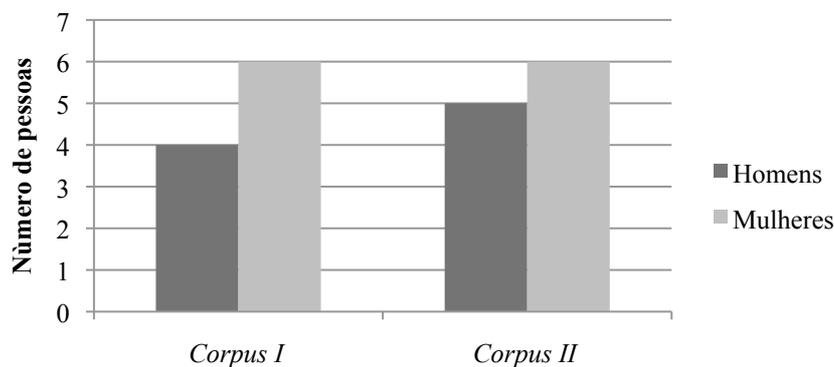
Tipologicamente, os 33 textos que compõem esse acervo estão assim distribuídos:

- 15 *histórias* (H) que versam sobre fatos verídicos relacionados à própria pessoa ou sobre fatos ocorridos com uma terceira pessoa;
- 7 *histórias tradicionais* (HT) sobre as origens e mitos diversos (com conotação moral);
- 4 *descrições comportamentais* (DC), um misto de descrição com narração de evento;
- 1 *exposição didática* (ED) a respeito de um elemento da cultura (o ritual do casamento);
- 6 *procedimentos descritivos* (PD), relatos voltados à descrição da realização de um procedimento (Ex: preparação da comida tradicional).

A comparação entre os quadros 21 e 22 demonstra que na configuração dos 2 *corpora* existe um equilíbrio de distribuição segundo sexo e faixa etária<sup>100</sup> das pessoas entrevistadas, conforme ilustram os gráficos 1 a 3 a seguir:

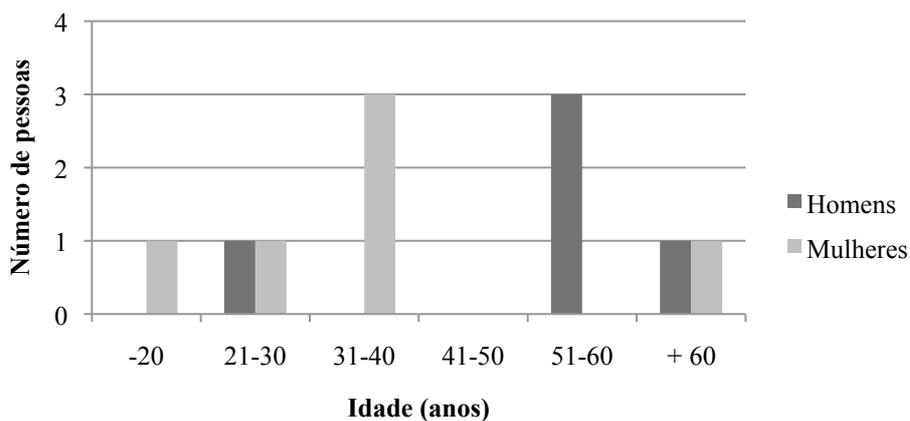
<sup>100</sup> A idade aproximada das pessoas foi calculada com base nos anos das entrevistas: *Corpus I* - 1963 e *Corpus II* - 2013.

**GRÁFICO 1 – Quantidade de informantes entrevistados nos dois *corpora*, distribuídos segundo o sexo.**



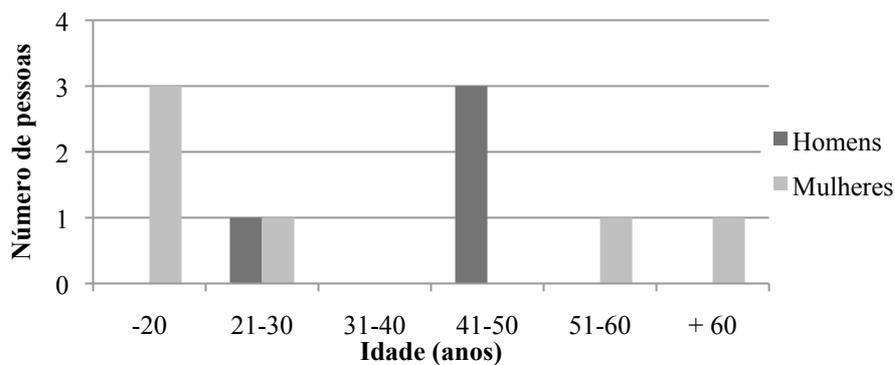
Fonte: Elaborado pela autora, com base nos *corpora* da pesquisa.

**GRÁFICO 2 - Faixa etária dos informantes entrevistados no *Corpus I***



Fonte: Elaborado pela autora, com base nos *corpora* da pesquisa.

**GRÁFICO 3 - Faixa etária dos informantes entrevistados no *Corpus II***



Fonte: Elaborado pela autora, com base nos *corpora* da pesquisa.

## 4.2. ORGANIZAÇÃO DO *CORPUS*

Todos os textos foram digitados e armazenados com o auxílio do programa Fieldworks Language Explorer (FLE<sub>x</sub>), que foi construído para auxiliar linguistas de campo na execução de tarefas de documentação e análise linguística. O programa é dividido em várias partes, das quais destacamos as principais, utilizadas neste trabalho:

- i) Léxico: espaço onde se constrói os verbetes do dicionário, que possui campos pré-definidos, que podem ser visualizados ou ocultados de acordo com a configuração do usuário.
- ii) Textos: espaços onde são armazenados todos os textos transcritos a partir das gravações e contém campos específicos para armazenar os metadados dos textos (nome do informante, nome do texto, data de gravação, gênero, e outras informações podem ser adicionados). Possui, ainda, uma subseção de onde é possível extrair a concordância da lista de palavras dos textos conforme sua ocorrência, além de fazer diversos tipos de buscas, como, por exemplo, a busca de morfemas específicos). O programa fornece ainda a estatística geral de palavras (*tokens* e *types*<sup>101</sup>).
- iii) Gramática: recurso que permite inserir a classificação gramatical dos itens lexicais armazenados.

A concordância permite visualizar a frequência de cada palavra no *corpus*. As palavras com apenas uma ocorrência foram analisadas com a ajuda de um indígena para verificar a sua relevância na língua e, a partir disso, decidir ou não pela sua seleção para o dicionário. Biderman (1998c, p. 175) esclarece que algumas palavras com baixa frequência no *corpus* não são propriamente raras, mas seu uso acontece “apenas quando o(s) usuário(s) aciona(m) determinada área do conhecimento.”

A partir das palavras separadas pela concordância, fizemos um agrupamento daquelas que possuem a mesma raiz ou radical, para que, no dicionário, fosse inserida

---

<sup>101</sup> *Token* se refere à contagem total de palavras dos textos, cada palavra é um *token*, não importando se repetida; *type* é a forma da palavra no texto, cada *type* é contada apenas uma vez.

como entrada apenas a raiz/radical principal. Algumas dessas palavras, devido à sua construção composta, figuraram como novas entradas, com o objetivo de serem melhor compreendidas pelo leitor.

### 4.3. DESCRIÇÃO DOS *CORPORA* EM TERMOS DE FREQUÊNCIA

Depois de digitalizados todos os textos, pudemos observar, com o auxílio da concordância existente no programa FLE<sub>x</sub>, a frequência de cada palavra encontrada no *corpus*. A seguir, apresentamos um quadro das quarenta<sup>102</sup> mais frequentes no *corpus*, e respectiva frequência nos *corpora*.

**QUADRO 24 - Palavras mais frequentes nos *corpora***

Palavra	Glosa <sup>103</sup>	Classe	<i>Corpus I</i>	<i>Corpus II</i>	Total
xe	‘eu, meu/minha’	Pronome	504 (1) <sup>104</sup>	347 (2)	851
he’i	‘ele diz’	Verbo	502 (2)	249	751
ma	‘já’	Partícula	296	294	590
py	‘em, dentro’	Posposição	288	299 (4)	587
ramo	‘se, quando’	Conjunção	339 (4)	233	569
pe	‘para’	Posposição	231	311 (3)	542
ha’e	‘ele/ela; eu digo’	Pronome/ Verbo	224	296 (5)	520
vy	‘para, gerúndio’	Posposição	362 (3)	148	510

<sup>102</sup> Baseamo-nos em Biderman (1998c), que, a partir de uma seleção de mil palavras mais frequentes na língua portuguesa, e percebeu que 42% do total de ocorrências de seu *corpus* é constituído por essas palavras.

<sup>103</sup> Glosa se refere a um equivalente de tradução da palavra, uma ‘definição resumida’ (campo presente no programa FLE<sub>x</sub>).

<sup>104</sup> Os números entre parênteses assinalam as cinco palavras mais frequentes em cada *corpus*.

ha	‘e, mas’	Conjunção	70	379 (1)	449
upe	‘aquele’	Pronome	142	224	366
voi	‘mesmo’	Advérbio	198	145	343
va’e	‘que’	Partícula	168	153	321
kwéry	‘coletivo’	Partícula	124	182	306
íxupe	‘para ele/ela	Posposição	206	84	290
hagwã	‘a fim de’	Conjunção	127	159	286
gwi	‘de, por causa de’	Posposição	140	133	273
ore	‘nós, nosso’ (1 pl. exc.)	Pronome	154	101	255
rehe	‘sobre’	Posposição	173	83	256
ko	‘este’	Pronome	76	161	237
ta	‘fut. intenc.’	Partícula	137	96	233
va’ekwe	‘passado’	Advérbio	150	78	228
oho	‘ele vai’	Verbo	144	71	215
jevy	‘de novo’	Advérbio	119	93	212
nhande	‘nós, nosso’ (1 pl. inc.)	Pronome	77	123	200
ave	‘também’	Conjunção	105	92	197
upéa	‘esse’	Pronome	58	139	197
nde	‘você, teu, tua’	Pronome	111	84	195
arã	‘futuro’	Advérbio	71	97	168
oĩ	‘ele está’	Verbo	58	108	166
rupi	‘sobre’	Posposição	84	72	156
oiko	‘ele vive/nasce’	Verbo	89	61	150
katu	‘de fato’	Advérbio	116	33	149
upéi	‘então’	Advérbio	93	55	148

ou	‘ele vem’	Verbo	63	74	137
jave	‘enquanto’	Conjunção	13	121	134
rire	‘depois’	Conjunção	65	58	123
y	‘água’	Nome	83	34	117
peteĩ	‘um/uma’	Numeral/ Pronome	32	81	113
jagwarete	‘onça’	Nome	107	0	107
upéixa	‘assim’	Conjunção	38	68	106
rei	‘à toa’	Advérbio	56	47	103
porã	‘bom’	Adjetivo	71	31	102

Fonte: Elaborado pela autora com base nos *corpora* da pesquisa.

Nos *corpora* foi totalizada a quantia de 3.138 palavras diferentes, totalizando 26.300 ocorrências. Desse total de ocorrências, 45% são formados pelas 42 palavras mais frequentes, que, em sua maioria, são palavras gramaticais (pronomes, conjunções, posições e partículas). Apenas um adjetivo faz parte dessas palavras mais frequentes: *porã* ‘bom, bonito’, embora sua frequência no *Corpus* II tenha sido bem mais baixa.

Algumas considerações sobre as palavras mais frequentes nos *corpora*:

- i) Casos de polissemia: a conjunção *ramo* ‘se, quando’; os pronomes *xe* ‘eu, meu, minha’; *nhande* ‘nós, nosso, nossa’; *nde* ‘você, teu, tua’, entre outros;
- ii) Homonímia: o homônimo *ha’e* (1: pronome) ‘ele/ela’ e (2:verbo) ‘eu digo’. Esses não foram separados para verificar a ocorrência de cada unidade, mas estimamos que, em aproximadamente 90% das ocorrências, *ha’e* tenha sido utilizado como pronome.
- iii) Verbos mais utilizados: *he’i* ‘ele diz, disse<sup>105</sup>’; *oho* ‘ele vai/foi’, *oĩ* ‘ele está’; *ou* ‘ele vem/veio’. Esses dados são semelhantes ao

<sup>105</sup> O verbo não traz informação temporal; este é marcado lexicalmente, ou inferido a partir do contexto.

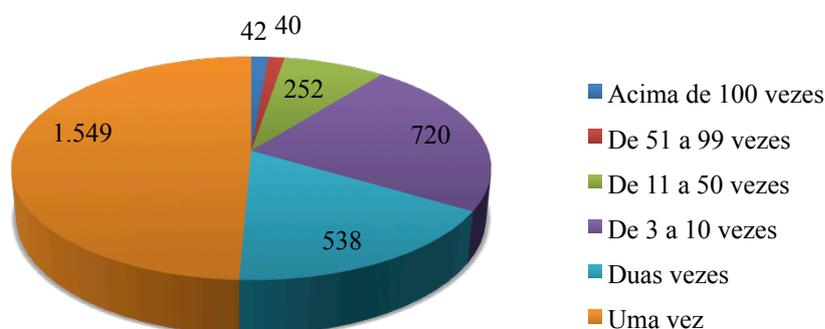
que Biderman (1998c) encontrou em sua pesquisa sobre frequência de palavras na língua portuguesa.

- iv) Apenas dois nomes fazem parte da lista: *y* ‘água’ e *jagwarete* ‘onça’, este último, registrado apenas no *Corpus I*, que apresenta duas histórias tradicionais, cujo personagem principal é onça.

Ao compararmos os dois *corpora*, observamos poucas diferenças quanto às palavras mais frequentes. Encontramos, porém, algumas variações em determinadas palavras, como, por exemplo: *va'ekwe* ‘passado’, utilizado 150 vezes no *Corpus I*, e apenas 78 vezes no *Corpus II*, tem sido substituído por uma forma abreviada, *akwe*, na fala kaiwá recente, tendo atingido 61 ocorrências no segundo *corpus*, mas não utilizado no primeiro.

Enquanto quarenta lexias correspondem a 45% das ocorrências no *corpus*, na outra extremidade da lista notamos um perfil bem diferente. As *hápax legomena*, palavras que ocorrem apenas uma vez no *corpus*, somam 1.549 ocorrências; totalizando 49% das documentadas; 538 formas ocorrem apenas duas vezes (17% das palavras). Desta forma, vemos que as palavras de baixa frequência (menor que 10) somam 2.807 formas, num total de 6.242 ocorrências (aproximadamente 24% do total). Estes dados percentuais também são semelhantes aos apresentados por Biderman (1998c). O gráfico 4 a seguir ilustra a distribuição das palavras no *Corpus*, em termos de frequência:

**GRÁFICO 4 - Quantidade de palavras nos *corpora* de acordo com a frequência**



Fonte: Elaborado pela autora com base nos *corpora* da pesquisa.

Como já mencionado anteriormente, Kaiwá é uma língua aglutinante, que combina morfemas para constituir as palavras.

A seguir, trazemos um exame ilustrativo do verbo irregular *ho* ‘ir’, que contou com um total de 435 ocorrências em nosso *corpus*, o qual, em sua flexão de 3ª pessoa do singular (*oho*), aparece como vigésima segunda forma mais frequente<sup>106</sup>.

**QUADRO 25 – Distribuição da frequência do verbo *ho*, ‘ir’ no *corpus* estudado.**

Forma flexionada	Tradução da forma	Frequência
oho	‘ele vai’	214
aha	‘eu vou’	64
oro	‘nós (excl.) vamos’	50
ereho	‘você vai’	30
jaha	‘nós (incl.) vamos’	26
ohopa	‘eles vão todos’	9
tereho	‘vá’	7
taha	‘que eu vá’	5
tapeho	‘vão’ (sugestão)	4
ndahái	‘eu não vou’	4
ndohói	‘ele não vai’	3
xaha <sup>107</sup>	‘nós (incl.) vamos’	3
ndorohói	‘nós (excl.) não vamos’	2
toho	‘que ele vá’	2
peho	‘vocês vão’	2
ohoha <sup>108</sup>	‘onde ele vai’	2
nderehói	‘você não vai’	2
ndohovéi(ry)	‘ele não vai mais’	2
jahave	‘nós (incl.) vamos mais’	1
ohove	‘ele vai mais’	1

<sup>106</sup> E o segundo verbo mais freqüente no *corpus*.

<sup>107</sup> Corruptela de *jaha* ‘nós vamos’, encontrado apenas em um texto do *Corpus I*.

<sup>108</sup> Única forma nominal do verbo ir.

ndapehói	‘vocês não vão’	1
erehose	‘você quer ir’	1

Fonte: Elaborado pela autora com base no *corpus* da pesquisa.

Percebemos, a partir dessa amostra, que a maioria das formas é pouco frequente; essas formas não foram lematizadas no dicionário por serem ‘variações’ do verbo principal. Optamos por lematizar *aha* ‘eu vou’ e *jaha* ‘nós (incl.) vamos’ por serem formas ‘opacas’, por exemplo.

Neste capítulo, detalhamos a metodologia utilizada em relação à constituição do *corpus* da pesquisa e apresentamos uma amostra parcial da frequência de palavras documentadas.

A metodologia específica para a construção do dicionário, embasada nos princípios da Lexicografia, será discutida no Capítulo 5, cujo foco está no Dicionário Bilingue Kaiwá-Português.

## CAPÍTULO 5

### O DICIONÁRIO BILÍNGUE KAIWÁ-PORTUGUÊS

O Dicionário Bilingue Kaiwá–Português foi construído a partir de textos de dois *corpora* orais: um antigo formado por 32 textos, coletados nos anos 1961-1966, pelo casal de linguistas britânicos John e Audrey Taylor, e um atual com 33 textos, coletados em 2013 pela autora deste trabalho. Os *corpora* transcritos foram organizados com o auxílio do programa Fieldworks Language Explorer (FLEX), por meio do qual foram lematizadas as palavras incluídas na nomenclatura do dicionário.

Destinado a qualquer leitor interessado na língua Kaiwá e, mais especificamente, para utilização escolar como instrumento didático no ensino da língua indígena para falantes nativos e não nativos (alunos e professores), o dicionário procura apresentar suas informações em linguagem simples, com exemplos em cada verbete, que mostram a utilização concreta das palavras, com vistas a facilitar a compreensão do verbete por parte do leitor.

Destacamos ainda que se trata de um trabalho de cunho descritivo da língua, e não normativo ou prescritivo, pois apresenta as palavras como foram utilizadas em situações reais de uso. Algumas características do dicionário estão brevemente descritas a seguir:

#### **5.1 DECISÕES SOBRE A MACROESTRUTURA DO DICIONÁRIO**

Em relação à seleção da macroestrutura do dicionário, foram consideradas algumas questões relacionadas à estrutura da língua para a lematização das palavras. A

primeira tratou da tipologia da língua Kaiwá, que é uma língua aglutinante, portanto, com uma possibilidade ‘infinita’ de combinação de morfemas para a formação de novas palavras. Essa conduta nos levou a tomar as seguintes decisões, em termos de lematização:

- a) Inclusão de morfemas isolados. Por exemplo: a partícula *-ve* ‘mais’;
- b) Inclusão de palavras compostas, quando a combinação de duas ou mais palavras não resultasse na somatório dos significados individuais. Por exemplo: *karaja rugwái* ‘rabo de bugio’, planta de uso medicinal.
- c) Lematização dos nomes obrigatoriamente iniciados por prefixo relacional (*t-*, *h-*, *r-*, ou *gw-*) devidamente flexionados com prefixo adicionado à raiz principal, pois, para o leitor indígena, as raízes isoladas não ‘são palavras na língua’. Na maioria das vezes, utilizou-se, para tanto, o prefixo *h-*, por ser o mais abundante no *corpus*; entretanto, palavras mais frequentemente iniciadas por *t-* ou *r-* foram também lematizadas com esses prefixos.
- d) Os verbos ‘aspirados’ possuem duas formas: a principal iniciada por *h-* e a secundária (pronominal) iniciada por *r-*; portanto, foram lematizados nas duas formas para facilitar a consulta. Ex: *henói*, *renói* ‘chamar’.

A segunda questão considerada foi a inclusão de palavras gramaticais (pronomes, posições, conjunções, partículas) na nomenclatura do dicionário. A opção pela inclusão dessa categoria de palavras foi motivada por sua relevância na compreensão da estrutura da língua. São palavras extremamente frequentes no *corpus* e determinantes para a compreensão de qualquer texto.

Embora muitos nomes próprios tenham sido mencionados durante as entrevistas, esses não foram lematizados, pois não possuem características da língua a serem explicadas e/ou traduzidas. Entretanto, alguns nomes próprios relacionados às

divindades indígenas foram lematizados, com o objetivo de contribuir para o conhecimento de sua cultura.

Palavras estrangeiras (em português ou em espanhol) foram automaticamente descartadas. Porém, alguns empréstimos muito frequentes, já devidamente incorporados à fonologia e à morfologia da língua, foram incluídos no acervo, por já estarem incorporados no sistema da língua. Exemplo: *eteria* ‘hoje’, literalmente significa ‘este dia’.

Tratamos de forma distinta os casos de homonímia e de polissemia<sup>109</sup>. Enquanto as palavras polissêmicas tiveram suas acepções separadas por números dentro de mesmo verbete, as homônimas foram lematizadas em entradas distintas.

## 5.2 COMPOSIÇÃO DO VERBETE

Os verbetes do dicionário seguem uma estrutura básica, com a seguinte composição: *entrada* (obrigatório), *número do homônimo* (opcional), *classe gramatical* (obrigatório), *flexão* (opcional), *numero da acepção* (opcional), *definição* ou *equivalente* (obrigatório), *exemplo na língua Kaiwá* (obrigatório), *tradução do exemplo* (obrigatório), *fonte do exemplo* (obrigatório), *notas* (opcional), *variantes* (opcional), *relações lexicais* (opcional).

- a) Entrada (obrigatória): é a primeira informação em cada verbete. Cada palavra aparece escrita ortograficamente, em sua forma básica. Assim, os nomes obrigatoriamente possuídos são prefixados (por *gw-*, *h-*, *r-*, ou *t-*), os verbos não são flexionados, morfemas presos são antecedidos ou seguidos pelo hífen (-) para marcar sua posição como prefixos ou como sufixos.

---

<sup>109</sup> Sobre homonímia e polissemia, confira o item 1.2.1.2 (Capítulo 1).

- b) Número do homônimo (opcional): os homônimos recebem um número em sobrescrito, para facilitar a identificação da homonímia.
- c) Classe gramatical (obrigatório): Cada entrada está classificada dentre as seguintes classes gramaticais: *Nome*, *Adjetivo*, *Numeral*, *Pronome*, *Verbo*, *Advérbio*, *Conjunção*, *Posposição*, *Partícula* ou *Interjeição*. A informação da classe gramatical vem abreviada após a entrada.
- d) Flexão (opcional): Verbos e uma parte dos nomes possuem classe de flexão marcada logo após a classe gramatical, indicando como flexionam segundo a pessoa e o número. Para os verbos, a ordem dos prefixos é a seguinte: 1<sup>a</sup> e 2<sup>a</sup> pessoas do singular, 3<sup>a</sup> pessoa (singular e plural), seguidos de 1<sup>a</sup> inclusiva, 1<sup>a</sup> exclusiva e 2<sup>a</sup> pessoa do plural. Para os nomes obrigatoriamente iniciados por prefixos relacionais, a flexão indicada segue a seguinte ordem: possuidor não definido (t-), possuidor nominal, ou de 1<sup>a</sup> ou 2<sup>a</sup> pessoa (r-), possuidor de 3<sup>a</sup> pessoa co-referente (gw-) e de 3<sup>a</sup> pessoa não co-referente (h-).
- e) Número da acepção (opcional): Nas palavras polissêmicas, as acepções são separadas por um número em negrito. Ex: **1**) ... **2**).
- f) Equivalente ou definição (obrigatório): Sempre que possível, utilizamos um equivalente (sinônimo) em português da palavra em Kaiwá; em alguns casos, foi preciso utilizar de definições hiperonímicas para esclarecer o sentido da palavra, ou para diferenciá-la.
- g) Exemplo e tradução (obrigatório): Pelo menos um exemplo de uso concreto foi adicionado para ilustrar e esclarecer o uso da entrada. Quando existentes, utilizamos exemplos de ambos os *corpora*. Os exemplos são seguidos por uma tradução livre em português.

- h) Fonte do exemplo (obrigatória): Todos os exemplos foram retirados dos dois *corpora*, e, por isso, possuem a referência de origem, indicando qual o *corpus*, o informante e o texto. Assim: C1-Inf.08.7 mostra que o exemplo foi retirado do *Corpus I*, do informante 08 e do texto 7.
- i) Variante (opcional): algumas palavras possuem formas ligeiramente modificadas da entrada, que ainda mantêm o mesmo sentido. Essas formas são inseridas no final do verbete, entre colchetes: [Variante: **pyte**].
- j) Relações lexicais (opcional): Relações lexicais com outras entradas, como sinônimos e/ou antônimos, são inseridas no final do verbete. Ex: O mesmo que **pa'ũ**.
- k) Notas (opcional): São utilizadas apenas em verbetes que necessitam de uma explicação gramatical adicional à definição, por possuir algum tipo de irregularidade, ou outra característica peculiar ou restrição de uso, como, por exemplo, a flexão de verbos irregulares. Também integram o item 'nota' informações adicionais acerca do referente nomeado e/ou de alguma de suas acepções (informações enciclopédicas).

Assim temos os seguintes exemplos de verbetes:

**ru**<sup>2</sup> *v* (*a-*, *ere-*, *ogwe-*, *ja-*, *orogwe-*, *pe-*) trazer (algo). *So'o mixĩmi orogweru*. 'Trouxemos um pouquinho de carne.' (C1-Inf.05.2) *Tereho-ma ereru avati peky*. 'Vá trazer milho verde.' (C2-Inf.11.3)

**apyte** *adv lug* no meio, entre (duas ou mais coisas). *Apyte voi nhaĩ, he'i íxupe*. Vamos ficar mesmo no meio, ele lhes disse. (C1-Inf.08.3) *Oike omba'apo hagwã nhande apyte-py*. Ele entrou para trabalhar no nosso meio. (C2-Inf.14.1). [Variante: **pyte**]. O mesmo que **pa'ũ**.

**gwi**<sup>1</sup> *posp* de (origem, relacionado a uma mudança de localização). *Osẽ y-gwi*. 'Elas saíram da água.' (C1-Inf.03.1). *Kaiwa kwéry anho mante ou araka'e yváy-gwi*. 'Somente os

Kaiwá vieram **do** céu no passado.' (C2-Inf.01.1). //Nota: Por ser átono, liga-se com hífen à palavra anterior.

### 5.3 ESCRITA E PRONÚNCIA NA LÍNGUA KAIWÁ

A despeito de ser um dicionário bilíngue, os verbetes não apresentam informações fonético-fonológicas ou de pronúncia da língua Kaiwá, apenas informações ortográficas. A não inclusão de informações sobre a pronúncia foi motivada pelo fato de a ortografia ter sido elaborada utilizando, sempre que possível, os mesmos grafemas (letras) do português, conforme proposta elaborada por Bridgeman (2002):

As consoantes: **p, t, v, m, n**; o dígrafo **nh**, e as vogais: **a, e, i, o, u, ã, õ**, são escritas e faladas da mesma forma que o português.

Fonemas do Kaiwá diferentes do português:

- A consoante glotal ' como em *ju'i*, 'sapo', faz uma pequena parada entre as vogais.
- A vogal **y** tem som de **u**, como na palavra inglesa 'just.

Alguns fonemas e letras são um pouco diferentes do português, como:

- **b** é sempre **mb**, e **d** é sempre **nd** (são pré-nasalizados);
- **g** seguido de vogal também é pré-nasalizado (**ng**); em algumas ocasiões **t** também se torna pré-nasalizado (**nt**);
- **h** deve ser pronunciado com a aspiração, como em inglês;
- **r** deve ser pronunciado sempre como se fosse entre duas vogais: 'caro';
- **k** é usado no lugar de **c**, e sempre tem o som oclusivo, como em 'casa';
- **j** tem som de **dj**, como na palavra inglesa 'jeans';
- **s** tem sempre som de **s**, nunca de **z**.
- **x** tem sempre o som chiado de 'xícara'.

- *kw* e *gw* devem ser pronunciados como ‘quarto’ e ‘guarda’.
- as vogais *e, i, u, y* também podem ser nasalizadas: *ẽ, ã, õ, ÿ*.

O alfabeto Kaiwá, portanto, é formado de 31 letras (incluindo os dígrafos): *A, ã, e, ẽ, gw, h, i, ã, j, k, kw, m, mb, n, nd, ng, nh, nt, o, õ, p, r, s, t, u, ã, v, x, y, ÿ, '*

Como a tonicidade das palavras em Kaiwá é marcada normalmente na última sílaba, o acento agudo nessa língua é utilizado somente em dois casos: para marcar a sílaba tônica, quando esta não for a última, como em *óga*, ‘casa’; e para marcar a vogal forte nos ditongos, como em *mbói* ‘cobra’. As vogais sem acento não fazem parte da mesma sílaba, como em *ao*, ‘roupa’.

O hífen é utilizado para ligar posposições<sup>110</sup> átonas às palavras que precedem. As principais são: *-pe, -me, -py, -my, -rehe, -rupi, -rami, -gwi, -koty, -vy, -ta, -ma, -tama*.

## 5.4 ORGANIZAÇÃO ALFABÉTICA NO DICIONÁRIO

A língua Kaiwá, como explicado no item anterior, possui alguns sons diferentes do português, e não contém as mesmas letras em seu alfabeto. Consequentemente, a ordem alfabética do dicionário difere da adotada para o português, por exemplo: *mb* foi inserida na seção *m*; *nd, ng, e nt*, aparecem em *n*; mas *nh*, apesar de dígrafo, possui uma seção separada do *n*; as palavras iniciadas com a consoante glotal (') foram alistadas com a vogal seguinte e as vogais nasalizadas (*ã, ẽ, ã, õ, ã, ÿ*) não foram separadas das vogais orais (*a, e, i, o, u, y*). Desta forma, a sequência alfabética utilizada no dicionário é a seguinte:

**A, E, G, I, J, K, L, M, N, NH, O, P, R, S, T, U, V, X, Y**

<sup>110</sup> A língua Kaiwá possui posposições, que funcionam semelhantemente às preposições em português, mas sua posição é oposta ao do português, depois da palavra a que se relaciona.

## 5.5 ABREVIACÕES UTILIZADAS NO DICIONÁRIO

<i>adj.</i>	adjetivo	<i>mod.</i>	modo
<i>adv.</i>	advérbio	<i>n.</i>	nome
<i>afirm.</i>	afirmação	<i>n.prop.</i>	nome próprio
<i>art.</i>	artigo	<i>neg.</i>	negação
<i>asp.</i>	aspectual	<i>nom.</i>	nominalizadora
<i>conj.</i>	conjunção	<i>num.</i>	numeral
<i>coord.</i>	coordenativa	<i>obj.</i>	Objeto
<i>dem.</i>	demonstrativo	<i>obs.</i>	observação
<i>enf.</i>	ênfase	<i>part.</i>	partícula
<i>est.</i>	estativo	<i>pess.</i>	pessoal
<i>excl.</i>	exclusiva	<i>posp.</i>	posposição
<i>i.</i>	intransitivo	<i>poss.</i>	possessivo
<i>incl.</i>	inclusiva	<i>pref.</i>	prefixo
<i>indef.</i>	indefinido	<i>pron.</i>	pronome
<i>intens.</i>	intensidade	<i>sub.</i>	subordinativa
<i>interj.</i>	interjeição	<i>suj.</i>	Sujeito
<i>interr.</i>	interrogativo(a)	<i>t.</i>	transitivo
<i>irr.</i>	irregular	<i>temp.</i>	temporal
<i>lit.</i>	literal	<i>v.</i>	Verbo
<i>lug.</i>	lugar		

## 5.6 O DICIONÁRIO BILÍNGUE KAIWÁ-PORTUGUÊS

# A a

- a** *adv. lug.* aqui, cá; lugar onde o falante está. *Eju jevy a-py.* 'Venha de novo para cá.' (C1-Inf.03.3). *A-rupi mante oĩ xe ahasa va'erã.* 'Por **aqui** apenas tem (lugar) para eu passar.' (C2-Inf.02.3).
- a-** *pref. pron.* indicador do sujeito de 1a. pessoa do singular: eu. *Ajapo upéixa ohexa porã hagwã.* 'Eu faço assim para enxergar bem.' (C1-Inf.03.3). *Aru xe avati ijagwyje-ma.* 'Eu trouxe meu milho que madurou.' (C2-Inf.06.1).
- a** *part. nom.* nominaliza o termo ao qual se liga. *Gwĩa vixu meme oripara va'e.* 'Essas **'coisas'** são animais que correm sempre.' (C1-Inf.08.4).
- 'a** *v.t. (ha-, ere-, ho-, ja-, oro-, pe-)* cair. *Oho pa'ikwara ho'a anháy nhuhã.* 'Quando ele foi, ele **caiu** numa armadilha do diabo.' (C1-Inf.06.2). *Oike jave monde ho'a hi'áry.* 'Quando ele entra, o mundéu **cai** em cima dele.' (C2-Inf.02.3).
- 'ã** *n.* sombra; algo que atrapalha a visão. *Ereikwaa-ma nde hendy'ã-ta ramo kwarahy.* 'Você já sabe, quando **algo atrapalha** o brilho do sol.' (C2-Inf.03.5).
- a'ã** *adj.* fingido, falso. *Hasy a'ã a'ã rei, he'i joty.* 'A dor dela é **fingida**, elas continuam dizendo.' (C1-Inf.05.4).
- ae** *adv. ênf.* mesmo. *Peteĩ jasy rire ae va'ekwe oho jevy.* 'Depois de um mês **mesmo** eles foram novamente.' (C1-Inf.08.7). *Anhembo'e rire ae ojerosy avati peky-py.* 'Depois que eu rezo **mesmo**, eles dançam para o milho verde.' (C2-Inf.03.4).
- a'e** *v.t. (xe, nde, ij-, nhande, ore, pende)* gostar (de alguém). *Ndaija'evéi voi xerehe.* 'Eles não **gostam** mesmo de mim.' (C1-Inf.09.3).
- ãgwe** *n.* espírito, alma (de pessoa morta), assombração, fantasma. *Okyhyje opyta pe hi'ãgwe-gwi* 'Eles ficam com medo da **alma** dele.' (C2-Inf.02.1). O mesmo que **ãgwéry**.
- ãgwéry** *n.* espírito, alma (de pessoa morta), assombração, fantasma. *Ãgwéry omoĩ mba'asy ivai va'e.* 'Assombração coloca doença ruim.' (C2-Inf.02.1). O mesmo que **ãgwe**.
- agwĩ** *adv. lug.* Perto, próximo. *Hi'agwĩ-ma jave ogwahẽ ramo oiyva-ma.* 'Enquanto já estavam **perto**, quando eles chegaram, eles as derrubaram.' (C2-Inf.03.1). O contrário de **mombyry**.
- agwyje** *v.est./adj. (xe, nde, ij-, nhande, ore, pende)* (estar, ficar) perfeito, completo, maduro. *Ojeroky hikwái [...] ijagwyje hagwã, oho hagwã yváy-py.* 'Eles dançaram juntos, para ficarem **maduros**, para ir ao céu.' (C1-Inf.03.1). *Ijagwyje-ma ramo kokwe-py aha-ta aru xe avati ijagwyje-ma.* 'Quando está **maduro** na roça, eu vou trazer meu milho que ficou **maduro**.' (C2-Inf.06.1).

**aha** v.i. eu vou, eu fui; la pessoa do singular do verbo irregular ir. *Tajeupi nde ati'y-rehe aha hagwã y mbyte-py nde reheve.* 'Que eu suba no teu ombro para que **eu vá** no meio do rio com você.' (C1-Inf.03.2). *He'i gwembirekope: aha-ta anhemitỹ.* 'Disse à sua mulher: **vou** plantar.' (C2-Inf.01.3).

**ahy'o** n. garganta. *Ha'e peteĩ áry-py ha'e hasy, ijahy'o rasy.* 'Um dia ela ficou doente, com dor de **garganta.**' (C2-Inf.07.3).

**ai** adj. baixo (volume). Ojerosy rire ogwahu ranhe ogwahu **ai.** 'Depois de dançar cantou primeiro, cantou **baixo.**' (C1-Inf.06.1).

**aipo** adv. modo assim, deste modo. *Oja aipo xiru rokẽ-rehe oja.* 'Assim ele alcançou a porta do Xiru.' (C1-Inf.01.1). *Eremondo de resa, aipo nde'íry akwe xe-vy.* 'Se você olhar bem, **assim** eles não diziam para mim.' (C2-Inf.03.5).

**aipo ramo** adv. conseq. assim, assim sendo. *Aipo ramo ore gwaigwĩ.* 'Assim sendo, ficamos velhas.' (C1-Inf.05.4).

**aja** adv. temp. durante, enquanto. *Upéi aja mombyry-ma oho.* 'Enquanto isso, ele já tinha ido longe.' (C1-Inf.06.2). *Aikove aja pehendú va'erã mo'ã.* 'Enquanto eu viver, queria que vocês ouvissem.' (C2-Inf.03.4).

**ajaka** n. cesto, cesta; recipiente feito de material trançado. *Onhomi hagwe ojaho'i ajaka-py.* 'O que ele tinha escondido, ele cobriu com o **cesto.**' (C1-Inf.06.1).

**ajeve** conj. coord. por isso, pelo qual,

por essa razão. *Ajeve ramo nhamói [...] ani ohekorenói teĩ marány.* 'Por **essa razão,** vovô, não chame a tempestade.' (C1-Inf.02.2). *Nhande jukapa-ta ou ramo ajeve ramo.* 'Por **isso** eles virão e nos matarão.' (C2-Inf.03.2).

**aju** adj. maduro, geralmente se refere a vegetais, frutas. *Ohexa jagwarete gwavira mirĩ aju.* 'As onças viram guabirobas **maduras.**' (C1-Inf.06.3).

**ajúri** n. (no) pescoço. *Ajúri omoĩ mbaraka.* 'Ele colocou o chocalho no **pescoço.**' (C2-Inf.03.1).

**akã** n. cabeça. *Ogweraha mynakũ oakã-rehe.* 'Levou o cesto sobre a sua **cabeça.**' (C1-Inf.06.3). *Ani upéa eremoĩ ne akã-my* 'Não coloque isso na tua **cabeça.**' (C2-Inf.05.2).

**akã ragwe** n. cabelo. *Iporã erejohéi ne akã ragwe.* 'É bom você lavar seu **cabelo.**' (C2-Inf.07.3).

**akatúa** adv. lug. direita (lado direito). *Kunha-pe ombogwapy [...] ijakatúakoty.* 'Fizeram a mulher sentar ao seu **lado direito.**' (C2-Inf.02.4). O contrário de **asu.**

**ako** pron. dem. este, isto. *Ako nhakusã.* 'Isto é um jacu.' (C1-Inf.05.2).

**akutipáy** n. paca. *Monde orojapo oroipyhy hagwã tatu, akutipáy.* 'Fazemos o mundéu para pegarmos tatus e **pacas.**' (C2-Inf.02.3).

**akwe** part. temp. no passado; marcador de tempo passado. *Upe orojú jave orogwahẽ upe-py orojú akwe.* 'Ali, enquanto vínhamos chegamos ali, viemos (**no passado.**)' (C2-Inf.06.2). //Nota: Forma abreviada de **va'ekwe.**

**aky** *adj.* verde, não maduro. *Peteĩ jasy rire opoi yva aky.* 'Depois de um mês ele jogou uma fruta verde.' (C1-Inf.01.1). *Tereho-ma ereru [...] andai aky ave ja'u hagwã.* 'Vá trazer abobrinha verde também para comermos.' (C2-Inf.01.3). [Variante: -ky, peky].

**ama** *n.* chuva. *Oporandu xe-vy: Kipy nde topa ama?* 'Eles me perguntaram: Aonde a chuva te pegou?' (C2-Inf.01.5).

**amandáu** *n.* granizo, chuva de pedras. *Upéi yvytu ohasapa jave ou amandáu reheve.* 'Depois quando o vento parou, veio (a chuva) com granizo.' (C2-Inf.01.5).

**amba** *n.* casa, lugar onde se mora. *Upéa-gwi ko xe amba-py.* 'Por isso aqui é meu lugar.' (C2-Inf.03.2).

**ambue** *pron. indef.* outro, outros. *Ndaija'ei ambue víxu-rehe.* 'Ele não gostava de outros animais.' (C1-Inf.03.3). *Oĩ va'e oiko ambue-gwi.* 'Tem uns que vieram a existir de outra coisa.' (C2-Inf.01.1).

**amo** *adv. lug.* lá, longe, distante (localização indicada por gesto manual). *Amo ou jagwarete.* 'Lá longe vem a onça.' (C1-Inf.03.3). *Amo-gwi orojy yma.* 'De lá longe nós viemos antigamente.' (C2-Inf.06.2).

**amyri** *n.* falecido, alguém que já morreu. *Upéi omombe'u jevy Sacaria amyri.* 'Depois o falecido Zacarias contou de novo.' (C2-Inf.11.1). O mesmo que **myamyri**. //Nota: Refere-se também a antepassados.

**andai** *n.* abóbora. *Onhotỹ andai.* 'Ele

plantou abóbora.' (C2-Inf.01.3).

**andai aky** *n.* abobrinha, abóbora verde. *Tereho ereru avati peky andai aky ave ja'u hagwã.* 'Vá trazer milho verde, abobrinha também para comermos.' (C2-Inf.01.3).

**ánga** *adv. temp.* agora. *Ko'a-koty ánga ete oho kuri.* 'Ele foi agora mesmo nesta direção.' (C1-Inf.03.3).

**ange** *adv. temp.* agora, de agora em diante. *Oheja va'erã kurusu ange-rupi.* 'De agora em diante eles abandonarão a cruz.' (C2-Inf.03.2).

**anháy** *n.* diabo, demônio, criatura má. *Pa'ikwara ho'a anháy nhuhã.* 'Paiquara caiu na armadilha do diabo.' (C1-Inf.06.2). *Ha'e kwéry ho'a pe anháy monde-pe.* 'Eles caíram naquele mundéu do diabo.' (C2-Inf.08.1).

**anhete** *adv. ênf.* de verdade, verdadeiramente. *Ha'e ogweru-ta ramo anhete onhe'êha rupi voi.* 'Se ela vai trazê-los de verdade, como ela disse mesmo.' (C1-Inf.08.5).

**anho** *adj.* sozinho(a), desacompanhado(a). *Ãy xe sy ha'e anho oiko.* 'Agora minha mãe mora sozinha.' (C1-Inf.08.7).

**ani** *adv. neg.* não, de jeito nenhum. *Ani pende are.* 'Não demorem.' (C1-Inf.03.1). //Nota: Usado em ordens negativas, proibições.

**ao** *n.* roupa, vestimenta. *Omonde ao ojapopyre karagwata-gwi.* 'Ela vestiu roupa feita de caraguatá.' (C2-Inf.02.4).

**a'o** *v.t. (pronominal)* ralar, xingar. *Xe a'o a'o xe me sy.* 'Minha sogra está sempre ralhando comigo..' (C1-

Inf.05.4).

**ape** *n.* casco (da tartaruga). *Onhunha oapegwy-py oakã ixugwi jagwarete-gwi.* 'Ele colocou sua cabeça dentro do **casco** para se esconder da onça.' (C1-Inf.05.6).

**apo-** *pref. pron.* eu vos, eu (a/por) vocês; indica sujeito de 1ª pessoa do singular com objeto de 2ª pessoa do plural. *Apoporiahuvereko eterei, xe rajy, apoheja hagwã, he'i xe-vy.* 'Minha filha, **eu** sinto muita compaixão por todos **vocês**, para que **eu** deixe **vocês**.' (C1-Inf.08.7).

**apoha** *n.* aquele que faz. *Ha'e monde apoha tekotevẽ omoĩ pe monde gwy rupigwa vyvra.* 'E **aquele que faz** o mundéu tem que colocar uma madeira embaixo dele.' (C2-Inf.02.3). //Nota: Ver o verbo **japo** 'fazer'

**apoláu** *pron. dem.* para cá. *Upéi oraju jevy apoláu.* 'Então viemos novamente **para cá**.' (C2-Inf.08.2).

**apotaha** *n.* nuca, parte de trás do pescoço. *Nome'ěsí ore-vy ore katerã ore apotaha rupa-gwi.* 'Não queremos nos dar camas para deitar nossas **nucas**.' (C1-Inf.05.1).

**apu** *v.t.* (xe, nde, ij-, nhande, ore, pende) mentir. *Nde apu ko xe-vy.* 'Você **mentiu** para mim.' (C2-Inf.05.2). *Ijapu-ma jari.* 'Vovó **mentiu**.' (C1-Inf.05.4).

**apy** *adv. lug.* fim, final, lugar muito distante. *Oje'ói ojapo upe vyv apy-koty ojaty vyv kurusurã voi.* 'Eles foram fazer na direção do **fim** do mundo, enterraram as futuras cruzes.' (C2-Inf.03.1).

**apỹigwa** *n.* narina, buraco do nariz. *Ho'a ramo jagwarete oho inhapỹigwa-py y.* 'Quando a onça caiu, a água entrou no nariz dela.' (C1-Inf.05.6).

**apyka** *n.* banco, assento. *Pa'ikwara apyakwe jakare ramo omondo.* 'O sol transformou o **banco** velho em jacaré.' (C1-Inf.06.1).

**apymi** *v.i.* (a-, ere-, o-, nha-, oro-, pe-) afundar. *Ha jagwarete onheapymi.* 'E a onça **afundou-se**' (C1-Inf.03.3).

**apyre'ỹ** *adv. temp.* sem fim, para sempre. *Ha oiko hagwã onhondive apyre'ỹ gwarã-rami voi.* 'E viverão juntos **para sempre** mesmo.' (C2-Inf.02.4).

**apysa** *n.* ouvido. *Ijapysa rasy.* 'Seu **ouvido** está doendo.' (C2-Inf.07.3).

**apyte**<sup>1</sup> *adv. lug.* no meio, entre (duas ou mais coisas). *Apyte voi nhaĩ, he'i ixupe.* 'Vamos ficar mesmo **no meio**, ele lhes disse.' (C1-Inf.08.3). *Oike omba'apo hagwã nhande apyte-py.* 'Ele entrou para trabalhar **no** nosso **meio**.' (C2-Inf.04.1). O mesmo que **pa'ũ**. [Variante: **mbyte, pyte**].

**apyte**<sup>2</sup> *n.* meio (topo) da cabeça, parte central do redemoinho de cabelo na cabeça. *Ohexa ha omoĩ gwendy ijapyte-py.* 'Ele vê e coloca sua saliva **no meio da cabeça** (do menino).' (C2-Inf.11.1).

**arã** *part. temp.* indica futuro incerto, intenção futura. *Ome'ě arã xe-vy gwyrapa.* 'Ele me **dará** um arco.' (C1-Inf.05.3). *Avati erejapo arã kaitykwe.* 'Do milho, você **fará** o suco.' (C2-Inf.06.1).

**arai** *n.* nuvem. *Ha oĩ ramo arai*

*ndajahexa porái jasytata.* 'E quando tem nuvens (no céu), não podemos ver bem as estrelas.' (C2-Inf.01.5).

**araka'e** *adv. temp.* passado remoto (geralmente não presenciado pelo falante). *Yma jeko araka'e ovu y.* 'Muito tempo atrás, **no passado**, dizem que a água subiu.' (C1-Inf.01.1). *Ko yvy ojapo hagwã onhomongeta araka'e.* 'Para fazer a terra, eles conversaram **no passado**.' (C2-Inf.03.1).

**arandu** *n.* sábio, aquele que possui sabedoria. *Upéixa he'i arandu nhe'ẽ-py onhemombe'u.* 'Assim dizem as palavras dos **sábios** que são contadas.' (C2-Inf.02.1).

**Arareiju** *n.prop.* nome de um deus que é irmão mais velho na mitologia indígena. *Xe ryke'y, xe ryke'y Arareiju.* 'Meu irmão mais velho, meu irmão mais velho, **Arareiju**.' (C2-Inf.03.3).

**arava** *v.t.* (*a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-*) caluniar, acusar falsamente. *Upéi ore memby rembireko kwéry ore nhe'ẽgwe ojoarava-ma:* 'Então nossas noras **caluniam** sobre nossas palavras.' (C1-Inf.05.4).

**are**<sup>1</sup> *v.i.* (*xe, nde, hi-', nhande, ore, pende*) demorar. *Ani pende are.* 'Não **demorem**.' (C1-Inf.03.1).

**are**<sup>2</sup> *adv.* muito tempo, indica longa duração de tempo. *Nhaha'arõ are opa mba'e nhanhotỹ ramo.* 'Esperamos **muito tempo** por tudo que plantamos.' (C2-Inf.01.3).

**ári** *adv. lug.* sobre, em cima. *Omoĩ-ma voi he'õgwe vanko ári.* 'Colocaram seu corpo **em cima** de um banco.' (C1-

Inf.08.6).

**aruva'i** *n.* lourinho, maracanã pequeno. *Ogwapy ojóehe marakana, aruva'i.* 'Sentam juntos os maracanãs, os **lourinhos**.' (C2-Inf.03.5).

**áry** *n.* **1)** céu. *Oja voi araka'e áry-rehe.* 'Alcançou mesmo o **céu**.' (C1-Inf.01.1). **2)** dia. *Ogwata peteĩ áry.* 'Ele andou um **dia**.' (C1-Inf.03.3).

**asaje** *adv. temp.* no meio da manhã, por volta das 9 horas. *Asaje puku porã ahexa kagware nhu mbyte-py.* '**No meio da manhã** eu vi o tamanduá no meio da roça.' (C1-Inf.03.3).

**aso** *n.* larvas. *Upéi ohexa ijáry, hasoma, he'i.* 'Então o dono viu a comida e disse: já está com **larvas**.' (C1-Inf.06.2).

**asu** *adv. lug.* esquerda (lado esquerdo). *Kwimba'e [...] ombogwapy ijasu-koty.* 'O homem, ele o fez sentar do **lado esquerdo**.' (C2-Inf.02.4) O contrário de **akatúa**.

**asy**<sup>1</sup> *n.* dor, sofrimento, doença. *Ohasa asy.* 'Eles passaram **sofrimentos** (sofreram).' (C2-Inf.04.1). //Nota: Ver também **hasy**.

**asy**<sup>2</sup> *adv. modo* com dificuldade. *Onhe'ẽ asy yvyra rakã-rehe.* 'Ele falou **com dificuldade** no galho da árvore.' (C1-Inf.03.3).

**ati'y** *n.* ombro. *Eju ko'a-py tajeupi nde ati'y-rehe.* 'Venha aqui para que eu suba no teu **ombro**.' (C1-Inf.03.2).

**aty** *n.* reunião, ajuntamento. *Ojapo kagwĩ ombojogweroaty jevy hagwã.* 'Ele fez a chicha para fazer a **reunião** (reunir) com eles de novo.' (C1-Inf.01.1). //Nota: A raiz **aty** funciona

como nome, como em **atygwasu** 'grande reunião', tornando-se verbo com adição de prefixos verbais. Veja: **mboaty** 'reunir'.

**ava** *n.* pessoa, especialmente pessoa indígena: índio. *Ava remireko e'ỹ kwéry ome'ẽ hagwã kagwĩ.* 'Para que as **pessoas** não casadas (moças) me dêem licor.' (C1-Inf.05.3). *Ava nhe'ẽ ymagware oĩ arã.* 'A palavra antiga do **índio** existirá.' (C2-Inf.03.2).

**avati** *n.* milho. *Otopa mokõi avati ra'ỹi.* 'Encontrou duas sementes de **milho**.' (C1-Inf.03.3). *Upéa avati morotĩ myamyri tee rekoha tee.* 'Esse **milho** branco era o verdadeiro costume de nossos antepassados.' (C2-Inf.06.1).

**avave** *pron. indef.* ninguém. *Ndaiporivéi avave.* 'Não havia mais **ninguém**.' (C1-Inf.03.1).

**ave** *conj. coord.* também. *Ha xe ave ajapura hese.* 'E eu **também** estou ansiosa por causa dele.' (C1-Inf.08.1).

*Ereru avati peky andai aky ave ja'u hagwã.* 'Você traz milho verde, abobrinha verde **também** para comermos.' (C2-Inf.01.3).

**ãiy** *adv. temp.* agora. *Ãiy amombe'u-ta ymagware rehegwa nhe'ẽ.* '**Agora** vou contar uma história sobre antigamente.' (C1-Inf.01.1). *Ha ãiy peve nhane reru.* 'E até **agora** (eles) nos trouxeram.' (C2-Inf.06.1). //Nota: Usado também para introduzir uma consideração nova no discurso.

**aypa** *v.est./adj.* (*xe, nde, i-, nhande, ore, pende*) (ter) fome, (estar) faminto. *Hasẽmba rei hoaypa ramo mitãgwe.* 'As crianças estão chorando porque **têm fome**.' (C1-Inf.05.5). O mesmo que **vare'a**.

**ayvu** *v.i.* soar, emitir som. *Xe ru va po pegwa ambojoayvu.* 'Da mão mo meu pai eu faço eles **soarem** (cantarem) uns aos outros.' (C2-Inf.03.2).

# E e

**e-** *pref. pron.* indicador de sujeito, na 2a. pessoa do singular, do modo imperativo no verbo. *Eju ko'a-py.* 'Venha aqui.' (C1-Inf.03.2). *Ejapokena aipyhy hagwã ja'u hagwã ugwĩ víxu kwéry.* 'Faça (a armadilha) para que eu pegue esses animais para os comeremos.' (C2-Inf.02.2).

**'e** *v.t. (irr)* dizer. *Oro'e íxupe.* 'Dizíamos a ele.' (C1-Inf.08.7). *Aipo ha'e: aikove aja pehendu va'erã mo'ã.* 'Eu lhes **digo** assim: enquanto eu viver, queria que vocês ouvissem.' (C2-Inf.03.4). //Nota: Flexiona de modo irregular: 1a s. **ha'e**, 2a s. **ere**, 3a. **he'i**, 1 plural inclusivo **ja'e**, 1 plural exclusivo **oro'e**, 2a plural **peje**.

**entéro** *pron. indef.* todo(s), toda(s). *Arakwe entéro ogwata.* 'Andou o dia **todo**.' (C1-Inf.03.3). *Ha'e kwéry ojapo yma entéro mitã ojapo háixa ha'e kwéry.* 'No passado eles faziam como **todas** as crianças.' (C2-Inf.08.1). //Nota: Empréstimo do português: inteiro.

**ere** *v.t.* você diz; 2a pessoa do singular do verbo dizer (irregular). *Nainhakã hatãi, ere ramo íxupe.* 'Eles não serão teimosos, se você **disser** a eles.' (C1-Inf.09.1). *Ndojehúi mba'eve, ere arã ereho-vy.* 'Não aconteceu nada, você **dirá** quando você for.' (C2-Inf.03.2). //Nota: Ver também **'e**, e **he'i**.

**ere-** *pref. pron.* indicador do sujeito na 2a pessoa do singular: você, tu. *Ma'erã erekyhyje xéhegwi?* 'Por que **você** tem medo de mim?' (C1-Inf.03.3). *Nde ndikatúi erehexa upe, he'i.* '**Você** não pode ver aquilo, ele disse.' (C2-Inf.05.2).

**ete** *part. intens.* verdadeiro, de fato, mesmo. *He'ise nhane nhe'ẽ ete-py: "mokõi ko oroikove".* 'Isso quer dizer na nossa língua **verdadeira**: "estes dois que sobrevivemos".' (C1-Inf.03.3). *Amombe'u-ta peteĩ, peteĩ nhe'ẽ yma, yma ete gware rehegwa.* 'Vou contar uma história, sobre muito antigamente **mesmo**.' (C2-Inf.01.4).

**eterei** *adv. intens.* muito, demais. *Haku eterei kwarahy.* 'O sol está quente **demais**.' (C1-Inf.03.2). *Nome'ẽi íxupe so'o eterei.* 'Não lhe dão **muita** carne.' (C2-Inf.07.2).

**etería** *adv. temp.* hoje, este dia. *Upéa-gwi ndouíi kuri etería.* 'Por isso ela não veio **hoje**.' (C1-Inf.08.7). //Nota: Empréstimo do português 'este dia'.

**e'ỹ** *part.* não, sem; marca a negação da palavra anterior. *Heta oikwaa e'ỹ va'e ojukase voi.* 'Muitos que **não** sabem, querem mata-lo.' (C1-Inf.07.3). *Oiko hagwã onhondive apyre'ỹ gwarã-rami voi.* 'Para viverem juntos **sem** fim (para sempre) mesmo.' (C2-Inf.02.4). [Variante: **-re'ỹ**].

# G g

**gana** *v.t.* (*a-, ere-, o-, nha-, oro-, pe-*) **1)** ganhar, vencer (numa disputa). *Nde eregana.* 'Você **ganhou.**' (C1-Inf.03.3). **2)** ganhar, receber (algo). *Orogana akwe yvy.* 'Nós **ganhamos** a terra.' (C2-Inf.06.2). //Nota: Empréstimo do português 'ganhar'.

**gw-** *pref. relac.* seu(sua) próprio(a); indica posse de 3ª pessoa co-referente. *Ha'e ogweraha gwóga.* 'Ele levou **sua própria** casa.' (C1-Inf.01.1). *He'i gwembireko-pe: Aha-ta anhemitỹ.* 'Ele disse a **sua própria** esposa: Vou plantar.' (C2-Inf.01.3).

**-gwa** *part. nom.* nominaliza a posposição à qual se liga. *Upe va'e niko pe gwyra ynambu ramigwa.* 'Aqueles eram pássaras, **os que** pareciam com inambus.' (C1-Inf.03.1).

**gwahẽ** *v.i.* (*a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-*) chegar. *Tyke'yry ogwahẽ ramo ipoxy.* 'Quando o irmão mais velho **chegou,** ele ficou bravo.' (C1-Inf.06.3). *Orokanhy orogwahẽ óga-py.* 'Nós fugimos e **chegamos** na casa.' (C2-Inf.08.2).

**gwhu** *v.i.* (*a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-*) cantar, entoar cântico (religioso). *Y pyte-rehe ogwahu karumbe.* 'A tartaruga **cantava** no meio da água.' (C1-Inf.05.6).

**gwaigwĩ** *adj.* velha, idosa (só se refere a mulheres). *Igwaigwĩ-ma oĩ ha'e.* 'Ela já está **velha.**' (C1-Inf.07.1). *Ou ave kunha igwaigwĩ va'e onhemonhe'ẽ*

*hagwã.* 'Vem também uma mulher **velha** para dar conselhos.' (C2-Inf.02.4).

**gwairaka** *n.* lontra, ariranha. *Upéi gwairaka oipapa ogwahu ai-vy.* 'Depois ele nomeou as **lontras** com seu canto baixo.' (C1-Inf.06.1).

**gwapy** *v.i.* (*a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-*) sentar, assentar. *Ogwapy oĩ-vy xe sy.* 'Minha mãe estava sentada.' (C1-Inf.08.2). *Upe-py ogwapy oĩ-vy.* 'Ali ela estava sentada.' (C2-Inf.01.2).

**gwasu** *adj.* grande. *Ogweru ohexa uka yvagwasu.* 'Ele trouxe e mostrou-lhes a fruta **grande.**' (C1-Inf.06.3). *Ore mombe'u-ta mba'èixa pa erejapo xipagwasu.* 'Você vai nos contar comovocê faz a **grande** pamonha.' (C2-Inf.06.1). O mesmo que **-ngusu, -rusu 1.** O contrário de **mixĩ.**

**gwata** *v.i.* (*a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-*) andar, caminhar. *Ogwata gwata y rupagwe-rupi.* 'Ele **andou, andou** por onde tinha tido água.' (C1-Inf.01.1). *Upéa-gwi ha'e kwéry ndogwatáiry pyhare.* 'Por isso eles não **andam** à noite.' (C2-Inf.02.1).

**gwavira** *n.* guavira, guabiroba (fruta). *Ohexa jagwarete gwavira mirĩ aju.* 'As onças viram as **guaviras** maduras.' (C1-Inf.06.3).

**gwe-** *pron. pess.* com; comitativo, expressa companhia. *Jakare ogweraha ke'y-pe yvyra rakã gwy-rupi.* 'O jacaré levou (**com ele**) nosso irmão por baixo

do galho da árvore.' (C1-Inf.03.2). *Ogweraha íxupe mombyry* 'Ele os levou (**com ele**) para longe.' (C2-Inf.08.1). [Variante: **gwero-**, **gwen-**]. //Nota: Prefixo usado em alguns verbos iniciados por r, na 1ª pessoa do plural exclusivo e na 3ª pessoa do singular e plural.

**-gwe<sup>1</sup>** *part. temp.* antigo, passado; indica algo que foi no passado mas não é mais. *Ogwata gwata y rupagwerupi*. 'Ele andou, andou pelo **antigo** leito do rio.' (C1-Inf.01.1). *Nhaha'arõ are nhane remitygwe nhamono'õ hagwã*. 'Esperamos por muito tempo para que possamos colher nossa plantação **passada**.' (C2-Inf.01.3).

**-gwe<sup>2</sup>** *part. col.* marca o plural ou coletivo do nome. *Kunhagwe mante oje'õi va'erã hikwái upe kagwĩ ha-py*. 'Somente as mulheres iam lá naquele lugar da chicha.' (C2-Inf.01.4).

**gwejy** *v.i.* (*a-*, *ere-*, *o-*, *ja-*, *oro-*, *pe-*) descer. *Ke'y ogwejy yvyra rakã-gwi*. 'Irmão mais velho **desceu** do galho de árvore.' (C1-Inf.03.2).

**gwevi** *v.i.* (*a-*, *ere-*, *o-*, *ja-*, *oro-*, *pe-*) afastar, ir para longe de. *Upe-ma ramo jeko iména ogwevi gwevi rei oho-vy*. 'Então dizem que seu marido foi se **afastando**.' (C1-Inf.09.3).

**gwi<sup>1</sup>** *posp.* de; origem (relacionado a uma mudança de localização). *Osẽ y-gwi*. 'Elas saíram **da** água.' (C1-Inf.03.1). *Kaiwa kwéry anho mante ou araka'e yváy-gwi*. 'Somente os Kaiwá vieram no passado **do** céu.' (C2-Inf.01.1). //Nota: Por ser átono, liga-se com hífen à palavra anterior.

**gwi<sup>2</sup>** *conj. subord.* porque, por causa de.

*Opyta yvy-py hesarái-gwi itúvy he'i va'ekwe-rehe*. 'Ficaram na terra **porque** esqueceram o que seu pai disse.' (C1-Inf.03.1). //Nota: Por ser átono, liga-se com hífen à palavra anterior.

**gwĩ** *pron. dem.* esses, essas. *Gwĩ mitã karia'y kwéry oime joty voi hendive*. 'Essas crianças e jovens ainda estão com ele.' (C1-Inf.07.2). *Gwĩ mokõi omombe'u va'ekwe*. 'Esses dois contaram no passado.' (C2-Inf.01.1).

**gwĩa** *pron. dem.* essas coisas, isso. *Gwĩa oikwaa ra'anga anga rei ojohu-gwi*. 'Essas coisas que eles conhecem é apenas uma imitação que eles inventaram.' (C1-Inf.08.4).

**gwive<sup>1</sup>** *pron. indef.* todos, todas. *Hapixa kwéry gwive okyhyje okyhyjepa voi*. 'Todos os que estão perto deles estão totalmente assustados.' (C1-Inf.10.1). *Xe ao mimi aikotevẽ gwive ajarapa jevy óga-py* 'Peguei de novo **todas** as roupas que eu precisava na casa.' (C2-Inf.08.2).

**gwive<sup>2</sup>** *adv. temp.* de, desde. *Péa nhande reru yma gwive nhande reru*. 'Isso foi trazido para nós **desde** o passado.' (C2-Inf.06.1).

**gwy** *adv. lug.* embaixo. *Upe jave ohasa yvyra rakã gwy-rupi*. 'Enquanto isso passou **embaixo** de um galho de árvore.' (C1-Inf.03.2). //Nota: geralmente vem seguido de posposição.

**gwyrá** *n.* pássaro, ave. *Gwyrá porã voi xirino*. 'Um **pássaro** bonito é o beija-flor.' (C1-Inf.07.3). *Pe jave gwyrá entéro hoy'u-ma*. 'Enquanto isso todos os **pássaros** já beberam água.' (C2-

Inf.06.2).

**gwyra kampána** *n.* araponga, pássaro campana, ave com canto sonoro.

*Ohexa gwyra kampána oporahéi.* 'Viu a **araponga** cantando.' (C1-Inf.03.3).

// Nota: Ave símbolo nacional do Paraguai.

**gwyrapa** *n.* arco. *Ome'ẽ íxupe gwyrapa ogwahu hagwã.* 'Ele lhe deu um **arco** para que ele cantasse.' (C1-Inf.06.1).

**gwyra pepotĩ** *n.* garça, ave branca da

família dos pelicanos. *Upéi ojapo gwyra pepotĩ.* 'Então ele fez a **garça.**' (C1-Inf.08.7). O mesmo que **gwyratĩ**.

**gwyratĩ** *n.* garça, ave branca da família dos pelicanos. *Pa'ikwara omoĩ gwyratĩ.* 'Paiquará (Sol) fez as **garças.**' (C1-Inf.06.1). O mesmo que **gwyra pepotĩ**. //Nota: lit.: ave branca

# H h

**h-** *pref. relac.* dele(s), dela(s); indica posse de 3a pessoa não co-referente.

*Hemiarirõ kwéry ijurugwy-py oiko arã.* 'Os netos **dele** vão viver sobre a autoridade dele.' (C1-Inf.02.2). *Ha hambireko katu he'i íxupe.* 'Mas a esposa **dele** lhe respondeu.' (C2-Inf.01.3).

**ha** *conj. coord.* e, mas; conjunção que enfatiza mudança em relação à frase anterior. *Ha ugwĩ mokõi nhande ru rajy katu ndoje'óiry.* 'Mas essas duas filhas de nosso pai não foram.' (C1-Inf.03.1). *Ndaike mo'ái.* *Ha mba'éixa amba'apo-ta?* 'Não vou entrar. E como vou trabalhar?' (C2-Inf.01.5).

**ha-** *pref. pron.* eu: sujeito de 1a pessoa do singular no verbo. *Ha'u-ta ajehepy hagwã.* 'Eu o **comerei** para me vingar.' (C1-Inf.03.3). *Xe mandu'a mimi gwive xe ha'epa-ta.* 'O pouco que lembrar eu **direi** tudo.' (C2-Inf.08.2). //Nota: Prefixo de verbos da classe Ha-

**-ha** *part. nom.* **1)** indica a pessoa que faz algo: 'aquele que', ou algo que é feito ou acontece. *Ko va'e ko marandu mombe'uha ou, he'i xirino-rehe.* 'Este é **aquele que** conta a notícia, eles disseram sobre o beija-flor.' (C1-Inf.07.3). *Avati morotĩ myamirĩ tee rekoha tee.* 'O milho branco é o **modo de** viver verdadeiro dos antepassados.' (C2-Inf.06.1). **2)** Ligado a expressão temporal ou a numeral, o torna ordinal. *Mokõi jasyha-rehe oity jevy.*

'No **segundo** mês, ele jogou de novo.' (C1-Inf.01.1).

**ha'ã** *v.t.* (a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-) tentar, testar. *Nhanhoha'ã jahexa hagwã máva pa osapukái hatãve.* 'Vamos **testar** um ao outro para vermos quem grita mais alto.' (C1-Inf.03.3).

**ha'arõ** *v.t.* (a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-) esperar. *Upe rire katu upe-py oha'arõ oĩ-vy.* 'Depois disso mesmo ele ficou **esperando** ali.' (C1-Inf.01.1). *Nhaha'arõ are opa mba'e nhanhoty ramo.* '**Esperamos** muito tempo por qualquer coisa quando plantamos.' (C2-Inf.01.3).

**ha'e<sup>1</sup>** *pron. pess.* 3a pessoa: ele, ela. *Igwaigwĩ-ma oĩ ha'e.* '**Ela** já está velha.' (C1-Inf.07.1).

**ha'e<sup>2</sup>** *v.t.* (eu) digo, disse; 1a pessoa do singular do verbo irregular dizer. *Ha'e íxupe.* 'Eu lhe **disse**.' (C1-Inf.03.3).

**ha'e<sup>3</sup>** *adv. affirm.* sim; é isso. *Upéa ko héry mbojape.* *Ha'e.* 'O nome disso é pão. **Sim**.' (C2-Inf.06.1).

**ha'e kwéry** *pron. pess.* 3a pessoa do plural: eles, elas. *Ha'e kwéry ndoikwaái gwekorã.* '**Eles** não sabem o que vai acontecer com eles.' (C1-Inf.02.1).

**ha'enho** *pron. pess.* ele/ela sozinho/a. *Ha'e ou ohexa ha'enho.* 'Ele veio ver **sozinho**.' (C2-Inf.06.2).

**ha'e-py** *adv. lug.* refere-se a algum

lugar previamente citado: ali, naquele lugar. *Oho jevy jagwarete oheka ha'e-py.* 'A onça foi de novo procurar **naquele lugar.**' (C1-Inf.05.6).

**hagwã** conj. coord. indica propósito: para, a fim de. *Ojapo ombojohasa hagwã yvy.* 'Fez **para** que eles passassem pela terra.' (C1-Inf.01.1). *Ogwejy ko yvy ári opyta hagwã.* 'Desceram **para** ficarem aqui na terra.' (C2-Inf.01.1).

**hagwe**<sup>1</sup> n. (r- /h-) pelos, penas. *Ava hagwe va'e hagwepa voi.* 'Índio **peludo**, cheio de **pelos** mesmo (um espírito mau).' (C2-Inf.03.5).

**hagwe**<sup>2</sup> part. temp. passado (de -ha). *Ojapo-ma peteĩ ro'y ohasa hagwe kagware ko'a-rupi.* 'Faz um ano que o tamanduá passou aqui.' (C1-Inf.03.3). *Oikwaa ava tape ojapo hagwe.* 'O índio sabia o caminho que tinha feito.' (C2-Inf.06.2).

**ha'i** n. mamãe; tratamento dado pelo(a) filho(a) à mãe. *Eru xe rembeta xe-vy ha'i.* 'Traga meu botoque para mim, **mamãe.**' (C1-Inf.05.6).

**hãi** n. (t- /r- /gw- /h-) dente(s). *Ore rãi ohekyipa.* 'Eles extraíram todos os nossos **dentes.**' (C1-Inf.05.5). *Ndikatúi opuka rei rei oxuka hãi-gwi.* 'Ele não pode rir à toa, mostrando os **dentes.**' (C2-Inf.07.2).

**haimete** adv. quase. *Haimete ojuka osy-pe.* 'Ele **quase** matou sua própria mãe.' (C1-Inf.10.2).

**hanhygwe** n. (t- /r- /gw- /h-) genro, marido da filha. *Ha'u-ta kagwĩ, he'i hanhygwe.* 'Vou beber chicha, disse seu **genro.**' (C1-Inf.06.1).

**hapeko** v.t. (a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-) visitar (alguém). *Ahapeko meme voi xe sy-pe.* 'Sempre **visito** minha mãe.' (C1-Inf.08.7).

**hapo** n. (r- /gw- /h- ) raiz (parte da planta). *Upe va'e niko nhande rapo ete.* 'Essa é nossa **raiz** de verdade.' (C2-Inf.03.1).

**hapy** v.t. (a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-) queimar. *Haimete ohapy ojohapy hikwái.* 'Quase **queimaram**, quase **queimaram** uns aos outros.' (C1-Inf.08.3). *Erehapy-ma takwáry.* 'Você já **queima** o bambu.' (C2-Inf.10.3).

**hapykwere** n. rastro. *Ohexa kagware rapykwere opía hagwe ka'agwy-rehe.* 'Ele viu o **rastro** do tamanduá quando saiu para o mato.' (C1-Inf.03.3).

**hapykwéri** adv. lug. atrás de, ao encalço de. *Tereho hapykwéri.* 'Vá **atrás** dele.' (C1-Inf.03.3). *Oho hapykwéri ndoikwaái jepe moõ-py oime.* 'Foram **atrás** dele, mesmo não sabendo onde ele estava.' (C2-Inf.08.1).

**hasa** v.i. (a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-) **1)** passar, atravessar [por um lugar]. *Upe jave ohasa yvyra rakã gwy-rupi.* 'Enquanto isso **passaram** por baixo de um galho de árvore.' (C1-Inf.03.2). *A-rupi mante oĩ xe ahasa va'erã.* 'Só por aqui que eu **passarei.**' (C2-Inf.02.3). **2)** passar, ir [em direção a algum lugar]. *Upe rire orohasa xe róga-py.* 'Depois **passamos** para minha casa.' (C1-Inf.08.7). **3)** passar, transcorrer [um período de tempo]. *Ohasa mbohapy jasy.* '**Passaram**-se três meses.' (C1-Inf.03.3). *Ohasa heta áry rire.* 'Depois que **passaram** vários

dias.' (C2-Inf.08.2).

**hasē** v.i. (*xe +r, ne +r, h-, nhane +r, ore +r, pene +r*) chorar. *Hasē* voi gwamói-rehe. 'Chorou mesmo pelo seu avô.' (C1-Inf.08.1). *Hasy ramo ha'e hasē pyhare*. 'Quando doía, ela chorava à noite.' (C2-Inf.07.3).

**hasy**<sup>1</sup> v.est./adj. (*xe + r-, nde + r-, h-; nhande + r-, ore + r, pende + r-*) (estar, ficar) doente, doer, (sentir) dor. *Isy hasy-gwi, oho pya'e eterei*. 'Porque sua mãe estava doente, ela foi rápido.' (C1-Inf.08.2). *Hye hasy ramo ha'e ndikatui ihu'u*. 'Quando sua barriga doía, ela não conseguia engolir.' (C2-Inf.07.3).

**hasy**<sup>2</sup> v.est./adj. (*xe + r-, nde + r-, h-; nhande + r-, ore + r, pende + r-*) (ser) difícil. *Ndahasyiry erejapo upéa*. 'Não é difícil fazer isso.' (C1-Inf.03.3). *Entéro mba'e nhande-vy hasy ko'anga*. 'Todas as coisas para nós são difíceis agora.' (C2-Inf.01.3).

**hatã**<sup>1</sup> v.est./adj. 1) Ser/estar duro, rígido. *Ha'e hatãmba-ma iyyva*. 'Seus braços ficaram duros.' (C1-Inf.08.7). *Hu'i ereikyty arã upéa hatã-ma jave*. 'Fubá, você rala esse (milho) quando já estiver duro.' (C2-Inf.06.1). 2) (no sentido figurado): (cabeça) dura, resistente; teimoso, desobediente. *Omoakã hatã xe memby-pe*. 'Ela fez meus filhos terem cabeças duras (serem desobedientes).' (C1-Inf.07.2).

**hatã**<sup>2</sup> adj. alto (volume de voz, som). *Nde hatã eterei eresapukái*. 'Você grita alto demais.' (C1-Inf.03.3).

**hatyu** n. (*r- /gw- /h-*) sogro; pai do marido ou da esposa. *Upéi ime oho mo'ã gwatyu ha-py*. 'Então seu marido

tentou ir à casa do sogro.' (C1-Inf.06.1).

**haxã** n. filha. *Ugwĩ va'e oipohano haxã rusu pohã nhana-py, he'i*. 'Esses que davam remédios, os remédios (ervas do mato) da filha mais velha.' (C2-Inf.11.1).

**hayhu** v.t. (*a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-*) amar. *Xe ahayhu ave xe sy-pe*. 'Eu também amo minha mãe.' (C1-Inf.08.7).

**ha'yi** n. (*t- /r- /gw- /h-*) semente (de planta). *Otopa mokõï avati ra'yi*. 'Ele encontrou duas sementes de milho.' (C1-Inf.03.3).

**hayvi** n. garoa, chuvisco, chuva fraca. *Oĩ hayvi jave osẽ va'e kwarahy*. 'Enquanto tem garoa sai o sol.' (C2-Inf.01.5).

**he'ẽ** v.est./adj. (estar) gostoso, doce. *Ojoso rire, oromohe'ẽ porã ixupe*. 'Depois de socar, nós fizemos ficar gostoso (adoçamos) para ela.' (C1-Inf.08.2).

**-hegwi** posp. de. *Mamo pa ereho ereripara xéhegwi?* 'Aonde você vai correndo pra longe de mim?' (C1-Inf.03.3). //Nota: O mesmo que **gwi**; ligado a pronomes pessoais: xéhegwi, ndéhegwi, etc.

**he'i** v.t. forma irregular da 3ª pessoa do verbo dizer: diz(em), disse(ram). *Tapeho peru nhande-vy y jay'u hagwã, he'i*. 'Vão e tragam para nós água para bebermos, ele disse.' (C1-Inf.03.1). *Ipohyi xe rekove, he'i tatu*. 'Minha vida é difícil, diz o tatu.' (C2-Inf.02.3).

**heikwarypy** n. penas traseiras (da parte de trás do corpo da ave).

*Heikwarypy pytägwe oipe'a mbaraka potyrã.* 'Eles arrancam as **penas traseiras** vermelhas para enfeitar os chocalhos.' (C1-Inf.05.2).

**heindy** *n.* (t- /r- /gw- /h- ) irmã (em relação a seu irmão). *Ndaipotái ipoxy íxupe heindy kwéry.* 'Não quero que suas **irmãs** fiquem bravas com ele.' (C1-Inf.09.2).

**he'ise** *v.t.* quer dizer, significa. *He'ise nhane nhe'ẽ ete-py: "mokõi ko oroikove".* 'Na nossa língua **significa**: nós dois sobrevivemos' (C1-Inf.03.1).

**heja** *v.t.* (a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-) deixar (algo ou alguém) para trás. *Nikatúi oheja gwóga.* 'Não conseguiu **deixar** sua casa.' (C1-Inf.08.6). *Ojoheja va'erã peteĩ va'e omano ramo mante.* 'Eles **deixarão** um ao outro, apenas quando um deles morrer.' (C2-Inf.02.4).

**heka** *v.t.* (a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-) procurar (por algo). *Oroho oroheka ore kyharã.* 'Portanto vamos **procurar** materiais para nossas redes.' (C1-Inf.05.1). *Ha hekaháry oheka hikwái ndotopái.* 'Mas aqueles que a procuravam **procuraram**, não a encontraram.' (C2-Inf.01.2).

**hekaka** *n.* fezes, cocô. *Ha ere'uka rire katu pe ka'aõre rykwere ja mitã ohexama hekaka atã opa-rupi* 'E depois que você faz a criança beber o suco da erva, ela já mostra que seu **cocô** ficou duro.' (C2-Inf.11.1).

**heko** *n.* (t- /r- /gw- /h- ) comportamento, caráter de uma pessoa. *Ha'e heko porã va'e, oro'e hese oho-ma ramo.* 'Ele tem um bom **caráter**, dizíamos sobre ele, quando eles partiram.' (C1-Inf.08.5).

**hekovia** *n.* (t- /r- /gw- /h-) (no) lugar de (alguém). Indica substituição. *Heta vyteri oĩ oiporu va'erã ko yvy nde rekovia.* 'Ainda haverá muitos que ainda usarão essa terra em teu **lugar**.' (C1-Inf.08.7).

**hekýi** *v.t.* (a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-) arrancar (algo). *Yvyra gwive ohekýi.* 'Até as árvores ele **arrancou**.' (C1-Inf.07.1).

**hembekwa** *v.est./adj.* (ter) furo labial, lábio furado. *Hembekwa va'e onhemonhe'ẽ [...] kwimba'e-pe.* 'Os que tinham **lábio furado** aconselhavam o homem.' (C2-Inf.02.4).

**hemby** *v.est./adj.* restante, (aquilo que) sobrou. *Upéixa arekove xe hembyre namombói.* 'Assim ainda tenho mais, não joguei fora o que **sobrou**.' (C2-Inf.10.2).

**hembypy** *n.* (t- /r- /gw- /h- ) início, primeiro. *Paragwái rembypy.* 'O **início** dos paraguaios.' (C1-Inf.06.1).

**hemi-** *n.* nominalizador de objeto direto. *Ha'e kwéry jari hemimongakwaa.* 'Eles são **aqueles que** a vovó criou.' (C1-Inf.09.2).

**hemimbota** *n.* (t- /r- /gw- /h- ) vontade; aquilo que se quer, deseja. *Jajapo hemimbota.* 'Fazemos a **vontade** dele.' (C1-Inf.04.1).

**hemói** *v.i.* (xe + r-, nde + r-, h-; nhande + r-, ore + r, pende + r-) (ter/sentir) coceira. *Kuru hye hemói hemói íxupe.* 'Sarna em sua barriga faz ele **sentir coceira**.' (C2-Inf.07.3).

**henda**<sup>1</sup> *n.* (t- /r- /gw- /h- ) cavalo, animal para transporte. *Henda oime*

*ipoxy va'e orogwereko.* 'O **cavalo** que temos é bravo.' (C1-Inf.08.1).

**henda**<sup>2</sup> *n.* (t- /r- /gw- /h- ) lugar. *Upe-ma ramo kagware ou jevy jagwarete renda-py.* 'Então o tamanduá veio até o **lugar** onde a onça estava.' (C1-Inf.03.3).

**hendive** *posp.* com ele(a). *Mokõï hemiarirõ ou oke hendive.* 'Dois netos dela vinham e dormiam **com ela**.' (C1-Inf.08.2). *Ndikatuveí-ma iména oiko va'e hendive.* 'Seu marido não pode mais ficar **com ela**.' (C2-Inf.07.2).

**hendu** *v.t.* (a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-) ouvir, escutar. *Kweheve orohendu Antonio rehegwa nhe'ê.* 'Anteontem **ouvimos** uma história sobre o Antônio.' (C1-Inf.10.2). *Ha'e kwéry ohendu mombyry-gwi.* 'Eles **ouvem** de longe (à distância).' (C2-Inf.07.2).

**hendy**<sup>1</sup> *v.est./adj.* (xe + r-, nde + r-, h-; nhande + r-, ore + r, pende + r-) (ter) brilho, luz, brilhar. *Kwarahy hendy porã jevy.* 'O sol **brilhava** bem novamente.' (C1-Inf.08.4). *A-rupi niko ou ra'e nahendy mbaraetéiry.* 'Por aqui ele veio, e não **brilhava** forte.' (C2-Inf.03.5).

**hendy**<sup>2</sup> *n.* (r- /h-, gw- )saliva. *Omoï gwendy ijapyte-py.* 'Ele colocou sua **saliva** no meio (da cabeça do menino).' (C2-Inf.11.1).

**henói** *v.t.* (a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-) chamar (alguém). *Íxupe kwéry ohenói hagwã ojapo kagwĩ.* 'Para **chamá**-los ele fez chicha.' (C1-Inf.01.1). *Aipo ramo [...] anháy erehenói-ta ramo katu.* 'Assim sendo, você **chamará** o espírito mau.' (C2-Inf.03.5). //Nota: Não tem o sentido de nomear, dar

nome a alguém.

**he'õgwe** *n.* cadáver, corpo de pessoa morta. *Ogwahê jevy-ma ngatu ou-vy he'õgwe nhande-vy.* 'Agora seu **corpo morto** chegou de volta para nós.' (C1-Inf.08.6).

**he'õvy** *n.* terra úmida. *Mixĩ he'õvy rei oĩ.* 'Tinha só um pouco de **terra úmida**.' (C2-Inf.06.2).

**hepy**<sup>1</sup> *v.t.* (a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-) pagar, vingar. *Ohepy-ma ogwereko asy hagwe-py.* 'Ele **vingou** (seu irmão) pelo tratamento doloroso que havia recebido.' (C1-Inf.06.3).

**hepy**<sup>2</sup> *adj.* caro, de valor (monetário) alto. *Hepy eterei.* 'Isso é muito **caro**.' (C1-Inf.05.2).

**hepy**<sup>3</sup> *n.* (r- /h-) pagamento, compensação. *Iasuka repyrã nome'êi ave.* 'Nem lhes deram também **pagamento** para comprar açúcar.' (C1-Inf.05.5).

**hereko** *v.t.* (xe + r-, nde + r-, h-; nhande + r-, ore + r, pende + r-) cuidar, tomar conta. *Ahexa-ma ramo omunha munha-ma ramo hereko-vy okupe-rupi.* 'Quando eu o vi perseguindo, **cuidando** por trás dele.' (C1-Inf.09.3). O mesmo que **nhangareko**.

**herekoháry** *n.* (r- /h-) cuidador, aquele que cuida. *Ndoko xiru kurusu opyta arã herekoháry-pe.* 'A cruz vai ficar para **aquele que cuida** dele.' (C2-Inf.03.2).

**héry** *n.* (t- /r- /gw- /h- ) nome; como se chama alguém ou alguma coisa. *Iména xe ruvanga héry Justino va'ekwe.* 'Seu marido, meu padrasto, seu **nome** era

Justino.' (C1-Inf.08.7). *Upéixa-gwi pe héry kwarahy.* 'Por isso seu **nome** é sol.' (C2-Inf.08.1).

**hesarái** v.t. (*xe + r-, nde + r-, h-; nhande + r-, ore + r, pende + r-*) esquecer. *Ogwahẽ-vy ykwa-py [...]* **hesarái** *itúvy he'i va'ekwe-rehe.* 'Chegando à fonte de água, **esqueceram** o que seu pai lhes dissera.' (C1-Inf.03.1).

**hese** *posp.* a respeito dele(a), sobre ele [alguém ou alguma coisa]. *Opuka hese gwyrá kampána.* 'A araponga riu **dela**.' (C1-Inf.03.3). *Ndaxe pu'akavéi-ma hese ramo katu: peraha missão-my.* 'Mas quando não tenho poder **sobre ela** (a doença), digo: levem para a missão.' (C2-Inf.03.5).

**hesy** v.t. (*a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-*) assar, preparar (algum alimento) com fogo. *Péixa ohesy-ta [...]* *vaka ro'o yrygwasu ro'o.* 'Assim ela **assa** carne de vaca, carne de galinha.' (C2-Inf.07.1).

**heta** *pron. indef.* muitos. **Heta** *yvypóry oĩ, heta hemiarirõ kwéry oĩ.* 'Ainda há **muitos** na terra, **muitos** netos deles ainda há.' (C1-Inf.02.2). *Oiko rire mitã [...]* *oha'arõ jevy heta áry.* 'Depois de nascer o bebê, ele espera de novo **muitos** dias.' (C2-Inf.07.2).

**hete** n. (*t- /r- /gw- /h-*) corpo (humano). *Ho'u-ma pono pe hete oikokwaa-ma pe tembi'u reheve.* 'Ela come para que seu **corpo** se acostume com essa comida.' (C2-Inf.07.1).

**hetũ** v.t. (*a-, ere-, o-, nha-, oro-, pe-*) cheirar. *Ha'e omoĩ mandyju itĩ-my pono ohetũ.* 'Ela coloca algodão no nariz (da filha) para que não **cheire**

nada.' (C2-Inf.07.1).

**hetyma** n. (*t- /r- /gw- /h-*) perna; membro inferior do corpo. *Ajohéi xe retyma.* 'Lavei minha **perna**.' (C2-Inf.07.3).

**hetymy'ã** n. (*t- /r- /gw- /h-*) joelho. *Ha'e hetymy'ã-ma ha'era ijaja ituja-ma.* 'Seus **joelhos** estão tremendo e ele ficou velho.' (C1-Inf.05.4).

**hevi** n. (*t- /r- /gw- /h-*) bunda, nádegas. *Oinupã ramo, omosẽ kávy gwevi-rupi.* 'E quando ele bateu, ele soltou vespas de sua **bunda**.' (C1-Inf.06.1).

**hexa** v.t. (*a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-*) ver, enxergar. *Kagware ohexa ranhe jagwarete-pe.* 'Mas o tamanduá **viu** a onça primeiro.' (C1-Inf.03.3). *Oroho orohexa upe-py ore amagwã.* 'Fomos e **vimos** ali que seria nossa terra.' (C2-Inf.06.2).

**hexakáry** n. pajé. *Yma rupigwa hexakáry oĩ araka'e irundy.* 'No passado existiam quatro **pajés**.' (C2-Inf.03.1). O mesmo que **pa'i**.

**hexakwaa** v.t. (*a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-*) entender, compreender, mostrar favor. *Nhamombe'u porã hekorã opaixagwa mixĩ gwive oporohexakwaa-ma gwive.* 'Damos a eles instruções como se comportarem desde pequenos, desde que já **entendem** as coisas.' (C1-Inf.09.1).

**hexa uka** v.t. (*a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-*) mostrar (algo). *Erehose ramo ahexa uka-ne nde-vy.* 'Se você quiser ir, eu te **mostro** (o caminho).' (C1-Inf.03.3). *Nde kwatia-rehe eremoĩ va'erã amoete erehexa uka va'erã.* 'Você colocará no teu papel e **mostrará** longe.' (C2-

Inf.03.4).

**hi'**- *pref. relac.* dele(s), dela(s). *Oike jave monde, ho'a hi'ári.* 'Quando ele entra, o mundéu cai em cima **dele.**' (C2-Inf.02.3). *Hi'agwĩ-ma jave ogwahẽ ramo oiyva-ma* 'Quando chegaram perto **delas**, eles já as derrubaram.' (C2-Inf.03.1). //Nota: ocorre somente antes de palavras iniciadas com vogal.

**hikwái** *pron. pess.* eles, elas; indica que várias pessoas juntas fazem a ação. *Heta xe mbogwata hikwái.* 'Eles fizeram que eu andasse muito.' (C1-Inf.07.2). *Kunhagwe mante oje'ói va'erã hikwái.* 'Somente as mulheres iam, **juntas.**' (C2-Inf.01.4).

**hi'upy** *n.* comida. *Amoĩ arã takware'ẽ kwarapepẽ andai hi'upy.* 'Vou colocar a cana de açúcar, a moranga e abóbora, as **comidas.**' (C2-Inf.03.6).

**Hixe** *n.prop.* nome de divindade: Irmã mais velha, a filha mais velha de Tupã. *Eregwahẽ-ma ereho ha-py [...] Hixe ku'akwaha va'e-py* 'Quando você chegou onde ia, não acaba mesmo. na cintura da **Irmã mais velha.**' (C2-Inf.03.5).

**ho** *v.i. (irr)* ir, deslocar-se (para outro lugar). *Upéi oho osy ha-py.* 'Então ele **foi** para a casa de sua mãe.' (C1-Inf.06.3). *Oroho orohexa upe-py ore amagwã.* '**Fomos** ver ali nossa chuva.' (C2-Inf.06.2). //Nota: 1sg aha, 2 sg ereho, 1pl.inc. jaha, 1pl.exc. oroho, 2pl. peho 3 oho.

**ho-** *pref. pron.* ele(s), ela(s): sujeito de 3a pessoa no verbo. *Ho'ytave.* '**(Ele)** nadou mais.' (C1-Inf.03.2). *Oike jave monde, ho'a hi'ári.* 'Quando ele entra,

o mundéu **cai** em cima dele.' (C2-Inf.02.3).

**ho'a** *v.i.* ele/ela cai, caiu; 3a pessoa (singular ou plural) do verbo cair. *Oho y-py ho'a karumbe.* 'Então a tartaruga foi e **caiu** na água.' (C1-Inf.05.6). *Ha'e kwéry ho'a-ma arã [...] pe anhã y monde.* 'Eles **caíram** na armadilha do diabo.' (C2-Inf.08.1).

**hoka** *n.* local de dança. *Ha upe hokarã-my peha'arõ, he'i.* 'E esperem naquele **local de dança**, disseram.' (C2-Inf.03.2).

**hory** *v.est./adj.* (xe + r-, nde + r-, h-; nhande + r-, ore + r, pende + r-) estar/ficar contente, alegre. *Jagwarete ovyá, hory.* 'A onça se alegrou, ficou **contente.**' (C1-Inf.03.3). *Horypa rei oiko-vy.* 'Eles vivem **alegres** sem motivo.' (C2-Inf.03.2).

**ho'u** *v.t.* ele(a) come (algo); 3a pessoa (singular ou plural) do verbo comer. *Ou jakare ho'u ke'y pinda pota.* 'Veio o jacaré e **comeu** o anzol e a isca do irmão mais velho.' (C1-Inf.03.2). *Opaixagwa tembi'u ho'u.* 'Ela **come** todo tipo de comida.' (C2-Inf.07.1). //Nota: Ver também: 'u (comer).

**hova** *n.* (t- /r- /gw- /h- ) rosto, face. *Oipei íxupe pono ogwapy hova-rehe mberu.* 'Tirava dele, assim as moscas não sentavam em seu **rosto.**' (C1-Inf.08.7). *Nde ai ramo jepe [...] nde rova oime ha-py ha'e iporã.* 'Mesmo que estiver ferido, estiver no teu **rosto**, ele ficará bom.' (C2-Inf.07.3).

**hovái** *v.i.* (a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-) cantar, fazer a reza. *Kara hi'óra-py apu'ã ahovái.* 'Cada hora eu levanto e **canto.**' (C2-Inf.03.2).

**hovaitĩ** v.t. (a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-) repreender (por meio de reza). *Erehovaitĩ arã ko va'e.* 'Você **repreenderá** isso.' (C2-Inf.03.2).

**hovajáry** n. (t- /r- /gw- /h- ) cunhado, irmão da esposa ou do marido. *Upéa-gwi ohayhu hovajáry.* 'Por isso ele ama seu **cunhado**.' (C1-Inf.08.5).

**hovasa** v.t. (a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-) abençoar. Hesu Cristo [...] *ohovasa oikoha-rupi.* 'Jesus Cristo o **abençoe** onde quer que ele esteja.' (C1-Inf.08.1). *Ereike ramo gwarã erejehovasa-ma arã* 'Quando entra você já é **abençoadado**.' (C2-Inf.03.5).

**hovy** adj. azul ou verde (cor). *Hovypa rei va'e ojekwaa-ma ramo.* 'Era toda **verde** (a sereia) quando apareceu.' (C2-Inf.05.2).

**hũ** adj. de cor preta, preto, escuro. *Ka'agwy hũ porã eterei ko ka'agwy.* 'Mata **preta** (escura), esta mata era boa demais.' (C2-Inf.06.2).

**hu'i** n. farinha, fubá; material moído até virar pó ou farinha. *Tajasu ka'ẽ hu'i nome'ẽi íxupe.* 'Não lhe deu nem porco do mato assado nem **farinha**.' (C1-Inf.06.3). *Upéa myamirĩ ete juru pygwa voi hu'i ave.* 'Isso o antepassado comia mesmo, **fubá** também.' (C2-Inf.06.1).

**humby** n. (r- /h-) cintura, parte do meio. *Erehumbykwa ha péa eremoĩ-ma ója-py opupu jave erenohẽ* 'Você amarra **no meio** e isso coloca na panela quando ferve, você tira.' (C2-Inf.06.1).

**hundi** v.i. (a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-) destruir. *Ohundi-ma ngatu íxupe hese*

*ija'e e'ỹ va'e.* 'Aqueles que não gostavam dele o **destruíram**.' (C1-Inf.08.6).

**hupi** v.t. (a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-) levantar. *Oho ohupi omynakũ pira reheve.* 'Ele foi e **levantou** seu cesto com peixes.' (C1-Inf.03.1).

**hupity** v.t. (a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-) alcançar. *Ohupity ita.* 'Ele **alcançou** uma pedra.' (C1-Inf.01.1). [Variante: **hupyty**].

**hupyty** v.t. (a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-) 1) alcançar. *Ohupyty y mboyve, ke'y-pe jakare oporandu jevy.* 'Antes de **alcançar** a água, o jacaré perguntou novamente ao irmão.' (C1-Inf.03.2). 2) alcançar (um tempo). *Ohupyty 2 ano oikove jevy-ma* '**Alcança** dois anos, já nasceu de novo.' (C2-Inf.10.2). [Variante: **hupity**].

**hu'u** v.i. (xe, nde, i-, nhande, ore, pende) tossir. *Ijahy'o rasy [...] ramo ha'e ndikatũi ihu'u.* 'Quando doía a garganta, ela não conseguia **tossir**.' (C2-Inf.07.3).

**hu'y** n. (r- /gw- /h-) flecha; instrumento de caça. *Omoĩ hu'y hapeasa ramo.* 'Ele colocou uma **flecha** como ponte no caminho.' (C1-Inf.06.3).

**hy'a** n. cabaça feita de porongo. *Ome'ẽ ore rembi'u kagwĩ hy'a-py ore-vy.* 'Elas nos dão nossa bebida numa **cabaça**.' (C1-Inf.05.3).

**hyakwa** n. porongo. *Oipyhy y ryru hyakwa.* 'Pegaram o **porongo**, vasilha de água.' (C1-Inf.03.1).

**hyakwã** n. (r- /h-) perfume, cheiro agradável. *Opu'ã vyvra ryakwã.* 'Eles levantaram a árvore de **cheiro**.' (C2-

Inf.03.1).

**hyapu** *v.i.* (não flexiona) **1)** fazer barulho. *Hyapu ete kente opu'ã-vy xixa ha-py gwarã.* 'Faziam barulho as pessoas que se levantavam para o lugar da chicha.' (C1-Inf.01.1). **2)** tropejar, fazer barulho (de trovão). *Ha upéi iko'ẽ-vy hyapu.* 'E então, amanhecendo, tropejou.' (C2-Inf.06.2).

**hye** *n.* (t- /r- /gw- /h- ) barriga. *Hye rasy haimete ojuka.* 'Suas dores de barriga quase a mataram.' (C1-Inf.08.2). *Kuru hye hemói hemói íxupe* 'A sarna faz a barriga dele coçar.' (C2-Inf.07.3).

**hyegwasu** *v.est./adj.* (xe + r-, nde + r-, h-; nhande + r-, ore + r, pende + r-) engravidar, ficar ou estar grávida. *Ha'e hyegwasu.* 'Ela ficou grávida.' (C2-Inf.08.1).

**hyjúi** *v.est./adj.* espumar, ter espuma. *Hyjúi opyta hagwã embohasa.* 'Passe (o remédio) para ficar espumado.' (C2-Inf.07.3).

**hyku** *v.i.* derreter. *Oke ramo, ojara igwy-py tata ro'y ramo, hykupa.* 'Quando ela dormia, e ele colocou fogo embaixo, e ela derreteu

completamente.' (C1-Inf.06.2).

**hynyhẽ** *v.t.* (xe + r-, nde + r-, h-; nhande + r-, ore + r, pende + r-) encher, estar cheio (de algo). *Hynyhẽma y, he'i.* '(O poço) já está cheio de água, ele disse.' (C2-Inf.06.2).

**hypo** *v.i.* secar. *Y hypo ramo ju'i mixĩ va'e onhe'ẽ.* 'E quando toda a água secou, o sapinho falou.' (C1-Inf.01.1). *Hypo rire ae onhomongeta* 'Depois de secar mesmo eles conversaram.' (C2-Inf.03.1).

**hypy** *adj.* fundo, profundo. *Ha ohendu hypy joty.* 'E escutaram que (a água) ainda estava funda.' (C1-Inf.08.3).

**hyru** *n.* (r- /gw- /h- ) vasilha, embalagem, sacola. *Ogweraha yrupẽ hyrurã mo'ã.* 'Ele levava uma peneira fingindo ser uma vasilha (com a fruta).' (C1-Inf.06.3).

# I i

- i<sup>1</sup>** *pref. relac.* dele(s), dela(s), seu(s), sua(s); indica posse não-reflexiva de 3a pessoa. *Ipy'a vai. 'Seu coração ruim.'* (C1-Inf.03.3).
- i<sup>2</sup>** *pref. pron.* indica 3 pessoa em verbos da classe Xe. *Imandu'a porã gwajýry-rehe. '(Ele) lembra bem bem sobre a filha dele.'* (C1-Inf.08.5).
- i<sup>3</sup>** *pref. pron.* indica objeto de 3a pessoa, inserido obrigatoriamente na flexão de alguns verbos transitivos (classe Ai). *Xe nainupã arã. 'Não vou bater nela.'* (C1-Inf.08.5).
- i** *part.* indicador de negação: não. *Ndorojuka mo'ãi. 'Não vou te matar.'* (C1-Inf.03.3). *Ndoroikwaái mba'e pa orojapo-ta. 'Não sabíamos o que fazer.'* (C2-Inf.08.2).
- ĩ** *v.i.* estar, existir. *Apyte voi nhaĩ, he'i íxupe. 'aqui no meio estamos mesmo, disse a eles.'* (C1-Inf.08.3). *Yma rupigwa hexakáry oĩ araka'e irundy 'No passado existiam quatro pajés.'* (C2-Inf.03.1).
- i** *adj.* pequeno; indica o diminutivo. *Japu'i ojuka xe remiarirõ kwéry. 'Meus netos matam japuzinhos.'* (C1-Inf.05.2). *Pe mitã'i mitã mixĩ'i imemby'i oĩ jepe. 'Esse bebê, criança pequenininha, seu filhinho ainda é.'* (C2-Inf.07.2).
- ij-** *pron. poss.* Dele, dela. *Peteĩ ijypy-py oĩ-vy hapixa. 'Um vizinho estava perto dele.'* (C1-Inf.08.7). *Imemby'i oĩ ijyke-rehe 'Seu filhinho está ao lado dela.'* (C2-Inf.07.2). // [Variante de **i-** antes de palavra iniciada com vogal].
- ikatu** *v.t.* (*xe, nde, i-, nhande, ore, pende*) conseguir, ser capaz de (fazer algo). *Ndaikatúi. 'Não consigo.'* (C1-Inf.03.2).
- ike** *v.i.* (*a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-*) entrar. *Jagwarete oike y-py. 'A onça entrou na água.'* (C1-Inf.03.3).
- iko** *v.i.* (*a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-*) **1)** viver, existir. *Yma jeko oiko araka'e nhande ru. 'Antigamente dizem que existiu nosso pai.'* (C1-Inf.03.1). *Igwaigwĩ peve omano peve oiko hendive. 'Até ela ficar mais velha, até morrer, ele vive com ela.'* (C2-Inf.07.2). **2)** nascer. *Mokõi mitã oiko va'ekwe. 'Duas crianças nasceram no passado.'* (C1-Inf.06.3). *Peteĩ oiko, ha'e ombohéra kwarahy. 'E nasceu um, e ela o chamou de sol.'* (C2-Inf.08.1). **3)** morar, ficar (num lugar). *Oiko xe sy gwóga-py. 'Minha mãe mora na casa dela.'* (C1-Inf.08.6).
- ikokwaa** *v.t.* (*a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-*) acostumar-se (com algo, com alguém). *Hete oikokwaa-ma pe tembi'u reheve. 'Seu corpo acostumou-se com a comida.'* (C2-Inf.07.1).
- ime** *v.i.* (*a-, ere-, o-, nha-, oro-, pe-*) ficar, existir, estar (em algum lugar). *Xe ryke oime peteĩ-mi ave ko'anga. 'Das minhas irmãs mais velhas, só existe uma agora.'* (C1-Inf.08.7). *Xe*

*aimé amo ngoty.* 'Eu **ficava** naquela direção.' (C2-Inf.06.2).

**inh-** *pref. pron.* dele(s), dela(s). *Xe memby amondo inhirũrã.* 'Eu mandei meu filho para ser companheiro **dela**.' (C1-Inf.08.7). *Inhakã-my aju [...] pira reheve* 'Na cabeça **dele**, eu vinha, com os peixes.' (C2-Inf.05.2). [Variante de **i-** antes de palavra nasalizada iniciada por vogal].

**iraity** *n.* cera. *Pa'ikwara oho ojapo gweindyryrã iraity-gwi.* 'Então Paiquara foi e fez sua própria irmã a partir de **cera**.' (C1-Inf.06.2).

**irũ** *n.* companheiro; alguém que faz companhia. *Xe memby amondo inhirũrã.* 'Mandei meu filho para ser o **companheiro** dela.' (C1-Inf.08.7).

**irundy** *num.* quatro. *Irundy yvyraija oha'arõ upe tape ypykõi-my.* '**Quatro** ajudantes dos deuses esperaram naquela encruzilhada.' (C2-Inf.03.2).

**ita** *n.* pedra. *Ohupity ita.* 'Alcançou uma **pedra**.' (C1-Inf.01.1). *Heta oĩ ita rova gwy-py.* 'Tinha muita (água) embaixo das **pedras**.' (C2-Inf.06.2).

**ity** *v.t.* (*a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-*) derrubar. *Ou yvytugwasu oity nhande róga.* 'Vem o vento e **derruba** nossa casa.' (C1-Inf.07.3).

**itymby** *n.* plantação (de milho). *Jaha jahexa itymby.* 'Vamos ver a **plantação**.' (C2-Inf.06.1).

**-ixa** *part.* como; indica comparação. *Yma gwaréixa opyta.* 'Ficou **como** estava antigamente.' (C1-Inf.03.1). *Ha'e kwéry omombe'u [...] mba'éixa hekorã.* 'Eles contaram **como** deveriam viver.' (C2-Inf.02.2).

**íxugwi** *posp.* dele, dela. *Ikyhyje íxugwi Tupã kwéry.* 'Os espíritos do mato tinham medo **dele**.' (C1-Inf.06.1).

**íxupe** *posp.* (a, para) ele, ela. Indica objeto de 3ª pessoa. *João he'i íxupe.* 'João disse **a ele**.' (C1-Inf.09.2). *Upéa amombe'u íxupe.* 'Contei isso **para ela**.' (C2-Inf.05.2).

# J j

**ja** v.t. (*a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-*) ligar-se, grudar (a algo). Áry-rehe **oja** ovuvy y. 'A água estava subindo e **grudou** no céu.' (C1-Inf.01.1).

**ja-** pref. pron. indicador do sujeito da 1a. pessoa do plural (inclusiva): nós todos. *Nhande jaiko va'e onhondive, he'i.* 'Nós vivemos juntos, ele disse.' (C1-Inf.03.3). *Upe va'e nhande-vy ogweru japorahéi hagwã.* 'Isso ele nos trouxe para cantarmos.' (C2-Inf.03.1). [Variante: **nha-**].

**jagwa** n. cachorro. *Omombe'u [...] ore-vy: jagwa ohasa xe gwy-rupi, he'i.* 'Ele nos contou: um cachorro passou por baixo de mim, ele disse.' (C1-Inf.08.6). *Jagwa xagwa ou pe y-rupi.* 'Um (animal) parecido com cachorro veio pela água.' (C2-Inf.05.1).

**jagwarete** n. onça. *Upe ramo jagwarete ohexa-ma ave kuri kagware-pe.* 'Então naquela hora a **onça** viu também o tamanduá.' (C1-Inf.03.3).

**jaha** v.i. nós vamos/fomos; 1pessoa do plural inclusivo do verbo irregular -ho 'ir'. *Jaha katu, ha'e íxupe.* 'Vamos então, eu lhe disse.' (C1-Inf.08.6).

**jahe'o** v.i. (*a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-*) chorar. *Ojahe'o oĩ-vy xe ruvanga.* 'Meu padrasto estava **chorando**.' (C1-Inf.08.7).

**jaho'i** v.t. (*a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-*) cobrir; colocar [algo] em cima de.

*Omondo onhomi hagwe, ojaho'i ajaka-py.* 'As coisas que ele tinha escondido, ele as **cobriu** com sua cesta.' (C1-Inf.06.1). *Upe erejaho'i ha eremoĩ arã tata-py.* 'Isso você **cobre** e coloca no fogo.' (C2-Inf.06.1).

**jahu** v.i. (*a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-*) lavar-se, tomar banho. *Ani pejahu.* 'Não **tomem banho**.' (C1-Inf.03.1). *Oho omarika oho ojahu momyry.* 'Foram caçar, foram **tomar banho** longe.' (C2-Inf.08.1).

**jai** n. arbusto, matinho. *Ho'a rei-ma oĩ-vy jai-rupi.* 'Ela ficava caindo por meio dos **arbustos**.' (C1-Inf.08.2).

**jakaira** n. jacairá, nome dado ao milho branco (sagrado). *Avati moroĩ réry niko jakaira voi.* 'O nome do milho branco é mesmo **jacairá** (milho sagrado).' (C2-Inf.06.1).

**jakairagwasu** n.prop. Rei do Milho Branco; Grande Milho Branco. *Gwĩ gwyra pepoĩ he'i va'e, ha upéi jakairagwasu.* 'E algumas garças brancas disseram, e então **Grande Milho Branco**.' (C1-Inf.01.1). *Ugwĩa ko jakairagwasu rembiapokwe voi.* 'Isso o **Rei do milho branco** mesmo que fez.' (C2-Inf.06.1). //Nota: Nome de um deus na mitologia Kaiwá.

**jakare** n. jacaré. *Ke'y ojeupi jakare ati'y-rehe.* 'Nosso irmão subiu no ombro do **jacaré**.' (C1-Inf.03.2).

**jakoy** v.t. (*a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-*) balançar, embalar (um bebê). *Ore jyva*

*gyva imerã orojakoy orombojahu hagwe.* 'Em nossos braços **embalamos** e banhamos quem seriam seus maridos.' (C1-Inf.05.4).

**japepo** *n.* pote. *Ogwahẽ ramo jagwarete róy-py, ojaho'i-ma japepogwasu-py.* 'Quando eles chegaram na casa da onça, ela os cobriu com um **pote** grande.' (C1-Inf.06.3).

**japi** *v.t.* (*a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-*) jogar, atirar (algum objeto). *Ojohuhakoty rei ojapi upe-py.* 'Ela **joga** coisas por ali sem direção.' (C1-Inf.07.2).

**japíry** *n.* papagaio. *Ojuka japíry, ojuka.* 'Matou o **papagaio**, matou.' (C1-Inf.05.2).

**japo** *v.t.* (*a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-*) fazer. *Gwogarã ojapo pindo-gwi.* 'Ele **fez** a sua casa de folha de coqueiro.' (C1-Inf.01.1). *Avati erejapo arã kaitykwe.* 'Do milho você **faz** o suco.' (C2-Inf.06.1).

**japu** *n.* japu; ave preta com cauda amarela e bico branco. *Japu'i ojuka xe remiarirõ kwéry.* 'Meus netos matam **japuzinhos**.' (C1-Inf.05.2).

**japura** *v.t.* preocupar-se, ficar ansioso (com algo, com alguém). *Orojapura ma hese kavaju ipoxy orogwereko-gwi.* 'Nós nos **preocupamos** com ele porque temos um cavalo bravo.' (C1-Inf.08.1). //Nota: Empréstimo do português 'apurar'.

**jara** *v.t.* (*a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-*) pegar (algo). *Upéi xiru opu'ã ojara hagwã kagwĩ.* 'Então Xiru se levantou para **pegar** chicha.' (C1-Inf.06.1). *Aha kuri ha ajara xe pinda.* 'Eu fui e

**peguei** meu anzol.' (C2-Inf.05.1).

**jari** *n.* avó, vovó (mãe do pai ou mãe da mãe). *Ajevy jari róga-gwi.* 'Voltei da casa da **vovó**.' (C1-Inf.08.2). O mesmo que **maxu**.

**járy** *n.* **1)** dono. *Tãi rekovia nome'ëi arã tãi járy upe.* 'Eles não iam dar nada em troca para os **donos** dos dentes.' (C1-Inf.05.5). **2)** deus(es), Deus, divindade. *Nhandejáry Hesu Cristo oipota.* 'Isso é que nosso **Deus** Jesus Cristo quer.' (C1-Inf.04.1). *Upe va'e ndaha'ëi upe anháy reko ava ete jagwa járy.* 'Isso não é da natureza do demônio, do índio verdadeiro, o **deus** do cachorro.' (C2-Inf.03.5). //Nota: Na mitologia indígena, os seres terrenos possuem donos espirituais, chamados de **járy**.

**jasy** *n.* **1)** lua. *Pa'i nhande rugwasu ra'y jasy tyvýry.* 'O sol é o filho de nosso grande pai, e a **lua** é seu irmão.' (C1-Inf.06.3). **2)** mês. *Mokõi jasy oky.* 'Choveu por dois **meses**.' (C1-Inf.01.1). *Peteĩ jasy peve ojeroky hikwái.* 'Eles dançaram um **mês** inteiro.' (C2-Inf.01.4).

**jasytata** *n.* estrela. *Áry potĩ jave jahexa heta jasytata pyhare ramo.* 'À noite, quando o céu está limpo, vemos muitas **estrelas**.' (C2-Inf.01.5).

**jatapy** *v.t.* (*a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-*) acender fogo. *Máva a-py ojatapy ra'e? he'i.* 'Quem **acendeu o fogo** aqui? ele disse.' (C1-Inf.03.3).

**jaty** *v.t.* (*a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-*) **1)** enterrar. *Ka'aru jevy-ma ojaty íxupe.* 'Quando era novamente de tarde, eles o **enterraram**.' (C1-Inf.08.7). **2)** plantar. *Tojaty pety jari oiko-vy.*

'Queríamos que vovó **plantasse** tabaco.' (C1-Inf.05.4). *Ajaty va'ekwe avati morotĩ.* 'Eu **plantei** milho branco.' (C2-Inf.03.6).

**jave** conj. subord. enquanto, quando; indica simultaneidade de eventos. *Otopa jave ha'e oĩ-ma y mbyte-py.* 'Quando a encontraram, ela já estava no meio do rio.' (C2-Inf.01.2).

**javy** adj. desacreditado. *Onhe'ẽ javy-gwi nhande kóixa jaiko hagwã nhaha'arõ are nhane remitygwe,* 'Porque ela falou **desacreditada**, para assim vivermos esperamos muito tempo por nossa plantação.' (C2-Inf.01.3).

**javyky** v.t. (a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-) bagunçar. *Sapy'a oho ramo oime happy, [...] ojavyky opaixagwa.* 'Quando vão a algum lugar por pouco tempo, eles **bagunçam** com tudo.' (C1-Inf.09.1).

**je-** pron. refl. (a) si mesmo. *Ajehepy-ta xe resa omombu hagwe-rehe.* 'Vou **me** vingar (pagar **a mim mesmo**) de ele ter arrancado meus olhos.' (C1-Inf.03.3).

**jeapysaka** v.t. (a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-) escutar com atenção, prestar atenção (em algo, alguém). *Ndojeapysakái-gwi gwu he'i va'ekwe-rehe.* 'Porque não **prestaram atenção** no que seu pai tinha dito.' (C1-Inf.03.1).

**jegwaka** n. cocar. *Ame'ẽ-ta nde-vy xe jegwaka.* 'Eu te darei meu **cocar**.' (C1-Inf.06.2).

**Jegwakaréi** n.prop. nome de divindade: Deus de criminoso. *Oje'ói*

*ojukapa ete voi, upéa he'i jegwakaréi.* 'Eles foram e mataram todos mesmo, isso dizia o **Deus de criminoso**.' (C2-Inf.03.2). //Nota: Nome de um deus na mitologia Kaiwá.

**jehu** v.i. 1) acontecer. *Mba'e pa ojehu nde-vy?* 'O que **aconteceu** com você?' (C1-Inf.03.3). *Jaha upe-py jahexa mba'e pa ojehu.* 'Vamos lá ver o que **aconteceu**.' (C2-Inf.08.2). 2) surgir, existir. *Upe-gwi jajehu hagwã.* 'De lá foi que nós **surgimos**.' (C2-Inf.03.1).

**jehuvy** n. filhos, descendentes. *Nhanhemonhe'ẽ nhande jehuvy-pe.* 'Foi isso o que ainda damos como instrução aos nossos **filhos**.' (C1-Inf.09.1).

**jei** v.t. (a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-) escorregar. *Jagwarete ipojei yvyra rakã-gwi.* 'A onça **escorregou** sua mão do galho de árvore.' (C1-Inf.03.3).

**jejavy** v.i. (a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-) errar, pecar; fazer algo considerado errado de acordo com a cultura. *Jajejavy rire ha'e ndaipóri nhane mbojejavy uka va'erã.* 'Depois que **erramos**, não tem nada que nos faça **errar** (de novo).' (C1-Inf.04.1). *Nhande jahupity ãy peve upe ha'e ojejavy va'ekwe-rupi.* 'O que ela **pecou** (fez de errado) no passado nos alcançou até agora.' (C2-Inf.01.3).

**jejuka** v.i. (a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-) 1) matar-se, suicidar-se. *Ndarekói ramo [...], ajejuka va'erã.* 'Se eu não tiver [...], eu **me mato**, ele diria a nós.' (C1-Inf.08.5). 2) ser morto (por outro) *Erehexa ramo xirino ndojejukái voite.* 'Quando você vê um beija-flor, ele não deve **ser morto** mesmo.' (C1-

Inf.07.3). **3**) sofrer intensamente. *Ipy'a jejuka eterei*. 'Lá dentro ela **sofria** muito.' (C1-Inf.08.7).

**jeko** v.t. (*não flexiona*) dizem, ouvi dizer; boato, refere-se a algo dito por outra pessoa. *Yma jeko oiko araka'e nhande ru*. 'Antigamente, **dizem**, que viveu nosso pai.' (C1-Inf.03.1). *Mitã ohexa ramo jeko nde reraha [...], he'i xe-vy*. 'Quando criança vê, **dizem**: ele te leva, ela me disse.' (C2-Inf.05.2).

**jekoaku** v.i. (*a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-*) resguardar, ficar de resguardo (para evitar doenças). *Erejekoaku va'erã ave ndere'uvéi-ma mba'e ja'eja*. 'Você **ficará de resguardo** e também não comerá mais comida 'brava'.' (C2-Inf.10.3).

**jekwaa** v.i. (*a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-*) aparecer. *Ipoxy-gwi ae ojekwaa gwĩ va'e hese*. 'Eles **apareciam** para eles porque estavam bravos.' (C1-Inf.08.3).

**je'o** v.i. (*a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-*) escurecer, apagar. *Oje'o ramo kwarahy, osẽ sã araka'e mbopirusu*. 'Antigamente, quando o sol **escurecia**, saíam os morcegos grandes.' (C1-Inf.08.4).

**jepe** conj. *subord.* embora, ainda que, mesmo que. *Ojo'o ramo jepẽ ndikatũ ha'e onheresende*. '**Mesmo que** ele cave, não consegue se salvar.' (C2-Inf.02.3).

**jepe'a** v.i. (*a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-*) sair, soltar-se. *Oporahẽi ramo íxupe, ojepe'a kwarahy*. 'Quando (os pajés) cantam para eles, o sol **sai** de seu esconderijo.' (C1-Inf.08.4).

**jepokwaa** v.t. (*ai-, erei-, oi-, jai-, oroi-,*

*pei-*) acostumar-se (com algo ou alguém). *[Ha'e] kwéry ojepokwaa hese*. 'Eles **se acostumaram** com ele.' (C2-Inf.10.1).

**jepota** v.t. (*a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-*) apaixonar-se (por alguém), desejar (alguém). *Pe kunhataĩ-rehe ojepota mborevi*. 'A anta **se apaixonou** por aquela moça.' (C2-Inf.01.2).

**jepyho** v.t. (*a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-*) aumentar (em quantidade). *Ojepyho hagwã temityrã araka'e ogweru*. 'Para **aumentar** as plantações, no passado ele trouxe (sementes).' (C2-Inf.11.2).

**jepy'apy** v.t. (*a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-*) preocupar-se (com algo ou alguém). *Upe-py pa voi hikwái [...] ererekopa ramo nderejepy'apyĩry*. 'Ali estão todos, se você tiver todas essas coisas, você não **se preocupa**.' (C2-Inf.03.5).

**jere<sup>1</sup>** v.t. (*a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-*) ficar em volta (de algo, alguém), rodear. *Imembýry mixĩgwe va'e ojere joa hese*. 'Seus filhos menores **ficam** juntos **em volta dela**.' (C1-Inf.07.1).

**jere<sup>2</sup>** adv. *lug.* em volta de, ao redor de. *Pe trator jerekwe-vy ojeroky hikwái*. 'Eles dançavam **em volta do** trator.' (C2-Inf.08.2).

**jerojy** v.t. (*a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-*) reverenciar, prestar homenagem (a alguém). *Ha amo-gwi ereju jevy-ma jave katu arã, arojerojy, ere-ma*. 'Quando você volta de lá, você diz: eu te **reverencio**.' (C2-Inf.06.1).

**jerojy** v.i. (*a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-*) dançar com instrumento. *Ojeroky oje'ói-vy*. 'Eles foram **dançando**.' (C1-Inf.03.1). *Upe-py orojerojy akwe*. 'Ali

- nós **dançávamos.**' (C2-Inf.06.2).  
//Nota: Dança de cunho religioso.
- jerosy** v.i. (*a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-*)  
dançar (em roda, sem instrumentos).  
*Ome'ê íxupe mbaraka ojerosy hagwã.*  
'Xiru lhe deu um chocalho para que ele  
**dançasse.**' (C1-Inf.06.1). //Nota:  
Dança realizada na festa do milho  
branco, em volta de uma vasilha  
grande de chicha.
- jerovia** v.t. (*a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-*)  
exercer fé, confiança (em alguém).  
Ha'e **ojerovia** Nhandejary-rehe. 'Ele  
**confia** em Deus.' (C1-Inf.04.1).
- jerure** v.t. (*a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-*)  
pedir (por algo). *Upéa-rehe João  
ojerure.* 'Por isso João **pediu.**' (C1-  
Inf.02.2).
- jety** n. batata. *Xe sy xe-vy ome'ê jety.*  
'Minhã mãe me deu **batata.**' (C1-  
Inf.08.6).
- jeupi** v.i. subir, levantar (a si mesmo).  
*Ke'y ojeupi jakare ati'y-rehe.* 'Irmão  
mais velho **subiu** no ombro do jacaré.'  
(C1-Inf.03.2).
- jevy**<sup>1</sup> adv. temp. de novo, outra vez.  
*Nhambopy'agwapy jevy nhamói.* 'Nós  
fizemos o vovó ficar calmo **de novo.**'  
(C1-Inf.02.2). *Oipyso jevy sei.* 'Esticou  
**de novo** seis vezes.' (C2-Inf.03.1).
- jevy**<sup>2</sup> v.i. (*a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-*)  
voltar. *Ojevy-ma ra'e Mário.* 'Talvez  
Mário já **voltou.**' (C1-Inf.08.7).
- jo-** pron. recip. um com o outro,  
recíproco. *Oĩ ojoapi va'e mboka-py.*  
'Tinha alguns que atiraram **uns nos  
outros** com revólveres.' (C1-Inf.07.1).  
[Variante: **nho-**].
- joa** adj. juntos, juntas; unidos, unidas.  
*Imembýry mixĩgwe va'e ojere joa hese.*  
'E seus filhos pequenos a rodeiam  
**juntos.**' (C1-Inf.07.1). *Upe-py  
oha'arõ, oha'arõ joa.* 'Ali eles  
esperavam, esperavam juntos.' (C2-  
Inf.03.2).
- joary** n. espinheiro preto. *Ereho ramo  
ka'agwy-rehe eikyty nde resa joary  
raĩ-rehe,* 'Quando você for no mato,  
corte teu olho com espinhos do  
**espinheiro preto.**' (C1-Inf.03.3).
- jogwa** v.t. (*a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-*)  
comprar. *Ajogwa arã kure.* 'Pretendo  
**comprar** porco.' (C1-Inf.08.1).
- johéi** v.t. (*a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-*)  
lavar (coisas). *Ajohéi xe pyta hasy.* 'Eu  
**lavo** meu calcanhar dolorido.' (C2-  
Inf.07.3).
- johu** v.t. (*a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-*)  
achar, encontrar. *Hasy-py orojohu pe  
kunha.* 'Foi com dificuldade que  
**achamos** a mulher.' (C1-Inf.07.2).  
*Heta ojohu, heta gwĩ mitã omano va'e*  
'**Encontraram** muitos, muitas dessas  
crianças que morreram.' (C2-Inf.04.1).
- johu porã** v.t. (*a-, ere-, o-, ja-, oro-,  
pe-*) gostar, achar bom. *Upéa-gwi ha'e  
kwéry ndojohu porãi voi.* 'Por isso eles  
não **gostaram** mesmo.' (C1-Inf.08.3).
- joja** v.t. (*xe, nde, i-, nhande, ore, pende*)  
combinar, assemelhar (com algo).  
*Kunhagwe ndaijojáiry.* 'As mulheres  
não **combinam** mais.' (C2-Inf.03.6).
- joka** v.t. (*a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-*)  
rachar (madeira, lenha). *Ojoka oiyva.*  
'**Racharam** e derrubaram (a árvore)'  
(C2-Inf.03.1).
- jokwa** v.t. (*a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-*)  
amarrar, prender. *Ha upéi erejokwa ha*

*isevo'i opa ojuka-ne.* 'E depois você **amarra** e vai matar seus vermes.' (C2-Inf.11.1).

**jo'o** v.t. (*a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-*) cavar, fazer buraco na terra. *Ugwĩ Avelino kwéry oho ojo'o yvy.* 'A família de Avelino foi e **cavou** a terra.' (C1-Inf.08.7). *Ojo'o ramo jepe ndikatui ha'e onheresende.* 'Embora tivesse **cavado**, (o tatu) não conseguiu se salvar.' (C2-Inf.02.3).

**jopara** adj. misturado (quando junta coisas diferentes). *Upéi oĩ jopara.* 'Depois eles estavam **misturados** (homens e mulheres).' (C2-Inf.01.4).

**jopói** v.t. (*a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-*) pescar (peixe). *Ke'y oho ojopói pira ysyry-py.* 'Nosso irmão mais velho foi **pescar** peixe no rio.' (C1-Inf.03.2).

**jopy** v.t. (*a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-*) apertar. *Nderejeyopói arã mba'e rendu-vy areko va'e* 'Você não se **apertará** ouvindo essas coisas que eu tenho.' (C2-Inf.03.4).

**jora** v.t. (*a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-*) soltar, desamarrar. *Upéi ojora onhuhã-gwi oipe'a.* 'Então ele **soltou** os nós e o tirou da armadilha.' (C1-Inf.06.2).

**joso** v.t. (*a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-*) socar, triturar. *Ojoso rire, oromohe'ẽ porã íxupe.* 'Depois que ela **socou** (o milho pra chicha), nós adoçamos para ficar gostoso para ela' (C1-Inf.08.2). *Erejoso arã kaitykwerã.* 'Você o **soca** para virar suco.' (C2-Inf.06.1).

**joty** adv. temp. ainda. *Ha ohendu hypy joty.* 'E escutaram que **ainda** estava fundo.' (C1-Inf.08.3).

**ju** v.i. (*a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-*) vir. *Xe sy ndiveaju.* 'Eu **vim** com minha mãe.' (C1-Inf.08.7). *Oroju oroporahéi.* 'Nós **viemos** e cantamos.' (C2-Inf.06.2). //Nota: Este verbo tem a flexão de 3ª pessoa modificada: **ou** 'ele vem'.

**-ju** adj. amarelo. *Kuriju ave oipapa.* 'As cobras **amarelas** também contou.' (C1-Inf.06.1).

**juka** v.t. (*a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-*) matar. *Ajuka-ta jagwarete-pe.* 'Eu **matarei** a onça.' (C1-Inf.03.3).

**juky** n. sal. *Nomoĩry juky nomoĩ nhandyry, ho'u hu'i.* 'Ela come farinha, não coloca **sal**, não coloca óleo.' (C2-Inf.07.1).

**ju'i** n. sapo. *Onhe'ẽ-ma ave ju'i.* 'Falou também o **sapo**.' (C1-Inf.08.3).

**juru** n. boca. *Namoĩry kánha xe juru-py.* 'Não coloquei pinga na minha **boca**.' (C2-Inf.09.1).

**jygwe** adj. cozido(a). *Orogwereko tembi'u jygwe ramo, orome'ẽ ojóupe.* 'Quando temos comida **cozida**, damos uma à outra.' (C1-Inf.05.4). //Nota: derivado do verbo **jy** 'cozinhar'.

**jyva** n. braço (parte do corpo). *Ore jyva hasypa-ma.* 'Nossos **braços** já estão doendo.' (C1-Inf.05.4).

**jy'y** n. arco-íris. *Jy'y ojekwaa-ma xe-vy.* 'O **arco-íris** apareceu para mim.' (C2-Inf.05.2).

# K k

**-ka** *part.* verbalizador. *Ojeapysaka porã oĩ-vy.* 'Elas deram ouvidos/prestaram atenção.' (C1-Inf.03.3).

**ka'agwy** *n.* floresta, mata, selva. *Ha'e kwéry oiko ka'agwy-rehe.* 'Eles moravam na **mata**.' (C2-Inf.08.1).

**ka'aõre** *n.* erva de santa maria, mastruz. *Gwĩ mitã hye ramo iporã ka'aõre ereipixy.* 'Essas crianças quando estão com barriga (grande) é bom esfregar com **erva de santa maria**.' (C2-Inf.11.1).

**ka'aru** *n.* tarde: período de tempo entre o meio-dia e o anoitecer. *Oroho ka'aru-ma voi.* 'Nós fomos, já era à **tarde** mesmo.' (C1-Inf.08.6).

**ka'arugwasu** *n.* meio da tarde (por volta das 15 horas). *Kwehe ka'arugwasu omboy'u [...] henda.* 'Ontem no **meio da tarde** ela estava dando água para o cavalo.' (C1-Inf.08.1).

**ka'ay** *n.* mate, da erva-mate. *Egwahẽ ja'u ka'ay, he'i.* 'Venha, vamos beber **mate**, ele disse.' (C1-Inf.08.5).

**ka'ẽ** *adj.* assado (alimento). *Nome'ẽi xe-vy mborevi ka'ẽ.* 'Ela não me deu anta **assada**.' (C1-Inf.06.2).

**kagware** *n.* tamanduá. *Kagware onhemondýi.* 'O **tamanduá** ficou assustado.' (C1-Inf.03.3).

**kagwĩ** *n.* chicha, bebida tradicional indígena feita a partir de milho. *Ha'uta kagwĩ.* 'Vou beber **chicha**.' (C1-

Inf.06.3). *Avati morotĩ gwigwa ko kagwĩ voi.* 'Do milho branco é essa **chicha** mesmo.' (C2-Inf.06.1). O mesmo que **kaitykwe**.

**kái** *v.i.* (*a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-*) queimar (não é colocar fogo em alguém). *Yvy okaipa rire ae ombovu y.* 'Depois da terra **queimar** toda, ele fez subir a água.' (C2-Inf.03.1).

**ka'i** *n.* macaco. *Ojapo gwyrarã, ka'irã.* 'Fez os futuros pássaros, os futuros **macacos**.' (C1-Inf.06.3). *Erejuka ramo kwati, ka'i.* 'Quando você mata o quati, o **macaco**.' (C2-Inf.06.1).

**kaitykwe** *n.* chicha, bebida feita a partir do milho. *Ejoso nde jari-pe kaitykwerã to'u kaitykwe.* 'Soque para sua vó a **chicha** para que ela beba a **chicha**.' (C1-Inf.08.2). *Avati erejapo arã kaitykwe.* 'Você faz a **chicha** do milho.' (C2-Inf.06.1). O mesmo que **kagwĩ**.

**kaja'a** *n.* sereia, ser mitológico que vive no rio. *Kaja'a ha'e kunhataĩ onhemoyrõ va'ekwe.* 'A **sereia** é uma moça que ficou amargurada.' (C2-Inf.01.2).

**kakwaa** *v.i.* (*a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-*) crescer. *Erekakwaa pyre ae, he'i tívvy íxupe.* 'Você já **creceu** mesmo, disse-lhe seu pai.' (C1-Inf.06.1).

**kangy** *v.est./adj.* (*xe, nde, i-, nhande, ore, pende*) (estar ou ficar) fraco, sem forças. *Xe kangy rei-ma, he'i xe-vy.* 'Estou **fraca** sem motivo, ela me

disse.' (C1-Inf.08.2).

**kanhy** v.t. (*a-, ere-, o-, nha-, oro-, pe-*) fugir (de algo ou de alguém). *Okanhy jagwarete-gwi.* 'Ele **fugiu** da onça.' (C1-Inf.03.3). *Orokanhy íxugwi.* 'Nós **fugimos** deles.' (C2-Inf.08.2).

**kapi'ity** n. pasto, capinzal. *Oime karagwára kapi'ity-rehe.* 'Tem caraguá no **pasto**.' (C2-Inf.11.1).

**karagwata** n. cacto do tipo bromélia, usado para fazer remédio, roupas e redes. *Karagwata mante oroho oroheka.* 'Vamos procurar apenas o **cacto**.' (C1-Inf.05.1). *Omonde ao ojapopyre karagwata-gwi va'e-py.* 'Ela veste a roupa feita do **cacto**.' (C2-Inf.02.4).

**karai** n. pessoa que não é indígena. *Ypy ramogware ndoikói karai, he'i nhamói.* 'No início não tinha o **branco**, disse vovô.' (C2-Inf.08.2). O mesmo que **mbairy**.

**karaja** n. preguiça, bicho-preguiça. *Oha'ã yvate karumbe ka'i, kwati, karaja.* 'A tartaruga atirava alto nos macacos, quatis e **preguiças**.' (C1-Inf.05.6).

**karaja rugwái** n. rabo-de-bugio (espécie de árvore). *Ogweru arã pe memby e'yja, pe karaja rugwái, he'i va'e.* 'Eles traziam o remédio para não ter filho: **rabo-de-bugio**, é o que dizem.' (C2-Inf.10.2).

**karape** v.est./adj. (*xe, nde, i-, nhande, ore, pende*) baixar, ficar baixo(a). *Ikarapeve peve jevy ou-vy hóga.* 'A casa deles veio até **ficar** mais **baixa** de novo.' (C1-Inf.08.3). *Kwarahy ikarape hagwã, gwĩ mo'ã erereko ramo.* 'Se

ocê tiver essas coisas, para o sol **baixar**.' (C2-Inf.03.5).

**Karavie** n. Karavie, nome de um deus. *Karavie nhamói ohenói-ta.* 'Vovô ia chamar o deus **Karavie**.' (C1-Inf.02.1). *Karavie overa* 'Karavie relampejou.' (C2-Inf.03.2). Nota: divindade da mitologia indígena.

**karia'y** n. homem jovem, rapaz. *Upe kwimba'e karia'y nde pota va'e.* 'Aquele homem **jovem** te deseja.' (C1-Inf.08.5).

**karu** v.i. comer (não específico), alimentar-se. *Heta so'o areko-ta akaru hagwã.* 'Terei bastante carne para me **alimentar**.' (C1-Inf.03.3).

**karumbe** n. tartaruga. *Karumbe ojepota jagwarete.* 'A onça apaixonou-se pela **tartaruga**.' (C1-Inf.05.6).

**kate** n. cama. *Kate heta teĩ nome'éséi joty.* 'Eles têm muitas **camas**, e ainda não querem nos dar.' (C1-Inf.05.1).

**katu** adv. ênf. **1)** de fato. *Ha isy katu oikwaase moõ-py hikwái oiko* 'E a mãe deles, **de fato**, queria saber onde eles estavam.' (C2-Inf.08.1). **2)** mesmo, para dar ênfase a uma ordem (imperativo). *Pejopota ramo, pejogwereko katu.* 'Se vocês se gostam, então se casem **mesmo**.' (C1-Inf.08.5). [Variante: **ngatu**].

**ka'u** v.i. (*a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-*) embebedar-se, ficar bêbado. *Oka'u ramo, oporojuka va'erã.* 'Quando **ficam bêbados**, eles matam.' (C1-Inf.10.1).

**kavaju** n. cavalo. *Orojapura-ma hese kavaju ipoxy orogwereko-gwi.* 'Estamos aflitos por ele ter um **cavalo**

bravo.' (C1-Inf.08.1). //Nota: Empréstimo do português.

**kava'y** *n.* casa (ninho) de marimbondos. *Omombo mbojape-rehe omoĩ ave kava'y.* 'Jogou (a carne) fora em cimado pão, e colocou também uma **casa de marimbondos.**' (C1-Inf.06.2).

**kávy** *n.* vespa, marimbondo. *Oinupã ramo, omosẽ kávy gwevi-rupi.* 'Quando ele bateu, ele fez sair as **vespas** de seu traseiro.' (C1-Inf.06.1).

**kaxaĩ** *n.* bicho de pé; inseto da família das pulgas. *Oheja ramo [...] ikaxaĩmba-ma.* 'Quando o deixou, ele ficou todo cheio de **bicho de pé.**' (C1-Inf.06.3). O mesmo que **tũ**.

**ke**<sup>1</sup> *v.i.* (*a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-*) dormir. *Oroke arã ore kyha-py.* '**Dormiremos** nas nossas redes.' (C1-Inf.05.3). *Kunha [...] oipota jevy iména oke hendive.* 'A mulher quer que seu marido **durma** novamente com ela.' (C2-Inf.07.2).

**ke**<sup>2</sup> *part.* indica ênfase do imperativo. *Nhane ména kwéry ani-ke ha'e anho anho oiko teĩ pe bolixo-rehe.* 'Nossos maridos não devem ir sozinhos e ficar à toa naquele bar.' (C1-Inf.10.1). //Nota: Por ser átono, liga-se com hífen à palavra anterior.

**kente** *n.* gente, pessoa(s). *Ake ramo ahexa kente onhorairõ va'e, onhonupã va'e.* 'Quando eu dormia, eu via **pessoas** discutindo, batendo uns nos outros.' (C1-Inf.07.1). *Arepara xe rapykwéri heta kente.* 'Eu vi que havia muitas **pessoas** atrás de mim.' (C2-Inf.08.2). //Nota: Empréstimo do português: gente.

**kéra** *n.* sonho. *Ahexa porã voi xe kéra-py.* 'Pois eu os via claramente em meus **sonhos.**' (C1-Inf.07.1).

**ke'y** *n.* irmão (mais velho em relação a outro irmão). *Ke'y oho ojopói pira ysyry-py.* 'Nosso **irmão mais velho** foi pescar no rio.' (C1-Inf.03.2). [Variante: **ryke'y**].

**ki** *pron. interr.* que, quem, qual. *Ogwahẽ-ta para'e ki va'e nipo ogwahẽ-ta.* 'Daqui a pouco alguém vai chegar, e não sabemos quem vai chegar.' (C1-Inf.07.3). //Nota: Frequentemente seguido por posposição ou pronome relativo.

**ki va'e** *pron. interr.* quem? *Ki va'e etema po ogwereco arã kunha?* '**Quem** é que vai ficar com a mulher?' (C1-Inf.09.3).

**kipy** *adv. interr.* Onde, aonde, em que lugar? *Kipy ereho-ta nde?* '**Aonde** você vai?' (C1-Inf.06.1).

**kirirĩ** *v.i.* (*a-, ere-, o-, nha-, oro-, pe-*) ficar quieto, aquietar. *Okirirĩ.* 'Ele **ficou quieto.**' (C1-Inf.03.3).

**ko**<sup>1</sup> *pron. dem.* este, esta (algo próximo ao falante, o lugar onde ele está, ou algo associado com ele). *Upéa-gwi opyta ko yvy-py.* 'Por isso ficaram **nesta** terra.' (C1-Inf.03.1). *Omoĩ-ma ave yvy, ko nhande yvyrã voi* 'Fez também a terra, **esta** que seria nossa terra.' (C2-Inf.03.1).

**ko**<sup>2</sup> *part.* indica opinião do falante: eu acho, na minha opinião. *Ha'e kwéry ko araporukwe-py rei oiko, he'i nhamói.* 'Eles, **eu acho**, são somente usuários das coisas, vovô disse.' (C1-Inf.02.1). *Ugwĩa ko jakairagwasu rembiapokwe*

voi. 'Essas coisas, **eu acho**, o Rei do milho branco mesmo que fez.' (C2-Inf.06.1).

**ko'a** *adv. lug.* aqui, neste lugar. *Mbohapy jasy-ma ojapo kagware ohasa hagwe ko'a-rupi.* 'Três meses faz que o tamanduá passou por **aqui**.' (C1-Inf.03.3). *Oike pyahu reheve ko'a-py.* 'Ela chegou **aqui** ainda nova.' (C2-Inf.04.1).

**ko'ã** *pron. dem.* esse, esses. *Ndaha'ëi voi ko'ã mbopi mixĩgwe va'e.* 'Não eram mesmo **esses** morcegos pequenos.' (C1-Inf.08.4).

**ko'ánga** *adv. temp.* agora. *Ko'ánga embovy'a katu nhamói.* '**Agora** alegre de fato o vovô.' (C1-Inf.02.2). *Ko'ánga amombe'u-ta monde rehegwa nhe'ẽ.* '**Agora** vou contar sobre o mundéu.' (C2-Inf.02.3).

**ko'ãiy** *adv. temp.* agora. *Ko'ãiy peve oiko kaja'a.* 'Até **agora** vive a sereia.' (C2-Inf.01.2).

**ko'ẽ** *n.* madrugada, manhã. *Ko'ẽ jevy ramo oho.* 'Quando era **manhã** de novo, ela foi.' (C1-Inf.03.3).

**ko'ẽmba** *v.i.* (*xe, ne, i-, nhane, ore, pene*) amanhecer; clarear totalmente. *Ore ko'ẽmba upe-py.* 'Nós **amanhecemos** ali (Ficamos ali até amanhecer).' (C1-Inf.08.6).

**ko'ẽ ramo** *adv. temp.* amanhã, quando amanhecer. *Ko'ẽ ramo aha-ta tanambi-py.* '**Amanhã** vou para Tanambi.' (C1-Inf.05.3). *Ko'ẽ ramo hi'a-tama?* '**Amanhã** já estará maduro?' (C2-Inf.01.3).

**kokwe** *n.* roça. *Kokwe-py omba'apo.* 'Ele trabalha na **roça**.' (C1-Inf.08.6).

*Oho ra'e okokwe-py onhemitỹ.* 'Ele foi à sua **roça** plantar.' (C2-Inf.01.3).

**kopi** *v.i.* (*a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-*) carpir, capinar. *Ndaha mo'ãvéi-ma akopi.* 'Não vou mais **capinar**.' (C1-Inf.08.6). *Ogusu ojapo hagwã-ma orokopi-ma.* 'Para fazer a casa grande nós já **capinamos**.' (C2-Inf.06.2). //Nota: Empréstimo, de 'carpir'.

**kororõ** *v.i.* (*a-, ere-, o-, nha-, oro-, pe-*) rugir. *Okororõ mbegwe katu.* 'Mas ele **rugiu** baixinho.' (C1-Inf.03.3).

**kotevẽ** *v.t.* (*ai-, erei-, oi-, jai-, oroi-, pei-*) precisar, necessitar, ter necessidade de. *Oikotevẽmba-ma hese ifamilia kwéry.* 'Sua família realmente **precisava** dele.' (C1-Inf.08.1). *Xe ao mimi aikotevẽ gwive ajarapa jevy óga-py.* 'Peguei de novo todas as roupas que eu **precisava** na casa.' (C2-Inf.08.2).

**koty**<sup>1</sup> *n.* quarto, cômodo da casa, casa. *Oripara voi ou koty pyte-py.* 'Correu mesmo e veio para dentro do **quarto**.' (C1-Inf.09.3). *Oike ore koty-py.* 'Ele entraram no nosso **quarto**.' (C2-Inf.08.2).

**koty**<sup>2</sup> *posp.* em direção a. *Omanha yvate-koty jagwarete.* 'A onça olhou **em direção** ao alto.' (C1-Inf.03.3). [Variante: **ngoty**]. //Nota: Por ser átona, liga-se com hífen à palavra anterior.

**kovoe** *n.* jaó: ave da família da codorna. *Pe gwyra ynambu ramigwa héry va'e mokõi kovoe.* 'Aqueles pássaros parecidos com os nambus eram os dois **jaós**.' (C1-Inf.03.1).

**ku'akwaha** *n.* cinto. *Eregwahẽ-ma*

*ereho ha-py [...]: hixe ku'akwaha va'e-py* 'Quando você chegou onde ia, no **cinto** da divindade.' (C2-Inf.03.5).

**ku'e** v.i. (*a-*, *ere-*, *o-*, *ja-*, *oro-*, *pe-*) mexer, mover (ter flexibilidade). *Ndoku'evéi-ma ijyva*. 'Seus braços não **mexem** mais.' (C1-Inf.08.7).

**ku'i** n. farinha, pó. *Oro'u ore avati ku'i*. 'Nós comemos nossa **farinha** de milho,' (C1-Inf.05.2). [Variante: **ngu'i**].

**kunha** n. pessoa ou animal do sexo feminino: mulher, fêmea. *Entéro kunha gwive okyhyje*. 'Todas as **mulheres** ficaram com medo.' (C1-Inf.10.1). O contrário de **kwimba'e**.

**kunhataĩ** n. moça. *Nhande ru ogwereco mokõi tajýry kunhataĩ ojeroky va'e ave*. 'Nosso pai tinha duas filhas **moças**, que dançavam também.' (C1-Inf.03.1). *Pe kunhataĩ-rehe ojepota mborevi*. 'A anta se apaixonou por aquela **moça**.' (C2-Inf.01.3).

**kunumi** n. menino, humano do sexo masculino, até aos 12, 13 anos. *Ko peteĩ oiko va'e katu kunumi ahayhu*. 'Este único que nasceu **menino**, eu o amo.' (C1-Inf.09.1).

**kunumi pepy** n. festa do menino; ritual tradicional Kaiwá em que se faz o furo no lábio do menino, para mostrar que chegou à fase adulta. *Kunumi pepy ojapo hagwã ha'e kwéry omboaty mitãygwe*. 'Para fazer a **festa do menino**, eles reuniam as crianças.' (C2-Inf.01.4).

**kupe** adv. *lug.* atrás (de algo). *Nhanhemi yvyra kupe-py*. 'Nos escondemos **atrás** da árvore.' (C2-

Inf.05.1).

**kupi'i** n. cupim. *Oheka tahýi kupi'i [...]* *ho'u hagwã*. 'Procurou formigas e **cupins** para comer.' (C1-Inf.03.3). O mesmo que **takuru**.

**kure** n. porco, suíno. *Ndorogwerekói kure orojuka hagwã*. 'Não temos **porcos** para matarmos.' (C1-Inf.05.5).

**kuri**<sup>1</sup> part. temp. logo, há pouco tempo; passado ou futuro ou recente. *Oho-ma kuri*. 'Eles já foram **há pouco tempo**.' (C1-Inf.08.5).

**kuri**<sup>2</sup> n. cobra, sucuri. *Kuriju oho va'ekwe*. 'As **sucuris** amarelas foram em seu caminho.' (C1-Inf.06.1). [Variante: **sukuri**].

**kuriju** n. cobra d'água amarela, sucuri amarela. *Kuriju ave oipapa ogwahu ai-vy*. 'Com seu canto ele também nomeou **cobras d'água amarelas**.' (C1-Inf.06.1).

**kuru** n. sarna. *Oime ko héra timbo'y péa iporã kuru-pe*. 'Tem um chamado timbó que é bom para **sarna**.' (C2-Inf.07.3).

**kurunduva** n. colar corporal, colar cruzado pelo peito do homem. *Ame'ẽ-ta kurunduva, he'i*. 'Eu te darei o colar corporal.' (C1-Inf.06.2). // Nota: enfeite tradicional antigo

**kurupa'y** n. angico (árvore). *Pe ipyru'ã eremoĩ arã kurupa'y ku'ikwe*. 'No umbigo você coloca pó de **angico**.' (C1-Inf.04.2).

**kurusu** n. cruz. *Ogweru kurusu*. 'Eles trouxeram as **cruzes**.' (C1-Inf.08.3). *Kurusurã voi opu'ã yvyra ndaha'úi ã va yvyra rei*. 'Levantaram a **cruz**, não era uma árvore qualquer.' (C2-

Inf.03.1). //Nota: Objeto de valor ritual na religiosidade indígena, feita a partir de madeira específica.

**kutu** v.t. (*ai-, erei-, oi-, jai-, oroi-, pei-*) furar. *Omoĩ porã opoape oikutu hagwã jagwarete-pe.* 'Colocou bem sua garra para **furar** a onça.' (C1-Inf.03.3).

**kwa**<sup>1</sup> v.i. (*a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-*) ir, continuar. *Y hypa va'ekwe-rupi ogwata gwata okwa-vy.* 'Ele **foi** andando por onde água tinha secado.' (C1-Inf.01.1). *Yvypóry oporojuka-vy rei okwa va'erã.* 'Os moradores da terra **continuarão** matando à toa.' (C2-Inf.03.1). //Nota: Kaiwá antigo

**kwa**<sup>2</sup> v.t. amarrar. *Erehumbykwa ha péa eremoĩ-ma ója-py.* 'Você **amarra** no meio e isso coloca na panela.' (C2-Inf.06.1).

**-kwa** n. buraco, espaço vazio. *Oje'ói ykwa-py y-rehe.* 'Eles foram ao poço (lit. **buraco** de água) para buscar água.' (C1-Inf.03.1).

**kwaa** v.t. (*ai-, erei-, oi-, jai-, oroi-, pei-*) saber, conhecer, ter conhecimento. *Xe aikwaa mamo pa oĩ heta tanhykatĩ.* 'Eu **sei** onde tem muitos porcos do mato.' (C1-Inf.03.3). *Ndoroikwaái mba'e pa orojapo-ta* 'Não **sabíamos** o que iríamos fazer.' (C2-Inf.08.2).

**kwara** n. sol. *Upéi ogwahu pa'ikwara.* 'Então o **sol** cantou.' (C1-Inf.06.1). //Nota: Como entidade espiritual: **Pa'ikwara**, como astro: **kwarahy**.

**kwarahy** n. sol; estrela que fornece luz e calor à Terra, a qual gira em torno dela. *Haku eterei kwarahy.* 'O **sol** está quente demais.' (C1-Inf.03.2). *Ha'e*

*kwéry araka'e kwarahy ha jasy.* 'Eles, no passado, eram o **sol** e a lua.' (C2-Inf.08.1).

**kwarahy'ã** n. sombra. *Xe reraha amo yvyra rakã gwy-rupi kwarahy'ã ha-py.* 'Me leve lá por baixo do galho de árvore onde tem **sombra**.' (C1-Inf.03.2).

**kwarapepẽ** n. abóbora moranga. *Oho ra'e okokwe-pe [...] onhotỹ kwarapepẽ andai.* 'Ele foi para sua roça plantar, plantou milho, plantou **moranga** e abóbora.' (C2-Inf.01.3).

**kwati** n. quati, mamífero carnívoro de nariz pontudo. *Oha'ã yvate kwati.* 'Ele atirava no alto nos **quatis**.' (C1-Inf.05.6). *Erejuka ramo kwati.* 'Quando você mata o **quati**.' (C2-Inf.06.1).

**kwatia** n. papel, livro, carta. *João ombo'e-ta ave íxupe kwatia nhe'ẽ-rehe.* 'João o ensinará sobre as palavras do **livro**.' (C1-Inf.04.1).

**-kwe** part. temp. antigo, indica o passado de algo que não é mais assim. *Mokõi nhande ru rajy ojevy jevy ykwa rapekwe-rupi.* 'As duas filhas de nosso pai voltaram de novo pelo caminho **antigo** da fonte.' (C1-Inf.03.1). *Ojapo te'yi rembiapokwe voi ko kóa he'i.* 'Eles fizeram o trabalho **antigo** dos índios.' (C2-Inf.06.2).

**kwehe** adv. temp. ontem, semana passada. *Kwehe ogwenohẽ va'e ogwenohẽ tã.* 'São aqueles que tiraram nossos dentes na **semana passada**.' (C1-Inf.05.5).

**kweheve** adv. temp. alguns dias atrás. *Kweheve oroho ramo ha'e-py*

*orogwata*. 'Alguns dias atrás quando fomos, andamos por lá.' (C1-Inf.09.3). *Jaha, he'i ko xe-vy upe G. ranhygwe kweheve*. 'Vamos, disse-me uns dias atrás aquele genro do G.' (C2-Inf.03.6).

**kwera** v.i. (*a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-*) Sarar (de alguma doença). *Xe rasy reigwi va'ekwe, xe akwera va'ekwe*. 'No passado eu tinha doença comum e sarava.' (C1-Inf.08.7).

**kweraí** v.est./adj. (*xe, nde, i-, nhande, ore, pendé*) cansado, enjoado, entediado. *Ikwerái jagwarete ojeupi vy karumbe ru'y-rehe*. 'A onça ficou cansada de subir atrás das flechas da tartaruga.' (C1-Inf.05.6).

**kwéry** part. col. marca o plural ou coletivo do nome. *Heta yvypóry oĩ, heta hemiarirõ kwéry oĩ*. 'Há muitos na terra, muitos netos deles ainda há.' (C1-Inf.02.2). *Ha'e kwéry ombo'e meme araka'e gwa'yry kwéry-pe*. 'Eles sempre ensinavam seus filhos.' (C2-Inf.02.2).

**kwimba'e** n. homem, macho. *Ahexa jevy-ma xe memby kwimba'e*. 'Eu vi novamente meu filho homem.' (C1-Inf.08.7). *Kwimba'e oje'ói hikwái kagwĩ ha-py*. 'Os homens vão juntos ao lugar da chicha.' (C2-Inf.01.4). O contrário de **kunha**.

**kwuxui** n. periquito. *Ojuka kwuxui*. 'Matou o periquito.' (C1-Inf.06.2).

**-ky** adj. verde, não maduro. *Mbojape erejapo-ta ramo ereikyty arã iky reheve*. 'Quando você vai fazer pamonha, você rala (o milho) quando está verde.' (C2-Inf.06.1). [Variante: **aky, peky**].

**ky'a** v.est./adj. (*xe, nde, i-, nhande, ore, pendé*) (ficar, estar) sujo. *Ndajahexavéi arã nhande resa ky'apagwi pa ra'e*. 'Não o veremos mais, talvez porque nossos olhos estão totalmente sujos.' (C1-Inf.07.3).

**kyha** n. rede (usada para dormir). *Ore orojapo ore kyha*. 'Nós fazemos nossas redes.' (C1-Inf.05.1).

**kyhyje** v.t. (*a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-*) ter ou estar com medo, ficar com medo, amedrontar-se. *Ani erekyhyje*. 'Não tenha medo.' (C1-Inf.03.3).

**kypy'y** n. irmã (mais nova, em relação a outra irmã). *Kypy'yry oho y-rehe ogweraha hyakwã*. 'Sua irmã mais nova foi ao rio e levou o porongo.' (C1-Inf.06.2).

**kyra** adj. gordo. *Kure ka'agwy ikyra ikyra va'e*. 'Os porcos no mato eram muito gordos.' (C1-Inf.03.3).

**kyryriju** n. ararinha amarela. *Kyryriju no'ã ambogwapy ojóehe*. 'Essas ararinhas amarelas, eu as faço sentar juntas.' (C2-Inf.03.5).

**kyse** n. faca. *Kyse voi ogwereco*. 'Ele tinha uma faca mesmo.' (C1-Inf.10.2).

**kyta** adj. fechado. *Jakare ko hesa kyta*. 'O jacaré tem os olhos fechados.' (C1-Inf.03.2).

**kytĩ** v.t. (*ai-, erei-, oi-, jai-, oroi-, pei-*) cortar. *Erenohẽ arã va'ekwe ereikyty arã*. 'A parte (da comida) que você tirou, você corta.' (C2-Inf.06.1).

**kyty** v.t. ralar. *Mixĩ ereikyty pygwahopy*. 'Um pouquinho você rala na folha do mato.' (C2-Inf.06.1).

**kyvõ** adv. lug. mais adiante. *Douradina*

*kyvõ ngoty ou va'ekwe.* 'Vieram no passado, na direção **mais adiante** de Douradina.' (C2-Inf.06.2).

**kyvy** *n.* irmão (em relação a sua irmã).  
*Xe ndaiporivéi-ma xe kyvy.* 'Não tenho mais meu **irmão**.' (C1-Inf.08.2). *Upéi ikyvýry kwéry oho ojuka upe mborevi-*

*pe.* 'Depois, os **irmãos** dela foram e mataram aquela anta.' (C2-Inf.01.2).

**kývy** *n.* piolho. *Ha ojuka [...] kývy, upéixa mitã ikyvyrã, porã.* 'É mata piolho, quando a criança tem **piolho**, (o remédio) é bom.' (C2-Inf.07.3).

# M m

**ma** *part. asp.* já; indica que algo já aconteceu. *Ore gwaigwĩ-ma.* 'Já somos mulheres velhas.' (C1-Inf.05.4). //Nota: Por ser átona, liga-se com hífen à palavra anterior.

**ma'ẽ** *v.i.* (*a-, ere-, o-, nha-, oro-, pe-*) olhar, observar. *Upe rire katu ogwejy jeyv oma'ẽ-vy.* 'Depois disso ele desceu de novo para **olhar.**' (C1-Inf.01.1). *Ha'e oma'ẽ oĩ-vy ndoikeséi pe monde gwy-py.* 'Ele fica **olhando** não quer entrar debaixo do mundéu.' (C2-Inf.02.3).

**ma'emegwã** *n.* lugar dos mortos. *Ereike-ma pe ma'emegwã.* 'Você já entrou naquele **lugar dos mortos.**' (C2-Inf.03.5).

**ma'erã** *adv.* por que? para que? *Ma'erã erekhyje xéhegwĩ?* 'Por que você tem medo de mim?' (C1-Inf.03.3). *Ma'erã-gwi noĩvéi kunumi pepy?* 'Por que não tem mais a festa do menino?' (C2-Inf.03.6).

**ma'ẽra** *v.t.* (*a-, ere-, o-, nha-, oro-, pe-*) bagunçar, mexer, espalhar. *Ogwahẽ opa voi oma'ẽramba.* 'Eles chegaram e **bagunçaram** tudo.' (C2-Inf.08.2).

**ma'etirõ** *n.* demônio, espírito da noite. *Ha erembojahu nharakatĩngy-py ave pono ma'etirõ ohexa íxupe.* 'Você lava a criança com cedro para que o **espírito da noite** não o veja.' (C2-Inf.11.1).

**mamanga** *n.* marimbondo, vespa. *Upéi*

*oike hóy-py omosẽ gwevi-rupi kávy mamanga ave.* 'Então ele entrou na casa e soltou de suas costas vespas e **marimbondos.**' (C1-Inf.06.1).

**mamo** *adv. lug.* onde, aonde; frequentemente como pergunta. *Mamo nde sy oho?* 'Aonde foi tua mãe?' (C1-Inf.07.2).

**mandi'o** *n.* mandioca. *Ha onhotỹ mandi'o.* 'E plantam **mandioca.**' (C2-Inf.09.3).

**mandu'a** *v.t.* (*xe, ne, i-, nhane, ore, pene*) lembrar-se (de algo ou de alguém). *Nhane mandu'a-ta jasy-rehe jeyv.* 'Nós nos **lembraremos** de novo da lua.' (C1-Inf.06.3). *Naxe mandu'a porãi-ma.* 'Já não me **lembro** bem.' (C2-Inf.08.2).

**manduvi** *n.* amendoim. *Ha ogweru araka'e xa'ĩ [...] ha manduvi.* 'E no passado ele trouxe feijão e **amendoim.**' (C2-Inf.11.2).

**mandyju** *n.* algodão. *Nome'ẽséi ore-vy mandyju ore kyharã.* 'Ele não quer nos dar **algodão** para fazermos nossas redes.' (C1-Inf.05.1). *Ha'e omoĩ mandyju itĩ-my pono ohetũ.* 'Ela coloca **algodão** no nariz (da filha) para que não cheire nada.' (C2-Inf.07.1).

**manha** *v.t.* (*a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-*) olhar (com atenção). *Omanha yvatekoty jagwarete.* 'A onça **olhou** para cima' (C1-Inf.03.3).

**mano** *v.i.* (*a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-*)

morrer. *Omoĩ ytaku-py nomanoséi.* 'Ele os colocou em água fervente, mas eles não queriam morrer.' (C1-Inf.06.3). *Kwimba'e omano ramo, kunha opyta ha'e anho.* 'Quando o homem **morre**, a mulher fica sozinha.' (C2-Inf.02.4).

**mante** *adv.* apenas, somente. *Xe ryke mante oime peteĩ.* 'Minha irmã mais velha **somente** tenho uma.' (C1-Inf.08.2). *Kwimba'e mante upe-py kwéry oho va'erã upe kagwĩ ha-py.* 'Somente os homens irão lá naquele lugar da chicha.' (C2-Inf.01.4).

**marã** *v.t.* (a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-) incomodar. *Ake ta xe anho jepe upe-py, namarãi arã ko aiko.* 'Eu vou dormir sozinha lá, os espíritos não vão me **incomodar**.' (C1-Inf.08.7).

**marakana** *n.* maracanã, ave verde da família dos papagaios. *Ogwapy ojóehe marakana, aruva'i* 'Sentaram juntos, o **maracanã** e o aruvaí.' (C2-Inf.03.5).

**marandu** *n.* mensagem, notícia. *Orogwereko voi marandu randu voi ore vesino-rupi.* 'Nós levamos a **notícia** para nossos vizinhos.' (C1-Inf.08.7).

**marangatu** *adj.* santo, sagrado. *Oha'arõ tape marangatu ou va'erã ijagwyje hagwã* 'Esperam que o caminho **santo** virá para eles alcançarem a maturidade.' (C1-Inf.03.1).

**marány** *n.* tempestade. *Ani ohekorenói teĩ marány.* 'Não chame a **tempestade**.' (C1-Inf.02.2).

**marika** *v.t.* (a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-) caçar. *Ha'e oike pe ka'agwy-rehe*

*omarika hagwã ojapo monde.* 'Ele entrou na mata para **caçar** e fez um mundéu.' (C2-Inf.08.2).

**máva** *pron. interr.* quem? *Máva a-py ojatapy ra'e?* 'Quem acendeu o fogo aqui?' (C1-Inf.03.3). *Máva pa a-py oĩ-ma?* 'Quem estava aqui?' (C2-Inf.04.1). //Nota: Ver também **ki va'e**.

**maxu** *n.* avó, mãe da mãe ou do pai. *Oĩ ramo maxu ogweraha íxupe ojapo hagwã tembi'u.* 'Se tiver, sua **avó** leva para ela fazer comida.' (C2-Inf.07.1). O mesmo que **jari**.

**maxuka** *v.t.* (a-, ere-, o-, nha-, oro-, pe-) machucar, ferir (alguém). *Haimete omaxuka osy upe gweindýry-pe ave.* 'Quase **machucou** sua mãe e suas irmãs.' (C1-Inf.07.2). //Nota: Empréstimo do português.

**-mba** *part.* tudo, todos. *Xe kyvy katu opa ko omanomba.* 'Meus irmãos acabaram, eles morreram **todos**.' (C1-Inf.08.2).

**mba'apo** *v.i.* (a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-) trabalhar. *Kokwe-py omba'apo.* 'Ele **trabalhava** na roça.' (C1-Inf.08.6). *Nhamba'apo pohýi ave opa mba'e.* '**Trabalhamos** duro também em todas as coisas.' (C2-Inf.01.3).

**mba'asy** *n.* 1) doença, enfermidade. *Ãgwéry omoĩ mba'asy ivai va'e* 'Assombração coloca **doença** ruim.' (C2-Inf.02.1). 2) menstruação; perda de sangue por mulheres. *Ogwerekopa rire mokõi gwĩ mokõi vese imba'asy, upe rire osẽ.* 'Depois que ela tem a **menstruação** por duas vezes, depois disso ela sai (da casa).' (C2-Inf.07.1).

**mba'e**<sup>1</sup> *pron. interr.* que coisa? *Mba'e*

*pa ojehu nde-vy?* 'O que aconteceu com você?' (C1-Inf.03.3). *Xe amombe'use mba'e pa he'ise pe monde.* 'Quero contar o que quer dizer o mundéu.' (C2-Inf.02.3).

**mba'e**<sup>2</sup> *n.* coisa, propriedade, assunto. *Aporandu-ta nde-vy peteĩ mba'e-rehe.* 'Vou ter perguntar sobre uma coisa.' (C1-Inf.03.3). *Ko va'e ndaha'éiry teko járy mba'e.* 'Isto não é uma coisa dos deuses.' (C2-Inf.03.1).

**mba'e týry** *n.* complemento, acompanhamento; parte de uma refeição. *Yma-rupi mba'e týry so'o erejuka ramo kwati ka'i* 'Antigamente, (esse fubá) era o complemento da carne quando você mata quati, macaco.' (C2-Inf.06.1). O mesmo que **mba'e tyryvy**.

**mba'e tyryvy** *n.* complemento, acompanhamento; parte de uma refeição. *Upéa mba'e tyryvy voi [...] so'o erejuka ramo kwati ka'i.* 'Isso (o fubá) é o complemento da carne quando você mata quati, macaco.' (C2-Inf.06.1). O mesmo que **mba'e týry**.

**mba'éixa** *adv. modo* de que maneira, como (geralmente em pergunta). *Mba'éixa pa ereiko?* 'Como você está?' (C1-Inf.03.3). *Ha'e kwéry omombe'u ave gwa'yry kwéry mba'éixa hekorã.* 'Eles contavam também aos próprios filhos como deveriam viver.' (C2-Inf.02.2).

**mba'eve** *pron. indef.* nada, coisa nenhuma. *Nda'úi arã mba'eve.* 'Não vou comer nada.' (C1-Inf.08.5). *Xe ndajapokwaái mba'eve.* 'Eu não sei fazer nada.' (C2-Inf.09.1).

**mbaipy** *n.* polenta; alimento feito a

partir do milho. *Vare'apa-ma ramo ojypa-ma ave mbaipy.* 'Quando estavam todos com fome, cozinhou também a polenta.' (C2-Inf.03.6).

**mbairy** *n.* não-índio, "branco". *Kaiwa va'e kaiwa mbairy he'i va'e.* 'Os kaiwá os chamam de não-índios.' (C1-Inf.05.5). *Mbairy kwéry he'i agwéry ndaha'éiry oiko rei va'e.* 'Os não-índios dizem que assombração não é que fica à toa.' (C2-Inf.02.1). O mesmo que **karai**.

**mbakuku** *n.* baicuru, tubérculo comestível. *Ha ogweru araka'e xaĩ mbakuku ha manduvi* 'E no passado ele trouxe feijão, baicuru e amendoim.' (C2-Inf.11.2).

**mbaraete** *v.est./adj.* (ser, estar) forte. *Jagwarete naimbaraetevéi-ma.* 'A onça já não era mais forte.' (C1-Inf.03.3). [Variante: **mbarete**].

**mbaraka** *n.* instrumento musical: chocalho. *Ome'ẽ íxupe mbaraka ojerosy hagwã.* 'Deram a ele o chocalho para tocar quando dançasse.' (C1-Inf.06.1).

**mbarete** *adj.* forte, com força. *Oroporahéi mbarete voi.* 'Nós cantamos forte mesmo.' (C2-Inf.06.2). [Variante: **mbaraete**].

**mbava'e** *pron. interr.* usado em pergunta bem genérica, sem especificação: quem, o que? *Mbava'e orojuka?* 'O que é que nós matamos?' (C1-Inf.05.2).

**mbegwe** *adv. modo* 1) devagar, lento. *Mbohapy áry rire ou mbegwe katu.* 'Depois de três dias ele veio bem devagar.' (C1-Inf.09.3). 2) baixo

- (volume de voz). *Okororõ mbeḡwe.* 'Ele rugiu **baixinho.**' (C1-Inf.03.3).
- mberu** *n.* mosca comum. *Oipei íxupe pono ogwapy hova-rehe mberu.* 'Tirava dele, assim as **moscas** não sentavam em seu rosto.' (C1-Inf.08.7).
- mbiru** *v.est./adj.* (estar, ficar) magro. *Paulina omano arã mbiru-gwi rei.* 'Paulina morrerá porque **ficou magra.**' (C1-Inf.08.5). [Variante: **piru**].
- mbo-** *part.* indica que alguém causa a ação em outro. *Ko'ánga embovy'a katu nhamói.* 'Agora **faça** alegre de fato o vovô.' (C1-Inf.02.2). [Variante: **mo-**].
- mboasy** *v.t.* (*a-, ere-, o-, nha-, oro-, pe-*) ter dó, ter pena, sentir (tristeza) por alguém. *Nde rasy jevy-ma ramo, oromboasy voi xe.* 'Quando você ficou doente de novo, **tive** muita **pena** por você.' (C1-Inf.08.7). [Variante: **mbyasy**].
- mboaty** *v.t.* (*a-, ere-, o-, nha-, oro-, pe-*) reunir, juntar. *Oromboaty íxupe tataendy va'ekwe.* '**Juntamos** algumas velas para ele.' (C1-Inf.08.6). *Kunumi pepy ojapo hagwã ha'e kwéry omboaty mitãygwe.* 'Para fazer a festa do meino eles **reuniam** os meninos.' (C2-Inf.01.4).
- mbo'e** *v.t.* (*a-, ere-, o-, nha-, oro-, pe-*) ensinar. *João ombo'e-ta ave íxupe kwatia nhe'ẽ-re omonhe'ẽ porã hagwã.* 'João também o **ensinará** as palavras escritas para que ele leia bem.' (C1-Inf.04.1). *Ymagware ombo'e pe ta'ýry-pe ojapo hagwã monde.* 'Os antigos **ensinavam** seus filhos a fazerem o mundéu.' (C2-Inf.02.2).
- mbo'eháry** *n.* professor. *Xe mbo'eháry he'i xe-vy.* 'Meu **professor** disse para mim.' (C2-Inf.02.3).
- mboete** *v.t.* (*a-, ere-, o-, nha-, oro-, pe-*) elogiar, louvar. *Nhamboete íxupe va'erã.* 'Nós o **elogiaremos.**' (C1-Inf.04.1). [Variante: **mbyete**].
- mbogwera** *v.t.* (*a-, ere-, o-, nha-, oro-, pe-*) curar, fazer sarar. *Nhande va'ekwe nhambogwera va'ekwe Ilda-pe.* 'Um tempo atrás **curamos** a Hilda.' (C1-Inf.08.5).
- mbohapy** *num.* três. *Ogwata arykwe-py mbohapy áry.* 'Andou no fim do dia, **três** dias.' (C1-Inf.03.3). *Mbohapy ramo jepe onhepyrũ oipe'a peteĩ.* 'Quando (come carne) **três** vezes, começa e tira uma.' (C2-Inf.07.1).
- mbohéry** *v.t.* (*a-, ere-, o-, nha-, oro-, pe-*) nomear, dar nome, chamar. *Ko yvy akã mbirerã-py araka'e ha'e kwéry ombohéry.* 'Antigamente **chamaram** essa terra de meio da cabeceira.' (C2-Inf.11.2).
- mbohovái** *v.t.* (*a-, ere-, o-, nha-, oro-, pe-*) responder, enfrentar (com respostas). *Ejeupi ko'a-py nhanhombhovái.* 'Suba aqui para que **respondamos** um ao outro.' (C1-Inf.03.3).
- mbói** *n.* Cobra, serpente. *Ohenói-ta mbói.* 'Ele chamará a **cobra.**' (C1-Inf.02.1).
- mbojahu** *v.t.* (*a-, ere-, o-, nha-, oro-, pe-*) dar banho, banhar (alguém). *Mitã haku ramo eraha periparo-py embojahu.* 'E então, quando a criança tem febre, você leva a planta do brejo e **dá banho** com ela' (C2-Inf.11.1).

**mbojape** *n.* pamonha, pão, bolo.

**Mbojape** nome'êi *ixupe*. 'Não lhe deram **pamonha**.' (C1-Inf.06.3).

**Mbojape** *erejapo-ta ramo ereikyty arã iky reheve*. 'Quando você fizer **pamonha**, você rala (o milho) verde.' (C2-Inf.06.1).

**mbojaru** *v.t.* (*a-, ere-, o-, nha-, oro-, pe-*) acariciar, tocar. *Onhombojaru*. 'Eles **acariciam** um ao outro.' (C2-Inf.07.2).

**mbojere** *v.t.* (*a-, ere-, o-, nha-, oro-, pe-*) virar (algo). *Xiru haimete ombojere yvy heseve*. 'Chiru quase **virou** a terra por cima deles.' (C1-Inf.08.3).

**mbojoja** *v.t.* (*a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-*) comparar. *Upéixa-gwi kaiwa ombojoja pe parakáu-rehe imendaha kwéry*. 'Por isso os Kaiwá **comparam** o casamento com os papagaios.' (C2-Inf.02.4).

**mbopapa** *v.t.* (*a-, ere-, o-, nha-, oro-, pe-*) terminar (de contar). *Upe peve nhambopapa*. 'Até aquele ponto **terminamos** essas coisas.' (C1-Inf.02.2). *Eregwahẽ-tama jave erembopapa*. 'Quando você chegar você vai **terminar**.' (C2-Inf.03.2).

**mbopi** *n.* morcego. *Ndaha'êi voi ko'ã mbopi mixĩgwe va'e*. 'Não era mesmo esse **morcego** pequeno.' (C1-Inf.08.4).

**mbopu** *v.t.* (*a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-*) tocar (instrumento). *Ogweraha hikwái itakwára ombopu hagwã*. 'Levaram bambus para **tocar**.' (C2-Inf.08.2). //Nota: Bater o instrumento (bambu) no chão.

**mbopy'agwapy** *v.t.* (*a-, ere-, o-, nha-*,

*oro-, pe-*) acalmar (alguém), fazer (alguém) ficar calmo.

**Tombopy'agwapy** *nhamói-pe, he'i João*. 'Que eles **acalmem** o do vovô, disse João.' (C1-Inf.02.2).

**mborahéi** *n.* canto, canção; letra de música cantada. *Aha'ã-ta voi ivai va'e mborahéi a-pe*. 'Vou tentar o **canto** mau aqui.' (C1-Inf.08.7). **Mborahéi** *ogwerekopa*. 'Os **cantos** eles tinham todos.' (C2-Inf.03.2). [Variante: **porahéi**].

**mborevi** *n.* anta. *Nome'êi xe-vy mborevi ka'ẽ*. 'Não me deram **anta** assada.' (C1-Inf.06.2). **Mborevi** *ojukama ramo ha'e onhemoyrõ*. 'Quando mataram a **anta**, ela (a moça) ficou amargurada.' (C2-Inf.01.2).

**mbotavy** *v.t.* (*a-, ere-, o-, nha-, oro-, pe-*) enganar (alguém). *Ogweru gwavira mirĩ aju ombotavy hagwã*. 'Ele trouxe guabirobas maduras para **enganar** (a onça).' (C1-Inf.06.3).

**mbotuvixa** *v.t.* (*a-, ere-, o-, nha-, oro-, pe-*) fazer crescer, no sentido de criar e aumentar (crianças, filhos ou netos). *Jari porã [...] ombotuvixapa-gwi mitãgwe*. 'Porque a vovó é boa, ela **criou** todas aquelas crianças.' (C1-Inf.09.2). *60 hectare yvy ombotuvixave hagwã gwemiarirõ kwéry-pe*. '(Ele segurou) 60 hectares de terra para **fazer crescer** seus netos lá.' (C2-Inf.11.2). //Nota: Ver também **mongakwaa**.

**mboty** *v.t.* (*a-, ere-, o-, nha-, oro-, pe-*)  
1) fechar. *Upe jave ohexa onhembotypa ogweroajere hagwã mo'ã monde-pe*. 'Naquela hora ele vê **fechar** tudo, e o mundéu fica em volta

dele.' (C2-Inf.02.3). **2** completar (anos de vida). *Pe 80 ano omboty voi missão.* 'A missão **completou** 80 anos.' (C2-Inf.04.1).

**mbotýry** v.t. (*a-, ere-, o-, nha-, oro-, pe-*) acompanhar com (prato de carne, na refeição). *Gwĩ a oro'u ore avati ku'i orombotýry gwyrá-py xe xe remiarirõ kwéry ojuka va'ekwe-py.* 'Nós comemos nossa farinha de milho e **acompanhamos** com os pássaros que meus netos mataram.' (C1-Inf.05.2).

**mbovy** pron. interr. quanto(s)? *Mbovy ángo erereko ko'ánga?* '**Quantos** anos você tem agora?' (C2-Inf.03.1).

**mbovy'a** v.t. (*a-, ere-, o-, nha-, oro-, pe-*) alegrar (alguém), fazer (alguém) ficar alegre. *Tombovy'a jevy nhamói-pe.* 'Que eles **alegrem** o vovó de novo.' (C1-Inf.02.2).

**mboyke** v.t. (*a-, ere-, o-, nha-, oro-, pe-*) desprezar, afastar. *Omboyke ete voi ymagware ha'e kwéry.* 'Eles **desprezaram** mesmo as coisas antigas.' (C2-Inf.03.4).

**mboypyri** adv. lug. (do) outro lado, lado oposto. *Jahasa-ta mboypyri jajuka hagwã kure.* 'Passaremos para o **outro lado** para matar porcos.' (C1-Inf.03.3).

**mboyve** conj. subord. temp. antes, antes de. *Ohupyty y mboyve, ke'y-pe jakare oporandu jevy.* 'Antes de alcançar a água, o jacaré perguntou de novo a irmão.' (C1-Inf.03.2).

**mburuvixa** n. chefe, autoridade, líder. *Ou jevy ramo, ndokyhyjéi voi mburuvixa-gwi.* 'Quando voltaram de novo, não tiveram medo das

**autoridades.**' (C1-Inf.10.1). *Xe mburuvixa reko katu ojerosy.* 'Eles dançam a vida do **chefe.**' (C2-Inf.03.4).

**mbyai** v.t. (*a-, ere-, o-, nha-, oro-, pe-*) estragar. *Ahexa kagware nhu mbyte-py ombyai ramo.* 'Eu vi o tamanduá no meio da roça quando ele a **estragava.**' (C1-Inf.03.3). *Kokwe jepe ombyai oky eterei ramo.* '**Estraga** até a roça quando chove demais.' (C2-Inf.01.5).

**mbyasy** v.t. (*a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-*) ter dó, ter pena (de alguém). *Nhande ru ombyasy teĩ gwajýry-pe.* 'Nosso pai **teve pena** de suas filhas.' (C1-Inf.03.1). [Variante: **mboasy**].

**mbyete** v.t. (*a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-*) elogiar, louvar (alguém). *Upéa [...] ombyete voi mba'e ko.* 'Isso eles **elogiam** mesmo, essa coisa.' (C2-Inf.07.2). [Variante: **mboete**].

**mbyju'i** n. andorinha. *Mbyju'i ka'aru oja jevy.* 'A **andorinha** alcança de novo a tarde.' (C2-Inf.03.5).

**mbyte** adv. meio, central (lugar ou tempo). *Ko'ě mbyte-rupi onhe'ě.* 'No **meio** da manhã, (o nambu) canta.' (C1-Inf.03.3). *Otopa jave ha'e oĩ-ma y mbyte-py.* 'Quando a encontraram, ela estava no **meio** da água.' (C2-Inf.01.2). [Variante: **apyte, pyte**].

**me** n. marido. *Upéi ime oho mo'ã gwatyu ha-py.* 'Então seu **marido** quis ir à casa de seu sogro.' (C1-Inf.06.1). [Variante: **ména**].

**me'ě** v.t. (*a-, ere-, o-, nha-, oro-, pe-*) dar. *Mixĩ ave ore-vy ome'ě so'o.* 'Eles nos **dão** apenas um pouco de carne.' (C1-Inf.05.2). *Upe igwaigwĩve jeko*

*ome'ẽ pohã kwimba'e-pe* 'Eles dizem, uma mulher mais velha **dá** remédio ao homem.' (C2-Inf.07.2).

**memby**<sup>1</sup> *n.* filho ou filha, em relação à mãe. *Ore gwaigwĩ-rehe ndaija'evéi ore-rehe ore memby kwéry.* 'Nós mulheres velhas, nossos **filhos** não gostam mais de nós.' (C1-Inf.05.4). *Pe mitã'i mitã mixĩ'i imemby'i oĩ .* 'O bebê, criança pequenininha, seu **filhinho** é.' (C2-Inf.07.2).

**memby**<sup>2</sup> *v.i.* (*xe, ne, i-, nhane, ore, pene*) dar à luz, ter bebê, parir. *Igwaigwĩve va'e oike onhatende hagwã pe kunha imemby-ta va'e.* 'A mulher mais velha vem para ajudar a mulher que vai **dar à luz.**' (C2-Inf.07.2).

**meme** *adv. temp.* sempre. *Ahapeko meme voi xe sy-pe.* 'Visito minha mãe **sempre.**' (C1-Inf.08.7).

**ména** *n.* marido. *Ha'e omano va'ekwe, iména xe ruvanga héry Justino va'ekwe.* 'Seu **marido** chamado Justino, meu padraço, morreu.' (C1-Inf.08.7). *Onhe'ẽ javy teĩ araka'e kunha oména-pe.* 'No passado, a mulher falou mal para seu **marido.**' (C2-Inf.01.3). [Variante: **me**].

**menda** *v.t.* (*a-, ere-, o-, nha-, oro-, pe-*) casar-se. *Iporã xe rajy-rehe eremenda.* 'É bom que você se **case** com minha filha.' (C1-Inf.08.5). *Ymagware omenda hagwã ojapo porã voi.* 'Os antigos para **casar** faziam bem mesmo.' (C2-Inf.02.4).

**mendaha** *n.* casamento *Upéixa-gwi kaiwa [...] ombojoja pe parakáu-rehe imendaha kwéry.* 'Por essa razão, os Kaiwá comparam o **casamento** com

os papagaios.' (C2-Inf.02.4).

**-mi** *adj.* pouco, pequeno; indica diminutivo. *Ome'ẽ va'ekwe xe-vy João mixĩmi pohã va'ekwe.* 'João tinha me dado antes um pouquinho de remédio.' (C1-Inf.08.2). *Iporãmi upe pohã yvyra pytã* 'É **bonzinho** o remédio da árvore vermelha.' (C2-Inf.07.3).

**mimby** *n.* flauta, apito. *Onhemimby-ma oho-vy gwóy-py.* 'Então ele tocou a **flauta** enquanto voltava para casa.' (C1-Inf.06.1).

**mimói** *adj.* (estar, ser) cozido. *Ome'ẽ-ma nga'u xe-vy xe sy jety mimói.* 'Minha mãe queria me dar uma batata **cozida.**' (C1-Inf.08.7).

**minhae** *pron. dem.* isso. *Nhane memby kwéry heta ramo minhae erenhemonhe'ẽ arã.* 'Quando nossos filhos forem muitos é **isso** o que você os instruirá.' (C1-Inf.09.1).

**mirĩ** *adj.* pequeno. *Ohexa jagwarete gwavira mirĩ aju.* 'As onças viram as guabirobas **pequenas** maduras.' (C1-Inf.06.3).

**mitã** *n.* criança. *Mokõi mitã ogwenohẽ hye-gwi.* 'Ela tirou as duas **crianças** da sua barriga (da mãe).' (C1-Inf.06.3). *Arekopa-gwi mo'ã mitã hasy va'e ogweru ramo.* 'Eu tenho (reza) para quando trazem **criança** doente.' (C2-Inf.03.5).

**mitãgwe** *n.* crianças. *Amombe'u-ta ãy mitãgwe rehegwa nhe'ẽ.* 'Agora vou contar algumas palavras sobre **crianças.**' (C1-Inf.09.1). [Variante: **mitãygwe**]

**mitã'i** *n.* bebê, criancinha. *Imbaraete-ma mitã'i ave.* 'Ela já está forte e o

**bebê** também. ' (C1-Inf.04.2). *Oha'arõ hembireko ogwereko peve mitã'i.* 'Ele espera sua esposa até ter o **bebê**.' (C2-Inf.07.2).

**mitãygwe** *n.* crianças *Kunumi pepy ojapo hagwã ha'e kwéry omboaty mitãygwe.* 'Para fazer a festa do menino eles reuniam as **crianças**.' (C2-Inf.01.4). [Variante: **mitãgwe**].

**mixĩ** *adj.* pequeno. *Nde nde resa mixĩ.* 'Você tem olhos **pequenos**.' (C1-Inf.03.3). *Upe-ma ramo: mixĩ eterei, he'i xe-rehe.* 'Então eles diziam sobre mim: É **pequena** demais.' (C2-Inf.08.2).

**mixĩmi** *adj.* pouco, pouquinho; pequena quantidade. *So'o mixĩmi orogweru.* 'Trouxemos um **pouco** de carne.' (C1-Inf.05.2). *Ha oky mixĩmi rei ramo ndaha'ei mba'eve.* 'Quando chove **pouquinho**, isso não é nada.' (C2-Inf.01.5).

**mo'ã<sup>1</sup>** *v.t.* (*ai-, erei-, oi-, nhai-, oroi-, pei-*) pensar em vão, frustradamente. *Upéixa oimo'ã opy'apy-py.* 'Assim **pensou em vão** em seu coração.' (C1-Inf.03.3).

**mo'ã<sup>2</sup>** *adv.* modo em vão, designa intenção frustrada, quando não se consegue o que pretendeu. *Kwehe ouse mo'ã ave xe rupive ogwata-vy a-py.* 'Ontem ela também quis vir **em vão** andando pra cá comigo.' (C1-Inf.08.7).

**mo'ãi** *adv. temp.* futuro negativo, indica a negação de intenção ou expectativa futura. *Ndakwera mo'ãiry.* '**Não vou** sarar (não espero sarar).' (C1-Inf.08.6).

**moatyrõ** *v.i.* (*a-, ere-, o-, nha-, oro-,*

*pe-*) transformar. *Ha'e kwéry hasy va'e omoatyrõ.* 'Para eles é difícil se **transformarem**.' (C2-Inf.03.5).

**moendy** *v.t.* (*a-, ere-, o-, nha-, oro-, pe-*) acender (fogo). *Lidio pyhare ogweraha íxupe tataendy omoendy hagwã va'ekwe.* 'Era noite quando Elidio carregou as velas para ele e as **acendeu**.' (C1-Inf.08.6). *Omoendy meme tata okyhyje-gwi.* 'Eles **acendem** sempre o fogo por terem medo.' (C2-Inf.02.1).

**mohã** *n.* feitiço. *Mohã ae voi xe mondo-ta.* 'Ele me mandará mesmo o **feitiço**.' (C1-Inf.08.6).

**mohe'ẽ** *v.t.* (*a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-*) adoçar. *Ojoso rire, oromohe'ẽ porã íxupe.* 'Depois de socar, nós **adoçamos** bem para ela.' (C1-Inf.08.2).

**moĩ** *v.t.* (*a-, ere-, o-, nha-, oro-, pe-*) colocar, pôr. *Eremoĩ arã takwarusu rogwe, eremoĩ arã ipyru'ã-my.* 'Você coloca folhas de bambu você **coloca** no cordão umbilical.' (C1-Inf.04.2). *Ha omoĩ avati morotĩ* 'E **colocou** milho branco.' (C2-Inf.03.1).

**moingo** *v.t.* (*a-, ere-, o-, nha-, oro-, pe-*) tornar, fazer ficar. *Omondo omoingovy gwyra rõ gwajýry-pe* 'Mandou **tornar** suas filhas em pássaros.' (C1-Inf.03.1). *Pe ha'e pirãha he'i, omoingo jevy pende ro'o.* 'Quando estiver inflamado, dizem, ele **faz ficar** (bem) de novo sua carne.' (C2-Inf.07.3).

**moirũ** *v.t.* (*a-, ere-, o-, nha-, oro-, pe-*) acompanhar, fazer companhia (a alguém). *Xe memby oiko íxupe omoirũ-vy.* 'Meu filho está **fazendo companhia** a ela.' (C1-Inf.08.6).

**mokōi** *num.* dois. *Mokōi jasy oky.* 'Choveu por **dois** meses.' (C1-Inf.01.1). *Mokōi imemby kwimba'e.* 'Seus **dois** filhos homens.' (C2-Inf.08.2).

**mokyrī** *v.t.* (*a-, ere-, o-, nha-, oro-, pe-*) fazer cócegas (em alguém). *Ma'erã pa xe mokyrī?* 'Por que você está me **fazendo cócegas?**' (C1-Inf.03.3).

**momba'egwasu** *v.t.* (*a-, ere-, o-, nha-, oro-, pe-*) honrar. *Ymagware omomba'egwasu voi [...] xirino gwyra katurã voi.* 'Os antigos os **honravam** porque os beija-flores eram considerados pássaros especiais.' (C1-Inf.07.3).

**mombe** *v.t.* (*a-, ere-, o-, nha-, oro-, pe-*) amassar. *Omombepa inhakã yvagwasu-py.* 'Ele **amassou** as suas cabeças todas com a fruta grande.' (C1-Inf.06.3).

**mombe'u** *v.t.* (*a-, ere-, o-, nha-, oro-, pe-*) contar, relatar. *Ãy amombe'u-ta ymagware rehegwa nhe'ẽ.* 'Agora vou **contar** uma história sobre antigamente.' (C1-Inf.01.1). *Ha'e kwéry omombe'u ave gwa'yry kwéry mba'éixa hekorã.* 'Eles também **contaram** aos próprios filhos como deveriam viver.' (C2-Inf.02.2).

**mombo** *v.t.* (*a-, ere-, o-, nha-, oro-, pe-*) jogar fora, descartar. *Eraha, emombo, yrutáu ypy he'i Pa'i-pe.* 'Leve e **jogue fora**, disse o urutau a Paí.' (C1-Inf.06.2). *Namombói xe hembyre.* 'Não **joguei fora** o que sobrou.' (C2-Inf.10.2).

**mombu** *v.t.* (*a-, ere-, o-, nha-, oro-, pe-*) tirar, arrancar. *Amombu xe resa.* 'Arranquei meu olho.' (C1-Inf.03.3).

**momyry** *adv. lug.* longe. *Ha mombyry erehexa.* 'E você enxerga **longe.**' (C1-Inf.03.3). *Ha'e kwéry ohendu mombyry-gwi.* 'Eles escutaram de **longe.**' (C2-Inf.07.2). O contrário de **agwī**.

**monde**<sup>1</sup> *n.* mundéu, armadilha para pegar animais. *Omano tatu pe monde gwy-py.* 'O tatu morre sob o **mundéu.**' (C2-Inf.02.3).

**monde**<sup>2</sup> *v.t.* (*a-, ere-, o-, nha-, oro-, pe-*) colocar no corpo, vestir. *Xe rembeta tamonde.* 'Que eu **coloque** meu botoque.' (C1-Inf.05.6).

**mondo** *v.t.* (*a-, ere-, o-, nha-, oro-, pe-*) mandar ir, enviar (algo, alguém). *Ikypy'yry upe ani eremondo y-py.* 'Não **mande** sua irmã mais nova para dentro d'água.' (C1-Inf.06.2). *Ndokýi-ta ramo amondo-ma marandu.* 'Se não chover, eu já **mandei** mensagem.' (C2-Inf.03.4).

**mondoro** *v.t.* (*a-, ere-, o-, nha-, oro-, pe-*) rasgar. *Ogwata jave [...] ho'a omondoro ko hevi ro'o.* 'Quando andava ele caiu e **rasgou** a carne do bumbum.' (C2-Inf.07.3). //Nota: Ver também **soro**.

**mondýi** *v.t.* (*a-, ere-, o-, nha-, oro-, pe-*)  
**1)** assustar, amedrontar. *Omondýi jagwarete-pe.* 'Ele **assustou** a onça.' (C1-Inf.03.3). **2)** espantar (moscas). *Omondýi íxugwi mberu oĩ-vy.* 'Estava **espantando** as moscas dele.' (C1-Inf.08.7).

**mongakwaa** *v.t.* (*a-, ere-, o-, nha-, oro-, pe-*) criar, cuidar de (filhos, crianças). *Ne memby kwéry amongakwaa-ta nde-vy.* 'Eu **crio** os teus filhos para você.' (C1-Inf.09.2).

//Nota: Veja também **kakwaa** 'crescer'.

**mongarai** v.t. (a-, ere-, o-, nha-, oro-, pe-) batizar, abençoar. *Imboeteháry ogweroajere íxupe omongarai-vy imendaha* 'Aqueles que os elogiam se juntam para **batizar** o casamento.' (C2-Inf.02.4). //Nota: Rito religioso indígena.

**mongaru** v.t. (a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-) alimentar, dar comida, fazer comer. *Aikwaapa kunumi amongaru hagwã.* 'Sei tudo de como **dar comida** aos meninos.' (C2-Inf.03.6). //Nota: Veja também **karu** 'comer'.

**mongeta** v.t. (a-, ere-, o-, nha-, oro-, pe-) conversar. *He'i ojéupe ojepy'a mongeta-vy pe akutipáy* 'A paca diz **conversando** consigo mesmo.' (C2-Inf.02.3). //Nota: forma mais comum: **nhomongeta**.

**mongu'i** v.t. (a-, ere-, o-, nha-, oro-, pe-) moer, triturar até vira pó. *Eremongu'i porãrã pe kurupa'y.* 'Você **tritura** bem a madeira de angico.' (C1-Inf.04.2).

**mongyhyje** v.t. (a-, ere-, o-, nha-, oro-, pe-) assustar, provocar medo (em alguém). *Upéa-gwi oiko upéixa oporomongyhyje-vy.* 'Por isso eles vivem assim, **assustando** a todos.' (C2-Inf.02.1).

**monhe'ẽ** v.t. (a-, ere-, o-, nha-, oro-, pe-) ler. *Omonhe'ẽse Nhandejáry nhe'ẽ.* 'Ele quer **ler** a palavra de Deus.' (C1-Inf.04.1).

**mono'õ** v.t. (a-, ere-, o-, nha-, oro-, pe-) colher, fazer a colheita. *Nhaha'arõ are nhane remitygwe nhamono'õ*

*hagwã.* 'Temos que esperar por muito tempo para **colhermos** o que plantamos.' (C2-Inf.01.3).

**moõ** adv. lug. onde. *Ndoikwaavéi moõ ngoty po oho-ta.* 'Não sabia mais para **onde** iria.' (C1-Inf.07.2).

**mopotĩ** v.t. (a-, ere-, o-, nha-, oro-, pe-) limpar. *Omopotĩ-ma.* 'Ele já **limpou** toda ela.' (C1-Inf.06.2).

**morotĩ** adj. branco (cor). *Upe va'e avati morotĩ.* 'Aquele é o milho **branco**.' (C2-Inf.06.1).

**munha** v.t. (a-, ere-, o-, nha-, oro-, pe-) perseguir, correr atrás de. *Ndaipotáiry xe memby ogwereco ramo kwimba'e [...] omunha kyse-py.* 'Eu não quero que um homem se case com minha filha, e a **persiga** com uma faca.' (C1-Inf.08.5).

**my** posp. em, para, com. *Ka'aru ramo ogwahẽ peteĩ ka'agwy porã-my.* 'À tarde chegou **em** uma mata bonita.' (C1-Inf.03.3). *Ha upe hokarã-my peha'arõ.* 'E vocês esperem naquele (**em** aquele) lugar de dança.' (C2-Inf.03.2). [Variante: **py**].

**myamyri** n. falecidos, antepassados. *Upéa voi myamyri kwéry rembi'u.* 'Essa era mesmo a comida dos **antepassados** (falecidos).' (C2-Inf.06.1). O mesmo que **amyri**.

**mynakū** n. cesto. *Ogweraha mynakū oakã-rehe.* 'Ela levou o **cesto** em sua cabeça.' (C1-Inf.06.3).

# N n

**n-** **-i** *part.* não. *Mokõi mitã ogwenohẽ hye-gwi nomanói.* 'Ela tirou as duas crianças da sua barriga, mas eles **não** morreram.' (C1-Inf.06.3). *Hemiarirõ kwéry ojejapo rei nomombe'uséiry.* 'Seus netos se fizeram à toa, **não** quiseram contar.' (C2-Inf.11.2). [Variante: **nd-** **-i**].

**naháni** *adv. neg.* não. Funciona como resposta negativa a uma pergunta. *Naháni, he'i.* '**Não**, ele respondeu.' (C1-Inf.03.3).

**nandi** *adj.* vazio. *Gwóy-py oje'ói, otopa nandi.* 'Foram para sua casa, mas a encontraram **vazia**.' (C1-Inf.03.1).

**nd-** **-i** *part.* não; faz a negação do verbo. *Ndaipotái nde jegwaka.* '**Não** quero teu cocar de penas.' (C1-Inf.06.2). *Upéa-gwi ha'e kwéry ndogwatáiry pyhare.* 'Por isso eles **não** andam à noite.' (C2-Inf.02.1). [Variante: **n-** **-i**].

**ndaipóri** *v.i. (não flexiona)* não existe nenhum, não está; exprime ausência de pessoas ou coisas. *Ndaipóri iporãve va'e jakare-gwi.* '**Não** existe ninguém melhor do que o jacaré.' (C1-Inf.03.2).

**nde**<sup>1</sup> *pron. pess.* você, tu; segunda pessoa do singular (sujeito, objeto). *Nde ereiko yvate-py.* '**Você** vive no alto.' (C1-Inf.03.3). [Variante: **ne**].

**nde**<sup>2</sup> *pron. poss.* teu(s), tua(s). *Mba'e erejapo nde resa-rehe erehexa porã hagwã.* 'O que você faz com **teus**

olhos para enxergar bem.' (C1-Inf.03.3). *Nde ryke'y ndoikói, he'i.* '**Teu** irmão ainda não existia, ele disse.' (C2-Inf.06.2). [Variante: **ne**].

**ndive** *posp.* com; indica companhia. *Upéi oho okyvýry ndive.* 'Então ela foi **com** seu irmão.' (C1-Inf.06.2). *Erejoso arã kaitykwerã eremoĩ jety ndive.* 'Você soca para o suco e coloca **com** a batata.' (C2-Inf.06.1).

**ndoko** *interj.* olha! *Ndoko, tape oĩ va'erã ne'irã vyteri oĩ* '**Olha**, o caminho que terá ainda não existia (naquela época).' (C2-Inf.06.2).

**ndúi** *n.* mina, fonte (de água). *Ndúi hynyhẽ-ma pe ojo'o akwe* 'Já encheu a **mina** que cavaram.' (C2-Inf.06.2).

**ne**<sup>1</sup> *pron. pess.* você, tu; segunda pessoa do singular (sujeito, objeto). *Ne resã'i?* '**Você** está com saúde?' (C1-Inf.03.3). [Variante: **nde**].

**ne**<sup>2</sup> *pron. poss.* teu(s), tua(s); possuidor de 2a pessoa do singular. *Eju ne memby ndive anho.* 'Venha sozinha com **teus** filhos.' (C1-Inf.06.1). *Ko cedro katu iporã ne akã rasy-py.* 'O cedro é bom para tua dor de cabeça.' (C2-Inf.07.3). [Variante: **nde**].

**ne**<sup>3</sup> *part. temp.* indica intenção de uma ação ou previsão de um evento futuro. *Erehose ramo ahexa uka-ne nde vy.* 'Se você quiser ir, eu **vou** mostrar (o caminho) pra você.' (C1-Inf.03.3). *Ha upéi erejokwa ha isevo'i opa ojuka-ne.* 'E depois você amarra e **vai** matar seus

vermes.' (C2-Inf.11.1). //Nota: Por ser átona, liga-se com hífen à palavra anterior.

**ne'irã** *adv. temp.* ainda não. *Ne'irã ohopa.* 'Ele **ainda não** foi totalmente.' (C1-Inf.08.7). *Ne'irã vyteri xe pepy.* 'Eu **ainda não** tinha furado o beicho.' (C2-Inf.06.2).

**ngatu** *adv. ênf.* de fato, mesmo. *Nhande reja-ma ngatu nhane ramói.* 'Vovô já nos deixou **mesmo**.' (C1-Inf.08.7). *Nhande ryke'y anho ngatu.* 'Nosso irmão mais velho estava sozinho **mesmo**.' (C2-Inf.03.6). //Nota: Variante nasalizada de katu.

**nga'u** *v.est./adj.* desejar, ter desejo (de algo). *Ome'ẽ-ma nga'u xe-vy xe sy jety mimói.* 'Ela **desejava** me dar batata cozida.' (C1-Inf.05.7).

**ngoty** *prosp.* direção, lado. *Jahave amo ngoty.* 'Vamos mais naquela **direção**.' (C2-Inf.15.2). [Variante: **koty**].

**-ngusu** *adj.* grande. *Yvytĩngusu-rami rei íxupe.* 'A neblina **grande** (densa) fazia com que nada aparecesse.' (C1-Inf.01.1). O mesmo que **gwasu**, **-rusu** 1.

**niko** *adv. afirm.* certamente, com certeza. *Ore niko ndorogwereko hetáiry.* '**Certamente**, não temos muitas coisas.' (C1-Inf.05.5). *Ãy peve*

*niko ava tee [...] oro'u joty ugwiã.* 'Até agora, **com certeza**, nós índios de verdade comemos essas coisas.' (C2-Inf.06.1).

**nipo** *part. interr.* será? *Ma'erã nipo ndoipotái imemby omenda?* 'Porque **será** que ela não quer que sua filha se case?' (C1-Inf.08.5).

**no'ã** *interj.* olha! *Kyryriju no'ã ambogwapy ojóehe.* 'Ararinha, **olha!** Eu os faço sentarem juntos.' (C2-Inf.03.5).

**nohẽ** *v.t. (a-, ere-, ogwe-, nha-, orogwe-, pe-)* tirar. *Okwerapa-ma rire mitã pyru'ã, ogwenohẽ-ma oka-py.* 'Depois que o cordão umbilical da criança sara, eles a **tiram** para fora no quintal.' (C1-Inf.04.2). *Péa eremoĩ-ma ója-py opupu jave erenohẽ.* 'Coloca isso na panela quando ferve, você **tira**.' (C2-Inf.06.1).

**nugwĩ** *pron. dem.* aquele(a); usado para indicar algo apontado pelo falante. *Nugwĩ-rami oĩ ramo upéa opa mba'e ojapo nhande-rehe* 'Como **aquele**, se tiver isso, ele faz todas as coisas para nós.' (C2-Inf.03.2).

**nupã** *v.t. (ai-, erei-, oi-, nhai-, oroi-, pei-)* bater, surrar. *Nainupã va'erã xe rajy, he'i.* 'Não vou **bater** em minha filha, ele disse.' (C1-Inf.08.5).

# Nh nh

**nha-** *pref. pron.* nós todos.

*Nhambopy'agwapy jevy nhamói.* 'Nós fizemos o vovó ficar calmo de novo.' (C1-Inf.02.2). *Nhamba'apo pohýi ave opa mba'e.* 'Nós trabalhamos duro também em todas as coisas.' (C2-Inf.01.3). [Variante: **ja-**].

**nhakusã** *n.* ave da família do jacu, possui corpo marrom. *Ndere'úi nhakusã, ha'e.* 'Você não deve comer jacu, eu disse.' (C1-Inf.05.2).

**nhamba'y** *n.* pau de lixa (espécie de árvore). *Yvyra nhamba'y he'i upéa tye rasy pohã xiri pohã ko péa.* 'A árvore chamada pau de lixa, aquela é remédio para dor de barriga, remédio para diarreia.' (C2-Inf.11.1).

**nhamói** *n.* vovô; nome dado pelo neto ao pai do pai ou pai da mãe. *Ipoxy nhamói.* 'Vovô estava bravo.' (C1-Inf.02.1). *Nhamói Xikito oheja mbororo-gwi.* 'Vovô Chiquito deixou o Bororó.' (C2-Inf.03.2).

**nhana** *n.* capim, grama, mato. *Nhana mante okakwaa oka rapykwe-rupi.* 'Somente crescia capim por detrás do quintal' (C1-Inf.03.1). *Ha pohã nhana heta a-py oime* 'E tem bastante capim medicinal aqui.' (C2-Inf.11.1).

**nhande**<sup>1</sup> *pron. pess. 1)* nós (todos): 1a pessoa do plural inclusivo, sujeito. *Jajuka ramo nhande rapixa-pe nhande nhamano ave.* 'Se matarmos nossos colegas, nós morremos também.' (C1-Inf.03.3). **2)** nos; 1a

pessoa do plural inclusivo, objeto. *Nhande reraha ha'e oikoha-py.* '(Ele) nos levará onde ele mora.' (C1-Inf.04.1). [Variante: **nhane**].

**nhande**<sup>2</sup> *pron. poss.* nosso(s), nossa(s); possuidor de 1a pessoa do plural inclusivo. *Yma jeko oiko araka'e nhande ru.* 'Dizem que antigamente viveu nosso pai.' (C1-Inf.03.1). *Ko nhande yvyrã voi* 'Esta será nossa terra mesmo.' (C2-Inf.03.1). [Variante: **nhane**].

**nhandu**<sup>1</sup> *v.t.* (*a-, ere-, o-, nha-, oro-, pe-*) sentir (frio, tristeza, mal-estar). *Upe rire mitã hesãi ha ikyra, nonhandúi mba'eve mitã.* 'Depois disso a criança fica boa e gorda, a criança não sente mais nada.' (C2-Inf.11.1).

**nhandu**<sup>2</sup> *adv.* de novo. *Ipoxy arã nhandu xe-vy.* 'Ela ficará brava comigo de novo.' (C1-Inf.09.1).

**nhanduva** *n.* tapete de penas. *Ame'ẽ-ta nde-vy xe nhanduva, he'i* 'Eu te darei meu tapete de penas, ele disse.' (C1-Inf.06.2).

**nhandyry** *n.* azeite, óleo. *Nomoĩry juky nomoĩ nhandyry, opáixagwa tembi'u ho'u.* 'Não coloca sal, não coloca óleo, ela come todo tipo de comida.' (C2-Inf.07.1).

**nhane**<sup>1</sup> *pron. pess.* nos; 1a pessoa do plural inclusivo, objeto verbal. *Nhane mbogwera va'e ha'e oporahéi ramo.* 'Ele nos curava quando ele cantava.'

(C1-Inf.08.6). *Ou nhane pytygwõ.* 'Eles vieram **nos** ajudar.' (C2-Inf.04.1).

**nhane**<sup>2</sup> *pron. poss.* nosso(s), nossa(s); possuidor de 1a pessoa do plural inclusivo. *He'ise nhane nhe'ẽ ete-py:* "mokõi ko oroikove". 'Na **nossa** língua significa: nós dois sobrevivemos' (C1-Inf.03.1). *Nhane pohã mante iporãve karai pohã-gwi.* '**Nossos** remédios são melhores do que os remédios dos brancos, quando o médico não cura, você muda.' (C2-Inf.11.1).

**nhangareko** *v.t.* (a-, ere-, o-, nha-, oro-, pe-) cuidar, tomar conta (de algo ou alguém). *Onhangareko hese gwĩ mitã karia'y kwéry.* 'Essas crianças jovens **cuidavam** dela.' (C1-Inf.07.1). *Ke'y rusu pe kwarahy-rehe onhangareko.* 'Nosso irmão mais velho **cuidava** do sol.' (C2-Inf.03.1). O mesmo que **hereko, nhatende**.

**nhapytĩ** *v.t.* (a-, ere-, o-, nha-, oro-, pe-) amarrar. *Ha'e upéi katu oronhapytĩ mokõi piola-rehe.* 'Depois nós o **amarramos** com duas cordas.' (C1-Inf.08.1). *Upéi oime onhapytĩmba hikwái íxupe, he'i* 'Ali estão aqueles que o **amarraram**, ela disse.' (C2-Inf.08.2).

**nhatende** *v.t.* (a-, ere-, o-, nha-, oro-, pe-) cuidar, atender, tomar conta (de algo ou alguém). *Ha'e anho onhatende henda-rehe.* 'Ela sozinha cuida do cavalo.' (C1-Inf.08.1). *Aikwaa kunumi-re onhatende va'e.* 'Conheço quem **cuida** dos meninos.' (C2-Inf.03.6). O mesmo que **nhangareko**. //Nota: Empréstimo do português: atender.

**nhe**<sup>1</sup> *pron. refl.* se, (a) si mesmo.

*Onhembosarái.* 'Eles **se** divertiram.' (C1-Inf.03.1). *Ojo'o ramo jepe ndikatúi ha'e onheresende.* 'Mesmo que ele cave, ele não consegue **se** salvar.' (C2-Inf.02.3).

**nhe**<sup>2</sup> *part.* nominalizador: transforma o verbo em substantivo (nome). *Aondo xe nhembyasy xéhegwi aporahéi-vy.* 'Cantando, eu mando minha tristeza embora de mim.' (C1-Inf.03.3).

**nheapirõ** *v.i.* (a-, ere-, o-, nha-, oro-, pe-) ficar triste. *Ani erenheapirõ eterei, ha'e íxupe.* 'Não **fique** tão triste assim, eu lhe disse.' (C1-Inf.08.7).

**nhe'ẽ**<sup>1</sup> *n.* **1)** palavra, unidade de discurso. *Etería amboyru-ta xe nhe'ẽ João nhe'ẽ ryrupy.* 'Hoje eu vou colocar minhas palavras na caixa de **palavras** do João.' (C1-Inf.08.1). *Upe va'e nhe'ẽ kaiwa kwéry oiporu.* 'Os Kaiwá usam aquelas **palavras**.' (C2-Inf.02.3). **2)** alma, espírito. *Aipo ja'e ramo nhamoporã va'e inhe'ẽ.* 'Quando falamos assim nós tornamos a **alma** dele mais bonita.' (C1-Inf.08.7). **3)** língua. *Ava nhe'ẽ ymagware oĩ arã.* 'A **língua** dos índios antigos continuará existindo.' (C2-Inf.03.2). **4)** história. *Ãy amombe'u-ta ymagware rehegwa nhe'ẽ.* 'Agora vou contar uma **história** sobre o que aconteceu muito tempo atrás.' (C1-Inf.01.1). *Upe peve xe amombe'use kóa ko nhe'ẽ.* 'Até aí que quero contar essa **história**.' (C2-Inf.02.3).

**nhe'ẽ**<sup>2</sup> *v.i.* (a-, ere-, o-, nha-, oro-, pe-) falar. *Yma nhepyrumby-py jeko víxu kwéry onhe'ẽ nhandéixa.* 'Muito tempo atrás no início dizem que os animais **falavam** como nós.' (C1-Inf.03.3). *Onhe'ẽ javy teĩ araka'e*

*kunha oména-pe.* 'A mulher **falou** desconfiada em vão no passado para seu marido.' (C2-Inf.01.3).

**nhe'ëgwe** *n.* 1) alma. *Ereporahéi ramo ogwahẽ-ma ne* **nhe'ëgwe.** 'Quando você canta, já chegou tua **alma.**' (C2-Inf.03.5). 2) palavra(s) (dita(s) anteriormente), história(s) antiga(s). *Inhe'ëgwe ohejapa teĩ hemiarirõ kwéry [...] nomombe'uséiry.* 'Seus netos abandonaram a **palavra** dele, não quiseram contá-la.' (C2-Inf.11.2).

**nhe'ëngatu** *adj.* falante. *Ko kurusu* **nhe'ëngatu** *opyta áry-py* 'Essa cruz **falante** ficou na terra.' (C2-Inf.03.1).

**nhembo'e** *v.t.* (*a-, ere-, o-, nha-, oro-, pe-*) rezar, orar. *Ereho va'ekwe erenhembo'e hese oiko hagwã mitã va'ekwe.* 'Você foi **rezar** por ela para nascer uma criança.' (C1-Inf.08.5).

**nhemborari** *v.i.* (*a-, ere-, o-, nha-, oro-, pe-*) pular para cá e para lá, ficar pulando. *Onhemborari oiko-vy.* 'Ela vive **pulando para cá e para lá.**' (C1-Inf.07.1).

**nhembosarái** *v.i.* (*a-, ere-, o-, nha-, oro-, pe-*) brincar, divertir-se, maltratar. *Ani penhembosarái.* 'Não fiquem **brincando.**' (C1-Inf.03.1). [Variante: **nhembyarái**].

**nhembo'y** *v.i.* (*a-, ere-, o-, nha-, oro-, pe-*) levantar, ficar em pé. *Tata ári ha'e onhembo'y oĩ-vy.* 'Ele **ficava em pé** em cima do fogo.' (C1-Inf.07.1).

**nhembyasy<sup>1</sup>** *v.i.* (*a-, ere-, o-, nha-, oro-, pe-*) entristecer-se, arrepender-se. *Onhembyasy oiko-vy xe sy gwóga-py.* 'Mas minha mãe vive **entristecendo-se** na casa dela.' (C1-Inf.08.6).

**nhembyasy<sup>2</sup>** *n.* tristeza. *Amondo xe* **nhembyasy** *xéhegwi aporahéi-vy.* 'Eu mando minha **tristeza** embora de mim, cantando.' (C1-Inf.03.3).

**nhembyarái<sup>1</sup>** *v.i.* (*a-, ere-, o-, nha-, oro-, pe-*) brincar, divertir-se. *Onhembyarái oiko mombry.* '**Brincavam** e ficavam longe.' (C2-Inf.08.1). [Variante: **nhembosarái**].

**nhembyarái<sup>2</sup>** *v.t.* (*a-, ere-, o-, nha-, oro-, pe-*) maltratar. *Yma-rupi onhembyarái iména hese.* 'No passado seu marido a **maltratava.**' (C1-Inf.09.3). [Variante: **nhembosarái**].

**nhemi** *v.t.* (*a-, ere-, o-, nha-, oro-, pe-*) esconder-se (de algo ou alguém). *Onhemi jagwarete-gwi.* 'Ele **se escondeu** da onça.' (C1-Inf.03.3).

**nhemityĩ** *v.t.* (*a-, ere-, o-, nha-, oro-, pe-*) plantar. *A-py ore heta oronhemityĩ.* 'Aqui nós **plantamos** bastante.' (C2-Inf.09.3).

**nhemonhe'ë** *v.t.* (*a-, ere-, o-, nha-, oro-, pe-*) aconselhar, advertir. *Nhanhemonhe'ë porã nhane memby-pe ohendu hagwã nhane nhe'ë.* 'Nós **aconselhamos** bem nossos filhos para que eles obedeçam o que dizemos.' (C1-Inf.09.1). *Onhemonhe'ëmba rire kwimba'e-pe ou ave kunha igwaigwĩ va'e onhemonhe'ë hagwã kunha.* 'Depois de todos **aconselharem** o homem, vem também uma mulher velha para **aconselhar** a moça.' (C2-Inf.02.4).

**nhemoyrõ** *v.i.* (*a-, ere-, o-, nha-, oro-, pe-*) (ficar/ estar) com raiva, irado, amargurado. *Ojuka uka osy onhemoyrõ-gwi yvoty-rehe.* 'Porque

estavam amargurados sobre as flores, eles mandaram matar sua mãe.' (C1-Inf.06.3). *Kaja'a araka'e... oiko araka'e kunhataĩ onhemoyrõ va'ekwegwi.* 'A sereia veio a existir de uma moça que ficou com raiva.' (C2-Inf.01.2).

**nheno** v.i. (a-, ere-, o-, nha-, oro-, pe-) deitar-se. *Kyha orojapo ramo oronheno.* 'Quando fazemos as redes deitamos (nelas).' (C1-Inf.05.1).

**nhepyhyrõ** v.t. (a-, ere-, o-, nha-, oro-, pe-) depender (de algo ou de alguém). *Upe-gwipa araka'e karai kwéry onhepyhyrõ upe-gwipa karai kwéry hoy'u.* 'De lá (daquela mina) os brancos dependiam, de lá eles bebiam água.' (C2-Inf.11.2).

**nhepyrũ<sup>1</sup>** v.t. (a-, ere-, o-, nha-, oro-, pe-) começar (a fazer algo). *Onhepyrũ ho'yta.* 'Ele começou a nadar.' (C1-Inf.03.3). *Yma araka'e onhepyrũ ramo gware ko yvy.* 'Antigamente, quando começou esta terra.' (C2-Inf.01.3). [Variante: **nhypyrũ**].

**nhepyrũ<sup>2</sup>** n. início, começo. *Ko va'e nhemombe'upyre kaja'a nhhepyrũ rehegwa.* 'Este é a história sobre o início da sereia.' (C2-Inf.01.2).

**nhesyrũ** v.i. (a-, ere-, o-, nha-, oro-, pe-) enfileirar (-se); ficar em fila, ficar em fileira. *Ndarekói ramo, omonhesyrũ arã tataendy xe yke-rehe mamãe, he'i.* 'Mas se não tivé-la, minha mãe enfileirá velas ao lado do meu corpo, ele disse.' (C1-Inf.08.5). *Ugwĩ opu'ã araka'e onhesyrũ oĩ-vy.* 'Esses levantaram no passado estavam enfileirados' (C2-Inf.03.1).

**nhevanga<sup>1</sup>** v.i. (a-, ere-, o-, nha-, oro-, pe-) rezar, fazer a reza. *Anhevanga hese mba'e rei ramo.* 'Eu rezo por ele, quando é coisa à toa.' (C2-Inf.03.5).

**nhevanga<sup>2</sup>** n. reza, cântico para realizar em rituais. *Ereporahéi ramo, nhevanga heta voi xe areko.* 'Quando você for cantar, eu tenho muitas rezas.' (C2-Inf.03.5).

**nho-** pron. recip. um com o outro, recíproco. *Eju ko'a-py nhanhomongeta.* 'Venha aqui, vamos conversar um com o outro.' (C1-Inf.03.2). *Ndaikwaái xe onhorairõ para'e onhopixã para'e.* 'Não sei se eles se beliscaram um ao outro.' (C2-Inf.10.1). [Variante: **jo-**].

**nhomi** v.t. (a-, ere-, o-, nha-, oro-, pe-) esconder (algo). *Onhomi hagwe, ojaho'i ajaka-py.* 'As coisas que ele tinha escondido ele cobriu com sua cesta.' (C1-Inf.06.1).

**nhomongeta** v.t. (a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-) conversar (com alguém). *Eju ko'a-py nhanhomongeta.* 'Venha aqui para conversarmos.' (C1-Inf.03.2). O mesmo que **taja**.

**nhotỹ** v.t. (a-, ere-, o-, nha-, oro-, pe-) plantar. *Oho ra'e okokwe-pe [...] onhotỹ avati, onhotỹ kwarapepẽ andai.* 'Então ele foi para sua roça, plantou milho, plantou moranga e abóbora.' (C2-Inf.01.3).

**nhu** n. campo, pasto. *Ahexa kagware nhu mbyte-py.* 'Vi o tamanduá no meio do campo.' (C1-Inf.03.3).

**nhuhã** n. armadilha, laço, para pegar passarinhos e outros animais na mata. *Pa'ikwara ho'a anháy nhuhã.* 'O Sol

caiu numa **armadilha** do diabo.' (C1-Inf.06.2). *Ymagware ombo'e pe ta'yry-pe [...] ojapo hagwã nhuhã.* 'Os antigos ensinavam seus filhos a fazerem **armadilhas**.' (C2-Inf.02.2).

**nhunha** v.t. (*a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-*) colocar (dentro). *Kypy'yry oho y-rehe ogweraha hyakwã onhunha mo'ã y.* 'A irmã mais nova foi buscar água, levou sua cuia para **colocar** água, mas não

conseguiu.' (C1-Inf.06.2).

**nhypyrũ** v.t. (*a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-*) começar. *Gwyrã onhypyrũ mbegwe katu ete.* 'O pássaro **começou** (a cantar) baixinho.' (C1-Inf.03.3). *Pytũmba ka'aru erenhypyrũ-ma.* 'À tarde, quando escurece tudo, você **começa**.' (C2-Inf.03.5). [Variante: **nhepyrũ**].

# O o

**o-<sup>1</sup>** *pref. pron.* prefixo de 3a pessoa (singular ou plural), sujeito do verbo. *Gwogarã ojapo pindo-gwi.* 'Ele fez a sua casa de folha de coqueiro.' (C1-Inf.01.1). *Ogweraha hikwái itakwára.* 'Eles levaram taquaras.' (C2-Inf.08.2). [Variante: **ho-**].

**o-<sup>2</sup>** *pref. relac.* indica posse reflexiva de 3a pessoa: seu(s), sua(s), dele(s), dela(s). *Ohupi omynakũ pira reheve.* 'Ele levantou seu cesto com os peixes.' (C1-Inf.03.2). *Oho ra'e okokwe-pe onhemyĩ.* 'Ele foi para sua roça plantar.' (C2-Inf.01.3). [Variante: **ho-**].

**óga** *n.* (*r- /gw- /h-*) casa. *Ituja-ma óga.* 'A casa já estava velha.' (C1-Inf.03.1). *Gwogarã ojapo pindo-gwi.* 'Das palmeiras fizeram suas próprias casas.' (C1-Inf.08.3). *Aju jevy xe róga-py.* 'Eu vim de novo para minha casa.' (C2-Inf.08.2). [Variante: **óy**].

**ogusu** *n.* casa grande, casa de uma família estendida. *Ogusu-ygwa oĩ [...]* *irundy jakaira oporandu ojóupe* 'Eram pessoas da casa grande, os quatro deuses do milho perguntavam uns aos outros.' (C2-Inf.03.2). //Nota: Moradia antiga dos deuses e dos indígenas.

**ohoe** *adj.* outro, diferente. *Apyka apoha upéa ja ohoe-ma* 'O fazedor de banquinhos agora já é outro.' (C2-Inf.03.6).

**ója** *n.* panela, pote. *Péa rogwe eremoĩ arã upéixa ko ója-py.* 'Essas folhas (de banana) você coloca assim na panela.'

(C2-Inf.06.1). //Nota: Empréstimo do espanhol: olla.

**ojasojavo** *v.i.* (*não flexiona*) aparecer, surgir. *Ha upéi nhamói Xikito araka'e oporahéi [...] ra'e ojasojavo hagwã araka'e y araka'e mína.* 'E então vovô Chiquito cantou para aparecer água, da mina.' (C2-Inf.11.2).

**oje'ói** *v.i.* eles vão/foram (juntos, em grupo). *Gwóy-py oje'ói.* 'Eles foram juntos para sua própria casa.' (C1-Inf.03.1).

**ojéupe** *posp.* consigo, para ele(a) mesmo(a). *Ajuka-ta jagwarete-pe, he'i ojéupe.* 'Materei a onça, ele disse consigo mesmo.' (C1-Inf.03.3). *Ha'e voi ojapo ojéupe gwarã ohesy pira.* 'Ela faz (comida) para si mesma, assa peixe.' (C2-Inf.07.1).

**ojóupe** *posp.* um(uns) ao(s) outro(s). *He'i ra'e ojóupe: ma'erã ko va'e ereity?* 'Eles devem ter dito uns aos outros: porque você derruba isso?' (C2-Inf.03.1).

**ojy** *v.t.* (*não flexiona*) cozinhar. *Eipykúi porã oiy porã jave erenhẽ-ma.* 'Mexa bem, quando cozinhou bem você já o tira.' (C2-Inf.06.1).

**oka** *n.* quintal, espaço em volta da casa. *Ituja-ma oka rapykwe.* 'Atrás do quintal tudo tinha ficado velho.' (C1-Inf.03.1).

**okẽ** *n.* porta. *Oja aipo xiru rokẽ-rehe oja.* 'Ele alcançou a porta do Xiru.'

(C1-Inf.01.1). *A-gwi ra [...] okẽ oĩ va'e.* 'Daqui já tem uma **porta**.' (C2-Inf.03.4).

**oky** *v.i. (não flexiona)* chover. *Mokõĩ jasy oky.* 'Choveu por dois meses.' (C1-Inf.01.1).

**opa** *v.i. (a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-)* acabar, deixar de existir. *Opa voi ra'e nhane kente kwéry, he'i.* 'Nosso povo **acabou** mesmo, ele disse.' (C1-Inf.01.1). *Opa-ma ka'agwy.* 'A mata **acabou**.' (C2-Inf.04.1).

**opi** *v.i. (a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-)* parar, acabar. *Jayvi sapy'ami opi jevy-ma.* 'E a garoa de repente **acaba** de novo.' (C2-Inf.01.5).

**ore**<sup>1</sup> *pron. pess.* nós, nos; primeira pessoa do plural exclusivo. *Ndaija'evéi ore-rehe.* 'Eles não gostam mais de **nós**.' (C1-Inf.05.4). *Ãy peve niko ava tee ore oroho oro'u joty ugwiã.* 'Até agora **nós** índios de verdade vamos comer isso.' (C2-Inf.06.1).

**ore**<sup>2</sup> *pron. poss.* nosso(s), nossa(s); primeira pessoa do plural exclusivo. *Orojapo ore kyha.* 'Nós fazíamos **nossas** redes.' (C1-Inf.05.1). *Oike ore koty-py.* 'Eles entraram na **nossa** casa.' (C2-Inf.08.2).

**oro-** *pref. pron.* **1)** nós (outros); indica 1a pessoa do plural exclusivo no verbo. *Orojapo ore kyha.* 'Nós

fazíamos nossas redes.' (C1-Inf.05.1). *Heta oronhembo'e akwe.* 'Nós rezávamos muito.' (C2-Inf.06.2). **2)** eu te; indica sujeito de 1a pessoa do singular com objeto de 2a pessoa do singular. *Orotopa jevy.* 'Eu te encontrei de novo.' (C1-Inf.03.3).

**ou** *v.i.* ele vem, eles vêm; 3a pessoa do verbo vir. *Amo ou jagwarete.* 'Ali **vem** a onça.' (C1-Inf.03.3). *Ranhe ou-vy ohexa [...] ha'enho upe ka'agwy repy-rehe.* 'Primeiro **veio** sozinho ver aquele pagamento da mata.' (C2-Inf.06.2).

**overa** *v.i. (não flexiona)* relampejar, soltar relâmpagos. *Upéi omondo overa-vy omondo ojóupe.* 'Então ele **relampejou** e mandou um para outro.' (C1-Inf.01.1). *Karavie overa.* 'Karavie **relampejou**.' (C2-Inf.03.2).

**ovu** *v.i. (não flexiona)* subir levemente ou crescer, como massa de pão ou água que enche uma fonte. *Ovu hagwã y oky.* 'Para que a água **subisse**, choveu.' (C1-Inf.01.1).

**óy** *n. casa.* *Oho gwóy-py.* 'Ele foi para sua própria **casa**.' (C1-Inf.03.2). [Variante: **óga**].

# P p

**pa** *part. interr.* indica pergunta. *Máva pa hatãve oporahéi.* 'Quem vai cantar mais alto?' (C1-Inf.03.3). *Xe ndaikwaavéi-ma mba'e pa ojehu akwe íxupe.* 'Eu não sei mais: o que aconteceu com ele?' (C2-Inf.08.2).

**-pa** *part. asp.* indica completude: todo(s), toda(s), totalmente, completamente. *Ojara igwy-py tata ro'y ramo, hykupa.* 'Ele colocou fogo embaixo dela quando esfriou, e ela derreteu **completamente.**' (C1-Inf.06.2). *Yvy okai<sup>pa</sup> rire ae ombovu y.* 'Depois da terra queimar **toda** ele fez subir a água.' (C2-Inf.03.1).

**paha** *n.* fim, final. *Mombyry peju ikatu hagwãixa nhaimé onhondive ipaha-py.* 'Vocês vieram de longe para ficarmos juntos até o **final.**' (C2-Inf.04.1).

**pa'i** *n.* padre, pajé, sacerdote. *Ogwahu ramo pa'i, Xiru ovy'a.* 'Quando o **pajé** canta, Chiru fica alegre.' (C1-Inf.06.1). *Yvyra'i pa'i reko ãy ngatu.* 'A cruz pequena é da vida do **pajé** agora.' (C2-Inf.03.4). O mesmo que **hexakáry.**

**Pa'ikwara** *n.* Paiquara, o sol; ser mitológico. *Upéi Pa'ikwara oho gwyvýry ha-py ipiru ramo.* 'Depois **Paiquará** foi ao lugar de seu irmão mais novo quando ele estava magro e desgastado.' (C1-Inf.06.2). *Omopu'ã-ma yvy ke'y rusu Pa'ikwara.* 'Paiquará, o irmão mais velho, ele fez a terra.' (C2-Inf.03.1).

**pakova** *n.* banana. *Ugwĩ pakova péa*

*rogwe eremoĩ arã upéixa ko ója-py.* 'Essas **bananas,** você coloca suas folhas assim na panela.' (C2-Inf.06.1).

**papa** *v.t.* (ai-, erei-, oi-, jai-, oroi-, pei-) nomear, dar nome. *Jagwarete-pe oipapa ogwahu ai-vy.* 'Nomeou a onça fazendo seu canto baixo.' (C1-Inf.06.1).

**parakáu** *n.* papagaio. *Máxo omano ramo parakáu kunha opyta ha'enho.* 'Quando morre o macho, o **papagaio** fêmea fica sozinha.' (C2-Inf.02.4).

**pa'ũ** *adv. lug.* no meio de, entre (muitos). *Oĩ ramo nhane pa'ũ-my tape-rehe erenhembo'e va'erã.* 'Se houver **no** nosso **meio,** você rezará pelo caminho.' (C2-Inf.03.2). O mesmo que **apyte**<sup>1</sup>.

**páy** *v.i.* (a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-) acordar, despertar do sono. *Apáy ramo, ndakevéi.* 'Quando **acordei,** não dormi mais.' (C1-Inf.07.1).

**pe**<sup>1</sup> *posp.* para (alguém). *Jakare ogweraha ke'y-pe yvyra rakã gwy-rupi.* 'Jacaré levou irmão por baixo do galho da árvore.' (C1-Inf.03.2). *Ha'e kwéry ombo'e meme araka'e gwa'yry kwéry-pe.* 'Eles sempre ensinavam seus filhos antigamente.' (C2-Inf.02.2). //Nota: Por ser átono, liga-se com hífen à palavra anterior.

**pe**<sup>2</sup> *pron. dem.* esse(s), essa(s). *Pe kunhataĩ-rehe ojepota mborevi.* 'A anta se apaixonou por **essa** moça.' (C2-Inf.01.2). *He'i anháy oiporu pe*

*ãgwéry-pe*. 'Dizem que o diabo usa **essas** assombrações.' (C2-Inf.02.1).

**pe**<sup>3</sup> *v.est./adj.* (*xe, nde, i-, nhande, ore, pende*) estar amassado, desgastado. Paulina *ipepa rei arã tape-rehe, he'i hese*. 'Paulina ficará **desgastada** pela estrada, ele disse sobre ela.' (C1-Inf.08.5).

**pe-** *pref. pron.* indicador do sujeito da 2 pessoa do plural no verbo: vocês. *Pejahu*. '**Vocês** tomem banho.' (C1-Inf.03.1). *Upe hokarã-my peha'arõ*. 'Naquele lugar de dança, **vocês** esperem.' (C2-Inf.03.2).

**pe'a** *v.t.* (*ai-, erei-, oi-, jai-, oroi-, pei-*) tirar. *Upéi ojora onhuhã-gwi oipe'a*. 'Então ele desfez os nós e o **tirou** da armadilha.' (C1-Inf.06.2). *Kunha ranhe jevy oipe'a isy ombogwejy íxupe kyha-gwi*. 'A mulher primeiro, sua mãe a **tira**, descendo-a da rede.' (C2-Inf.02.4).

**peẽ** *pron. pess.* vocês; 2a pessoa do plural. *A-rami meme ndaikói arã ko peẽ-my*. 'Não viverei para sempre para **vocês**.' (C1-Inf.08.4). *Amombe'u-ta peẽ-my kwarahy ipuku*. 'Vou contar a **vocês** sobre o sol grande.' (C2-Inf.03.5).

**pei** *v.t.* (*ai-, erei-, oi-, jai-, oroi-, pei-*) abanar. *Oipei íxupe pono ogwapy hova-rehe mberu*. 'Ele **abanava** as moscas para que não sentassem em seu rosto.' (C1-Inf.08.7).

**peju** *v.t.* (*ai-, erei-, oi-, jai-, oroi-, pei-*) soprar. *Upéi oipeju Pa'i gwyvýry remi'urã*. 'Então o Sol **soprou** na comida de seu irmão mais novo.' (C1-Inf.06.2).

**peky** *adj.* verde, não maduro. *Avati*

*peky*. 'Milho **verde**.' (C2-Inf.01.3). [Variante: **aky, ky**].

**pende**<sup>1</sup> *pron. pess.* vocês; 2a pessoa do plural, como objeto ou sujeito do verbo. *Sapy'a rei pende are ramo [...]* *tape marangatu ou*. 'De repente, se **vocês** demorarem, o caminho santo vem.' (C1-Inf.03.1). [Variante: **pene**].

**pende**<sup>2</sup> *pron. poss.* de vocês, vosso; possuidor de 2a pessoa do plural. *Áy katu pende vovo ndoikovéi-ma*. 'Eu disse: agora com certeza o avô **de vocês** não vive mais.' (C1-Inf.08.6). [Variante: **pene**].

**pene**<sup>1</sup> *pron. pess.* de vocês, vosso; possuidor de 2a pessoa do plural. *Nda'éi voi xe pene ramói -pe*. 'Eu não digo (isso) para o avô **de vocês**.' (C1-Inf.08.3). [Variante: **pende**].

**pene**<sup>2</sup> *pron. poss* vocês; 2a pessoa do plural, como objeto ou sujeito do verbo. *Pene mitã*. '**Vocês** são crianças.' (C1-Inf.05.2). [Variante: **pende**].

**pepo** *n.* asa (de ave). *Gwyrá pepotĩ*. 'Pássaro de **asa** branca (=garça).' (C1-Inf.01.1).

**pepy** *v.t.* (*ai-, erei-, oi-, jai-, oroi-, pei-*) ritual de furar o lábio. *Ne'irã vyteri xe pepy, he'i*. 'Ainda não tinha **furado o lábio**, ele disse.' (C2-Inf.06.1).

**periparo** *n.* pariparoba, planta do brejo. *Ha upéi mitã haku ramo eraha periparo-py embojahu*. 'E então, quando a criança tem febre, você leva a **pariparoba** e dá banho com ela.' (C2-Inf.11.1).

**pete** *v.t.* (*ai-, erei-, oi-, jai-, oroi-, pei-*) bater (com a mão). *Hovajáry ava ete opoxíto-py oipete*. 'Ele **bateu** em seu

- cunhado com um poncho.' (C1-Inf.06.1).
- peteĩ** *num.* um, uma, usado como numeral ou artigo indefinido. *Upéixa ohasa ave peteĩ ro'y.* 'Assim passou também **um** ano.' (C1-Inf.03.3).
- peteĩxa** *adv. modo* igual, igualmente, da mesma maneira. *Gwĩ mokõi omombe'u va'ekwe peteĩxa.* 'Esses dois contaram **igualmente** (da mesma maneira).' (C2-Inf.01.1).
- pety** *n.* fumo, tabaco. *Tojaty pety jari oiko-vy.* 'Queríamos que vovó plantasse **fumo**.' (C1-Inf.05.4).
- peve** *posp.* até: indica o limite de um espaço ou tempo. *Oho yvate ohupyty peve yvyra rakãgwasu imbaraete va'e.* 'Foi para o alto **até** alcançar o galho grande e forte.' (C1-Inf.03.3). *Peteĩ jasy-py, peteĩ jasy peve ojeroky hikwái.* 'Um mês, **até** um mês eles dançavam.' (C2-Inf.01.4).
- pía** *v.i.* (*a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-*) sair (da estrada). *Ou ramo ohexa kagware rapykwere opía hagwe ka'agwy-rehe.* 'Quando ele veio, viu o rastro que o tamanduá deixou quando **saiu** para o mato.' (C1-Inf.03.3).
- pinda** *n.* anzol para pesca. *Jakare he'i: nda'úi ne pinda pota.* 'Jacaré respondeu: não comi teu **anzol** e isca.' (C1-Inf.03.2).
- pinda'y** *n.* vara de pescar. *Peteĩ pinda'y va'e aha ajara [... ] ajopói hagwã pira-pe* 'Peguei uma **vara de pescar** para ir pescar peixes.' (C2-Inf.05.1).
- pindo** *n.* coqueiro, palmeira. *Gwogarã ojapo pindo-gwi.* 'Ele fez a sua casa de folha de **coqueiro**.' (C1-Inf.01.1). *Upe yvy opu'ã-ma jave opu'ã pindo.* 'Enquanto a terra levantou, levantou o **coqueiro**.' (C2-Inf.03.1).
- pira** *n.* peixe. *Ke'y oho ojopói pira ysyry-py.* 'Irmão mais velho foi pescar **peixe** no rio.' (C1-Inf.03.2).
- pirãha** *n.* inflamação, vermelhidão. *Eremoĩ nde apysa-pe ha'e pirãha.* 'Você coloca (o remédio) no ouvido na **inflamação**.' (C2-Inf.07.3).
- pire** *n.* pele, casca. *Xe jagwa ipire aipa.* 'A **pele** do meu cachorro ficou toda com ferida.' (C2-Inf.07.3).
- piro'y** *v.est./adj.* (*xe, nde, i-, nhande, ore, pende*) (ficar, estar) calmo. *Ogwahẽ-vy upe-py ha'e kwéry ipiro'y.* 'Chegando ali, eles ficaram **calmos**.' (C2-Inf.03.2).
- piru** *v.est./adj.* (estar, ficar) mirrado, magro. *Ipiru-ma ndokarúi-gwi.* 'Ele estava muito **magro** porque não tinha comido.' (C1-Inf.06.3). [Variante: **mbiru**].
- piru'a** *n.* bolha (na pele). *Ore py ijapiru'apa va'erã.* 'Nossos pés ficarão cheios de **bolhas**.' (C1-Inf.05.3).
- pitu** *v.est./adj.* (*xe, nde, i-, nhande, ore, pende*) ter preguiça, ser preguiçoso. *Ha'e ipitu va'e.* 'Ele é **preguiçoso**.' (C1-Inf.03.2).
- pixãĩ** *v.t.* (*ai-, erei-, oi-, nhai-, oroi-, pei-*) beliscar. *Ndaikwaái xe onhorairõ para'e onhopixãĩ para'e.* 'Não sei se brigaram ou se eles se **beliscaram**.' (C2-Inf.10.1).
- pixy** *v.t.* (*ai-, erei-, oi-, jai-, oroi-, pei-*) esfregar, passar (uma pasta). *Gwĩ mitã hye ramo iporã ka'aõre ereipixy.* 'Quando essas crianças tem (dor de)

barriga, é bom você **esfregar** (nelas) a erva de santa maria.' (C2-Inf.11.1).

**po**<sup>1</sup> *part. interr.* Indica dúvida ou pergunta. *Ndoikwaavéi moõ ngoty po oho-ta.* 'Ela nem sabe mais onde ela está indo.' (C1-Inf.07.2). *Ko'ánga xe amombe'u-ta mba'e po araka'e ojehu.* 'Agora vou contar o que aconteceu no passado.' (C2-Inf.08.2). //Nota: Ver: **tipo**.

**po**<sup>2</sup> *n.* mão, parte do corpo ligada ao braço. *Jagwarete ipojei yvyra rakã-gwi.* 'A onça soltou sua **mão** do galho da árvore.' (C1-Inf.03.3). *Ha'e ojara xe po-rehe ha ore ororipara.* 'Ela agarrou minha **mão** e nós corremos.' (C2-Inf.08.2).

**po**<sup>3</sup> *v.i.* (a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-) pular, saltar. *Opopo meme heseve kavaju.* 'O cavalo sempre **pula** com ela.' (C1-Inf.08.1).

**poapẽ** *n.* unha, garra (da mão). *Omoĩ porã porã opoapẽ.* 'Colocou bem sua **garra**.' (C1-Inf.03.3).

**pogwã** *v.t.* (ai-, erei-, oi-, jai-, oroi-, pei-) tecer. *Ore kyharã oroipogwã karagwata.* 'Para nossas redes **tecemos** a fibra do cacto.' (C1-Inf.05.1).

**pohã** *n.* remédio. *Iporã ramo pohã ko, oikove jevy arã.* 'Se o **remédio** for bom, ele viverá novamente.' (C1-Inf.08.7).

**pohano** *v.t.* (ai-, erei-, oi-, jai-, oroi-, pei-) medicar, dar ou passar remédio. *Ereipohano nde resa.* 'Você **passou remédio** em seu olho.' (C1-Inf.03.3). *Ugwĩ va'e oipohano haxã rusu pohã nhana-py, he'i.* 'Esses **medicavam** com os remédios do mato da filha

mais velha.' (C2-Inf.11.1).

**pohu** *v.t.* (ai-, erei-, oi-, jai-, oroi-, pei-) visitar. *Orojopohu ramo oronhomongay'u oronhomongaru.* 'Quando **visitamos** uma à outra, nos damos mate para beber e alimentamos uma à outra.' (C1-Inf.05.3).

**pohýi** *v.est./adj.* 1) (ser) pesado. *Xe pohýi.* 'Eu sou pesado.' (C1-Inf.03.3). 2) duro, pesado (relativo a trabalho intenso). *Nhamba'apo pohýi.* 'Trabalhamos duro.' (C2-Inf.01.3).

**poi** *v.t.* (a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-) 1) deixar, abandonar. *Japoi-ma katu íxugwi, ha'e voi va'ekwe.* 'Temos que **deixá-lo** ir, eu disse.' (C1-Inf.08.6). 2) jogar. *Peteĩ jasy rire opoi yva aky.* 'Depois de um mês ele **jogou** uma fruta verde.' (C1-Inf.01.1).

**poko** *v.t.* (a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-) tocar (com a mão). *Ma'erã po gwĩa opoko teĩ nde-rehe?* 'Por que esse alguém **tocou** você?' (C1-Inf.08.7).

**pono** *conj. subord.* para (que) não. *He'i va'e [...] íxupe kwéry pono ohove upe ka'agwy-rehe.* 'É quem diz a eles **para não** irem naquela mata.' (C2-Inf.08.1).

**popyte** *n.* palma da mão. *Xe rajy xe popyte-py areko va'e amongakwaa va'ekwe rehe.* 'Mas minha filha, que eu criei, é quem eu sempre seguro na minha **palma da mão**.' (C1-Inf.08.5).

**porã** *adj.* bom, bonito, bem. *Nde-rehe he'i xe re'ýi kwéry: karia'y porã, he'i.* 'A teu respeito meus parentes dizem: é um jovem **bom**.' (C1-Inf.03.2). *Upe va'e oipysopa porã rire ae.* 'Depois disso ele esticou tudo **bem** mesmo.' (C2-Inf.03.1). O contrário de **vai**.

**porahéi**<sup>1</sup> v.i. (a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-) cantar. *Máva pa hatãve oporahéi?* 'Quem **canta** mais alto?' (C1-Inf.03.3). *Heta oroju oroporahéi.* 'Muitos de nós viemos e **cantamos**.' (C2-Inf.06.2).

**porahéi**<sup>2</sup> n. canto, canção; letra de música cantada. *Kurusu pegwa porahéi he'i hexakáry.* 'O pajé disse que assim era o **canto** para a cruz.' (C2-Inf.03.2). [Variante: **mborahéi**].

**porandu** v.t. (a-, ere-, o-, nha-, oro-, pe-) perguntar. *Aporandu-ta nde-vy peteĩ mba'e-rehe.* 'Vou te **perguntar** sobre uma coisa.' (C1-Inf.03.3).

**poriahu** adj. **1)** necessitado, pobre. Nhande *poriahu.* 'Somos **pobres**.' **2)** infeliz, triste, desventurado. *Iporiahu rei imemby kwéry isy oiko ramo.* 'Seus filhos são **infelizes**, enquanto a mãe ainda vive.' (C1-Inf.07.1).

**poriahuvereko** v.t. (ai-, erei-, oi-, jai-, oroi-, pei-) ter pena, ter dó (de alguém). *Nde poriahuvereko voi nde ava járy aipo ramo ou ohexa.* 'O teu deus **tem pena** de você e por isso veio te ver.' (C2-Inf.03.5).

**poro-** pref. pron. muitos, todos. *Ha'e oporohexakwaa va'e.* 'Ele é aquele que sabe ser generoso com **todos**.' (C1-Inf.08.5). *Upéa-gwi te oiko upéixa oporomonghyje-vy.* 'Por isso mesmo eles vivem assim, assustando **muitos**.' (C2-Inf.02.1).

**poru** v.t. (ai-, erei-, oi-, jai-, oroi-, pei-) usar. *Heta vyteri oĩ oiporu va'erã ko yvy.* 'Tem muitos ainda que **usarão** esta terra.' (C1-Inf.08.7). *Upe va'e nhe'ẽ kaiwa kwéry oiporu.* 'Os Kaiwá **usam** aquelas palavras.' (C2-Inf.02.3).

**pota**<sup>1</sup> v.t. (ai-, erei-, oi-, jai-, oroi-, pei-) querer. *Aipota pya'e ou.* '**Quero** que ele venha depressa.' (C1-Inf.08.1).

**pota**<sup>2</sup> n. isca. *Ou jakare ho'u ke'y pinda pota.* 'Veio o jacaré e comeu o anzol e a **isca**.' (C1-Inf.03.2).

**potĩ** adj. limpo. *Osẽ nhu potĩ-my.* 'Saiu para o campo **limpo**.' (C1-Inf.03.3).

**poty** n. **1)** flor (parte da planta). *Jaha jahexa itymbýra potytĩ.* 'Vamos ver a plantação com **flores** brancas.' (C2-Inf.06.1). **2)** franja (para enfeitar objetos). *Oipe'a heikwary-py pytãgwe oipe'a mbaraka potyrã.* 'Eles arrancam as penas traseiras vermelhas para fazer as **franças** dos chocalhos.' (C1-Inf.05.2).

**povyvy** v.t. (ai-, erei-, oi-, jai-, oroi-, pei-) procurar com as mãos, apalpar. *Oroipovyvy va'ekwe avatitygwe-rupi.* 'Nós **apalpamos** pelo milharal.' (C1-Inf.05.2).

**poxíto** n. poncho. *Oipete hovajáry ava ete opoxíto-py.* 'Ela bateu em seu cunhado com seu **poncho**.' (C1-Inf.06.1). *Upéi ojapo ave kwimba'e-pe ipoxitorã.* 'Depois fazem também um **poncho** para o homem.' (C2-Inf.02.4). //Nota: Empréstimo do português.

**poxy** v.est./adj. (xe, nde, i-, nhande, ore, pende) estar ou ficar bravo, irado, zangado. *Ojahe'o ipoxy-gwi.* 'Chorou por **estar irado** (chorou de raiva).' (C1-Inf.03.2).

**po'y** n. colar, enfeite para o pescoço. *Oikepa opo'y rapykwaha-rupi.* 'Todos se esconderam por trás dos **colares**.' (C1-Inf.06.1). *Ambopo'y jakare pire-py pono hasy rei rei.* 'Vou colocar um

**colar** de pele de jacaré para que não fique doente à toa.' (C2-Inf.11.1).

**pu** v.i. (a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-) estourar. *Ivare'a ndohexavéi-gwi opu-gwi hesa.* 'Com muita fome por não enxergar, e porque seus olhos tinham **estourado.**' (C1-Inf.03.3).

**pu'ã** v.i. (a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-) levantar(-se). *Nopu'ãvéi kyra-gwi, he'i jagwarete-pe.* 'Eles não se **levantam** mais de tão gordos, disse à onça.' (C1-Inf.03.3). *Péixa ramo xe apu'ã amoĩ íxupe pyhare pohã.* 'Por isso eu me **levantei** e lhe dei remédio à noite.' (C2-Inf.07.3).

**pu'aka** v.est./adj. (xe, nde, i-, nhande, ore, pende) (ser) forte, poderoso, ter força, ter poder. *Ndaipu'akavéi-ma omba'apo marandete hagwã.* 'Ele já não é mais **forte** para trabalhar bem.' (C1-Inf.05.4). *Ndaxe pu'akavéi-ma hese.* 'Eu não **tenho** mais **poder** sobre ele.' (C2-Inf.03.5).

**puka** v.i. (a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-) rir, dar risada. *Opuka hese gwyrá kampána.* 'A araponga **riu** dela.' (C1-Inf.03.3). *Ndaikatúí ipoxy ipoxy [...] ha'e ndikatúí opuka rei rei.* 'Ele não pode ficar bravo, ele não pode **rir** à toa.' (C2-Inf.07.2).

**puku** adj. comprido, alto. *Upe xe memby kwimba'e puku voi.* 'Aquele meu filho é um homem **alto** mesmo.' (C2-Inf.10.2).

**pupu** v.i. (a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-) ferver, borbulhar (fervendo). *Eremoĩ-ma ója-py opupu jave erenohẽ.* 'Coloca (o milho) na panela, quando **ferver** você o tira.' (C2-Inf.06.1).

**py**<sup>1</sup> posp. **1)** em (lugar). *Gwóga pyahu-*

*py oiko.* 'Ela vive **em** sua casa nova.' (C1-Inf.08.7). **2)** para (lugar). *Oje'ói yváy-py.* 'Eles foram **para** o céu' (C1-Inf.03.1). **3)** com (indica instrumento). *Opoixito-py oipete.* 'Ele bateu nele **com** um poncho.' (C1-Inf.06.1). [Variante: **-my** (depois de V nasalizada)].

**py**<sup>2</sup> n. pé. *Ituju jave tape ndikatúí eregwata [...] nde pysyry ere'a tuju-py* 'Quando a estrada está com lama, não dá pra você andar, teu **pé** escorrega e você cai na lama.' (C2-Inf.01.5).

**py'a** n. interior do corpo, coração. *Oimo'ã opy'a-py jagwarete.* 'A onça enganou-se em seu **coração.**' (C1-Inf.03.3). O mesmo que **py'apy**.

**py'agwapy** n. paz (sentimento), calma, tranquilidade. *Nhambopy'agwapy jevy nhamói.* 'Nós fizemos o vovó ficar **calmo** de novo.' (C1-Inf.02.2).

**py'agwasu** v.est./adj. (xe, nde, i-, nhande, ore, pende) agressivo, corajoso. *Oka'u ave ramo, ipy'agwasu voi.* 'Também quando se embebedam, eles **ficam** mesmo **agressivos.**' (C1-Inf.10.1).

**pya'e** adv. modo rápido, rapidamente. *Ereho ramo pya'e, eretopa.* 'Se você for **rápido**, vai encontrá-lo.' (C1-Inf.03.3).

**pyahu** adj. novo. *Gwóga pyahu-py oiko.* 'Ela mora em sua casa **nova.**' (C1-Inf.08.7). O contrário de **tuja**.

**pyambu** v.i. (xe, ne, i-, nhane, ore, pene) (fazer) barulho de pisadas. *Xe pyambu ramo xe rape-rupi, enhe'ẽ.* 'Quando eu fizer **barulho de pisadas** no meu caminho. fale.' (C1-Inf.03.3).

**py'apy** *n.* coração, interior (centro da emoção). *Kagware oimo'ã opy'apy-py.* 'O tamanduá pensou em seu **coração**.' (C1-Inf.03.3). O mesmo que **py'a**.

**pyhare** *n.* noite. *Pyhare xe agwata va'e, he'i jagwarete.* 'Eu sou o que anda à **noite**, disse a onça.' (C1-Inf.03.3). *Ha ótro opyta hagwã pyhare gwarã.* 'E outro para ficar para a **noite**.' (C2-Inf.08.1).

**pyhareve** *adv. temp.* de madrugada, cedo, bem no início da manhã. *Ko'ẽ ramo pyhareve ou-ta.* 'Eles virão amanhã **de madrugada**.' (C2-Inf.03.2).

**pyhy** *v.t.* (ai-, erei-, oi-, jai-, oroi-, pei-) pegar, segurar. *Nhande ru rajy oipyhy hyakwa.* 'As filhas de nosso pai **pegaram** o porongo.' (C1-Inf.03.1). *Monde orojapo oroipyhy hagwã tatu.* 'Fazemos o mundéu para **pegarmos** tatu.' (C2-Inf.02.3).

**py'ĩ** *adv. temp.* diariamente, todos os dias. *Oho meme-ma xiru ha-py gwu róy-py, [...] py'ĩ-ma.* 'Ela ia constantemente para o lugar de Xiru, a casa de seu pai, ia **todos os dias**.' (C1-Inf.06.1).

**pykasu** *n.* pombo. *Ombo'e gwa'yry oipyhy meme hagwã pykasu.* 'Ele ensinou seu filho pegar **pombos** sempre.' (C2-Inf.02.2).

**pykúi** *v.t.* (ai-, erei-, oi-, jai-, oroi-, pei-) mexer (alguma coisa). *Eipykúi porã ogy porã jave erenohẽ-ma.* '**Mexa** bem (o fubá), quando estiver pronto você tira.' (C2-Inf.06.1).

**pyno** *n.* urtiga, espinheiro. *Xe aha-ta pynondy-py, he'i.* 'Eu vou para o lugar

das **urtigas**.' (C1-Inf.06.1).

**-pyre** *part. nom.* o que, aquilo que. *Ko va'e nhemombe'upyre kaja'a nhepyryũ rehegwa.* 'Isto é **aquilo que** se conta sobre o início da sereia.' (C2-Inf.01.2).

**pyrũ** *v.t.* (a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-) pisar em, pisotear em (algo, alguém). *Apyryũ e'y hagwã nde-rehe.* 'Para que não pise em você' (C1-Inf.03.3). *Ke'y rusu opyryũ pyrũ yvy-rehe.* 'Irmão mais velho foi pisando na terra.' (C2-Inf.03.1).

**pyru'ã** *n.* cordão umbilical. *Nhamoĩ ipyru'ã osóy hagwã.* 'Separamos o **cordão umbilical** para secar.' (C1-Inf.04.2). O mesmo que **xu'ãi**.

**pyryry** *v.i.* (a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-) flutuar (no ar), pairar. *Xirino ogwahẽ ramo nde róga-py opyryry ramo nderejukái.* 'Você não deve matar o beija-flor quando chega e **flutua** em tua casa.' (C1-Inf.07.3).

**pyso** *v.t.* (ai-, erei-, oi-, jai-, oroi-, pei-) estender, esticar. *Oipyso jevy sei.* 'Ele **esticou** seis vezes.' (C2-Inf.03.1).

**pysyry** *v.i.* (xe, ne, i-, nhane, ore, pene) deslizar o pé, escorregar. *Eregwata mo'ã nde pysyry ere'a tuju-py* 'Você tenta andar e teu **pé escorrega**, você cai na lama.' (C2-Inf.01.5).

**pyta**<sup>1</sup> *v.i.* (a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-) ficar, permanecer (geralmente se refere a ficar em algum lugar). *Y are opyta oĩ-vy.* 'Muito tempo a água ficou ali.' (C1-Inf.01.1). *Peteĩ opyta áry hagwã.* 'Um ficou para o dia.' (C2-Inf.08.1).

**pyta**<sup>2</sup> *n.* calcanhar. *Ajohéi xe pyta hasy.* 'Eu lavo meu **calcanhar** dolorido.'

(C2-Inf.07.3).

**pytã** *adj.* cor vermelha, vermelho.

*Oipe'a heikwarypy pytãgwe.*

'Arrancaram as penas traseiras vermelhas.' (C1-Inf.05.2).

**Pytajovái** *n.* Calcanhares duplos:

criatura com dois calcanhares em cada pé. *Ha'e kwéry otopa Pytajovái.*

'Eles encontraram o **Calcanhares duplos.**'

(C2-Inf.08.1). // Nota: Ser mitológico

parecido com gente, habitante da mata,

que, ao invés de dedos nos pés, possui

outro calcanhar.

**pyte** *n.* o centro de um espaço, ou de um

tempo, parte central. *Y pyte-rehe*

*ogwahu karumbe.* 'No meio do rio a

tartaruga cantou.' (C1-Inf.05.6).

*Pyhare pyte-py enhe'ẽ.* 'Fale no meio da noite.' (C1-Inf.03.3). [Variante: **apyte, mbyte**].

**pytũ** *adj.* escuro. *Oripara voi Paulina*

*oiko-vy pytũ peve.* 'Paulina ficou

correndo até ficar **escuro.**' (C1-

Inf.08.7).

**pytũmby** *n.* escuridão. *Pytũmby emoĩ*

*ngatu.* 'Você coloca mesmo na

**escuridão.**' (C2-Inf.03.5).

**pytygwõ** *v.t.* (*ai-*, *erei-*, *oi-*, *jai-*, *oroi-*,

*pei-*) ajudar. *Nhandejáry tanhane*

*pytygwõ.* 'Que Deus nos **ajude.**' (C1-

Inf.08.7).

*Upéixa ore*

*oronhopytygwõmba.* 'Assim nós nos

**ajudamos.**' (C2-Inf.09.3).

# R r

**r-** *pref. relac.* indica possuidor nominal ou de 1a ou 2a pessoa. *Oja aipo xiru rokê-rehe.* 'Ele alcançou a porta do Chiru.' (C1-Inf.01.1). *Nde ryke'y ndoikói, he'i* 'Teu irmão não existia, ele disse.' (C2-Inf.06.2).

**-rã** *part. temp.* indica flexão de futuro. *Gwogarã ojapo pindo-gwi.* 'Das palmeiras fizeram suas **futuras** casas.' (C1-Inf.08.3).

**ra'anga** *n.* imitação, aquilo que não é de verdade. *Gwĩa oikwaa ra'anga anga rei.* 'Essas coisas que eles conhecem é apenas uma **imitação**.' (C1-Inf.08.4).

**ra'arõ** *v.t. (pronominal)* esperar, aguardar. *Ne ra'arõ okwa-vy upe-py.* 'Eles vão te **esperar** lá.' (C2-Inf.03.5). //Nota: forma pronominal do verbo **ha'arõ**.

**ra'e** *adv. duv.* talvez. indica dúvida em relação a um fato ou evento. *Oikove ra'e, he'i.* '**Talvez** ele sobreviva, ele disse.' (C1-Inf.01.1).

**ragwe** *n.* pelos, cabelos. *Inhakã ragwe ojahu pe koty-py* 'Seus cabelos ela lava naquele quarto.' (C2-Inf.07.1).

**raha** *v.t. (a-, ere-, ogwe-, ja-, orogwe-, pe-)* levar. *Orogweraha-ta xe ati'y-rehe.* 'Eu te **levarei** no meu ombro.' (C1-Inf.03.3). *Mba'éixa nhande jaraha-ta.* 'Como vamos **levá-la**.' (C2-Inf.04.1).

**rairõ** *v.t. (a-, ere-, o-, nha-, oro-, pe-)*

brigar, discutir. *Ake ramo ahexa kente onhorairõ va'e.* 'Quando eu dormia, eu tinha visões de pessoas **disutando**.' (C1-Inf.07.1). *Ndaikwaái xe onhorairõ para'e onhopixäi para'e.* 'Não sei se **brigaram**, se se beliscaram.' (C2-Inf.10.1).

**raixo** *n.* Sogra; mãe do marido ou da esposa. *Ha'u xe ave xe raixo ka'ay.* 'Eu bebo também mate com minha **sogra**.' (C1-Inf.08.7).

**raiy** *n. (t- /r- /gw- /h- )* filha (em relação ao pai). *He'i gwajýry-pe nhande ru.* 'Nosso pai disse a sua própria **filha**.' (C1-Inf.03.1).

**raiygwe** *n.* veia. *Nde raiygwe voi hasy, hasy ja iporã.* 'Tuas **veias** dóem mesmo, dóem e já ficam boas.' (C2-Inf.07.3).

**rakã** *n. (r- /gw- /h- )* galho (de planta, de árvore). *Ke'y ogwey yvyra rakã-gwi.* 'Irmão mais velho desceu do **galho** de árvore.' (C1-Inf.03.2).

**rami** *posp.* como, parecido com; indica comparação. *Kwimba'e-rami voi oiko.* 'Ela vivia **como** (se fosse) um homem.' (C1-Inf.07.1). *Kaiwa nhepyrũ ogwey araka'e ko yvy-rehe gwyra-rami.* 'Os primeiros kaiwá desceram no passado para esta terra **como** pássaros.' (C2-Inf.01.1).

**ramo**<sup>1</sup> *conj. subord. 1)* se; indica a condição para um evento. *Ndereipotái ramo xiripa, ame'ẽ-ta xe poxíto,* '**Se** você não quiser o cinto, eu te darei

meu poncho.' (C1-Inf.06.2). *Jy'y ojekwaa-ma ramo.* 'Se o arco-íris aparecer para você (você fica feliz).' (C2-Inf.05.2). **2)** quando; indica circunstância de tempo. *Ko'ẽ jevy ramo oho.* 'Quando amanheceu novamente, ele foi.' (C1-Inf.03.3). *Te'yi kwéry ojapo ramo gware kunumi pepy.* 'Quando nosso povo fazia o ritual do menino.' (C2-Inf.01.4).

**ramo**<sup>2</sup> *posp.* na qualidade de, como. *Pa'ikwara apykakwe jakare ramo omondo.* 'Paiquará transformou um velho banco em (na qualidade de) jacaré.' (C1-Inf.06.1).

**ranhe** *adv. temp.* antes de outro, primeiro. *Ne ranhe esapukái.* 'Grite você primeiro.' (C1-Inf.03.3).

**rapixa** *n.* (t- /r- /gw- /h- ) vizinho, companheiro. *Jajuka ramo nhande rapixa-pe nhande nhamano ave.* 'Se matarmos nossos **companheiros**, morreremos também.' (C1-Inf.03.3).

**rapy**<sup>1</sup> *adv. lug.* atrás de. *Ituja-ma oka rapykwe.* 'Tinha ficado velho atrás do quintal.' (C1-Inf.03.1).

**rapy**<sup>2</sup> *n.* (r- /gw- /h- ) pernas. *Ha'e nde rupyty [...] nombohasái ramo kwimba'e pe gwapy pa'ũ-rupi.* 'Ele te alcança, se ele não passar por baixo das **pernas** do homem.' (C2-Inf.10.2).

**ratĩ** *n.* espinho. *Eikyty nde resa joary ratĩ-rehe,* 'Corte teu olho com **espinhos** do espinheiro preto.' (C1-Inf.03.3).

**ra'y** *n.* (t- /r- /gw- /h- ) Filho (em relação ao pai). *Ndaha'úi xe ra'y.* 'Ele não é meu **filho**.' (C1-Inf.06.1).

**rayhu** *v.t. (pronominal)* amar. *Xe rayhu*

*ave.* 'Ela me **ama** também.' (C1-Inf.08.2). //Nota: forma pronominal do verbo **hayhu**.

**re** *posp.* **1)** em. *Onhe'ẽ ka'agwy-re.* 'Elas falam **na** mata.' (C1-Inf.03.1). **2)** a respeito de, sobre. *Hesarái itúvy he'i va'ekwe-re.* 'Elas esqueceram **sobre** o que seu pai lhes disse.' (C1-Inf.03.1). **3)** porque, por causa de. *Onhembyasy [...] ndohói hagwe-re yváy-py.* 'Elas ficaram tristes **porque** não foram ao céu.' (C1-Inf.03.1). *Kóa-re ava tapere oĩ.* '**Por causa disso** as casas dos índios estão abandonadas.' (C2-Inf.06.2). //Nota: Forma abreviada de **rehe**, por ser átono, liga-se com hífen à palavra anterior.

**-re** *part. temp.* **1)** indica algo passado, antigo. *Ogwejy peteĩ kokwere-py.* 'Desceu numa roça **antiga** (abandonada).' (C1-Inf.03.3). **2)** em termos de parentesco (filhos e netos), indica que estes estão vivos, enquanto os antecessores (pais ou avós) já são falecidos. *Upéa-gwi he'i arã [...] ta'yre:* 'Por isso os filhos dele (pai **falecido**), dirão.' (C1-Inf.08.4). *Kóa niko kunumi rexaha rajyre.* 'Essa é a filha do (**falecido**) pajé que fazia o ritual dos meninos.' (C2-Inf.03.4). //Nota: Geralmente se refere a algo que ainda existe, mas sem a função original.

**rehe** *posp.* em, sobre, indica um lugar não pontual. *Oja aipo xiru rokẽ-rehe oja.* 'Ele alcançou a porta do Xiru.' (C1-Inf.01.1). *Ha'e kwéry oho peteĩ ka'agwy-rehe.* 'Eles foram numa mata.' (C2-Inf.08.1). //Nota: por ser átono, liga-se com hífen à palavra anterior.

**reheve** *posp.* com. *Oho ohupi omynakũ*

- pira reheve.* 'Ele foi e levantou seu cesto **com** os peixes.' (C1-Inf.03.2). *Ho'u pira [...] pono pe hete ja oikokwaa-ma pe tembi'u reheve.* 'Ela come peixe para que o corpo não se acostume **com** aquela comida.' (C2-Inf.07.1).
- rei** *part. asp.* à toa, sem motivo. *Xe ko nase rasy reiry.* 'Eu não estou com uma doença comum (à toa).' (C1-Inf.08.7). *Ha'e ndikatúi opuka rei rei.* 'Ele não pode rir à toa.' (C2-Inf.07.2).
- reindy** *n.* (t- /r- /gw- /h- ) irmã (em relação a seu irmão). *Pa'i reindy Xiru rajy.* 'A irmã do pajé era filha de Xiru.' (C1-Inf.06.1).
- reko**<sup>1</sup> *v.t.* (a-, ere-, ogwe-, ja-, orogwe-, pe-) ter, possuir. *Heta so'o areko-ta akaru hagwã.* 'Terei muita carne para comer.' (C1-Inf.03.3). *Ha kurusu ave ogwereko.* 'Eles tinham cruzeiros também.' (C2-Inf.03.2).
- reko**<sup>2</sup> *n.* (t- /r- /gw- /h- ) 1) vida. *Mburuvixa reko katu ojerosy.* 'Ele canta a vida do chefe mesmo.' (C2-Inf.03.4). 2) comportamento, modo de vida, cultura. *Opáixa nhande nhande reko ramo he'i va'erã nhande-vy nhande sy.* 'São nossas mães que nos instruíam em todo comportamento.' (C1-Inf.09.1). *Upéa ava ete reko ava reko-re rembi'u voi* 'Esse é o modo de vida do índio verdadeiro, a comida da cultura do índio mesmo.' (C2-Inf.06.1).
- repara** *v.t.* (a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-) ver, reparar. *Aju meme-ta nde-rehe arepara-vy.* 'Virei sempre te ver.' (C1-Inf.08.7). *Arepara xe rapykwéri heta kente* 'Eu vi que havia muitas pessoas atrás de mim.' (C2-Inf.08.2). //Nota: Empréstimo do português: reparar.
- reraha** *v.t.* (pronominal) levar (alguém). *Ha'e ogwahẽ jave nhande rerahapa va'erã* 'Quando ele chegar, ele nos levará a todos.' (C1-Inf.04.1). //Nota: Ver também raha.
- resã** *v.est./adj.* (xe + r-, nde + r-, h-; nhande + r-, ore + r, pende + r-) ter saúde, estar saudável. *Ajerovia voi yma xe resã hagwe-rehe.* 'No passado, eu confiava que estava com saúde.' (C1-Inf.09.3).
- resarái** *v.t.* (xe + r-, nde + r-, h-; nhande + r-, ore + r, pende + r-) esquecer. *Upe-ma ramo xe resarái-ma ra'e.* 'Quando isso aconteceu, acho que já me esqueci.' (C1-Inf.08.6).
- resende** *v.t.* (a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-) salvar, proteger. *Heindyry mante oresende osy-pe.* 'Somente sua irmã pode salvar a sua mãe.' (C1-Inf.10.2). *Ojo'o ramo jepe ndikatúi ha'e onheresende.* 'Mesmo que ele cave, ele não consegue se salvar.' (C2-Inf.02.3).
- rexakwaa** *v.t.* (pronominal) mostrar favor, entender, compreender. *Nhandejáry nhande rexakwaa [...] jajejavy rire.* 'Nosso Deus nos mostra favor depois que cometemos erros.' (C1-Inf.04.1).
- re'ỹ** *part. asp.* não, sem; faz a negação do radical ao que se liga. *Oiko hagwã onhondive apyre'ỹ gwarã-rami voi.* 'Para viverem juntos sem fim (para sempre) mesmo.' (C2-Inf.02.4). //Nota: Ver também e'ỹ.
- ripara** *v.i.* (a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-) correr. *Oripara oje'ói.* 'Eles foram

**correndo.**' (C1-Inf.03.1). *Xe aripara aju-vy.* 'Eu vim **correndo.**' (C2-Inf.05.1).

**rIRE** conj. subord. temp. depois (de). *Peteĩ jasy rIRE ha'e kwéry ojapo kagwĩ.* 'Depois de um mês eles faziam a chicha.' (C2-Inf.01.4).

**rõ** conj. subord. quando, se. *Xe kyvy-re xe mandu'a rõ, xe ndavy'airy.* 'Quando eu lembro dos meus irmãos, eu não fico feliz.' (C1-Inf.08.2).  
//Nota: Forma abreviada de **ramo**.

**rogwe** n. folha. *Takwarusu rogwe eremoĩ arã ipyru'ã-my.* 'Você coloca **folhas** de bambu no cordão umbilical.' (C1-Inf.04.2).

**ro'o** n. carne. *Péixa ohesy-ta [...] vaka ro'o yrygwasu ro'o.* 'Assim quando ela assar, ela faz **carne** de vaca, **carne** de galinha (frango).' (C2-Inf.07.1).  
//Nota: Pode se referir à humana (músculo) ou animal.

**rova** v.t. (a-, ere-, ogwe-, ja-, orogwe-, pe-) mudar. *Ogwerova gwekoha.* 'Ele **mudou** sua maneira de viver.' (C1-Inf.04.1).

**ro'y<sup>1</sup>** n. inverno, ano. *Upéixa ohasa ave peteĩ ro'y.* 'Assim passou também um **ano.**' (C1-Inf.03.3).

**ro'y<sup>2</sup>** v.est./adj. (xe, nde, i-, nhande, ore, pende) (estar, ficar com) frio. *Upéi iro'y ramo kyha-py [...] ojara igwy-py tata.* 'Então quando **ficou frio** na rede, ele fez um fogo embaixo dela.' (C1-Inf.06.2).

**ro'ysã** adj. fresco, frio. *Ijuru amoro'ysã.* 'Vou tornar **fresca** (refrescar) a boca dele.' (C2-Inf.03.2).

**ru<sup>1</sup>** n. pai. *Yma jeko oiko araka'e nhande*

*ru.* 'No passado, dizem que no passado viveu nosso **pai.**' (C1-Inf.03.1).

**ru<sup>2</sup>** v.t. (a-, ere-, ogwe-, ja-, orogwe-, pe-) trazer. *So'o mixĩmi orogweru.* 'Trouwemos um pouquinho de carne.' (C1-Inf.05.2). *Tereho-ma ereru avati peky.* 'Vá **trazer** milho verde.' (C2-Inf.01.3).

**rugwái** n. rabo, cauda. *Ogweru arã pe memby e'ỹja pe karaja rugwái he'i va'e.* 'Eles traziam o remédio para não ter filho: **rabo-de-bugio**, é o que dizem.' (C2-Inf.10.2).

**rupa** n. (r- /gw- /h- ) **1)** cama, lugar de descanso. *Ore katerã ore apotaha rupa-gwi.* 'Nossas camas, **lugares de descanso** para nossas costas.' (C1-Inf.05.1). *Orogweraha ore rupa upe pyhare jevy.* 'Nós levamos nossas **camas** naquela noite de novo.' (C2-Inf.08.2). **2)** leito (de rio). *Ogwata gwata y rupagwe rupi.* 'Andaram e andaram pelo antigo **leito** do rio.' (C1-Inf.08.3). //Nota: Ver também **kate**.

**rupi** posp. sobre, por cima, através. *Tereho nde rape-rupi.* 'Vá **pelo** teu caminho.' (C1-Inf.03.3). *Ha'e kwéra oho pe ka'agwy-rupi.* 'Eles foram **através** da mata.' (C2-Inf.08.1).

**rupive** posp. com. *Aha-ta xe ave nde rupive.* 'Eu também vou **com** você.' (C1-Inf.08.7).

**rupyty** v.t. (pronominal) alcançar. *Upéixa ramo ha'e nde rupyty.* 'Assim ele te **alcança.**' (C2-Inf.10.2). //Nota: Ver: **hupyty**.

**-rusu 1)** adj. grande. *Ka'agwyrusu.* 'Mata **grande.**' (C2-Inf.06.2). O mesmo que-**ngusu**, **gwasu. 2)** mais

velho. *Pa'ikwara reindyrusu*. 'A irmã mais velha do sol.' (C1-Inf.06.1).

**ruvanga** *n.* padrasto. *Heko porã va'e xe-vy xe ruvanga*. 'Meu padrasto é bom para mim.' (C1-Inf.08.7).

**ru'y** *n.* (*t- /r- /gw- /h-*) flecha. *Ikwerái jagwarete ojeupi-vy karumbe ru'y-rehe*. 'A onça ficou cansada de subir atrás das flechas da tartaruga.' (C1-Inf.05.6).

**-ry** *part.* (não tem significado). *Jasy tyv'ry*. 'O irmão da lua.' (C1-Inf.06.3). //Nota: Aparece no final de algumas palavras, mas não tem significado. [Variante: **-iry**].

**ryepy** *adv. lug.* dentro, no interior. *Ojoso ojapo va'e pe koty ryepy-py* 'Ela soca o que faz dentro da casa.' (C2-Inf.07.1).

**ryke** *n.* (*t- /r- /gw-*) irmã (mais velha, em relação a outra irmã). *Oho xe ryke ha-py ave oiko jevy*. 'Ela foi morar onde também está minha irmã.' (C1-Inf.08.7).

**ryke'y** *n.* (*t- /r- /gw-*) irmão (mais velho

em relação a outro irmão). *Tereho xe ryke'y*. 'Vá, meu irmão mais velho.' (C1-Inf.03.3). *Nde ryke'y ndoikói, he'i* 'Teu irmão mais velho não tinha nascido, ele disse.' (C2-Inf.06.2). [Variante: **ke'y**].

**rykwe** *v.est./adj.* (*xe + r-, nde + r-, h-; nhande + r-, ore + r, pende + r-*) (estar, ficar) molhado, encharcado. *Opa-ta xe rykwe xe rykwepa*. 'Eu estaria todo molhado, estaria totalmente encharcado.' (C2-Inf.01.5).

**rykwere** *n.* suco. *Ha ere'uka [...] katu pe ka'aõre rykwere*. 'Você faz ele beber esse suco de santa maria.' (C2-Inf.11.1).

**ryryí** *v.i.* (*a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-*) tremer. *Opyta oryryí jagwarete-gwi*. 'Ficou tremendo (de medo) da onça.' (C1-Inf.03.3).

**ryvy** *n.* irmão (mais novo, em relação a outro irmão). *Ogwahẽ-ma nde ryvy re'õgwe*. 'O corpo de seu irmão chegou.' (C1-Inf.08.7). //Nota: Ver também **tyv'ry**.

## S s

**sapukái** v.i. (a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-) gritar. *Nde hatãve eresapukái.* 'Você **grita** mais alto.' (C1-Inf.03.3).

**sapy'a** adv. temp. de repente, rapidamente. *Sapy'a rei pende are ramo [...] tape marangatu ou.* '**De repente**, se vocês demorarem, enquanto estão na água, o caminho santo vem.' (C1-Inf.03.1). *Upéi he'i opoi-ma opoi sapy'a sapy'a mínte.* 'Então ele disse que o soltaram **de repente, rapidamente.**' (C2-Inf.08.2).

**sarambi** v.i. (a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-) espalhar. *Oheja ijyvy [...] ikatu omosarambi hagwã Nhandejáry nhe'ẽ.* 'Deixaram sua terra para poderem **espalhar** a palavra de Deus.' (C2-Inf.04.1).

**saruma'ẽ** n. gaturamo anão; passarinho amarelo de dorso preto-azulado. *Saruma'ẽ a-gwi ae papa ere nhe'ẽgwe reruha.* 'Você diz que daqui ele chamou o **gaturamo anão**, aquele que traz a alma.' (C2-Inf.03.5).

**-se** part. indica desejo, querer. *Ereka'ay'use tipo?* 'Você **quer** beber mate?' (C1-Inf.07.1). *Amombe'use kóa ko nhe'ẽ.* '**Quero** contar essa história.' (C2-Inf.02.3).

**sẽ** v.i. (a-, ere-, o-, nha-, oro-, pe-) sair. *Osẽ y-gwi.* 'Eles **sairam** da água' (C1-Inf.03.1). *Xe oky eterei jave ndikatúi asẽ xe róga-gwi.* 'Eu, quando chove demais, não consigo **sair** de minha casa.' (C2-Inf.01.5 18.1).

**sevo'i** n. verme. *Ha upéi erejokwa ha isevo'i opa ojuka-ne* 'E então você amarra e mata todos os **vermes** dele.' (C2-Inf.11.1).

**so'o** n. carne, músculo. *Xe nda'úi so'o.* 'Eu não como **carne.**' (C1-Inf.03.3). //Nota: Quando se refere a carne de alguém, de animal, diz-se **ro'o**.

**soro** v.i. (a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-) rasgar, rachar, quebrar. *Hakã osoro va'erã xe reheve.* 'O galho **quebrará** comigo.' (C1-Inf.03.3).

**sóy** v.i. (a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-) secar. *Nhamoĩ ipyru'ã osóy hagwã.* 'Colocamos o cordão umbilical para **secar.**' (C1-Inf.04.2).

**sukuri** n. sucuri, cobra. *Ogweru sukuri ójehe.* '(A garça) trouxe uma **sucuri** consigo.' (C1-Inf.08.3). [Variante: **kuri**<sup>2</sup>].

**su'u** v.t. (ai-, erei-, oi-, jai-, oroi-, pei-) morder. *Jety ereisu'u arã.* 'Você **morderá** a batata.' (C2-Inf.06.1).

**sy** n. mãe. *Xe sy ndive aju.* 'Eu vim com minha **mãe.**' (C1-Inf.08.7). *Kunha-pe ogweru isy voi.* 'A **mãe** dele traz (o rapaz) para a mulher.' (C2-Inf.02.4).

**sỹi** v.est./adj. (xe, ne, i-, nhane, ore, pene) (estar/ficar) liso, escorregadio. *Ha'e upéa nde ajuda ha'e isỹi hagwã.* 'E isso te ajuda para **ficar liso.**' (C2-Inf.10.2).

**syry** v.i. (a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-) deslizar, escorregar. *Eregwata mo'ã*

*nde pysyry ere'a tuju-py* 'Você tenta  
andar e teu pé **escorrega**, você cai na | lama.' (C2-Inf.01.5).

# T t

**t-<sup>1</sup>** pref. relac. **1)** indica a forma não relacional (não possuída) de certos nomes. *Orogwereko tembi'u jygwe ramo, orome'ẽ ojóupe.* 'Quando cozinhamos a comida disponível, damos uma à outra.' (C1-Inf.05.4). **2)** indica posse de 3ª pessoa não reflexiva (somente em palavras que se referem aos parentes). *Ipiru ramo tyv'ry jasy, ogwahẽ-ma íxupe tyke'yry.* 'Quando **seu** irmão mais novo, a lua, estava magro, **seu** irmão mais velho chegou.' (C1-Inf.06.2).

**t-<sup>2</sup>** *part.* indica desejo, sugestão, e não uma ordem direta. *Eheja toho Paulina ndive.* 'Deixe que ele vá com Paulina.' (C1-Inf.08.5). *Tohendu ko'ã túvy jerosy* 'Que ele escute agora o canto do pai.' (C2-Inf.03.4).

**ta** *part. temp.* indica intenção de uma ação ou previsão de um evento futuro. *Aha'ã-ta voi ivai va'e mborahéi.* 'Eu **tentarei** um canto mau.' (C1-Inf.08.7). *Amombe'u-ta peteĩ, peteĩ nhe'ẽ yma, yma ete gware rehegwa* '**Vou** contar uma história, sobre muito antigamente.' (C2-Inf.01.4). //Nota: Por ser átona, liga-se com hífen à palavra anterior.

**ta-** *part.* indica desejo, sugestão, e não uma ordem direta. *Nhandejáry tanhane pytygwõ.* '**Que** Deus nos **ajude.**' (C1-Inf.08.7).

**tagwato** *n.* gavião. *Ha gwyra pepotĩ ogweru ave tagwato.* 'E a garça branca

trouxe também o **gavião.**' (C1-Inf.08.3).

**tahýi** *n.* formiga. *Oheka tahýi [...] takuru ho'u hagwã.* 'Procurou **formigas** e cupins para comer.' (C1-Inf.03.3).

**taita** *n.* pai. *Nde taita voi ko kunumi rehexaha.* 'Teu **pai** era um pajé que fazia o ritual dos meninos.' (C2-Inf.03.6).

**taja** *v.t.* (*a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-*) conversar. *Nhamói Xikito ra'e ohexa gwyke'yry ndive ha otaja araka'e.* 'Vovô Chiquito viu seus irmãos e **conversou** com eles.' (C2-Inf.11.2). O mesmo que **nhomongeta.**

**tajasu** *n.* porco do mato, queixada. *Tajasu ka'ẽ ave nome'ëi, he'i.* 'Não me deram **porco do mato** assado, ele disse.' (C1-Inf.06.2). O mesmo que **tanhykã.**

**tajy, tajýry** *n.* filha (em relação a seu pai). *Nhande ru ogwereko mokõi tajýry kunhataĩ ojeroky va'e.* 'Nosso pai tinha duas **filhas** moças que dançavam.' (C1-Inf.03.1).

**taku** *adj.* quente. *Osẽ jevy y taku-gwi.* 'Eles saíram de novo da água **quente.**' (C1-Inf.06.3).

**takuru** *n.* cupim. *Ombyai oiko-vy takuru ho'u hagwã.* 'Estava estragando (o cupinzeiro) para comer os **cupins.**' (C1-Inf.03.3). O mesmo que **kup'i.**

**takwára** *n.* bambu. *Ogweraha hikwái*

*itakwára ombopu hagwã.* 'Eles levaram seus **bambus** para tocar.' (C2-Inf.08.2). [Variante: **takwáry**].

**takware'ê** *n.* cana de açúcar. *Amoĩ arã takware'ê kwarapepẽ andai hi'upy.* 'Vou colocar (plantar) **cana de açúcar**, moranga e abobrinha, essa comida.' (C2-Inf.03.6).

**takwáry** *n.* bambu. *Nde erehapy-ma takwáry.* 'Você já queimou o **bambu**.' (C2-Inf.10.3). [Variante: **takwára**].

**tamói** *n.* (t- /r- /gw- /h- ) avô, pai do pai ou pai da mãe. *Nda'ei voi xe pene ramói-pe.* 'Não vou falar para o **avô** de vocês.' (C1-Inf.08.3).

**tanambi** *n.* borboleta. *Ko'ẽ ramo aha-ta Tanambi-py.* 'É amanhã que vou para a vila da **Borboleta** (Panambi).' (C1-Inf.05.3).

**tanhykã** *n.* porco do mato, queixada. *Aikwaa mamopa oĩ heta tanhykã.* 'Eu sei onde tem bastante **porcos do mato**.' (C1-Inf.03.3). *Tajasu tanhykã niko tajasu* '(Come também) porco do mato, **queixada**' (C2-Inf.06.1). O mesmo que **tajasu**.

**tanambu** *n.* cinzas, brasa resultante do fogo. *Ojapo gweindyryrã tanimbugwi.* 'Ele fez sua irmã das **cinzas** finas.' (C1-Inf.06.2).

**tape** *n.* (t- /r- /gw- /h- ) caminho, rua, estrada. *Oho jevy tape-rupi ogwata.* 'Ele foi novamente andando pelo **caminho**.' (C1-Inf.03.3).

**tape joaju** *n.* (t- /r- /gw- /h- ) encruzilhada. *Pe tape joaju upe-py oha'arõ, oha'arõ joa.* 'Nessa **encruzilhada**, ali esperaram.' (C2-Inf.03.2). O mesmo que **tape ypykõi**.

**tape ku'a** *n.* (t- /r- /gw- /h- ) meio (metade) do caminho. *Akyhyje atopa ramo tape ku'a-rupi ama* 'Eu tive medo de encontrar a chuva no **meio do caminho**.' (C2-Inf.01.5).

**tapere** *n.* casa velha, abandonada. *Ndavy'áiry voi aiko ramo taperekwe-py.* 'Eu era muito infeliz na minha **casa velha**.' (C1-Inf.08.7).

**tape ypykõi** *n.* (t- /r- /gw- /h- ) encruzilhada. *Irundy yvyraija oha'arõ upe tape ypykõi-my.* 'Quatro ajudantes dos deuses esperaram naquela **encruzilhada**.' (C2-Inf.03.2). O mesmo que **tape joaju**.

**tata** *n.* fogo. *Tata ári ha'e onhembo'y oĩ-vy.* 'Ela fica de pé em cima do **fogo**.' (C1-Inf.07.1). *Upe erejaho'i ha eremoĩ arã tata-py.* 'Essa (pamonha) você cobre e coloca no **fogo**.' (C2-Inf.06.1).

**tataendy** *n.* vela. *Pytũ-rupi oromboaty ixupe tataendy va'ekwe.* 'No escuro juntamos algumas **velas** para ele.' (C1-Inf.08.6).

**tata pyahýi** *n.* lenha acesa. *Jagwarete katu oriparapa [...] tata pyahyigwegwi.* 'A onça pintada correu da **lenha** anteriormente **acesa**.' (C1-Inf.08.4). O mesmo que **tata'y**.

**tata'y** *n.* lenha acesa. *Oĩ vyteri tata tata'y-rehe.* 'Ainda tinha fogo na **lenha acesa**.' (C1-Inf.03.3). O mesmo que **tata pyahýi**.

**tatu** *n.* tatu. *Ipohýi xe rekove, he'i tatu monde gwy-py oime jave.* 'Minha vida é difícil, diz o **tatu** quando está debaixo do mundéu.' (C2-Inf.02.3).

**ta'y, ta'yry** *n.* (t- /r- /gw-) filho (em relação ao pai). *Upe jave gwĩ ta'yry,*

*ta'y kwéry*, [...] *oriparapa*. 'Enquanto isso, os **filhos** corriam dele.' (C1-Inf.09.3). *Ymagware ombo'e pe ta'yry-pe*. 'Os antigos ensinavam os **filhos**.' (C2-Inf.02.2).

**ta'ytetu** *n.* cateto, caititu; espécie de porco do mato pequeno. *Nome'ëi, he'i, xumbi ka'ë ave ta'ytetu ka'ë ave he'i*. 'Não me deram veado assado, nem **cateto** assado, ele disse.' (C1-Inf.06.2).

**tee** *adj.* verdadeiro, de verdade. *Upéa avati morotĩ myamyrĩ tee rekoha tee*. 'Aquele milho branco é dos antepassados **verdadeiros**, a cultura **verdadeira**.' (C2-Inf.06.1).

**teĩ** *part. asp.* em vão. Indica que o resultado da ação será frustrado. *Ani katu ereha'ã teĩ gwĩ va'e*. 'Nunca tente fazer essas coisas **em vão**.' (C1-Inf.08.7).

**teko** *n.* (t- /r- /gw- /h- ) **1)** ser vivo. *Nhande teko rei*. 'Nós somos **seres vivos** comuns.' (C1-Inf.07.3). **2)** vida. *Ndaha'éiry tekojáry mba'e*. 'Isso não é a coisa do dono da **vida** (deus)'. (C2-Inf.03.1). **3)** comportamento, modo de vida. *A-rami ae teko porã, ja'e nhane memby kwéry-pe*. 'Deste jeito é o bom **comportamento**, dizemos aos nossos filhos.' (C1-Inf.09.1).

**tekoha** *n.* (t- /r- /gw- /h- ) **1)** modo de vida, cultura (indígena). *Upéa avati morotĩ myamyrĩ tee rekoha tee*. 'Aquele milho branco era dos antepassados verdadeiros, era a **cultura** verdadeira.' (C2-Inf.06.1). *Gwĩa ko ndaha'éiry tekoha*. 'Essas coisas não são do nosso **modo de vida** (nossa **cultura**)'. (C1-Inf.09.1). **2)** caráter, comportamento. *Nde rekoha*

*porã va'e*. 'Você tem um bom **caráter**.' (C1-Inf.08.5).

**tekojáry** *n.* deus, dono da vida. *Ko va'e ndaha'éiry tekojáry mba'e*. 'Essas (árvores) não são coisas do **dono da vida** (deus)'. (C2-Inf.03.1). //Nota: Na mitologia indígena, qualquer ser vivente possui seu próprio **teko járy**.

**tekotevẽ** *v.t.* (não flexiona) ser necessário, precisar (de algo ou de alguém). *Tekotevẽ jahasa y-rupi*. 'É **necessário** que passemos pela água.' (C1-Inf.03.3). //Nota: Ver **ikotevẽ** (forma flexionada do verbo).

**tekwaty** *n.* (t- /r- /gw- /h- ) lugar (onde vivem ou ficam pessoas). *Upéa xe areko ave kunhagwe rekwaty-rupi*. 'Esse (objeto) eu também tenho, no **lugar** onde vivem as mulheres.' (C2-Inf.03.3).

**te'õgwe** *n.* (t- /r- /gw- /h- ) cadáver, corpo de pessoa morta. *Ogwahẽ-ma nde ryvy re'õgwe*. 'Chegou o **corpo** de teu irmão.' (C1-Inf.08.7).

**tembe** *n.* (t- /r- /gw- /h- ) **1)** beira (do rio). *Upéi ohopa [...] y rembe-py*. 'Então todos foram para a **beira** do rio.' (C1-Inf.06.3). **2)** lábio; parte. *Hembekwa va'e onhemonhe'ẽ [...] kwimba'e-pe*. 'Aquele que possui o **lábio** furado, para aconselhar o homem.' (C2-Inf.02.4 22.1).

**tembeta** *n.* (t- /r- /gw- /h- ) botoque; pauzinho no lábio. *He'i anháy: ndaipotái ne rembeta*. 'Disse o diabo: não quero seu **botoque**.' (C1-Inf.06.2).

**tembi-** *pref. pron.* nominalizador de objeto direto: *Orogwereko tembi'u jygwe ramo, orome'ẽ ojóupe*. 'Quando

- temos a comida (**o que se come**) disponível, damos uma à outra.' (C1-Inf.05.4). *Nhamba'apo pohýi ave [...] opa mba'e tembiapo-py.* 'Trabalhamos pesado também em todo tipo de trabalho (**aquilo que se faz**).' (C2-Inf.01.3). [Variante: **temi-**].
- tembiapo** *n.* (t- /r- /gw- /h- ) trabalho, obra, aquilo que alguém faz. *Ojapo te'yí rembiapokwe voi.* 'Eles fizeram a antiga obra dos índios.' (C2-Inf.06.2).
- tembigwái** *n.* (t- /r- /gw- /h- ) empregado, pessoa a serviço de alguém. *Ha'e Nhandejáry rembigwái.* 'São servos de Deus.' (C1-Inf.07.3).
- tembireko** *n.* (t- /r- /gw- /h- ) esposa. *He'i joty ore-vy ore memby rembireko kwéry.* 'As esposas de nossos filhos continuam falando para nós.' (C1-Inf.05.4). *Ha hembireko katu he'i íxupe.* 'Mas sua esposa lhe respondeu.' (C2-Inf.01.3).
- tembi'u** *n.* (t- /r- /gw- /h- ) comida, aquilo que se come. *Orogwereko tembi'u jygwe ramo, orome'ẽ ojóupe.* 'Quando temos a comida disponível, damos uma à outra.' (C1-Inf.05.4). *Tembi'u pyhareve ka'arukwe.* 'A comida da manhã cedo e do fim da tarde.' (C2-Inf.07.1).
- temiarirõ** *n.* (t- /r- /gw- /h- ) neto, neta. *Hemiarirõ kwéry ijurugwy-py oiko arã.* 'Seus netos viverão sobre a autoridade dele.' (C1-Inf.02.2).
- temitỹ** *n.* (t- /r- /gw- /h- ) plantação; coisas plantadas. *Heta hemitỹgwe oĩ.* 'Há muita plantação ali.' (C1-Inf.08.6). *Ndaha'ei temitỹ anho.* 'Não é só a plantação.' (C2-Inf.01.3).
- tenonde** *adv. lug.* na frente de, diante de. *Nhane renonde joty-ma oho nhamói.* 'O vovô foi na nossa frente.' (C1-Inf.08.7). *Nhamói Xikito tenonde ha'e oĩ.* 'Ele estava diante do vovô Chiquito.' (C2-Inf.06.2).
- tesa** *n.* (t- /r- /gw- /h- ) olho. *Nde resa'i.* 'Teus olhos são pequenos.' (C1-Inf.03.3).
- te'yí** *n.* (t- /r- /gw- /h- ) parente, indígena de mesma etnia. *He'i xe re'yí kwéry nde-rehe: ha'e karia'y porã.* 'Meus parentes dizem de você: ele é um jovem bom.' (C1-Inf.03.2).
- tĩ<sup>1</sup>** *adj.* branco. *Gwyrá pepotĩ.* 'Pássaro de asa branca.' (C1-Inf.01.1).
- tĩ<sup>2</sup>** *n.* nariz. *Ha'e omoĩ mandyju itĩ-my pono ohetũ.* 'Ela coloca algodão no nariz (da moça) para que não cheire nada.' (C2-Inf.07.1).
- tĩ<sup>3</sup>** *v.i.* (a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-) envergonhar-se, sentir vergonha. *Xe atĩ.* 'Eu tenho vergonha.' (C2-Inf.10.1).
- tipo** *part. interr.* indica pergunta. *He'i íxupe imembýry: [...] ereka'ay'use tipo?* 'Seus filhos dizem para ela: você quer beber mate?' (C1-Inf.07.1). *Ko va pegwa tipo oĩ?* 'Para que isso existe?' (C2-Inf.03.1).
- tira** *v.t.* (a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-) puxar. *Paulina-pe ogwero'a-ma voi ramo, xe atira hapykwe-koty.* 'Quando o cavalo derrubou mesmo a Paulina, eu puxei atrás dele.' (C1-Inf.08.1).
- topa** *v.t.* (a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-) encontrar (algo, alguém). *Amo tape-py atopa hese.* 'Lá longe no caminho eu o encontrei.' (C1-Inf.03.3).
- tũ** *n.* bicho de pé; inseto da família das

- pulgas. *Oheja ramo omotũ*. 'Quando o deixou, fez ele ficar com **bicho de pé**.' (C1-Inf.06.3). O mesmo que **kaxai**.
- tuja** *v.est./adj.* (*xe, nde, i-, nhande, ore, pendé*) (ser/estar, ficar) velho, usado para coisas velhas, e para homens idosos. *Ituja-ma óga*. 'A casa ficou **velha**' (C1-Inf.03.1). *Ha ou peteĩ ituja va'e*. 'Então vem um que é **velho**.' (C2-Inf.02.4). O contrário de **pyahu**.
- tuju** *n.* barro, lama. *Ere'a tuju-py*. 'Você cai na **lama**.' (C2-Inf.01.5).
- tukã** *n.* tucano. *Ojapo gwyrarã, [...] parakaurã, tukãrã*. 'Ele fez pássaros, papagaios e **tucanos**.' (C1-Inf.06.3).
- tukukaru** *n.* gafanhoto. *Ohenói-ta tukukaru omongaru hagwã hemitỹ-rehe*. 'Ia chamar **gafanhotos** para fazê-los comer das plantações deles.' (C1-Inf.02.1).
- tupã** *n.* deus(es), espírito(s). *Heta te'yi ka'u ha-py tupã kwéry ave ou*. 'Muitos kaiwá estavam no lugar da bebida e os **espíritos** também vieram.' (C1-Inf.06.1). *Ojohexa va'e tupã ohexa tupã va'e*. 'Os **deuses** se viam uns aos outros, viam os **deuses**.' (C2-Inf.03.1).
- tuvixa** *adj.* grande. *Xe resa tuvixa*. 'Meus olhos são **grandes**.' (C1-Inf.03.3). *Ha ko ka'agwy tuvixa*. 'E esta mata é **grande**.' (C2-Inf.08.1).
- túvy** *n.* pai (dele, dela). *Upéi túvy oho ave gwóy-py*. 'Então seu **pai** também foi para sua casa.' (C1-Inf.06.1). *Upe rire katu kwimba'e-pe ou oipe'a túvy*. 'Depois disso vem seu **pai** para tirar o homem.' (C2-Inf.02.4).
- ty** *n.* plantação (de qualquer espécie vegetal). *Aheka aipovyvy avatitygwe rupi*. 'Eu procurei por eles apalpando por entre a antiga **plantação** de milho.' (C1-Inf.05.2). *Orohasapa peteĩ avatity-rupi*. 'E passamos por uma **plantação** de milho.' (C2-Inf.08.2).
- tye** *n.* (*t- /r- /gw- /h-*) barriga. *Upéa tye rasy pohã*. 'Aquele é remédio para dor de **barriga**.' (C2-Inf.11.1).
- tykwa** *v.t.* (*ai-, erei-, oi-, jai-, oroi-, pei-*) ferver, cozinhar. *Upéa ereitykwa arã voi*. 'Aquilo (a folha) você o **cozinhará** mesmo.' (C2-Inf.10.2).
- tymba** *n.* (*t- /r- /gw- /h-*) animal. *Tymba ojuka xe vovo*. 'Meu avô matava **animais**.' (C2-Inf.08.2).
- tyre'ỹ** *n.* órfão; pessoa que perdeu um dos pais, ou ambos, na infância. *Kaiwa ete niko he'i tyre'ỹ jari*. 'O Kaiwá verdadeiro diz que essa é a vovó do órfão.' (C2-Inf.11.1).
- tyre'ỹ jari** *n.* cangorosa (espécie de planta). *Ha mitã-pe ramo ereme'ẽ jari [...] he'i tyre'ỹ jari*. 'E quando você dá para as crianças a vovó chama essa planta de **cangorosa**.' (C2-Inf.11.1). //Nota: Literalmente significa vovó do órfão.
- tyvýry** *n.* (*t- /r- /gw-*) irmão (mais novo em relação a outro irmão). *Pa'i nhande rugwasu ra'y jasy tyvýry*. 'Sol é o filho do nosso grande pai e Lua é seu **irmão** (mais novo)'. (C1-Inf.06.3).

# U u

**'u** v.t. (*ha-*, *ere-*, *ho-*, *ja-*, *oro-*, *pe-*) **1**) comer (algo). *Ajuka-ta kagware ha'u hagwã*. 'Vou matar o tamanduá para **comê-lo**.' (C1-Inf.03.3). *Xe hu'i ha'u-ta*. 'Vou **comer** minha farinha.' (C2-Inf.16.1). **2**) beber, tomar (algo). *Ere'use tipo ka'ay?* 'Você quer **beber** mate?' (C1-Inf.07.1).

**ugwĩ** pron. dem. esses, essas. *Ugwĩ mokõi nhande ru rajy oipyhy hyakwa y ryru*. 'Essas duas filhas de nosso pai pegaram o porongo para colocar água.' (C1-Inf.03.1). *Ugwĩ pakova [...]* *eremoĩ arã upéixa ko ója-py*. 'Essas bananas coloca assim na panela.' (C2-Inf.06.1).

**uka** part. depois do verbo faz com que o sujeito não seja aquele que faz a ação, mas faz ou manda outro fazer (causativo). *Ogweru ohexa uka yvagwasu*. 'Ele trouxe e mostrou-lhes (**fez** eles verem) a fruta grande.' (C1-Inf.06.3). *Pejapo uka, he'i upe-py ou-vy*. 'Mandem eles fazerem, disse àqueles que vinham ali.' (C2-Inf.03.2).

**uke'i** n. cunhada; esposa do irmão, ou irmã do marido. *Upe-ma ramo ou ave xe uke'i*. 'Foi nesse momento que veio também minha **cunhada**.' (C1-Inf.07.2). *Ha pe xe uke'i ko ha'e iporã*. 'É aquela minha **cunhada**, ela é boazinha.' (C2-Inf.10.1).

**upe** pron. dem. aquele. *Upe kwimba'e karia'y nde pota va'e*. 'É **aquele** homem jovem que quer você.' (C1-

Inf.08.5). *Upéi ikyvýry kwéry oho ojuka upe mborevi-pe*. 'Depois, os irmãos dela foram e mataram **aquela** anta.' (C2-Inf.01.2).

**-upe** posp. a, para. *Ajuka-ta jagwarete-pe, he'i ojéupe*. 'Matarei a onça, disse **para** si mesmo.' (C1-Inf.03.3). *Japorahéi íxupe hekorã kwéry*. 'Nós cantamos **para** eles como devem viver.' (C2-Inf.03.4).

**upéa** pron. dem. isso, aquilo. *Ndasháyiry erejapo upéa*. 'Não é difícil fazer **isso**.' (C1-Inf.03.3). *Ereporahéi ramo upéa mante ere'u va'erã*. 'Quando canta, você come só **aquilo**.' (C2-Inf.06.1).

**upéi** adv. temp. então; depois. *Upéi pa'ikwara oho gwyvýry ha-py*. '**Depois** Paiquarã foi ao lugar de seu irmão mais novo.' (C1-Inf.06.2). *Upéi peteĩ jasy rire ha'e kwéry ojapo kagwĩ*. '**Então**, depois de um mês eless faziam a chicha.' (C2-Inf.01.4).

**upéixa** adv. modo assim, deste modo. *Ajapo upéixa ahexa porã hagwã*. 'Eu faço **assim** para enxergar bem.' (C1-Inf.03.3). *Upéixa va'ekwe ymagware ojapo hagwã kunumi pepy*. '**Assim** faziam no passado o ritual do menino.' (C2-Inf.01.4).

**upe-py** adv. lug. ali, naquele lugar. *Upe rire katu upe-py oha'arõ oĩ-vy gwóga-py*. 'Depois disso, ele ficou esperando **ali** na casa dele.' (C1-Inf.01.1).

# V v

**va'e** *pron. rel. que. Nhande ru ogwerekó mokôï tajýry kunhataĩ ojeroky va'e.*

'Nosso pai tinha duas filhas moças **que** dançavam.' (C1-Inf.03.1). *Kyha ijapopyre avave ndoiporúi va'e.* 'A rede **que** ninguém tinha usado.' (C2-Inf.02.4).

**va'ekwe** *part. temp. no passado; marcador de tempo passado. Mokôï mitã oiko va'ekwe.* 'Duas crianças nasceram (**no passado**).' (C1-Inf.06.3).

**va'erã** *part. temp. futuro. Heta vyteri ko oĩ, yvypóry oiporu va'erã.* 'Ainda existem muitos habitantes da terra que a utilizarão (**no futuro**).' (C1-Inf.08.7). *Kwimba'e mante upe-py kwéry oho va'erã upe kagwĩ ha-py* 'Somente os homens **irão** lá naquele lugar da chicha.' (C2-Inf.01.4).

**vai** *adj. mau, ruim, feio. Jagwarete ko ipy'a vai, he'i.* 'A onça tem coração **ruim**, disse.' (C1-Inf.03.3). O contrário de **porã**.

**varapype** *adv. lug. no meio (de). Oho nhanduva varapype.* 'Ele foi **no meio** do tapete de penas' (C1-Inf.06.1).

**vare'a** *v.est./adj. (xe, nde, i-, nhande, ore, pende) ter fome, estar faminto. Ivare'a.* 'Ele **está faminto**.' (C1-Inf.03.3). O mesmo que **aypa**.

**-ve** *part. intens. mais. Ho'ytave.* 'Ele nadou **mais**.' (C1-Inf.03.2).

**veve** *v.i. (a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-) voar. Oveve ynambu oho-vy ka'agwy*

*ári.* 'O nambu **voou** por cima do mato.' (C1-Inf.03.3).

**vevúi** *adj. leve. Nde nde vevúi.* 'Você é **leve**.' (C1-Inf.03.3).

**voi** *adv. ênf. mesmo. Oja voi araka'e áry-rehe.* 'No passado ela alcançou **mesmo** o céu.' (C1-Inf.01.1). *Omoĩma ave yvy, ko nhande yvyrã voi.* 'Fez também a terra, a que seria **mesmo** a nossa terra.' (C2-Inf.03.1).

**vy<sup>1</sup>** *posp. para; depois de pronome pessoal atribui a este o complemento do verbo. Ijapu ra'e xe-vy.* 'Acho que ela mentiu **para** mim.' (C1-Inf.03.3). *Yma akwe omombe'u akwe xe-vy.* 'No passado ele contou **para** mim.' (C2-Inf.08.1). //Nota: Por ser átona, liga-se com hífen à palavra anterior.

**vy<sup>2</sup>** *posp. depois do verbo, indica ação ou evento contínuo, juntamente com outro verbo indica ação ou evento simultâneo, ou maneira. Ojeroky oje'ói-vy.* 'Eles foram dançando (enquanto iam, dançavam).' (C1-Inf.03.1). *Upe-py ogwapy oĩ-vy.* 'Ali ela ficou sentada.' (C2-Inf.01.2). //Nota: Por ser átona, liga-se com hífen à palavra anterior.

**vy<sup>3</sup>** *v.i. (a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-) levantar (-se), subir. Oroju ramo ovy.* 'Quando viemos, ele se **levantou**.' (C1-Inf.08.6). *Ovy jevy-ma erejerovia-ma hese.* 'Ele se **levantou** e você já acreditou nele.' (C2-Inf.03.5).

**vy'a<sup>1</sup>** *v.i. (a-, ere-, o-, ja-, oro-, pe-)*

estar alegre, feliz. *Avy'a eterei xe ryke ogwahẽ jevy ramo.* 'Alegrei-me muito quando minha irmã chegou de novo.' (C1-Inf.08.7).

**vy'a<sup>2</sup>** *n.* alegria. *Oporahéi vy'a reheve.* 'Elas cantam com **alegria.**' (C2-Inf.04.1).

**vy'agwasu** *n.* festa. *Ha omenda jave [...] ha'e kwéry ojapo pe vy'agwasu.* 'E enquanto casam, eles fazem uma

**festa.**' (C2-Inf.02.4).

**vy'are'ỹ** *n.* tristeza. *Ugwĩ nhe'ẽ [...] omosarambi nhande apyte-rupi vy'are'ỹ reheve.* 'Eles espalharam essas palavras no nosso meio, com **tristeza.**' (C2-Inf.04.1).

**vyteri** *adv. temp.* ainda, até aquele momento. *Tanimbu oĩ vyteri.* '**Ainda** havia cinzas.' (C1-Inf.03.3).

# X x

**xa'ĩ** *n.* feijão de corda. *Ha ogweru araka'e xa'ĩ [...] ha manduvi.* 'E ele trouxe no passado **feijão de corda** e amendoim.' (C2-Inf.11.2).

**xe**<sup>1</sup> *pron. pess.* **1)** eu: sujeito de 1 pessoa do singular. *Xe y'uhéi, he'i nhande ru.* 'Eu estou com sede, disse nosso pai.' (C1-Inf.03.1). **2)** me: objeto de 1 pessoa do singular. *Xe juka-ta, he'i.* '(Ele) **me** matará, ele disse.'

**xe**<sup>2</sup> *pron. poss.* meu(s), minha(s); possuidor de 1a pessoa do singular. *Xe sy ndiveaju.* 'Eu vim com **minha** mãe.' (C1-Inf.08.7).

**xipa** *n.* chipa, pamonha; comida indígena tradicional. *Ajapo-ta nhandevy xipa.* 'Eu vou fazer **chipa** para nós.' (C2-Inf.05.2).

**xiri** *n.* diarreia. *Upéa tye rasy pohã xiri pohã ko péa.* 'Aquele é remédio para dor de barriga, remédio para **diarréia**.' (C2-Inf.11.1).

**xirino** *n.* beija-flor. *Gwyrá porã voi xirino.* 'É um pássaro bonito o **beija-flor**.' (C1-Inf.07.3).

**xiripa** *n.* cinto festivo. *Ame'ẽ-ta xiripa.* 'Eu te darei um **cinto festivo**.' (C1-Inf.06.2).

**xiru** *n.* cruz: a cruz que representa o deus Xiru. *Xiru kwéry meme oĩ upe-py* 'As **cruzes** estão sempre ali.' (C2-Inf.06.2).

**Xiru** *n.* Chiru ou Xiru, deus da mitologia kaiwá. *Ogwahu ramo pa'i, Xiru ovy'a.* 'Quando os pajés cantam, **Xiru** se alegra.' (C1-Inf.06.1). *Onhomongeta Xiru Yryvera.* 'Conversavam, o **Chiru**, e o Yryverá.' (C2-Inf.03.1). //Nota: Na mitologia, Xiru é pai dos irmãos Pa'ikwara (sol) e Jasy (lua).

**xoperi** *n.* feijão fava rajado. *Ha ogweru araka'e xa'ĩ xoperi [...] ha manduvi.* 'E ele trouxe no passado feijão de corda, **feijão fava** e amendoim.' (C2-Inf.11.2).

**xu'ãi** *n.* cordão umbilical. *Aikyĩ voi xe ixu'ãi tesóra-py.* 'Cortei mesmo o **cordão umbilical** com a tesoura.' (C2-Inf.10.3). O mesmo que **pyru'ã**.

**xúku** *v.est./adj.* (*xe, nde, i-, nhande, ore, pende*) (ser) metido, convencido. *Ixúku paha he'i nde-rehe péixa nderekovéi-ma mitã* 'E os **convencidos** dizem de você assim você não terá mais criança.' (C2-Inf.10.2).

**xumbi** *n.* veado (pequeno). *Xumbi ka'ẽ nome'ẽi ixupe.* '**Veado** assado não deram a ele.' (C1-Inf.06.3).

**xyryry** *adj.* frito(a). *Ha'e kwéra ho'u hagwã pe mitã kunha omboxyryry-ta ramo so'o.* 'A menina fará carne **frita** (fritará a carne) para eles comerem.' (C2-Inf.07.1).

# Y y

**y** *n.* água. *Yma jeko araka'e ovu y.* 'Dizem que, muito tempo atrás, a **água** subiu. ' (C1-Inf.01.1). *Upe ramo ndoikói araka'e y.* 'Naquele tempo, antigamente, não tinha **água.**' (C2-Inf.11.2).

**ygwasu** *n.* água grande, rio, mar. *Amo ete ygwasu-py voi.* 'Lá muito longe é **mar** mesmo.' (C2-Inf.06.2).

**ygwautyru** *n.* cinto corporal. *Ame'ẽ-ta nde-vy xe ygwautyru.* 'Então eu lhe darei meu **cinto corporal.**' (C1-Inf.06.2).

**ygwéi** *v.est./adj.* ter sede. *Ijygwéi-ma ramo Paulina, hay'u-ta y.* 'Quando Paulina sentiu **sede**, disse: Eu vou beber sua água.' (C1-Inf.08.7). [Variante: **y'uhéi**].

**yke** *adv. lug.* (ao) lado (de). *Kunha-pe ogweru isy voi omonheno hagwã pe imenarã yke-rehe.* 'A mãe dela traz a mulher para deitar **ao lado** do futuro marido.' (C2-Inf.02.4).

**ykwa** *n.* buraco da água, poço. *Oipyhy hyakwa y ryru oje'ói ykwa-py.* 'Elas pegaram o porongo para colocar água e foram ao **poço.**' (C1-Inf.03.1).

**yma** *adv. temp.* no passado remoto, antigamente. *Yma jeko araka'e ovu y.* 'Dizem que **muito tempo atrás** no passado a água subiu. ' (C1-Inf.01.1). *Xe amombe'u-ta a-py oiko va'ekwe yma araka'e.* 'Vou te contar como viviam no passado, **antigamente.**'

(C2-Inf.02.4).

**ymagware** *n.* **1)** as coisas antigas; aquilo que aconteceu muito tempo atrás, num passado distante não presenciado. *Ãy amombe'u-ta ymagware rehegwa nhe'ẽ.* 'Agora vou contar uma história sobre **o que aconteceu muito tempo atrás.**' (C1-Inf.01.1). **2)** os antigos; pessoas que viviam muito tempo atrás. *Upéa-gwi voi ymagware ndojukáiry.* 'Por isso **os antigos** não os matavam.' (C1-Inf.07.3). *Upéixa ha'e kwéry okaru hagwã araka'e oiko ymagware.* 'Assim é que **os antigos** viviam para comer no passado.' (C2-Inf.02.2).

**ynambu** *n.* nambu, ave da família das codornas. *Áry mbyte-py jave kwarahy ou ynambu.* 'Enquanto estava no meio do dia o sol, o **nambu** veio (voando).' (C1-Inf.03.3).

**ypy**<sup>1</sup> *adj.* primeiro. *Emombo, yrutáu ypy he'i pa'i-pe.* 'Jogue (isso) fora, disse o **primeiro** urutáu ao sacerdote.' (C1-Inf.06.2).

**ypy**<sup>2</sup> *adv. lug.* perto. *Peteĩ ijypy-py oĩ vy hapixa.* 'Um vizinho estava **perto** dele.' (C1-Inf.08.7). *Eremoĩ nde ypy-py tesóra.* 'Você coloca uma tesoura **perto** de você.' (C2-Inf.10.3).

**yrõ** *n.* raiva, ira. *Ogwerova gwóy ipoxy-gwi, onhemoyrõ-gwi.* 'Ele mudou sua casa para outro lugar, porque ele estava com **raiva.**' (C1-Inf.06.1). *Upéa onhemoyrõ-gwi ha'e oiko oho kaja'a*

- ramo*. 'Por isso porque ficou com raiva, ela se tornou uma sereia.' (C2-Inf.01.2). //Nota: Ocorre geralmente em forma de verbo: **nhemoyrõ**.
- yrugwasu** *n.* galinha. *Aipyhy hymba yrugwasu*. 'Peguei as **galinhas** dele.' (C1-Inf.08.7). [Variante: **yrygwasu**].
- yrypẽ** *n.* peneira. *Oho ogweraha [...]* *yrypẽ hyrurã mo'ã*. 'Paí carregava uma **peneira** fingindo carregar a fruta.' (C1-Inf.06.3).
- yrutáu** *n.* urutau, ave de hábitos noturnos. *Jasy oheja tyke'yry pa'i, oheja yrutáu ypy-pe*. 'Pa'i, o irmão mais velho da lua, o deixou com o primeiro **urutau**.' (C1-Inf.06.3).
- yrygwasu** *n.* galinha. *Oho ave yrygwasu ro'o [rerahaha]*. 'Também vão aqueles que levam a carne de **galinha**.' (C2-Inf.03.6). [Variante: **yrugwasu**].
- yryvera** *n.* deus (mitologia indígena). *Onhomongeta xiru yryvera*. 'Chiru e o **yryverá** conversavam.' (C2-Inf.03.1).
- ysóy** *n.* larva, coró. *Upéi oipeju pa'i gwyvry remi'urã, ohopa ysóy*. 'Então, Paí soprou a comida de seu irmão e todas as **larvas** saíram.' (C1-Inf.06.2). *Oĩ va'e oiko ysóy-gwi*. 'Tem aqueles que vieram a existir a partir das **larvas**.' (C2-Inf.01.1).
- ysyry** *n.* rio, água corrente. *Ke'y oho ojopói pira ysyry-py*. 'Irmão mais velho foi pescar peixe no **rio**.' (C1-Inf.03.2).
- 'yta** *v.i.* (*ha-*, *ere-*, *ho-*, *ja-*, *oro-*, *pe-*) nadar. *Ho'ytave*. 'Ele nadou mais.' (C1-Inf.03.2).
- y'u** *v.t.* (*ha-*, *ere-*, *ho-*, *ja-*, *oro-*, *pe-*) beber, tomar água e outros líquidos. *Tapeho peru nhande-vy y jay'u hagnã*. 'Vão e trazem para nós água para **bebermos**.' (C1-Inf.03.1). *Upe-gwipa karai kwéry hoy'u araka'e*. 'De lá (da mina), os brancos **bebiam** água.' (C2-Inf.11.2).
- y'uhéi** *v.est./adj.* (ter) sede, (ficar ou estar) sedento. *Xe y'uhéi, he'i nhande ru*. 'Eu tenho **sede**, disse nosso pai.' (C1-Inf.03.1). [Variante: **ygwéi**]. **yva**<sup>1</sup> *n.* fruta, parte da planta. *Peteĩ jasy rire opoi yva aky*. 'Depois de um mês ele jogou uma **fruta** verde.' (C1-Inf.01.1).
- yva**<sup>2</sup> *v.t.* (*ai-*, *erei-*, *oi-*, *jai-*, *oro-*, *pei-*) derrubar. *Hi'agwĩ-ma jave ogwahẽ ramo oiyva-ma*. 'Quando chegaram perto, eles já **derrubaram** (as árvores)'. (C2-Inf.03.1).
- yvate** *adv. lug.* (no) alto, (em) local elevado. *Nde ereiko yvate-py*. 'Você vive no **alto**.' (C1-Inf.03.3).
- yváy** *n.* céu (no sentido espiritual). *Peteĩ jasy ojeroky hikwái [...]* *oho hagnã yváy-py*. 'Um mês dançaram juntos para ir ao **céu**.' (C1-Inf.03.1). *Ha'e kwéry mante ou araka'e yváy-gwi*. 'Somente eles vieram no passado do **céu**.' (C2-Inf.01.1).
- yvoty** *n.* flor. *Ojuka uka osy onhemoyrõ-gwi yvoty-rehe*. 'Eles mandaram matar sua mãe porque estavam aborrecidos por causa das **flores**.' (C1-Inf.06.3).
- yvu** *n.* fonte, nascente de água. *Oho onhemoĩ yvu rembe'y*. 'Ela foi e se colocou na beira da **fonte**.' (C2-Inf.01.2).
- yvy** *n.* terra, chão. *Ha'a-ma yvy-py xe*

*mondýi-gwi.* 'Eu caí no **chão** porque me assustei.' (C1-Inf.03.3). *Ou araka'e yváy-gwi ogwejy hikwái ko yvy-rehe.* 'Eles vieram do céu, e desceram para esta **terra**.' (C2-Inf.01.1).

**yvyã** *n.* barranco, ribanceira. *Peteĩ opyta yvyã-rehe ojepoko.* 'Uma delas ficou pendurada na **ribanceira**.' (C1-Inf.06.3).

**yvyku'i** *n.* pó, poeira, areia. *Heta yvypóry [...] oĩ va'e oiko yvyku'i-gwi.* 'Muitas pessoas ... há aquelas que vieram do **pó da terra**.' (C2-Inf.01.1).

**yvypóry** *n.* moradores da terra, seres humanos, pessoas. *Heta yvypóry oĩ, heta hemiarirõ kwéry oĩ.* 'Ainda há muitos **moradores da terra**, muitos netos deles ainda há.' (C1-Inf.02.2). *Heta yvypóry voi he'i hikwái oĩ va'e ete oiko víxu-gwi.* 'Ha muitos **pessoas** mesmo, dizem eles, que vieram a existir de animais.' (C2-Inf.01.1).

**yvyra** *n.* 1) árvore. *Oĩ peteĩ yvyra rakã ojero'a va'e y ári.* 'Havia um galho de **árvore** caído na água.' (C1-Inf.03.2). 2) madeira, (pedaço de) pau. *Yvyra gwive ohekýi omemby kwéry-upe.* 'Ela arranca **madeira** (da casa) para ameaçar seus filhos.' (C1-Inf.07.1). *Tekotevẽ omoĩ pe monde gwy rupigwa yvyra.* 'Tem que colocar uma **pedaço de pau** por baixo do mundéu.' (C2-Inf.02.3).

**yvyra aro** *n.* peroba (espécie de árvore). *Opu'ã yvyra aro ha kunhagwe'y.* 'Ele levantou a **peroba**.' (C2-Inf.03.1).

**yvyraiija** *n.* ajudante dos deuses. *Irundy yvyraiija oha'arõ upe ypykõi-my.* 'Quatro **ajudantes dos deuses**

esperavam naquela encruzilhada.' (C2-Inf.03.2).

**yvyra ju'i** *n.* camisa fina (espécie de árvore). *Opu'ã yvyra ju'i.* 'Eles levantaram a (árvore de) **camisa fina**.' (C2-Inf.03.1).

**yvyra piriri** *n.* cerejeira (espécie de árvore). *Tata yvyra piriri-py xe ambopo'y xe memby kunha.* 'Eu fiz o colar para minha filha no fogo da **cerejeira**.' (C2-Inf.11.1).

**yvyra pytã** *n.* cana-fístula; espécie de árvore de flores amarelas. *He'i ave upe-py yvyra pytã iporã ha nde ahy'o-py.* 'Ali também diz que a **cana-fístula** é boa, e é para tua garganta.' (C2-Inf.07.3).

**yvytĩ** *n.* neblina. *Yvytĩngusu-rami rei íxupe.* 'A **neblina** forte fazia com que nada aparecesse.' (C1-Inf.01.1).

**yvytu** *n.* vento. *Jajuka ramo xirino ou yvytugwasu oity nhande róga.* 'Se matarmos a borboleta vem um **vento** forte derrubar nossa casa.' (C1-Inf.07.3).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho lexicográfico é uma tarefa extensa e exaustiva, de grande proporção, que se apresenta quase sempre inacabada e inacabável. Portanto, uma proposta de descrição do léxico de uma língua indígena requer do lexicógrafo um amplo conhecimento teórico, além de uma imersão profunda na língua e na cultura do seu povo e, mesmo assim, saberá que seu trabalho, ainda que de qualidade significativa, nunca será considerado completo.

O intuito inicial de elaborar um pequeno dicionário bilíngue, que fosse um pouco mais do que uma simples lista de vocábulos, tornou-se numa extensa pesquisa teórica e prática na área da Lexicografia que, com muito esforço e suor, nos permitiu acesso a reflexões variadas sobre essa ciência atualmente tão desenvolvida. Obras de lexicólogos e lexicógrafos como Haensch (1982), Werner (1982) Biderman (1978; 1998; 1999), Medina Guerra (2003), Porto Dapena (2002), Seco (2003) forneceram um base sólida para tais reflexões e suas práticas decorrentes.

De posse do embasamento teórico deu-se início a uma nova etapa de aprendizado, na obtenção do *corpus* da pesquisa. As entrevistas com as pessoas da etnia Kaiwá trouxeram consigo histórias riquíssimas, engraçadas, tristes, mágicas, partes da cultura e do saber indígenas. Cada frase transcrita tinha também seu próprio desafio interpretativo, mostrando novos semas e ocultando outros de modo que apenas um falante nativo pudesse realmente entender o real significado do dizer na sua língua.

O Dicionário Bilíngue Kaiwá – Português conta, então, com uma relação não exaustiva de assuntos, mas apresenta um vislumbre geral do léxico utilizado pelos seus falantes, atuais, e também uma amostra desse léxico produzido por uma geração passada, recolhido de histórias contadas cinquenta anos atrás.

A macroestrutura do dicionário apresenta um total de 1.034 verbetes, distribuídas em termos de classes de palavras como mostra o quadro a seguir:

**QUADRO 26 – Distribuição dos verbetes no dicionário de acordo com a classe de palavras da entrada**

<b>Classes de Palavras</b>	<b>Quantidade de verbetes</b>
Nomes	403
Verbos	338
Adjetivos <sup>111</sup>	52
Numerais	4
Pronomes	49
Advérbios	81
Posposições	25
Conjunções	12
Interjeições	2
Partículas	43
Prefixos relacionais	7
Prefixos pronominais	17

Fonte: Elaborado pela autora.

Percebemos, por meio do manuseio dos *corpora*, aspectos do movimento da língua. Algumas palavras caíram em desuso e foram substituídas por outras; identificaram-se, ainda, adaptações fonológicas (inclusive abreviações ou formas mais reduzidas) e conceituais, os chamados neologismos. Nestes, incluem-se os empréstimos, palavras das línguas portuguesa e espanhola incorporadas na língua nativa com grau variado de adaptação. Percebemos também, nos dados mais recentes, que tanto pessoas jovens como idosas inserem palavras emprestadas no meio de suas frases, quando ocorrem lapsos de esquecimento de palavras na língua indígena; certamente, numa frequência mais elevada entre os mais jovens, cujo contato com a língua dominante é bem maior, devido ao maior nível de escolarização.

Não foi propósito da pesquisa o estudo do fenômeno dos empréstimos e estrangeirismos na língua Kaiwá. Estes foram estudados em outros trabalhos, como o de

<sup>111</sup> Houve uma grande dificuldade em estabelecer a classe dos adjetivos, por causa de sua dupla função, atributiva e predicativa. Por isso, as palavras lematizadas como verbos estativos foram sinalizadas com sua dupla função: verbo estativo/adjetivo.

Silva (2011). As palavras emprestadas utilizadas geralmente se referem a elementos estranhos à cultura indígena, como *metro*, *engenheiro*, *demarcação*. Outras vezes foram utilizadas traduções, como *rezador*, quando o entrevistado quis deixar claro a sua função, explicada anteriormente com palavras da língua materna. Alguns conectivos foram frequentemente emprestados, dentre os quais *entonce(s)* ‘então’, e superam qualquer ocorrência estrangeira nos textos, apesar de existirem na língua Kaiwá palavras com o mesmo significado.

A quantidade de empréstimos e estrangeirismos no *Corpus* II foi maior do que no *Corpus* I, isto se deve ao maior nível de contato dos falantes com as línguas portuguesa e espanhola e ao acesso a tecnologias da cultura envolvente.

Tivemos muita cautela ao lematizar os empréstimos, para não incorporar no dicionário palavras que não fossem assimiladas pela língua. A seguir apresentamos no Quadro 20 as palavras lematizadas, motivadas pela sua frequência de uso nos *corpora*.

**QUADRO 27 – Empréstimos lematizados no dicionário Kaiwá-Português**

<b>Entrada</b>	<b>Classe gramatical</b>	<b>Equivalente(s)</b>
entéro	pronome	‘todo, todos’
etería	advérbio	‘hoje’
gana	verbo	‘ganhar’
japura	verbo	‘preocupar-se’
kente	verbo	‘gente, pessoa’
maxuca	verbo	‘machucar’
nhatende	verbo	‘cuidar, atender’
repara	verbo	‘reparar, perceber’

Fonte: Elaborado pela autora.

Muitas outras palavras emprestadas e estrangeirismos ocorreram nos *corpora*, com frequência baixa; a maioria era não somente palavras emprestadas, mas também conceitos emprestados, como: preso, professor(a), vila.

Quanto à variação histórica, tanto no *Corpus I*, quanto no *Corpus II*, pudemos perceber que ainda há um universo a ser explorado, considerando que os falantes de ambos os *corpora*, possuem idades diferentes e refletem não somente a fala por eles elaborada, mas também aquela produzida por seus pais. Um estudo sob esse viés, pautado em princípios da Linguística Histórica, seria, em si, um tema muito amplo e, portanto, a ser realizado a partir de outro projeto de pesquisa.

Outra dificuldade encontrada diz respeito à identificação de referentes ligados a espécies vegetais e suas respectivas designações. Os indígenas possuem um vasto conhecimento de plantas e de animais, que fazem parte de sua cultura, mas, frequentemente, desconhecem seus nomes em português. Seria necessário a coleta desses materiais para investigação juntamente com o auxílio de um biólogo, para que as espécies fossem corretamente catalogadas. A seguir, alistamos alguns nomes de plantas e seu respectivo significado que se incluem entre os nomes pouco conhecidos e/ou ‘desconhecidos’, citados nas histórias gravadas com os indígenas:

- *joary*: espinheiro preto
- *nharakatingy*: árvore não identificada
- *para para 'y*: planta não identificada
- *pygwaho*: árvore não identificada
- *xoperi*: feijão fava rajado
- *karaja rugwái*: rabo-de-bugio (árvore)
- *yvyra ryakwã*: árvore de cheiro, perfumada, não identificada
- *kunhagwe 'y*: árvore não identificada
- *taku 'i*: árvore usada para fazer o *kurusu* ‘cruz’, não identificada
- *ysy*: árvore não identificada

Encontramos ainda outros ‘tesouros escondidos’, em nossos *corpora*, um vasto léxico relacionado aos rituais religiosos e divindades indígenas. Procuramos incluir os termos que puderam ser definidos no dicionário, a partir das explicações dos

informantes. Entretanto, muitos outros não eram passíveis de definição, por fazerem parte da ‘linguagem sagrada’, dominada apenas por aqueles que as falavam, não puderam fazer parte da nomenclatura do dicionário.

Este trabalho, que por ora se encerra como Dissertação acadêmica, não é considerado em si concluído. Embora tenhamos conseguido um expressivo número de verbetes para o Dicionário Bilíngue Kaiwá-Português, temos consciência de que, para a expansão do dicionário em termos de número de entradas, seria necessária a ampliação do *corpus* com gravação de novas entrevistas, direcionadas também a outros assuntos não abordados até o momento. Temos a expectativa de continuar a pesquisa e lançar-nos ao desafio de desenvolver e/ou colaborar com outras produções lexicográficas, em especial, as voltadas para línguas indígenas brasileiras.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Ieda. Maria. *Neologismo: criação lexical*. São Paulo: Ática, 1990.
- ASSIS, Cecy Fernandes. *Ñe'ẽ ryru: Avañe'ẽ-Portuge, Portuge-Avañe'ẽ*. Dicionário: Guarani-Português, Português- Guarani. 2.ed. São Paulo: Cecy Fernandes de Assis, 2008.
- ATKINS, Beryl. T. Sue; RUNDELL, Michael. *The Oxford guide to practical lexicography*. Oxford: Oxford University Press, 2008.
- AZEVEDO, Marta Maria. Jejuka: Suicídio entre os Kaiowá. *Educação e Filosofia*. Uberlândia, MG: Universidade Federal de Uberlândia, v.3, n.5/6, 1989. p 115-124. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/1919/1601>>. Acesso em: 19 mar. 2013.
- AZORÍN FERNÁNDEZ, Dolores. La lexicografía como disciplina lingüística. In: MEDINA GUERRA, Antonia María. (Coord.). *Lexicografía española*. Barcelona: Ariel, 2003. p. 33-52.
- BAGNO, Marcos. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- \_\_\_\_\_; GAGNÉ, Gilles, STUBBS, Michael. *Língua materna: letramento, variação e ensino*. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.
- BAREIRO SAGUIER, Ruben. La numeracion en Guarani. *Ameríndia*. n.11, p. 143-152. 1986. Disponível em: <[http://celia.cnrs.fr/FichExt/Am/A\\_11\\_07.pdf](http://celia.cnrs.fr/FichExt/Am/A_11_07.pdf)>. Acesso em: 10 mar. 2014.
- BARBOSA, Maria Aparecida. Da neologia à neologia na literatura. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de (Org.); ISQUERDO, Aparecida Negri. *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Vol. 1. 2ª ed. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2001, p. 33-51.
- BARNSTONE, W. *The poetics of translation: history, theory, practice*. New Haven: Yale University Press, 1993 apud SCHMITZ, John Robert. A problemática dos dicionários bilíngues. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires (Org.); ISQUERDO, Aparecida Negri (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Vol. 1. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 1998, p. 159-168.
- BASÍLIO, Margarida. Dissecando a palavra; Classes de palavras e categorias lexicais. In: BASÍLIO, Margarida. *Formação e classes de palavras no português do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004, p. 13-25.

BIDERMAN, Maria Teresa Camargo. Fundamentos da Lexicologia. In: BIDERMAN, Maria Teresa Camargo. *Teoria linguística: teoria lexical e linguística computacional*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978, p. 71-166.

\_\_\_\_\_. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de (Org.); ISQUERDO, Aparecida Negri. (Org.) *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 1998, p. 11-21.

\_\_\_\_\_. Dimensões da palavra. *Filologia e Linguística Portuguesa*. n.2, 1998, p. 81-118.

\_\_\_\_\_. A face quantitativa da linguagem: um dicionário de frequências do português. *ALFA*. São Paulo, 42 (n.esp.): 161-181: 1998.

\_\_\_\_\_. Conceito lingüístico de palavra. In: BASÍLIO, Margarida Maria de Paula (Org.). *Palavra*. Rio de Janeiro: PUC, 1999. p. 81-97

BORBA, Francisco da Silva (Org). *Dicionário de usos do português brasileiro*. São Paulo: Ática, 2002.

\_\_\_\_\_. *Dicionário UNESP do português contemporâneo*. São Paulo: UNESP, 2004.

BRAND, Antonio Jacó. *O impacto da perda da terra sobre a tradição Kaiowá/Guarani: os difíceis caminhos da palavra*. 1997. 390 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós Graduação *Strictu Sensu* em História, Pontifícia Universidade Católica, Porto Alegre, 1997.

\_\_\_\_\_. “O bom mesmo é ficar sem capitão”: o problema da “administração” das reservas indígenas Kaiowá/Guarani, MS. *Tellus*. Campo Grande, 2001. Vol. 1, n. 1, p. 67-88.

BRASIL. Ministério da Cultura. Guarani será língua oficial do Mercosul como espanhol e português. Notícias em destaque. 21/11/2006. Disponível em: <<http://www2.cultura.gov.br/site/2006/11/22/guarani-sera-lingua-oficial-do-mercosul-como-espanhol-e-portugues/>>. Acesso em: 17 mai. 2013.

BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo 2010: população indígena é de 896,9 mil, tem 305 etnias e fala 274 idiomas. Comunicação Social: 10 ago. 2012. Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia\\_visualiza.php?id\\_noticia=2194&id\\_pagina=1](http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=2194&id_pagina=1)>. Acesso em: 20 mar. 2013.

BRASIL. Ministério da Justiça. Fundação Nacional do Índio. *Situação fundiária indígena: setembro de 2013*. Base cartográfica: Malha municipal digital do Brasil, IBGE, 2001. Disponível em: <<http://mapas.funai.gov.br/>>. Acesso em: 3 set. 2013.

BRIDGEMAN, Loraine Irene. Kaiwa (Guarani) phonology. *International Journal of American Linguistics*, v. 27, n. 4, p. 329-334, 1961.

\_\_\_\_\_. *Dicas para quem quer escrever em kaiwá*. Dourados, MS: Missão Evangélica Caiuá, 2002.

\_\_\_\_\_. *Pronomes na língua kaiwá*. Dourados, MS: (Arquivo pessoal, não publicado), 19--. (19 pp.)

BUGUEÑO MIRANDA, Félix Valentin. O que é macroestrutura no dicionário de língua? In: ISQUERDO, Aparecida Negri (Org.); ALVES, Ieda Maria (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Vol. III. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2007, p. 261-272.

CADOGAN, León. Aporte a la etnografía de los Guaraní del Amambái, Alto Ypané. *Revista de Antropología*. Vol. 10, n.2. São Paulo, 1962, p.43-91.

CÂMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. O vocábulo em português. In: CÂMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. (1969). *Problemas de linguística descritiva*. 10 ed. Petrópolis: Vozes, 1981.

\_\_\_\_\_. *Princípios de linguística geral: como introdução aos estudos superiores da língua portuguesa*. 4ª ed. São Paulo: Acadêmica, 1973.

\_\_\_\_\_. *Dicionário de Linguística e Gramática*. 7 ed. Petrópolis: Vozes, 1977.

CAMPOS SOUTO, Mar; PÉREZ PASCUAL, José Ignacio. El diccionario y otros productos lexicográficos. In: MEDINA GUERRA, Ana Maria (Coord.). *Lexicografía española*. Barcelona: Ariel, 2003, p.53-78.

CANESE, Natalia Krivoshein de; ALCARAZ, Feliciano Acosta. *Gramática Guaraní*. Assunción: Servilibro, 2001.

CARDOSO, Valéria Faria. Sistematização da Fonologia Kaiowá: nasalização e/ou oralização. *Sínteses* (UNICAMP. Online), vol.14, p. 31-72, 2009. Disponível em: <<http://www.iel.unicamp.br/revista/index.php/sinteses/article/view/1218>>. Acesso em: 12 set. 2011.

\_\_\_\_\_. Aspectos morfossintáticos da língua Kaiowá (Guaraní). 2008. 279 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Linguística, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

CASSIRER, Ernst. A palavra mágica. In: CASSIRER, E. *Linguagem e mito*. São Paulo: Perspectiva, 1992, p. 63-79.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

CASTILLO CARBALLO, Maria Auxiliadora. La macroestructura del diccionario. In: MEDINA GUERRA, Antonia María (Coord.). *Lexicografía española*. Barcelona: Ariel, 2003, p. 80-101.

CAVALCANTE, Tiago Leandro Vieira. *Tomé: O apóstolo da América*. Índios e Jesuítas em uma história de apropriações e ressignificações. Dourados: Universidade Federal da Grande Dourados, 2009.

CESAR, Elben Magalhães Lenz. O mineiro com cara de matuto na Missão Evangélica Caiuá. *Ultimato*. Nov-Dez, 1999, n. 261. Disponível em:

<<http://www.ultimato.com.br/revista/artigos/261/o-mineiro-com-cara-de-matuto-na-missao-evangelica-caiua>>. Acesso em: 20 set. 2013.

CITELLI, Beatriz; BONATELLI, Ivanhoé Robson Marques. A escrita na sala de aula: vivências e possibilidades. In: GERALDI, João Wanderley; CITELLI, Beatriz Helena Marão. *Aprender e ensinar com textos de alunos*. 2. ed. Vol. 1. São Paulo: Cortez, 1998, p. 119-173.

CORREIA, Margarita. *Neologia em português*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

CRYSTAL, David. Temas fundamentais da linguística. In: CRYSTAL, David. *A linguística*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1973.

CUNHA, Adan Phelipe. Contrastando Sapir (d)e Whorf na ‘Hipótese Sapir-Whorf’. *Anais do Seta*. V.5, Unicamp, 2011. p. 1-15. Disponível em: <http://www.iel.unicamp.br/revista/index.php/seta/article/view/1279>. Acesso em: 02 nov. 2013.

D’ANGELIS, Wilmar da Rocha. Unificação x diversificação ortográfica: um dilema indígena ou de linguistas? In: RODRIGUES, A. D. I.; CABRAL, A. S. A. C. C. *Novos estudos sobre línguas indígenas*. Brasília: Universidade de Brasília, 2005, p. 23-33.

DIETRICH, Wolf. O tronco tupi e suas famílias de línguas. In: NOLL, Volker; DIETRICH, Wolf. *O português e o tupi no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2010, p. 9-25.

DIXON, Robert M. W. Adjective classes in typological perspective. In: DIXON, Robert. M. W.; AIKHENVALD, Alexandra. Y. *Adjective classes: a cross-linguistic typology*. Oxford: Oxford University Press, 2004, p. 1-49.

DOOLEY, Robert. A. *Léxico Guarani, dialeto Mbyá com informações úteis para o ensino médio, a aprendizagem e a pesquisa lingüística*. Cuiabá, MT: Sociedade Internacional de Lingüística, 2006. Disponível em: <<http://www.sil.org/americas/brasil/SILbpub.html>>. Acesso em: 10 dez. 2012.

DOURADOSNEWS. *Criação de Faculdade aprofunda compromisso da UFGD com indígenas*. Dourados, 30/05/2012. Disponível em: <<http://www.douradosnews.com.br/dourados/criacao-de-faculdade-aprofunda-compromiss-o-da-ufgd-com-indigenas>>. Acesso em: 19 set. 2013.

DRECHSEL, Emanuel J. Wilhelm von Humboldt and Edward Sapir: analogies and homologies in their linguistic thoughts. In: SHIPLEY, W. (Ed.) *In Honor of Mary Haas: from the Haas Festival Conference on Native American Linguistics*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1988, p. 225-264.

DUBOIS, Jean. et al. (1973) *Dicionário de linguística*. São Paulo: Cultrix, 2006.

FACHIN, Patrícia. O idioma guarani e suas variações. *IHU online*. Revista do Instituto Humanitas Unisinos. n. 331. São Leopoldo, 2010. Disponível em: <[http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=3247&secao=331](http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3247&secao=331)>. Acesso em: 2 ago. 2012.

- FARIAS, Virgínia Sita. Considerações preliminares sobre o pós-comentário na microestrutura de dicionários semasiológicos. In: *ReVEL*, vol. 9, n. 17, 2011. Disponível em: <[http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel\\_17\\_consideracoes\\_preliminares.pdf](http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_17_consideracoes_preliminares.pdf)>. Acesso em: 27 ago. 2013.
- GALISSON, Robert.; COSTE, Daniel (ed.). *Dictionnaire de didactique des langues*. Paris: Hachette. 1976 apud WELKER, Herbert Andreas. Léxico, palavra, polissemia, sinonímia e outros termos. In: WELKER, Herbert Andreas. *Dicionários: uma pequena introdução à lexicografia*. 2ª ed. Brasília: Thesaurus, 2004, p. 15-33.
- GARCIA, Wilson Galhego. *Nhande rembypy: nossas origens*. Araraquara: UNESP-Faculdade de Ciências e Letras. Centro de Estudos Indígenas “Miguel A. Menéndez”, 2001.
- GARRIGA ESCRIBANO, Cecilio. La microestructura del diccionario: las informaciones lexicográficas. In: MEDINA GUERRA, Antonia Maria (Coord.). *Lexicografía española*. Barcelona: Ariel, 2003, p. 103-126.
- GRÜNBERG, Georg; MELIÁ, Bartolomeu. *Guarani Retã 2008: Povos Guarani na fronteira Argentina, Brasil e Paraguai*. Disponível em: <[http://pib.socioambiental.org/files/file/PIB\\_institucional/caderno\\_guarani\\_%20portugues.pdf](http://pib.socioambiental.org/files/file/PIB_institucional/caderno_guarani_%20portugues.pdf)>. Acesso em: 19 mar. 2013.
- GUASH, Antonio. *El idioma Guaraní: gramática, vocabulario, lecturas*. Assunción: Imprensa Nacional, 1944.
- GUILBERT, L. *La créativité lexicale*. Paris, Larousse, 1975 apud BARBOSA, Maria Aparecida. Da neologia à neologia na literatura. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de (Org.); ISQUERDO, Aparecida Negri. *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Vol. 1. 2ª ed. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2001. p.33-51.
- HAENSCH, Günther. Aspectos practicos de la elaboración de diccionarios. In: HAENSCH, Günther et al. *La lexicografía: de la lingüística teórica a la lexicografía práctica*. Madrid: Editorial Gredos, 1982, p. 395-536.
- HAENSCH, Günther. Tipología de las obras lexicográficas. In: HAENSCH, Günther et al. *La lexicografía: de la lingüística teórica a la lexicografía práctica*. Madrid: Editorial Gredos, 1982. p. 95-187.
- HAENSCH, Günther; WOLF, Lothar. Introducción. In: HAENSCH, Günther et al. *La lexicografía: de la lingüística teórica a la lexicografía práctica*. Madrid: Editorial Gredos, 1982, p. 11-20.
- HAENSCH, Günther; OMENACA, Carlos. *Los diccionarios del español en el siglo XXI: problemas actuales de la lexicografía; los distintos tipos de diccionarios, una guía para el usuario; bibliografía de publicaciones sobre lexicografía*. 2ª ed. corr. y ampl. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2004, p. 19-50.

HARRISON, Carl H.; TAYLOR, John Michael. Nasalização em Kaiwá. BENDOR, S. *Tupi Studies*. Norman: Summer Institute of Linguistics, Vol. I, 1971, p. 15-20.

HARTMANN, Reinhard Rudolf Karl; JAMES, Gregory. *Dictionary of lexicography*. London: Routledge, 1998.

HAUGEN, Einar. Dialeto, língua, nação. In: BAGNO, Marcos (Org.). *Norma linguística*. São Paulo: Edições Loyola, 2001, p. 97-111.

HAUSMANN, Franz J. ; WIEGAND, Herbert E. 1989. Component Parts and Structures of General Monolingual Dictionaries: a Survey. In: HAUSMANN, F. J. et al. (ed.). *Wörterbücher/ Dictionnaires/ Dictionnaires. Ein Internationales Handbuch zur Lexikographie/ An International Encyclopedia of Lexicography/ Encyclopédie Internationale de Lexicographie*, vol.1. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 1989 , p. 328-360, apud WELKER, Herbert Andreas. *Dicionários: uma pequena introdução à lexicografia*. 2ª ed. Brasília: Thesaurus, 2004.

HECK, Egon Dionísio. *Becas e cocares, teko arandu*. Brasil: Adital, 24/10/11. Disponível em: <[http://www.adital.com.br/site/noticia\\_imp.asp?lang=PT&img=S&cod=61655](http://www.adital.com.br/site/noticia_imp.asp?lang=PT&img=S&cod=61655)>. Acesso em: 19 set. 2013.

HENRIQUES, Claudio Cezar. Lexicologia aplicada: algumas contribuições didáticas. In: ISQUERDO, Aparecida. Negri (Org.), BARROS, Lídia Almeida (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Vol. V. Campo Grande: UFMS, 2010, p. 99-115.

HERNÁNDEZ, Humberto. Sobre el concepto de «acepción»: revisiones y propuestas. *Voz y Letra*, II/1, págs. 127-141. Apud GARRIGA ESCRIBANO, Cecilio. La microestructura del diccionario: las informaciones lexicográficas. In: MEDINA GUERRA, Antonia Maria (Coord.). *Lexicografía española*. Barcelona: Ariel, 2003, p. 103-126.

HOUAISS, Antonio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Sales; FRANCO, Francisco Manuel de Melo. *O grande dicionário Houaiss da língua portuguesa*. 2009. Versão on-line, disponível em: <<http://houaiss.uol.com.br/>>. Acesso em 3 jun. 2013.

HÜLLEN, Werner. The onomasiological approach. In: HÜLLEN, Werner. *English dictionaries, 800-1700: the topical tradition*. New York: Oxford University Press, 1999, p.3-27.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. Povos Indígenas no Brasil: *Guarani Kaiowá*. [2011]. Disponível em: <<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/guarani-kaiowa/551>>. Acesso em: 15 jun. 2012.

IRIARTE SANROMÁN, Álvaro. *A unidade lexicográfica: palavras, colocações, frases, pragmatemas*. 2000, 441 f. Tese (Doutorado em Ciências da Linguagem –

Linguística Aplicada) – Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem, Centro de Estudos Humanísticos, Universidade do Minho, Braga, 2001. Disponível em: <[http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/4573/1/A\\_Unidade\\_Lexicografica.pdf](http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/4573/1/A_Unidade_Lexicografica.pdf)>. Acesso em: 3 jul. 2013.

ISQUERDO, Aparecida Negri. A propósito de dicionários de regionalismos do português do Brasil. In: ISQUERDO, Aparecida Negri (Org.); ALVES, Ieda Maria (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Vol. III. Campo Grande, MS: UFMS; São Paulo: Humanitas, 2007, p. 193-208.

LARA, Luis Fernando. O dicionário e suas disciplinas. In: ISQUERDO, Aparecida Negri (Org.); KRIEGER, Maria da Graça (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Vol. II. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2004, p. 133-152.

LIGA BÍBLICA MUNDIAL. *Nhandejáry nhe'ẽ: o Novo Testamento na língua kaiwá*. Brasília, DF: Liga Bíblica Mundial, 1986.

LYONS, John. Estrutura semântica. In: LYONS, John. *Introdução à linguística teórica*. São Paulo: Editora Nacional: Editora da Universidade de São Paulo, 1979, p. 471-513.

\_\_\_\_\_. Linguagem. In: LYONS, John. *Lingua(gem) e linguística*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1987, p. 15-42.

MACIEL, Nely Aparecida. *História da comunidade Kaiowá da aldeia Panambizinho (1920-2005)*. Dourados: Editora UFGD, 2012.

MARCUSCHI, Luis Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva (Org.); MACHADO, Ana Raquel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. *Gêneros textuais e ensino*. São Paulo: Parábola, 2010, p. 19-38.

MARTINET, Andre. [1967] *Elementos de linguística geral*. 2ª ed. revista e aumentada. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1970.

MEDINA GUERRA, Antonia María. La microestructura del diccionario: la definición. In: MEDINA GUERRA, Antonia María (Coord.). *Lexicografía española*. Barcelona: Ariel, 2003, p. 127-146.

MELIÁ, B.; GRÜNBERG, G.; GRÜNBERG, F. Etnografía Guaraní del Paraguay contemporáneo: los Pai-Tavyterã. *Suplemento Antropológico*. Asunción: Centro de Estudios Antropológicos de La Universidad Católica, 1976 apud PEREIRA, Levi Marques. *Imagens kaiowá do sistema social e seu entorno*. 2004, 440 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Antropologia Social, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

MELLO, Antônio Augusto Souza. *Estudo histórico da família linguística Tupi-Guarani: aspectos fonológicos e lexicais*. 2000. 292 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2000.

MOLINA GARCÍA Daniel. La Lexicografía Bilingüe. In: MOLINA GARCÍA, Daniel. Fraseología bilingüe: un enfoque lexicográfico-pedagógico. Granada: Editorial Comares, 2006, p. 37-84.

MORENO, Carlos. *Um quarto das 154 línguas indígenas do Brasil corre risco de extinção*. Agência EFE, 29 abr. 2013. Disponível em: <<http://br.noticias.yahoo.com/camboja-tail%C3%A2ndia-travam-novos-combates-rompimento-cessar-fogo-101808652.html>>. Acesso em 30 mai. 2013.

MURA, Fábio. *À procura do “bom viver”*: território, tradição de conhecimento e ecologia doméstica entre os Kaiowá. 2006. 504 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

\_\_\_\_\_. A trajetória dos chiru na construção da tradição de conhecimento Kaiowá. *Mana*. Rio de Janeiro, 2010, v.16, n.1, p. 123-150. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-93132010000100006&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-93132010000100006&script=sci_arttext). Acesso em: 21 mar. 2013.

OLIVEIRA, Jorge Eremites de. *Ñande Ru Marangatu: laudo pericial sobre uma terra kaiowa na fronteira do Brasil com o Paraguai, em Mato Grosso do Sul*. Dourados, MS: UFGD, 2009.

OSKARSSON, Mats. “On the role of the mother tongue in learning foreign language vocabular: na empirical investigation.” *ITL Review of Applied Linguistics*, 27, 1975, p. 19-32 apud SCHMITZ, John Robert. A problemática dos dicionários bilíngues. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires (Org.); ISQUERDO, Aparecida Negri (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Vol. 1. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 1998, p. 159-168.

PASSOS, Lilianny Rodriguez Barreto dos. *Associações indígenas: um estudo das relações entre Guarani e Terena na Terra Indígena de Dourados – MS*. 2007. 173 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Antropologia Social, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp081831.pdf>>. Acesso: 10 jul. 2012.

PAYNE, Doris L. *Amazonian Linguistics: Studies in Lowland South American Languages*. Austin: University of Texas Press, 1990.

PEREIRA, Levi Marques. *Imagens kaiowá do sistema social e seu entorno*. 2004, 440 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Antropologia Social, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

PONTES, A. L. Exemplos de uso em dicionários escolares brasileiros para a leitura e a produção textual. *Revista de Letras*, n. 31, vol.1/2 (jan/dez) 2012, p. 93-100.

PORTO DAPENA, José Álvaro. La macroestructura del diccionario: las entradas. In: PORTO DAPENA, José Álvaro. *Manual de técnica lexicográfica*. Madrid: Arcos/Libros, S.L., 2002, p. 135-181.

POTTIER, Bernard; AUDUBERT, Albert; PAIS, Cidmar Teodoro. *Estruturas linguísticas do português*. 2.ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1973.

POTTIER, Bernard. La tipología. In: FRANCOIS, Frédéric; PERROT, Jean; POTTIER, Bernard. *La lengua*. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1973, p. 125-145.

\_\_\_\_\_. *Linguística geral: teoria e descrição*. Rio de Janeiro: Presença: Universidade Santa Úrsula, 1978.

RANGEL, Egon de Oliveira. *Com direito à palavra: dicionários em sala de aula*. Brasília, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2012.

REY-DEBOVE, Josette. *Étude linguistique et sémiotique des dictionnaires français contemporains*. Mouton: The Hague, 1971 apud BUGUEÑO MIRANDA, Félix Valentín. O que é macroestrutura no dicionário de língua? In: ISQUERDO, Aparecida Negri (Org.); ALVES, Ieda Maria (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Vol. III. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2007, p. 261-272.

RIBEIRO, Darcy. Índios do sul de Mato Grosso. In: RIBEIRO, Darcy. *Os índios e a civilização: estudos de antropologia da civilização*. Petrópolis, Vozes, 1977, p. 79-90.

ROBINS, Robert Henry. *Linguística geral*. Porto Alegre: Globo, 1977.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Introdução; As Línguas Indígenas; A família Tupi-Guarani. In: RODRIGUES, Aryon. Dall'Igna. *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Edições Loyola, 1986, p. 9-39

\_\_\_\_\_. Relações internas na família linguística Tupi-Guarani. *Revista de Antropologia*. São Paulo: USP, 1985, v. 27/28, p. 33-53.

\_\_\_\_\_. Sobre as línguas indígenas e sua pesquisa no Brasil. *Ciência e Cultura*. v. 57 n.2. São Paulo, 2005. Disponível em: <[http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252005000200018&script=sci\\_arttext](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252005000200018&script=sci_arttext)>. Acesso em: 8 nov. 2013.

SAPIR, Edward. (1949) A posição da linguística como ciência. In: SAPIR, Edward. *Linguística como ciência: ensaios*. Tradução Joaquim Mattoso Câmara Jr. 2 ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969. p. 17-27.

\_\_\_\_\_. Língua e ambiente. In: SAPIR, Edward. (1949). *Linguística como ciência: ensaios*. Tradução Joaquim Mattoso Câmara Jr. 2 ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969. p. 43-62.

\_\_\_\_\_. A língua como produto histórico: a deriva. In: Sapir, Edward (1921). *A linguagem: introdução ao estudo da fala*. Tradução Joaquim Mattoso Câmara Jr. 2 ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1971. p. 148-171.

SAUSSURE, Ferdinand de. (1916). *Curso de linguística geral*. Ed. São Paulo, Cultrix, 1970.

SCHADEN, Egon. *Aspectos fundamentais da cultura guaraní*. São Paulo: Difusão Européia do Livro: 1962.

SCHAFF, Adam. A linguística: desde Herder até a teoria do “campo linguístico”. In: SCHAFF, Adam. *Linguagem e conhecimento*. Coimbra: Livraria Almedina, 1974, p. 15-48.

\_\_\_\_\_. A etnolinguística: a hipótese de Sapir-Whorf. In: SCHAFF, Adam. *Linguagem e conhecimento*. Coimbra: Livraria Almedina, 1974, p. 89-142.

SCHMITZ, John Robert. A problemática dos dicionários bilíngues. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires (Org.); ISQUERDO, Aparecida Negri (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Vol. 1. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 1998, p. 159-168.

SECO, Manuel. Problemas formales de la definición lexicográfica; El contorno en la definición lexicográfica. In: SECO, M. *Estudios de Lexicografía Española*. Madrid: Gredos, 2003, p. 25-58.

SILVA, Camila André do Nascimento. *O uso de neologismo por empréstimos em Kaiwá: um estudo preliminar da versão do Novo Testamento Bíblico*. 2011. 183 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras, Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2011.

SILVA, Gino Ferreira da. *Construindo um Dicionário Parakanã-Português*. 2003. 179 f. Dissertação (Mestrado em Letras - Linguística) – Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras – Linguística, Universidade Federal do Pará, Belém, 2003.

SILVA, Maria Cristina Parreira da. Para uma tipologia geral de obras lexicográficas. In: ISQUERDO, Aparecida Negri (Org.); ALVES, Ieda Maria. *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Vol. III. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2007. p. 283-294.

SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. *Nhandejáry nhe'ẽ*: Bíblia na língua Kaiwá. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.

SOCIEDADE INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA. *Te'yí nhe'ẽ*: livro de leitura kaiwá. 8 volumes. Cuiabá, MT: Sociedade Internacional de Linguística, 1963.

SOUZA, Ana Maria Melo e. *Ritual, identidade e metamorfose: representações do kunumi pepy entre os índios kaiowá da aldeia Panambizinho*. 2009. 235 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em História, Universidade Federal da Grande Dourados, 2009.

SOUZA, Vania Pereira Silva. *Crianças indígenas Kaiowá e Guarani: um estudo sobre as representações sociais da deficiência e o acesso às políticas de saúde e educação em aldeias da Região da Grande Dourados*. 2011. 157 f. Dissertação (Mestrado em

Educação) – Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2011.

SPANGHERO, Vitória Regina. *Estudo lexical da língua matis – subsídios para um dicionário bilíngue*. 2005, 221 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Linguística, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

TIBIRIÇÁ, Luiz Caldas. *Dicionário guarani-português*. São Paulo: Traço, 1989.

TRASK, Robert Lawrence. *Dicionário de linguagem e linguística*. São Paulo: Contexto, 2008.

ULLMANN, Stephen. (1964). *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. 3ª. Ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1973.

VIETTA, Katia. Pastor dá conselho bom: missões evangélicas e igrejas neopentecostais entre os Kaiowá e os Guarani. *Tellus*. Campo Grande, 2003, v.3, n.4, p. 109-135.

\_\_\_\_\_. *Histórias sobre terras e xamãs kaiowa: territorialidade e organização social na perspectiva dos Kaiowa de Panambizinho (Dourados, MS) após 170 anos de exploração e povoamento não indígena da faixa de fronteira entre o Brasil e o Paraguai*. 2007. 512 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Antropologia Social, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2007.

WELKER, Herbert Andreas. Léxico, palavra, polissemia, sinonímia e outros termos. In: WELKER, Herbert Andreas. *Dicionários: uma pequena introdução à lexicografia*. 2ª ed. Brasília: Thesaurus, 2004, p. 15-33.

\_\_\_\_\_. O dicionário monolíngue geral seletivo: componentes e organização. In: WELKER, Herbert Andreas. *Dicionários: uma pequena introdução à lexicografia*. 2ª ed. Brasília: Thesaurus, 2004, p. 77-182.

WERNER, Reinhold. Léxico y teoría general del lenguaje. In: HAENSCH, Günther et al. *La lexicografía: de la lingüística teórica a la lexicografía práctica*. Madrid: Editorial Gredos, 1982, p. 21-94.

WHORF, Benjamin Lee. (1940). Science and linguistics. In: WHORF, B. L. *Language, thought and reality*. 1957, apud SCHAFF, Adam. A etnolinguística: a hipótese de Sapir-Whorf. In: SCHAFF, Adam. *Linguagem e conhecimento*. Coimbra: Livraria Almedina, 1974, p. 89-142.

WHORF, Benjamin Lee. (1940). Science and linguistics. *Technology Review* 42(6): 229-31, 247-8. In: MACCOB, E.E.; NEWCOMB, TM; HARTLEY, E.L. (orgs.) *Readings in social psychology*. New York, Henry Holt and Company, 1958, p. 1-9.

WIEGAND, Herbert Ernst. Der Begriff der Mikrostruktur: Geschichte, Probleme, Perspektiven. In: HAUSMANN, Franz Josef et al. *Wörterbücher, dictionaries, dictionnaires. Ein internationales Handbuch zur Lexikographie, Band 1*. Berlin; New York: Walter de Gruyter, 1989a. p. 409-462, apud FARIAS, Virginia Sita.

Considerações preliminares sobre o pós-comentário na microestrutura de dicionários semasiológicos. In: *ReVEL*, vol. 9, n. 17, 2011. Disponível em: <[http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel\\_17\\_consideracoes\\_preliminares.pdf](http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_17_consideracoes_preliminares.pdf)>. Acesso em: 27 ago. 2013.

ZGUSTA, Ladislav. *Manual of Lexicography*. Paris: Mouton, 1971 apud SPANGHERO, Vitória Regina. *Estudo lexical da língua matis – subsídios para um dicionário bilingue*. 2005, 221 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Linguística, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.